

**PAULA DA SILVA RAMOS**

**UMA REVISTA AMERICANA PARA OS AMERICANOS:  
Identidade e mediações culturais na *Nueva Revista de Buenos Aires* (1881-1885)**

**ASSIS**

**2018**

**PAULA DA SILVA RAMOS**

**UMA REVISTA AMERICANA PARA OS AMERICANOS:  
Identidade e mediações culturais na *Nueva Revista de Buenos Aires* (1881-1885)**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutora em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientador: José Luis Bendicho Beired

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

**ASSIS**

**2018**

R175r            Ramos, Paula da Silva  
                  Uma revista americana para os americanos : Identidade  
                  e mediações culturais na Nueva Revista de Buenos Aires  
                  (1881-1885) / Paula da Silva Ramos. -- Assis, 2018  
                  206 f. : il.

                  Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista  
                  (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis  
                  Orientador: José Luis Bendicho Beired

                  1. Imprensa. 2. Argentina. 3. América Latina. 4.  
                  Mediações culturais. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da  
Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

TÍTULO DA TESE: UMA REVISTA AMERICANA PARA OS AMERICANOS: Identidade e mediações culturais na *Nueva Revista de Buenos Aires* (1881-1885)

**AUTORA: PAULA DA SILVA RAMOS**

**ORIENTADOR: JOSÉ LUIS BENDICHO BEIRED**



Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em HISTÓRIA, área: História e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. JOSÉ LUIS BENDICHO BEIRED  
Depto. de História / UNESP/Assis

Prof. Dr. CARLOS ALBERTO SAMPAIO BARBOSA  
Depto. de História / UNESP/Assis

Profa. Dra. STELLA MARIS SCATENA FRANCO VILARDAGA  
USP / São Paulo

Profa. Dra. GABRIELA PELLEGRINO SOARES  
USP / São Paulo

Prof. Dr. KATIA GERAB BAGGIO  
UFMG / Belo Horizonte

Assis, 12 de dezembro de 2018

## AGRADECIMENTOS

O texto da tese é a materialização de anos de estudo, expectativas e de esforços pessoais, nos quais, a presença e o carinho de pessoas queridas foram motivações imprescindíveis. A elas dedico meus profundos agradecimentos. A começar pela pequena Olívia que, sem nem ao menos compreender, proporcionou o estímulo para que eu concluísse essa etapa. Seus sorrisos me impulsionaram a fazer o meu melhor. Finalizar a pesquisa e cuidar de um bebê foi um desafio, mas vê-la crescer e acompanhar seu desenvolvimento diário me fez acreditar que tudo valeu a pena. Ao Renato agradeço pelo companheirismo e amor ao longo destes doze anos, pelos sonhos compartilhados, pelas dificuldades enfrentadas juntos, pelas risadas constantes e pela certeza de que você estará sempre do meu lado. Obrigada pela amizade, parceria, por ser um pai tão dedicado, pelo suporte na reta final, pelas leituras atentas e pelos abraços nas horas de aflição.

À minha mãe, Elza, agradeço pelo carinho em toda minha criação e pelos esforços realizados, sobretudo, no início da minha trajetória acadêmica. A distância e as saudades não a impediram de sempre me apoiar em busca dos meus objetivos. Ao meu pai, Nilson, que à sua maneira demonstrou seu orgulho por mim e me motivou a alcançar realizações cada vez maiores. Às minhas irmãs, Renata e Virgínia, e sobrinhos, Ana Paula, Felipe e João, que sempre me deram forças para seguir em frente. Também dedico essa conquista aos meus sogros, Lúcia e Paulo, e cunhados Carlos e Regiane, pessoas especiais que a vida me deu a honra de chamar de família.

Aos meus amigos agradeço pela confiança, pelas conversas, pelos momentos de descontração, por compartilharem comigo minhas alegrias e inquietações.

Ao professor José Luis Bendicho Beired, agradeço por ter acreditado em mim desde a graduação e pela orientação dedicada nestes onze anos de trabalho. A ele sou grata pelas correções minuciosas e pelos respeito às minhas posições pessoais.

Agradeço ao professor Carlos Alberto Sampaio Barbosa por ter acompanhado de perto toda a minha trajetória acadêmica, em disciplinas, Semanas de História e como membro da banca de qualificação, sempre com sugestões pertinentes. Ao professor Áureo Busetto agradeço pelas contribuições a este trabalho e à minha formação como pesquisadora. À professora Patricia Funes, pela coorientação e atenção dedicadas a mim durante o período de estadia na cidade de Buenos Aires.

À Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis agradeço pela acolhida e por integrar anos tão importante na minha vida. Meus agradecimentos sinceros aos funcionários das

instituições nas quais realizei a pesquisa: Instituto de Investigaciones Historicas Emilio Ravignani; Instituto de Literatura Argentina Ricardo Rojas; Biblioteca y Hemeroteca de la Facultad de Filosofía y Letras - UBA; Biblioteca Nacional Mariano Moreno; Arquivo da Academia Brasileira de Letras e Arquivo Histórico do Itamaraty. Sou grata, especialmente, ao Instituto Ibero-Americano, *Ibero-Amerikanisches Institut*, junto ao qual obtive a digitalização de parte das correspondências de Ernesto Quesada.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de financiamento 001. E contou também com a concessão da Bolsa PDSE/CAPES - Programa Institucional de Doutorado Sanduíche no Exterior - processo n° 88881.133284/2016-01.

RAMOS, Paula da Silva. **Uma revista americana para os americanos: identidade e mediações culturais na *Nueva Revista de Buenos Aires* (1881-1885)**. 2018. 206 f. Tese (Doutorado em História) — Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2018.

## RESUMO

Na segunda metade do século XIX, as revistas culturais na América Latina se configuraram em dispositivos para a conformação de determinadas visões da sociedade, colocando em evidência projetos identitários e discussões acerca da história e da literatura nacionais. A *Nueva Revista de Buenos Aires* foi um expoente desse tipo de publicação, atuando ativamente na conformação de um nacionalismo cultural na Argentina, mas também distinguindo-se por possuir um viés latino-americano, que seria característico de revistas publicadas nas décadas seguintes. Vicente Quesada e seu filho, Ernesto Quesada, idealizadores e diretores do periódico, buscaram por meio deste, parâmetros para responder uma questão central: havia uma tradição cultural argentina e latino-americana ou seria preciso forjá-la? Objetivamos analisar a elaboração de uma projeto de identidade nacional argentina promovido por Vicente e Ernesto Quesada, bem como a atuação destes intelectuais como mediadores culturais em âmbito latino-americano.

**Palavras-chave:** Imprensa. Argentina. América Latina. Mediações culturais.

RAMOS, Paula da Silva. **An American magazine for Americans:** identity and cultural mediation in the *Nueva Revista de Buenos Aires* (1881-1885). 2018. 206 p. Thesis (Doctors in History). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2018.

### **ABSTRACT**

In the second half of the nineteenth century, the cultural magazines in Latin America highlighting certain visions of society, identity projects and discussions about national history and literature. The *Nueva Revista de Buenos Aires* was an exponent of this type of publication, acting in the formation of a cultural nationalism in Argentina, but also distinguished by having a Latin American concern, which would be characteristic of magazines published in the following decades. Vicente Quesada and his son, Ernesto Quesada, idealizers and directors of the journal, sought to answer a central question: was there an Argentine and Latin American cultural tradition or would it be necessary to forge it? We aim to analyse the elaboration of a project of Argentine national identity promoted by Vicente and Ernesto Quesada, as well as the performance of those intellectuals as cultural mediators in Latin American scope.

**Keywords:** Press. Argentina. Latin America. Cultural mediators



## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	09
<b>Capítulo 1.</b> Uma missão patriótica: as trajetórias de Vicente e Ernesto Quesada.....	20
<b>1.1.</b> Vicente Quesada e a Confederação Argentina.....	20
<b>1.2.</b> A gênese de uma ideia: a <i>Revista del Paraná</i> .....	23
<b>1.3.</b> <i>Revista de Buenos Aires</i> : unificação nacional e estruturação de uma esfera cultural argentina.....	26
<b>1.4.</b> Viagens, arquivos e intercâmbios culturais.....	31
<b>1.5.</b> Vicente e Ernesto Quesada: intrínseca parceria intelectual.....	35
<b>1.6.</b> <i>Nueva Revista de Buenos Aires</i> : expoente da cultura argentina e latino-americana.....	36
<b>Capítulo 2.</b> Forjar a nação: fundamentação de um nacionalismo cultural argentino a partir das páginas da <i>Nueva Revista de Buenos Aires</i> .....	49
<b>2.1.</b> Identidade, modernidade e imigração.....	50
<b>2.2.</b> Hispanismo, história e raízes da identidade argentina.....	56
<b>2.3.</b> As províncias do interior e a identidade nacional.....	73
<b>2.4.</b> Homens de letras: os agentes da nacionalidade.....	80
<b>Capítulo 3.</b> Nações irmãs: as repúblicas hispano-americanas na <i>Nueva Revista de Buenos Aires</i> .....	90
<b>3.1.</b> Colômbia.....	94
<b>3.2.</b> Bolívia.....	101
<b>3.3.</b> México.....	109
<b>3.4.</b> Uruguai.....	114
<b>3.5.</b> Peru.....	118
<b>3.6.</b> Chile.....	125
<b>Capítulo 4.</b> Brasil: "O império vizinho e amigo".....	130
<b>4.1.</b> Aproximações e cooperação intelectual.....	131
<b>4.2.</b> Franklin Távora: um elo entre o Brasil e a Argentina.....	143
<b>4.2.1.</b> " <i>Escritores de norte del Brasil</i> ".....	149
<b>4.3.</b> A festa literária de 1883 e a confraternização latino-americana no Rio de Janeiro.....	154
<b>4.4.</b> Cotidiano, costumes e relatos do Brasil.....	160

<b>Capítulo 5. Território, nacionalismo e diplomacia.....</b>	<b>164</b>
<b>5.1. Chile e Brasil e a débil diplomacia argentina.....</b>	<b>164</b>
<b>5.2. Antecedentes do litígio fronteiriço com o Brasil.....</b>	<b>169</b>
<b>5.3. As relações políticas e culturais na Corte do Rio de Janeiro.....</b>	<b>174</b>
<b>5.4. Missão secreta no Brasil.....</b>	<b>177</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>182</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>186</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>196</b>
<b>Anexo A.....</b>	<b>204</b>
<b>Anexo B.....</b>	<b>205</b>
<b>Anexo C.....</b>	<b>206</b>

## INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XIX, a necessidade de delimitação de uma identidade cultural se impunha aos homens de letras latino-americanos. Consolidadas as feições políticas do Estado, as atenções se voltaram ao estabelecimento da história e literatura nacionais, de uma gramática própria e das características peculiares do povo e da nação. O campo da cultura se apresentava como um espaço a ser edificado nos jovens países do continente, gerando um ambiente de múltiplos agentes, perspectivas, abordagens, instituições e associações. As revistas culturais colocaram em evidência essa efervescência e foram importantes para a conformação de determinadas visões de sociedade, além de contribuírem para a articulação e circulação de ideias e textos. Naquela conjuntura, homens públicos atuaram como promotores culturais, justificando suas ações como o cumprimento de uma missão patriótica. Esse foi o caso dos argentinos Vicente e Ernesto Quesada que, à frente da *Nueva Revista de Buenos Aires*, construíram um projeto de nação e participaram das discussões político-culturais acerca da construção da identidade nacional argentina.

Defendemos que a *Nueva Revista de Buenos Aires* foi promotora de uma concepção cultural de nacionalismo junto à elite letrada argentina, com vistas à construção de uma identidade e à projeção internacional do país. Uma de nossas hipóteses é que com o objetivo de fomentar uma maior coesão da sociedade, em um período de mudanças aceleradas, a *Nueva Revista de Buenos Aires* propôs, entre os anos de 1880 e 1885, uma interpretação peculiar da história nacional que conciliava a herança cultural espanhola, a defesa do território, a valorização das províncias do interior e a atuação dos intelectuais como agentes de mudanças no país. Além de almejar para a Argentina um papel de norteadora cultural, tanto quanto de expoente político no continente. A segunda hipótese deste trabalho visa compreender a atuação de Vicente e Ernesto Quesada como mediadores culturais. Por meio de relações pessoais, os letrados argentinos introduziram no periódico um considerável número de colaboradores externos, desenvolvendo um projeto bem-sucedido de estreitamento de laços culturais no continente. Nessa perspectiva, destacou-se o uso do conceito de América Latina, bem como o lugar do Brasil no mensário.

De acordo com Paula Bruno (2011, p. 196-197), as manifestações culturais balizadas entre as décadas de 1860 e a virada do século não foram amplamente analisadas pela historiografia, "tal vez porque se consideraron como un período de opacamiento de la vida intelectual". O contraste com as produções da geração anterior, responsável por fundamentar a organização do Estado argentino; a inserção dos homens de letras no funcionalismo público e,

consequentemente, a diminuição de sua atuação crítica ao governo; e as avaliações pessimistas de contemporâneos que, em meio às mudanças introduzidas pela modernização do país, identificaram uma suposta decadência cultural, foram algumas das justificativas para este cenário. A autora, por sua vez, sustenta que aquelas décadas caracterizaram um momento cultural único, no qual se apresentavam aos intelectuais inúmeras oportunidades de atuação na vida pública:

[...] hasta convertirse en piezas clave de la cultura en tanto forjadores de sociabilidades intelectuales, revistas culturales, géneros y estilos de ser intelectual. En suma, puede considerarse que la república de las letras fue un terreno abierto para que diferentes pioneros dedicados a los trabajos intelectuales pudieran ocupar lugares y aprovechar oportunidades. Se trató, ni más ni menos, de un espacio tan virginal y efervescente como el país mismo (BRUNO, 2011, p.197)

Durante o século XIX, a participação dos homens de letras na política era uma constante na Argentina e nos demais países da América Latina. A necessidade de preencher os quadros estatais, a escassez de letrados, quando somados à não profissionalização da categoria, levavam os intelectuais inevitavelmente aos cargos públicos. Paul Groussac, proeminente intelectual franco-argentino, expressou a realidade vivida pelos letrados naquela conjuntura: "imposible que cualquiera superioridad intelectual no remate en la política [...] no vivirían aquí impunemente Pasteur o Darwin, sin habérselas con algún ministerio o presidencia de cámara" (GROUSSAC *Apud.* BRUNO, 2011, p. 193).

Vicente Quesada pertencia a uma família tradicional de Buenos Aires. Apesar de ter se integrado a setores letrados e ligados às elites sociais, Quesada não possuía recursos financeiros significativos e por isso buscava em distintos cargos públicos os recursos para sua subsistência, "sin privaciones pero también sin holguras" (DEVOTO; PAGANO, 2009, p. 79). Ernesto Quesada, por sua vez, teve relações menos estreitas com a esfera político-governamental. Consideramos, tal qual exposto por Paula Bruno (2011 p.192), que esses personagens se distanciaram do perfil dos homens de letras-políticos que haviam caracterizado os destinos da nação em suas primeiras décadas de independência. De acordo com a autora, é difícil pensar uma elite cultural absolutamente à margem da multiplicação de oportunidades estatais em pleno processo de consolidação do governo nacional. Contudo, a despeito dessa vinculação, não é possível analisar os intelectuais do período de maneira unidimensional, ou seja, como parte de uma camada de escribas a serviço do Estado ou cúmplices incondicionais de um regime, agindo exclusivamente para galgar postos no serviço público.

Ao analisar o panorama cultural argentino da segunda metade do século XIX, Bruno (2011, p. 192-194) defendeu que ocupar postos estatais e se opor à política não constituíam

ações incompatíveis. Dependêr ou não do Estado, integrar ou não suas instituições não parece ter sido um obstáculo para esses homens, mas participar ou não do jogo político argentino era um questionamento constante. Assim, a partir de instituições estatais, ainda que com resultados diferentes, estes homens de letras foram pioneiros e gestores da cultura argentina. A atuação de Vicente Quesada foi representativa nesse sentido: mesmo ocupando diferentes cargos políticos aos longo de sua trajetória, não furtou-se de realizar críticas, além de fomentar redes de sociabilidade cultural, associações literárias, contribuir para a ampliação do nascente mercado editorial do país e elaborar um projeto identitário, materializado na *Nueva Revista de Buenos Aires*, que, por vezes, contrastou com as posições estabelecidas pelos políticos liberais que dominavam a cena argentina.

A vida pública de Vicente Quesada se entrelaçou com a estruturação do Estado nacional argentino, seja no exercício de funções junto ao governo ou encabeçando empreendimentos culturais. Foi deputado, diretor da Biblioteca Nacional e diplomata, cargos com os quais intercalou a condução da *Revista del Paraná*, da *Revista de Buenos Aires* e da *Nueva Revista de Buenos Aires*. Ao longo de sua trajetória, a preocupação em definir as bases da identidade argentina, a busca por promover a cultura nacional e o empenho em construir espaços de sociabilidade lhe conferiram um significativo destaque. No início dos anos 1880, seu filho, Ernesto Quesada, com o qual possuía uma intrínseca parceria intelectual, se juntou às suas iniciativas culturais, dando início a uma frutífera carreira. Objetivamos examinar o percurso de Vicente e Ernesto Quesada com vistas a discutir de que maneira suas vivências e posições políticas incidiram sobre a condução e os conteúdos da *Nueva Revista de Buenos Aires*, privilegiando as interpretações sustentadas por eles acerca da história, cultura e da sociedade argentina.

O periódico circulou em um período de transformações econômicas, políticas e sociais, das quais a entrada de grandes contingentes de imigrantes foi uma das mais expressivas. Em meio à diversidade de nacionalidades, idiomas e costumes, a delimitação e afirmação de uma identidade se tornou um tema premente. No intuito de promover uma determinada visão do país, os Quesada mobilizaram um conjunto de intelectuais que refletiram sobre aspectos da história, da literatura e da própria condição de homens de letras. O exame dos colaboradores e do viés por eles adotado na elaboração dos textos publicados na *Nueva Revista de Buenos Aires* permitiu reconstituir parte das discussões sobre a formação de um nacionalismo cultural argentino, pautado nas peculiaridades do país, a exemplo da etnia, idioma e tradições.

Havia na Argentina dos anos 1880 um sentimento de aversão das elites ante a perda da deferência, uma sensação de cerceamento, permeada por um olhar severo frente às modificações estruturais em curso. Paradoxalmente, os mesmos setores sociais que impulsionavam as reformas modernizadoras lamentavam a "erupção caótica" das massas no cenário nacional e criticavam o "materialismo" em voga na sociedade, caracterizando, segundo Oscar Terán (2009, p. 114), uma espécie de "lamento tradicionalista".

Entre o entusiasmo exacerbado e a decepção frente às mudanças da fisionomia do país, distintas vozes debateram sobre a vida cultural argentina e pelo menos quatro análises foram elaboradas para a compreensão daquelas décadas. Posicionamentos como os de Miguel Cané e Martín García Mérou reforçaram a ideia de um deterioramento cultural, caracterizado pela justaposição do materialismo sobre os ideais elevados do espírito. Uma segunda vertente, capitaneada por Paul Groussac, afirmava que tal decadência não existia, uma vez que a cultura sempre havia sido um terreno semi-deserto. Figuras como Eduardo Holmberg e Estanislao Zeballos sustentavam que sem uma aliança com o Estado, aqueles que buscavam a manutenção de empreendimentos culturais estariam fadados ao fracasso. Por fim, Vicente Quesada indicava que a falta de tradições e de mestres gerava a dispersão cultural, em prejuízo das iniciativas coletivas. Assim, "él mismo, con cada una de sus empresas, parece haberse preocupado por vestir el traje de promotor cultural y convertirse en uno de los ejes ordenadores de la vida letrada porteña" (BRUNO, 2011, p. 195).

A conjuntura iniciada na segunda metade do século XIX alterou profundamente as feições do país, sobretudo da cidade de Buenos Aires, que deixou para trás a aparência de uma "grande aldeia"<sup>1</sup> e adquiriu ares metropolitanos. As transformações foram notórias, sobretudo, no âmbito da imprensa. Observou-se o crescimento considerável de uma imprensa moderna, caracterizada pela grande tiragem, vendas avulsas a preços baixos, veiculação de publicidade, segmentação e diversificação de conteúdo, pela informação ágil, utilização de ilustrações e inserção de romances de folhetins (ZANETTI, 1994, p. 511). Dinâmica semelhante ocorreu em todos os países da América Latina.

As revistas culturais também se multiplicaram nos países latino-americanos. A maioria visava temas especializados, não cedia espaços a anunciantes e se auto declarava apolítica, propondo-se mais próxima da perdurabilidade e prestígio do livro, do que da efemeridade dos diários. Muitas delas, como é o caso da *Nueva Revista de Buenos Aires*, não ficaram restritas ao âmbito nacional e buscaram interconexões com publicações e intelectuais de outros países:

---

<sup>1</sup> A novela *La gran aldea*, de Lucio V. López, foi publicada em 1884. Descreve a transformação de Buenos Aires, seus habitantes e costumes na segunda metade do século XIX.

Promovieron, de modo inédito, la religación entre el marco específicamente literario: era una intercomunicación especialmente buscada; es más, se proyectaban conformando grupos o tendencias ideológico-estéticas de nivel hispano-americano. Estas revistas se ocupaban de problemas o asuntos generales latinoamericanos, insertaban colaboraciones de los escritores, reproducían sus textos y hacían crítica sobre ellos (ZANETTI, 1994, p. 514)

Conforme observado por Susana Zanetti (1994, p. 517), a imprensa foi o principal agente dos intercâmbios intelectuais latino-americanos. Em um período em que a circulação de livros era reduzida, os jornais, as revistas e os magazines foram suportes primordiais para o conhecimento e divulgação da literatura entre os diversos países do continente.

Ao apresentar a Argentina como um país coeso e voltado para a consolidação do progresso econômico e intelectual, a *Nueva Revista de Buenos Aires* objetivava projetar uma imagem positiva do país no cenário intelectual da América Latina. Nessa perspectiva, Vicente e Ernesto Quesada agregaram ao discurso do periódico um componente identitário internacional, baseada nas similaridades históricas e nos laços de fraternidade que uniam as nações latino-americanas, incluindo o Brasil.

Em sua maioria, as leituras das realidades locais latino-americanas, que se seguiram às emancipações, confluíram para uma visão negativa das jovens nações, pautadas na oposição ao modelo de civilização europeu (SOARES, 2006, p. 241). Ao final do século XIX, porém, surgiram novos olhares acerca destas sociedades, alinhados a uma vertente americanista, nos quais se inscreveram os nomes de José Maria Torres Caicedo, na Colômbia, de José Martí, em Cuba e de José Enrique Rodó, no Uruguai. Ao falar de americanismo, nos referimos à "empresa intelectual de estudo e erudição destinada a indagar, valorizar e promover a originalidade da América Latina, tal como se podia descobrir em sua literatura e nos legados de sua história cultural" (ALTAMIRANO, 2010, p. 16).

Entretanto, diferentemente das interpretações elaboradas por Torres Caicedo, Martí e Rodó, a *Nueva Revista de Buenos Aires* não condicionou suas propostas de cooperação continental à contraposição aos Estados Unidos. Nas raras menções aos norte-americanos, as críticas foram sutis, recorrendo a um ideário que contrapunha as características de latinos e anglo-saxões. Consideramos que o desejo de demarcar a Argentina como um meridiano cultural e reforçar a autonomia identitária latino-americana foram responsáveis pelo espaço reduzido ocupado pelos Estados Unidos nas páginas da revista.

Desde meados do século XIX, a análise dos intelectuais latino-americanos acerca das relações entre os Estados Unidos e os demais países do continente estava permeada pela própria construção do conceito de América Latina. Duas matrizes explicativas dividiram espaço quanto à formulação desse conceito e tiveram o expansionismo norte-americano como

pano de fundo para suas reflexões. Na primeira, a terminologia seria fortemente devedora de políticos e intelectuais franceses que se relacionavam com o governo de Napoleão III, imperador da França entre 1852 e 1870. Nessa interpretação, o conceito tomou corpo em decorrência da intervenção francesa no México, na década de 1860, na esteira de uma estratégia para aumentar sua influência no Novo Mundo. A segunda matriz ressaltava as reflexões promovidas por uma rede de intelectuais ibero-americanos, em geral residentes ou de passagem pela Europa, e que demonstravam inquietação frente ao avanço norte-americano sobre territórios que, inicialmente, pertenciam ao México. De acordo com Carla Brandalise (2008, p. 22-23), levando-se em conta que esses políticos e intelectuais conviveram nos mesmos centros culturais europeus, as interações e influências foram, possivelmente, recorrentes.

As expressões "América Latina" e "latino-americanos" apareceram repetidamente na revista argentina, tanto em notas da direção, quanto em textos assinados por diferentes colaboradores do continente. A utilização de tais expressões estava associada ao intuito de destacar as similaridades, promover o conhecimento mútuo, os intercâmbios intelectuais e ressaltar a originalidade cultural entre os povos e nações, marcando posição inclusive em relação à Europa.

Outro elemento singular observado na *Nueva Revista de Buenos Aires* foi a abordagem em relação ao Brasil, país visto, majoritariamente, com desconfiança entre as repúblicas hispano-americanas, sobretudo pela adoção e manutenção do regime monárquico. O periódico publicou traduções e artigos inéditos produzidos por autores brasileiros, sempre acompanhados de notas com manifestações de cordialidade. Nestas inserções, Vicente e Ernesto Quesada frisavam o desejo de contribuir para o estreitamento de laços de confraternidade entre todas as nações americanas de procedência latina, não só as de origem espanhola. Nesse sentido, destacaram-se as relações pessoais de ambos os Quesada com o romancista e colaborador brasileiro Franklin Távora.

Ao longo do século XIX, os intercâmbios culturais entre o Brasil e os países da América hispânica foram escassos, tanto no âmbito político, quanto no cultural. Zanetti (1994, p. 492), analisando a formação da literatura latino-americana nas últimas décadas daquela centúria, afirma que, naquela conjuntura, "los letrados encaran su experiencia singular, y nacional — mexicana, colombiana —, desde una dimensión mayor que las contiene y que empieza a reconocer modelos propios. Tal perspectiva es hispanoamericana: los vínculos con Brasil son aún escasos". Diante dessa avaliação, o exame do projeto editorial da *Nueva Revista de Buenos Aires* é significativo em vista de seu pioneirismo. Entre reproduções e



textos inéditos traduzidos, o periódico publicou um total de dezoito contribuições brasileiras, assinadas por Frederico José de Santa-Anna Nery, Silvio Romero, Afonso Celso Júnior, José Antônio Freitas, Délia, Silvio Dinarte e Franklin Távora. Além disso, o mensário também publicou relatos de viagem com descrições de paisagens naturais e da arquitetura do Rio de Janeiro.

De maneira geral, o discurso literário do século XIX não se distanciava do discurso político. Ambos estavam imbricados em um único projeto, a constituição do Estado nascente, de modo tal que, as iniciativas fundacionais da literatura latino-americana guardavam estreitas preocupações com o destino maior da nação (PIZARRO, 1994, p. 24-26). Nos artigos para a *Nueva Revista de Buenos Aires*, colaboradores de diferentes nacionalidades coadunavam com essa tendência, sobretudo por discutirem a estreita vinculação da literatura e de outras manifestações artísticas com a nacionalidade. A busca de uma genealogia nacional por um lado, e a tentativa de apontar as articulações continentais por outro, constituíram pólos de tensão, muitas vezes sobrepostos em uma visão nacional-continental, que definiram o projeto fundacional da escrita literária latino-americana (PIZARRO, 1994, p. 29).

Desse modo, objetivamos analisar as articulações entre os debates movidos pela conjuntura político-cultural argentina, expressas nas páginas da *Nueva Revista de Buenos Aires*, e seus correlatos nos demais países do continente. A abordagem será pautada nas reflexões em torno dos contatos que interligaram os homens de letras para além das fronteiras nacionais e das mediações culturais no âmbito latino-americano.

As relações entre Vicente e Ernesto Quesada e os colaboradores estrangeiros ocorreram por múltiplos meios, tais como contatos pessoais e epistolares, a partir de revistas culturais, do mútuo envio de obras e de encontros em congressos literários. Nesse ensejo, destacou-se a participação de intelectuais diplomatas e de exilados políticos estabelecidos em Buenos Aires. Os elementos para esta análise foram encontrados nas menções observadas nas notas da direção da *Nueva Revista de Buenos Aires*, nas biografias dos autores e em correspondências. As cartas trocadas entre os pensadores argentinos na década de 1880, obtidas junto ao Instituto Ibero-Americano (*Ibero-Amerikanisches Institut*) de Berlim, contemplaram informações sobre o funcionamento do periódico e as conexões com intelectuais do continente. Além disso utilizamos documentos do romancista brasileiro Franklin Távora, alocados no arquivo da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

Michel Espagne (1999; 2017), estudioso das relações entre Alemanha e França, utilizou a expressão mediadores culturais (*passeurs culturels*) para explicar o papel dos agentes que interligavam distintos sistemas culturais, transportando elementos entre povos e

nações diferentes. Na concepção elaborada por Espagne (2017, 137), a passagem de um objeto cultural de um contexto para outro, acarreta, inevitavelmente, na transformação do seu sentido, "transferência, não é transportar, mas sim metamorfosear [...] É menos a circulação de bens culturais que sua reinterpretação que está em jogo". De acordo com o autor,

Todos os grupos sociais suscetíveis de passar de um espaço nacional ou linguístico, étnico ou religioso a outro podem ser vetores de transferência cultural. Os comerciantes transportando mercadorias transmitiram também representações ou conhecimentos. Os tradutores, os professores especialistas em uma cultura estrangeira, emigrados políticos, econômicos ou religiosos, os artistas, respondendo a chamados, os mercenários, são todos veículos de transferência, e deve-se levar em conta suas diferentes mediações (ESPAGNE, 2017, p. 138)

Consideramos que Vicente e Ernesto Quesada, enquanto proprietários da *Nueva Revista de Buenos Aires*, atuaram como mediadores culturais, na medida em que foram responsáveis por introduzirem em território argentino uma série de textos, tanto inéditos quanto publicados originalmente em outros países latino-americanos. A análise das mediações promovidas no periódico, tal como proposto por Espagne, implicou na observação das alterações de sentido e na intencionalidade produzida pelos intelectuais argentinos. Assim, o exame das notas da direção do mensário e os adendos que, constantemente, acompanhavam os textos dos colaboradores externos se mostraram de grande valia. Indicadas com a expressão *N. de la Direc.*, as considerações de Vicente e Ernesto Quesada demonstravam o empenho em orientar a leitura e estabelecer apropriações acerca dos temas discutidos.

Dentre as figuras caracterizadas como mediadores culturais, Espagne (2017, p. 145) destacou a função do tradutor. Segundo o autor, uma tradução "evidencia o fato de que os conceitos estão enraizados em contextos semânticos e que o deslocamento do contexto semântico relacionado à tradução representa uma nova construção de sentido". Ernesto Quesada foi, majoritariamente, o responsável por traduzir os artigos brasileiros na *Nueva Revista de Buenos Aires*. A análise desses textos permite compreender o processo de ressignificação promovido pelo intelectual argentino, sobretudo ao aproximar interpretações que, por vezes, contradiziam os posicionamentos defendidos pelo periódico.

Deve-se ressaltar também, conforme exposto por Gustavo Sorá (2003, p. 24), que as dinâmicas de tradução se inserem em uma perspectiva de interconexão entre culturas nacionais, indivíduos e sistemas de pensamento, revelando dimensões fundamentais da circulação internacional de ideias e de bens simbólicos.

El lugar de la traducción como fuerza constructora de una cultura nacional decanta de una serie de relaciones de homología: los estados nacionales, como los individuos, sólo se legitiman por el reconocimiento de una comunidad de iguales: otras naciones, otros individuos [...] La literatura y la ciencia son valoradas como medios privilegiados para provocar el reconocimiento de otras naciones, transmitir el grado de maduración del 'genio nacional, las grandezas de la comunidad. Pero el

mundo está fatalmente dividido en comunidades lingüísticas diferentes y desiguales. La traducción, luego, juega un papel preponderante en estos procesos de comunicación y se torna un lugar de cruces que permite combinar la historia de la interdependencia entre Estados, entre culturas nacionales, entre ciudadanos, entre sistemas literarios de pensamiento (SORÁ, 2003, p. 30).

O êxito da proposta da *Nueva Revista de Buenos Aires* em estreitar laços, promover intercâmbios culturais e engendrar uma identidade latino-americana, passou, necessariamente, pelas traduções empreendidas por Ernesto Quesada. No ano de 1900, estas foram lembradas pelo político e intelectual argentino, Martín Garcia Mérou. Na obra *El Brasil Intelectual*, Mérou lamentava a escassa presença de obras brasileiras na Argentina, que, segundo ele, se limitavam a uns poucos textos e a "algunos juicios literarios de Ernesto Quesada" (MÉROU. *Apud*, SORÁ, 2003, p. 78).

Nosso trabalho está centrado nas mediações culturais empreendidas por Vicente e Ernesto Quesada, sujeitos históricos identificados como intelectuais. A acepção aqui utilizada compreende o conceito de intelectuais como homens envolvidos com a produção de conhecimento e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social. Tais figuras eram, geralmente, conectadas por instituições, círculos, revistas, movimentos artísticos, e tinham na atividade cultural seu campo de atuação. Sua ocupação característica era a produção e transmissão de mensagens acerca do que consideravam valores centrais da sociedade, do significado de sua história, da legitimidade ou não da ordem política, divulgando-as principalmente por meio da publicação impressa (ALTAMIRANO, 2010, p. 14-15). Ao longo da tese utilizaremos também as expressões homens de letras, letrados e elite letrada, conceitos que remetem a

[...] um coletivo altamente escolarizado que, na sua forma ideal, se pode definir como uma elite bem pensante, bem qualificada culturalmente e exposta a um saber científico avançado; capaz de liderar com base no conhecimento; interventiva na sua ação; que dispunha de crédito e autoridade intelectual em círculos influentes; e formada por indivíduos com potencial para produzir pensamentos e obras originais (NORTE, 2014, p. 146).

Este trabalho está dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, buscamos compreender o lugar ocupado pela *Nueva Revista de Buenos Aires* no ambiente político e cultural argentino. Para tanto analisamos as trajetórias de seus fundadores, Vicente e Ernesto Quesada, e as interações que estabeleceram com as transformações políticas, econômicas e sociais em um período de modernização do país, bem como a participação em iniciativas culturais, sobretudo, no âmbito da imprensa. Este exame propiciou a observação do posicionamento destes intelectuais frente à conjuntura argentina e como este posicionamento incidia na estruturação do periódico. Também analisamos a estrutura e organização da *Nueva*

*Revista de Buenos Aires*, ou seja, a editoria, a periodicidade, os assinantes, a materialidade da revista, sua diagramação, seções e colaboradores, demonstrando como estes elementos se interligavam aos objetivos da publicação e seu público alvo.

No segundo capítulo, a questão central é a construção da nacionalidade argentina. Consolidada as bases do Estado nacional, os intelectuais argentinos voltaram-se para a discussão acerca da construção de uma identidade nacional. Refletindo a conjuntura de modernização e da entrada massiva de imigrantes no país, a conformação de um nacionalismo, com base em princípios étnico-linguístico, foi uma das preocupações dos proprietários da *Nueva Revista de Buenos Aires*. Dessa maneira, o periódico elaborou uma interpretação peculiar da história argentina, que passava pela valorização do tradição cultural espanhola. No início da década de 1880, ainda repercutiam no país as rivalidades derivadas de distintos projetos políticos que causavam tensões entre Buenos Aires e as demais províncias nacionais. Com o objetivo de contribuir para uma unidade nacional que fosse além dos referenciais políticos, o periódico publicou diversos trabalhos provenientes das províncias do interior, de modo a valorizar aspectos históricos e culturais. Com base nesses textos e nas declarações da direção da revista foi possível observar a projeção de um discurso que buscava superar a hegemonia de Buenos Aires do ponto de vista historiográfico e cultural. Por fim analisamos o relevante papel conferido por Vicente e Ernesto Quesada à atuação dos intelectuais como agentes de mudanças no país, que compreendia uma presumida missão de projetar culturalmente a nação.

No terceiro capítulo, nos dedicamos às mediações culturais promovidas por Vicente e Ernesto Quesada e aos laços estabelecidos com distintos colaboradores hispano-americanos. As contribuições de autores bolivianos, chilenos, colombianos, mexicanos, peruanos e uruguaios, presentes na revista, foram examinadas com base nas reflexões acerca dos critérios de seleção e ressignificações promovidos por ambos os diretores do mensário. Buscamos demonstrar as similaridades entre as asserções históricas, literárias e culturais divulgadas e as propostas do próprio periódico. Nessa perspectiva, os questionamento acerca das relações culturais dos países hispano-americanos com a Espanha, o papel do período colonial na história e na cultura desses países, a atuação dos homens de letras, a busca pela identidade nacional e suas ramificações continentais foram alguns dos temas abordados nessa seção. Apesar do recorte determinado pelos Quesada, a análise desses artigos nos permite observar parte das discussões protagonizadas pelos intelectuais no continente, bem como a fluidez com que estes conteúdos excediam os limites nacionais ao final do século XIX.

O Brasil se constitui no tema do quarto capítulo. A inclusão do Brasil no projeto de estreitamento de laços culturais capitaneado por Vicente e Ernesto Quesada foi singular. Não obstante o afastamento observado entre o Brasil e a América hispânica naquela conjuntura, artigos de autores brasileiros figuraram no mensário argentino desde o primeiro tomo, introduzidos pelos diretores com reiteradas declarações de apreço. As reproduções e textos inéditos traduzidos totalizaram dezoito contribuições, assinadas por Frederico José de Santa-Anna Nery, Silvio Romero, Afonso Celso Júnior, José Antônio Freitas, Délia, Silvio Dinarte e Franklin Távora.

Por fim, no quinto capítulo, analisamos a atuação de Vicente Quesada em relação ao problema das fronteiras argentinas, privilegiando o litígio com o Brasil. Por um lado, examinamos os artigos de Quesada, veiculados pela *Nueva Revista de Buenos Aires*, acerca dos tratados de limites argentinos. O escritor publicou longas análises de documentos históricos, nas quais desenvolveu uma interpretação singular que repercutiu sobre o discurso político nas décadas seguintes, constituindo um dos pilares do nacionalismo territorial argentino. Por outro, analisamos a estadia de Quesada como ministro plenipotenciário no Império brasileiro, entre os anos de 1883 e 1885, descrito por ele no livro *Mis memorias diplomáticas*. Nesse sentido, destacamos as relações pessoais e culturais empreendidas por Quesada com círculos políticos e intelectuais brasileiros, com o objetivo de angariar simpatias e obter resultado favorável à sua missão diplomática.

## **1. UMA MISSÃO PATRIÓTICA: AS TRAJETÓRIAS DE VICENTE E ERNESTO QUESADA**

Vicente Gregório Quesada construiu sua vida pública ao longo da segunda metade do século XIX. Entre funções políticas e empreendimentos culturais, participou da organização do Estado Nacional argentino e se propôs a conformar uma identidade para país. Na década de 1880, em uma conjuntura em que a pauta nacionalista se irradiava em diversas vertentes, Vicente Quesada, conjuntamente com seu filho Ernesto, opinou e atuou diretamente nas discussões acerca dos contornos das fronteiras, das relações com os demais países da América Latina, dos laços interprovinciais, da história e das características da nação, da constituição de associações e espaços culturais. Inseridos em uma intrincada rede de sociabilidade, os Quesada se fizeram ouvir tanto no cenário argentino, quanto em âmbito continental e configuraram-se em uma peças-chave para a compreensão da função social que os letrados se auto-atribuíram ao final daquele século e dos intercâmbios culturais que possibilitaram o surgimento de uma literatura latino-americana.

### **1.1 Vicente Quesada e a Confederação Argentina**

Nascido em Buenos Aires em 1830, Vicente Quesada assistiu ao ocaso do regime de Juan Manuel de Rosas<sup>2</sup>. Em suas memórias, o pensador argentino afirmou que naquela época, a vida intelectual estava amordaçada, estigmatizada, que vivia um clima de anti-intelectualismo, em que a cultura parecia ter marchado para o exílio com os opositores emigrados. Não obstante, foi naquele contexto que Quesada consolidou um conjunto de ideias que marcaram sua conduta e sua visão de sociedade e política, pautadas na valorização do estudo, na relevância da educação superior e da formação intelectual, além da noção de que a ação política tinha que ser necessariamente sustentada por uma análise reflexiva da realidade social (BUCHBINDER, 2012, p. 20).

Apesar de não provir de uma família abastada, Quesada integrava um meio que incluía setores de prestígio da cidade de Buenos Aires, frequentando com assiduidade os principais lugares de sociabilidade das classes portenhas mais altas, como os teatros e o *Club del Progreso*. Ampliou seus contatos sociais durante os anos de ensino universitário, quando

---

<sup>2</sup> Juan Manuel de Rosas foi militar e político, governou a Província de Buenos Aires de 1829 a 1832 e de 1835 a 1852. Em seu segundo mandato adquiriu poderes amplos, que na prática lhe conferiram o controle do território argentino. De meados ao fim do século XIX, o período Rosas foi associado, pela elite letrada argentina, ao atraso e à repressão, passando por uma revisão historiográfica a partir de 1898, da qual Ernesto Quesada teve participação primordial, conforme veremos adiante.

participou de sociedades estudantis clandestinas que visavam resistir às imposições de Rosas e à precariedade educacional do período. Nesse ensejo, construiu uma série de vínculos com estudantes pertencente a círculos familiares influentes não só de Buenos Aires, mas também de algumas cidades do interior, os quais soube utilizar habilmente ao longo de sua trajetória.

Graduado em 1850<sup>3</sup>, Vicente Gregório Quesada iniciou sua carreira pública em 1852, aos vinte e dois anos. Logo após a Batalha de Caseros<sup>4</sup> foi convidado por Benjamín Gorostiaga e Vicente López a participar da administração da cidade de Buenos Aires comandada pelo general Justo José Urquiza. Exerceu função de secretário no *Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto* e, logo em seguida, o de auxiliar do governador de Buenos Aires, posição que o colocou em contato com políticos de diferentes províncias.

Justo José Urquiza propôs a rediscussão de pontos de divergência entre Buenos Aires e as províncias do interior do país<sup>5</sup>, que culminou com a promulgação da Constituição de 1853. Buenos Aires, porém, não reconheceu a legitimidade de Urquiza e da Constituição nacional e manteve-se como um Estado autônomo<sup>6</sup>. Quesada sabia que sua vinculação ao governo da Confederação tornava sua posição insustentável na cidade portenha. Após breve estadia em Montevideú, trasladou-se para Paraná, sede da Confederação Argentina, na província de Entre Rios. A rede de relações de Quesada favoreceu sua incorporação na administração nacional. Além disso, havia um campo fértil de atuação nas províncias, que precisavam reestruturar sua organização constitucional. Apesar do protesto de sua família e das críticas que ele próprio tinha em relação à política<sup>7</sup>, era difícil renunciar ao serviço estatal, dado a instabilidade econômica que caracterizava a vida de Quesada ao longo da década de 1850.

Não obstante, o letrado relacionou sua adesão à Confederação com a concepção nacionalista que nutria acerca da política argentina, descrita como uma forte conexão quanto à sua pátria que transcendia os limites de sua província natal (BUCHBINDER, 2012, p. 22).

---

<sup>3</sup> Em agosto de 1850, Vicente Quesada recebeu o título de doutor em jurisprudência pela *Universidad de Buenos Aires*.

<sup>4</sup> Após a Batalha de Caseros em 1852, liderada pelo general Justo José Urquiza, e da consequente queda do governo de Juan Manuel de Rosas, teve início a Confederação Argentina.

<sup>5</sup> As divergências entre Buenos Aires e as demais províncias se iniciaram com a independência. O principal fator de desentendimento decorria da retenção por parte de Buenos Aires da arrecadação aduaneira advinda do principal porto do país, que perfaziam cerca de 85% das rendas públicas.

<sup>6</sup> Esta situação perdurou até o ano de 1861, quando, após a Batalha de Pavón, comandada pelo general Bartolomé Mitre, ocorreu a reunificação do país sob a égide de Buenos Aires.

<sup>7</sup> O rechaço em relação à política por parte da família Quesada residia em sua falta de moderação. Para eles, o principal defeito da política era a ausência de racionalidade e, sobretudo, de projetos institucionais. Vicente Quesada, como destacou nas páginas do jornal oficial da província de Corrientes, acreditava que o fortalecimento das instituições era o único antídoto contra o caudilhismo e as facções políticas (BUCHBINDER, 2012, p. 24).

Essa premissa se mostrou essencial na linha editorial das revistas culturais que viria a fundar, nas quais reafirmava o compromisso em amainar as rivalidades entre as províncias, promover o conhecimento mútuo e a constituição de um sentimento nacional que envolvesse em igual medida todas as unidades federativas.

De acordo com Nicolas Schumway (2008, p. 78), as divergências de interesses entre Buenos Aires e as províncias do interior mudaram de nome ao longo do século XIX<sup>8</sup>, mas os argumentos de cada uma das partes mantiveram uma qualidade de *déjà vu* pronunciada. Assim, constituiu-se uma linha divisória no país que, em certo sentido, originou uma mitologia de exclusão em lugar de um ideal nacional unificador, uma receita para a cisão em vez de um pluralismo de consenso. "Esse fracasso em criar um quadro ideológico unificador ajudou a produzir o que o novelista Ernesto Sabato chamou de 'sociedade de opositores', tão interessada em humilhar o outro, quanto em desenvolver uma nação viável pelo acordo e consenso" (SHUMWAY, 2008, p.17).

Com uma perspectiva diversa, Vicente Quesada, seja na política ou no âmbito cultural, buscou superar concepções regionais com vistas a uma construção identitária mais equitativa entre as províncias da jovem nação argentina. Em 1854, aceitou o convite do governador de Corrientes, Juan Pujol, e passou a integrar os quadros da política local, atuando como redator do periódico oficial *El Comercio*. Em meados do século XIX, a imprensa era um dos principais espaços da luta política. A maioria dos periódicos rio-platenses teve vida curta e surgiram para questionar ou atacar outros diários que expressavam ideias de facções opostas. Contudo, Quesada almejava escapar dessa lógica na direção do *El Comercio*:

Desde el periódico, Vicente avanzó en su peculiar diagnóstico de los problemas de la provincia y en sus posibles soluciones. A través de sus páginas diseñó un plan de acción que implicaba una profunda reorganización del sistema institucional de la provincia (BUCHBINDER, 2012, p. 31-32).

Fruto da confiança de Pujol, Quesada foi nomeado, ao final de 1855, como deputado nacional representando a província de Corrientes em Paraná. De acordo com a Constituição de 1853 era possível ocupar esse cargo sem ser oriundo ou ter um tempo prolongado de residência na província representada. Antes de assumir, porém, comunicou a Pujol que sua ação estaria orientada por sua concepção nacional e que conservaria sua autonomia nas discussões parlamentares:

Joven y sin experiencia no puedo ofrecer a V.E. sino el ejercicio libre e independiente del puesto que V.E. me ofrece. No buscaré sino el bien de mis representados y desdeñaré mendigar popularidad sacrificando mis convicciones y el bien y la gloria de la provincia que honra. Estoy acostumbrado a considerar como mi

---

<sup>8</sup> O autor apresenta como exemplos as oposições entre "morenistas" *versus* "saavedristas"; unitários *versus* federalistas; nacionalistas *versus* liberais.



patria no el territorio limitado y estrecho de la localidad en que nací sino el territorio vasto y rico de la nación (QUESADA, V. *Apud* BUCHBINDER, 2012, p. 35).

A declaração de Vicente Quesada, quando tinha apenas 25 anos, demonstrou a firmeza e coerência de suas ideias. A intenção de contribuir para o fortalecimento da nação, suplantando vertentes localistas, se fez presente em todos os âmbitos de sua vida pública. Nessa perspectiva, protagonizou discussões centradas no enfrentamento entre a Confederação Argentina e Buenos Aires.

Em 1856 entrou em pauta no Congresso a *ley de derechos diferenciales*. Justo José Urquiza empreendeu pressões econômicas com objetivo de aumentar a renda da Confederação e diminuir a de Buenos Aires, e assim induzir o governo desta província a incorporar-se à administração nacional. O projeto almejava evitar que as mercadorias importadas da Europa pela Confederação pagassem impostos aduaneiros em Buenos Aires, fazendo com que os navios mercantes chegassem até o porto de Rosário.

Vicente Quesada se opôs à medida por considerá-la uma contradição do governo nacional, que afirmava prezar pela manutenção da paz. Para ele a barreira comercial imposta a Buenos Aires podia ser considerada uma causa de guerra. Apesar de pautar sua argumentação nos prejuízos ao comercio de Corrientes e na liberdade de comércio, era provável que Quesada também procurasse se fazer notar em sua província de origem e, de acordo com as correspondências de seus irmãos, teve êxito neste intento (BUCHBINDER, 2012, p. 36-37).

A carreira política de Quesada sofreu um duro golpe em outubro de 1860, quando foram implementados os decretos que recomendavam novas eleições para a substituição dos deputados nacionais que não eram oriundos das províncias representadas. Este dispositivo foi introduzido por meio de uma reforma constitucional, a fim de atender exigências propostas por Buenos Aires. Vicente Quesada se tornou alvo da política contra os chamados *alquilones*, como eram conhecidos os indivíduos oriundos de Buenos Aires que haviam integrado o governo da Confederação.

## **1.2 A gênese de uma ideia: a *Revista del Paraná***

Alijado da vida política, Quesada se dedicou à carreira jurídica e aos empreendimentos culturais. Na segunda metade do século XIX, participou e capitaneou projetos de constituição de círculos de sociabilidade cultural. No início da década de 1860, colaborou com a direção do Instituto Histórico e Geográfico da Confederação Argentina e definiu a linha editorial de seu primeiro periódico, a *Revista del Paraná*. Quesada buscava construir para si um espaço de projeção social à margem da política, algo que acreditava ser importante aos homens de letras

em geral. Além disso, visava superar um dos problemas fundamentais dos letrados do continente: o mútuo desconhecimento de suas ideias e trabalhos.

Os meios de difusão de ideias se multiplicaram desde a queda de Juan Manuel de Rosas. Ainda que a imprensa de caráter faccioso tenha sido a principal herança dos tempos rosistas, começaram a surgir periódicos com diferentes formatos e intenções. Fundada em 1861, a *Revista del Paraná* tinha por objetivo conformar uma esfera de estudo sobre as províncias e um foro de debate dissociado das paixões políticas. Tinha um caráter essencialmente erudito, com o propósito de "reunir en una publicación regular y sistematizada, los trabajos serios o amenos de todos los argentinos, propendiendo a la difusión de ideas provechosas, cualesquiera que sea el color político de sus autores y la actitud que asuman en política militante" (REVISTA DEL PARANÁ *Apud* CAVALARO, 1996, p. 76). O envolvimento nas disputas políticas era uma das principais críticas de Vicente Quesada ao periodismo diário. Em sua atuação no âmbito da imprensa buscou demarcar seu distanciamento em relação a tais questões e afirmar desejo de ver os letrados argentinos atuarem para além das limitações impostas pelo partidarismo exacerbado:

Estamos convencidos, que es necesario desviar en lo posible a las inteligencias argentinas de la polémica ardiente y apasionada de la prensa política, estimulando al estudio de la historia de cada una de las provincias argentinas, propagando las producciones de nuestra naciente literatura, propendiendo a las investigaciones arduas de nuestra legislación, y a la propagación de las buenas doctrinas de economía política (QUESADA, V. *Apud* MAEDER, 1962, p. X).

Naquela conjuntura, Quesada se dedicou a reunir documentos de distintas localidades, aproveitando-se da extensa rede de contatos constituída durante a década de 1850. Seu propósito fundamental era compilar materiais para e a elaboração de um relato consistente da história do país, que não estivesse assentado apenas em fontes portenhas. Na apresentação da revista, declarou que a história nacional argentina oferecia um campo novo e fecundo, ao qual se propôs agregar registros de tradições, crônicas populares provinciais e prover materiais para outros estudos sobre a nação. O letrado também entendia a publicação de documentos como parte de uma empresa destinada a obter informações para a defesa das fronteiras nacionais que possuíam litígios com países limítrofes.

De acordo com Diana Cavalaro (1996, p. 76), a *Revista del Paraná* talvez seja o modelo mais acabado do tipo de publicação enciclopédica dominante na Argentina em meados do século XIX, mas também foi precursora de um espírito continental que caracterizou as revistas latino-americanas posteriores. As entregas mensais tratavam de uma ampla gama de temas econômicos, políticos e legislativos, além disso, continha materiais

sobre história e costumes nacionais, textos sobre literatura argentina e americana. Em carta a Juan Pujol, Vicente Quesada apresentou as bases nas quais a revista estaria ancorada:

El próximo vapor le llevaré un prospecto de la Revista del Paraná que voy a fundar en esta ciudad, publicación sería de historia, literatura, legislación y economía política. Cuento con numerosos colaboradores y me propongo buscar todos los documentos raros e inéditos, libros, noticias, apuntes, etc., que puedan servir para nuestra historia. El primer tomo, cuyos materiales tengo listos, saldrá en febrero. Espero que usted haga que nuestros amigos se suscriban [...]  
 Creemos que la Revista será un medio eficaz para proponer a la formación de un círculo literario nacional, que se consagre preferentemente al estudio de nuestro país y lo dé a conocer en todos sus aspectos, que preste a la historia, literatura y legislación americana una atención especial, poniéndonos al corriente del movimiento intelectual de las repúblicas hispanoamericanas (QUESADA, V. *Apud* MAEDER, 1962, p. IX-X)

A *Revista del Paraná* buscou desde o início equilibrar a quantidade de artigos publicados sobre questões nacionais e continentais. Recebeu colaborações de autores argentinos, a fim de "dar un estímulo a las inteligencias de las provincias", mas, também de correspondentes radicados nas repúblicas do Chile, Uruguai, Peru e Paraguai. Juan Bautista Alberdi e José Maria Torres Caicedo foram designados com esta função na França. Circularam pela *Revista del Paraná* figuras que se destacaram no periodismo nos anos seguintes, tais como Miguel Navarro Viola<sup>9</sup>, Fray Mamerto Esquiú<sup>10</sup>, Juana Manuela Gorriti<sup>11</sup>, Juan María Gutiérrez<sup>12</sup>, entre outros (CAVALARO, 1996, p. 76).

A revista foi impressa por Carlos Casavalle, que na ocasião se encontrava na cidade de Paraná por haver firmado um contrato para imprimir o Boletim Oficial da Confederação. Contudo, sucessivos atritos com funcionários do governo complicaram as relações entre as partes e o trabalho definiu. Casavalle descreveu seu envolvimento com a publicação da seguinte maneira: "no teniendo casi en que ocupar mis operarios hemos fundado una Revista mensual con el doctor Quesada" (CASAVALLE *Apud* MAEDER, 1962, p. XIII). Este foi um dos primeiros projetos do editor, que na segunda fase de sua carreira se tornaria uma das figuras mais destacadas do nascente mercado editorial argentino. A parceria com Vicente Quesada seria duradoura, assentada na firme concepção que ambos nutriam acerca da filiação intrínseca entre cultura e nacionalidade.

<sup>9</sup> Miguel Navarro Viola (1830-1890) literato e jornalista argentino. Na década de 1860, dirigiu com Vicente Quesada, a *Revista de Buenos Aires*.

<sup>10</sup> Fray Mamerto Esquiú (1826-1883). Natural de Catamarca, Esquiú foi docente e um célebre orador. Destacou-se ao proferir, em 09 de julho de 1853, o *Sermón Constitucionalista*, quando da promulgação da Constituição nacional.

<sup>11</sup> Juana Manuela Gorriti (1818-1892), natural da província de Salta. Autora de romances, relatos de viagens e memórias, além de artigos de imprensa.

<sup>12</sup> Juan María Gutiérrez (1809-1878) foi poeta, crítico, historiador, jornalista e político argentino. Publicou, em 1848, uma antologia de poetas sul-americanos, intitulada *América Poética*.

O financiamento dos recursos para a manutenção do empreendimento se dava por meio de assinaturas. Os governos de Entre Rios, Corrientes, Buenos Aires e Santa Fé foram responsáveis pela subscrição de 25, 20, 10 e 4 exemplares respectivamente. As assinaturas particulares também foram representativas, foram 176 apenas na cidade de Paraná, 246 na província de Entre Rios, 102 em Corrientes, 59 em Buenos Aires, 38 em Santa Fé, 37 em Córdoba. A primeira edição, com tiragem de 600 exemplares, foi vendida rapidamente, e uma segunda reimpressão, de 835 exemplares, também se esgotou (BUCHBINDER, 2012, p. 84).

Estes números demonstraram que a proposta da revista foi bem recebida no reduzido círculo cultural da Confederação, gerando um espaço de intercâmbio entre os homens de letras até então inexistente. Entretanto, apesar do cenário favorável, o mensário teve vida efêmera. Por um lado, enfrentou o regresso de Carlos Casavalle e sua tipografia a Buenos Aires, em agosto de 1861, por outro, sofreu os efeitos da derrota do governo de Paraná na Batalha de Pavón — comanda por Bartolomé Mitre, em setembro do mesmo ano —, considerada marco da unificação nacional sob os auspícios de Buenos Aires. A revista não resistiu à crise da Confederação, mas proporcionou a participação de Quesada em um extenso e articulado espaço de intercâmbio de livros, papéis e documentos pertencentes a escritores e letrados latino-americanos. Naquela conjuntura, por exemplo, Quesada estabeleceu estreito vínculo com Gregorio Béeche, um dos bibliófilos mais conhecidos e influentes dos círculos culturais sul-americanos<sup>13</sup>. (BUCHBINDER, 2012, p. 83).

### **1.3 Revista de Buenos Aires: unificação nacional e estruturação de uma esfera cultural argentina**

O período da chamada "organização nacional", iniciado com a presidência Mitre (1862-1868), deram novo impulso à configuração cultural do país, sobretudo, com o amadurecimento de algumas experiências gestadas no período imediatamente posterior à queda de Rosas e o surgimento de novos empreendimentos. As décadas de 1850-1860 inauguraram uma etapa frutífera no que diz respeito à publicação de revistas, tanto no âmbito da Confederação, quanto em Buenos Aires. A *Revista del Paraná*, dirigida por Vicente Quesada e *El Plata Científico y Literario*, comandada por Miguel Navarro Viola na cidade portenha foram representativas daquele momento, constituindo-se em empresas culturais de destaque. Com a unificação nacional, essas duas relevantes publicações se fundiram em uma

---

<sup>13</sup> Gregorio Béeche (1801-1875) era natural da província argentina de Salta. Comerciante, estabeleceu negócios variados nos países vizinhos, radicando-se em Valparaíso no Chile, onde exerceu também a função de cônsul. Sua biblioteca contava com quatro mil e seiscentos volumes e foi frequentada por exilados unitários como Alberdi, Sarmiento, Mitre, Gutiérrez, Félix Frías, entre outros.

empresa mais duradoura, a *Revista de Buenos Aires* (1863-1871), capitaneada por ambos os letrados (BRUNO, 2009, p. 353-354).

Navarro Viola e Quesada tinham a mesma idade, 33 anos, e uma atuação pública equivalente. A vocação comum e o desejo de projetar uma publicação literária e científica à altura do país levaram ambos a fundar a *Revista de Buenos Aires*. Esta deu continuidade ao modelo instituído pela *Revista del Paraná*, embora visasse atingir uma maior abrangência, sendo destinada também às repúblicas vizinhas. Seus diretores declararam que a publicação se distanciaria das paixões políticas, centrando-se no âmbito da cultura, com especial destaque às seções Literatura e História Americana, que se mantiveram fixas em toda sua trajetória. Além destas, constavam os segmentos de Direito, Bibliografia e Variedades. Sobre a história americana foram reunidos textos que tratavam dos:

[...] hechos que han tenido lugar en las posesiones españolas desde la época de la conquista, y especialmente desde la revolucionaria, hasta la nuestra: comprenderán la vida de americanos ilustres en las armas o en las letras, y se ocuparán a veces de las ciencias naturales solo en cuanto digan relación a nuestros territorios (REVISTA DE BUENOS AIRES *Apud* MAEDER, 1961, p. IX).

Na seção Literatura foram publicados contos, novelas, relatos, poemas e críticas literárias. A seção bibliográfica foi uma interessante novidade. Ainda que não tenha mantido a mesma regularidade com que aparecia nos primeiros números, serviu para registrar de um modo bastante completo as produções do país. Vicente Quesada declarou inúmeras vezes o seu incômodo com o ostracismo ao qual as obras literárias estavam sujeitas no continente americano e se esforçou para dar visibilidade aos trabalhos publicados e aos seus autores.

Desse modo, contribuiu para a promoção de associações culturais, a exemplo do Círculo Literário, que funcionou em Buenos Aires em estreito contato com a *Revista de Buenos Aires* (MAEDER, 1961, p. XII-XIII). A instituição, promovida por José Manuel Estrada e Lucio V. Mansilla, alcançou grande êxito enquanto espaço de sociabilidade intelectual entre os anos de 1864 e 1866, contando com a presença de homens públicos de distintas gerações e tendências políticas. A *Revista de Buenos Aires* saudou a formação da associação dedicada à discussão e fomento das letras nacionais e inseriu uma seção especial, cujo objetivo era divulgar as atividades do Círculo Literário.

Na Argentina, as associações culturais floresceram na segunda metade do século XIX. Por meio delas, diferentes vozes concentraram atenções em problemas comuns, aglutinando esforços individuais para a discussão de temas nacionais. Ainda que os objetivos tenham variado — passando do objetivo geral de uma conciliação de interesses ancorada no mundo letrado, como observado no Círculo Literário, ao apelo à formação de uma associação

intelectual moderna, similar às correlatas estrangeiras — uma intenção de fundo se manteve: o consenso de que a república letrada seria uma parte constitutiva da cultura nacional e deveria convocar homens de interesses diversos, tanto ideológicos como disciplinares para sustentarem projetos coletivos e serem vetores do progresso intelectual do país (BRUNO, 2009, p. 352). Vicente Quesada era um expoente desse ideário e utilizava suas revistas culturais com o intuito de materializar tais esforços. A ele se uniram um grande número de colaboradores, tanto em âmbito nacional, quanto americano.

Entre os publicistas bonaerenses da *Revista de Buenos Aires* estavam Ángel Justiniano Carranza<sup>14</sup>, José Manuel Estrada<sup>15</sup>, Bartolomé Mitre<sup>16</sup>, Manuel Ricardo Trelles<sup>17</sup>, Pastor Obligado<sup>18</sup>, Vicente Fidel López<sup>19</sup>, Lucio V. Mansilla<sup>20</sup>, Carlos Guido Spano<sup>21</sup> e Juan María Gutiérrez, autores cujas produções histórico-literárias e participações na política nacional se destacaram sobremaneira na segunda metade do século XIX. Contudo, tal qual manifesto na *Revista del Paraná*, almejava-se a congregação de letrados de todas as províncias do país. Desse modo, o interior foi representado na revista, entre outros, por Damián Hudson<sup>22</sup>, Juan Llerena<sup>23</sup>, Mardoqueo Navarro<sup>24</sup> e Urbano de Iriondo<sup>25</sup>, que tiveram em comum a atuação como deputados no governo da Confederação, período em que, possivelmente, passaram a integrar a rede de sociabilidade de Vicente Quesada. Além da escritora Juana Manuela Gorriti, que alcançou reconhecimento por sua colaboração com importantes jornais de diferentes partes da América.

---

<sup>14</sup> Ángel Justiniano Carranza (1834-1899), médico, advogado e literato argentino. Foi publicista de destaque, historiador, biógrafo e membro da Junta de Numismática Americana.

<sup>15</sup> José Manuel Estrada (1842-1894), escritor, historiador e diplomata argentino. Dentre suas atividades, destacou-se a defesa do catolicismo tanto em âmbito estatal quanto da imprensa.

<sup>16</sup> Bartolomé Mitre (1821-1906), proeminente político, militar e historiador argentino. Foi presidente da República entre 1862-1868, comandou as tropas do país durante a Guerra do Paraguai e foi precursor da historiografia argentina, com a publicação da obra *Historia de Belgrano*.

<sup>17</sup> Manuel Ricardo Trelles (1821-1893) foi historiador, arquivista e bibliotecário argentino. Dentre seus estudos destacou-se a temática territorial e linguística.

<sup>18</sup> Pastor Obligado (1818-1870), advogado, militar e político. Membro de uma das famílias mais influentes da Argentina naquela centúria.

<sup>19</sup> Vicente Fidel López (1815-1903), historiador, novelista e publicista argentino. Filho do político e autor do hino nacional argentino, Vicente López y Planes. Uma de suas obras mais relevante foi *Historia de la República Argentina*, que esteve no centro do debate historiográfico travado no ano de 1881 com Bartolomé Mitre.

<sup>20</sup> Lucio V. Mansilla (1831-1913), militar, político e escritor argentino. Foi elevado ao grau de coronel por sua atuação na Guerra do Paraguai. Em 1869, comandou uma expedição à zona fronteiriças, da qual resultou seu trabalho de maior expressão literária: *Una excursión a los indios ranqueles*.

<sup>21</sup> Carlos Guido Spano (1827-1918), poeta de renome no cenário cultural argentino.

<sup>22</sup> Damián Hudson (1811-1879), natural de San Juan. Ocupou cargos importantes na administração da província de Mendoza. Autor de *Recuerdos Historicos de la Provincia de Cuyo*.

<sup>23</sup> Juan Llerena (1825-1900), político e publicista natural da província San Juan, exerceu funções na legislatura nacional por sua província natal, Mendonza e Buenos Aires. Dentre outros escritos, foi autor de *Una excusión en el pasado geológico y arqueológico de San Luis*, publicado na *Nueva Revista de Buenos Aires* (Tomo I), em 1881.

<sup>24</sup> Mardoqueo Navarro (1824-1882), político e periodista natural da província de Catamarca.

<sup>25</sup> Urbano de Iriondo (1798-1873), político e historiador natural da província de Santa Fe.

A publicação também deu ênfase aos países hispano-americanos, com a finalidade de rechaçar o estigma de inferioridade cultural e reivindicar os antecedentes literários frente aos críticos do velho continente. Buscava-se recuperar a originalidade americana por meio de suas expressões culturais e literárias. O campo das ideias era considerado por Vicente Quesada como um terreno neutro para se criar vínculos de solidariedade e amizade entre países e povos. Assim, a cooperação intelectual era o âmbito propício para que estes pudessem se conhecer, conviver e construir uma coexistência pacífica entre as nações (BUCHBINDER, 2012, p. 85). Entre os correspondentes estrangeiros destacaram-se chilenos e peruanos. Entre os primeiros estavam Diego Barros Arana<sup>26</sup>, Benjamín Vicuña Mackenna<sup>27</sup>, Miguel Luis Amunátegui<sup>28</sup> e José Victorino Lastarria<sup>29</sup>; entre os peruanos sobressaíram-se Ricardo Palma<sup>30</sup>, José Antonio de Lavalle<sup>31</sup> e Luis Benjamín Cisneros<sup>32</sup>.

A impressão tipográfica não apresentou variações ao longo dos anos, sempre a cargo da Imprenta y Librería de Mayo, de propriedade de Carlos Casavalle, editor que estava vinculado à Quesada desde a fundação da *Revista del Paraná*. Apesar da regularidade, com a publicação de noventa e seis edições ininterruptas, a *Revista de Buenos Aires* se desenvolveu em uma época árdua para as empresas culturais. O país estava envolto pelos conflitos internos que sucederam a Batalha de Pavón, atravessou a guerra com o Paraguai e suportou as epidemias de cólera e febre amarela. Todas essas circunstâncias gravitaram indubitavelmente sobre a revista.

Navarro Viola e Quesada dividiam a direção da revista, porém coube ao último a maior parte dos encargos. Navarro Viola foi exilado pelo governo nacional por sua oposição aberta à Guerra da Tríplice Aliança, ausentando-se do país por dois anos. Em carta a Quesada em fevereiro de 1868, declarou sua admiração pelo empenho do colega: "esta publicación vive exclusivamente por Ud. Esta es la verdad, y yo que paso por hombre que no me

---

<sup>26</sup> Diego Barros Arana (1830-1907) foi historiador e educador chileno, cujo legado mais significativo foi a obra intitulada *Historia General de Chile*, escrita em 16 volumes entre 1881 e 1902.

<sup>27</sup> Benjamín Vicuña Mackenna (1831-1886). Político e historiador chileno, Vicuña Mackenna foi uma das figuras de maior destaque do país.

<sup>28</sup> Miguel Luis Amunátegui (1828-1888) foi historiador e ideólogo liberal chileno. Dedicado ao estudo das fronteiras chilenas, Amunátegui protagonizou várias polêmicas sobre o tema por meio de seus escritos. Em 1879, travou com Vicente Quesada uma discussão acerca da região da Patagônia.

<sup>29</sup> José Victorino Lastarria (1817-1888), político e intelectual liberal chileno. Sua obra como ensaísta e literato refletia sua atividade política como promotor de reformas relacionadas à ampliação da participação política.

<sup>30</sup> Ricardo Palma (1833-1919). Político e intelectual peruano, Palma foi colaborador frequente das publicações literárias sul-americanas. Teve participação fundamental na reconstrução da Biblioteca Nacional do Peru, após a Guerra do Pacífico.

<sup>31</sup> José Antonio de Lavalle (1833-1893), diplomata e historiador peruano. em 1879, intermediou, sem sucesso, as negociações entre Chile e Bolívia, com o objetivo de evitar a eclosão da Guerra do Pacífico.

<sup>32</sup> Luis Benjamín Cisneros (1837-1904) diplomata e escritor peruano.

acobardo, le aseguro que en lugar de Ud. creo que me hubiera acoquinado" (NAVARRO VIOLA *Apud* MAEDER, 1961, p. VII).

O empreendimento chegou ao fim em 1871, sem alcançar um número mínimo de assinantes que pudesse viabilizar a publicação. Em diferentes oportunidades, os editores declararam que custeavam a revista com recursos próprios. Quesada se queixava da falta de apoio da população e do governo para a manutenção do empreendimento cultural. O letrado argentino manifestou que se sentia frustrado em sua missão, devido à falta de um mercado cultural que permitisse a manutenção independente de suas empresas: "la Revista no cubre los gastos de impresión; su colaboración es gratuita y sus redactores no pueden consagrarle todo su tiempo, porque este periódico no es solo improductivo, sino oneroso" (QUESADA, V. *Apud* MAEDER, 1961, p. XVI).

A despeito das dificuldades, a *Revista de Buenos Aires* recebeu muitas apreciações positivas. Paul Groussac<sup>33</sup> afirmou que a publicação foi a mais estruturada revista cultural e literária argentina até aquele momento, cultivando o mérito de aclimatar no país um gênero que se aproximava do livro, por sua matéria, e do diário por sua atualidade (MAEDER, 1961, p. XVII). Posteriormente, Ricardo Rojas<sup>34</sup> afirmou que

Puede decirse que esta publicación es una de nuestras fuentes documentales más valiosas, entre las publicadas en su época. La colección es rica, además, en notas bibliográficas y sugerencias sobre el ambiente intelectual de aquellos años [...] La Revista al morir dejó vacante un sitio en nuestra prensa, pues el público habíase acostumbrado a ese género, y dejó un tipo de periódico argentino, pues los siguiente se vaciaron en su molde (ROJAS *Apud* MAEDER, 1961, p. XVII)

O encerramento das atividades da *Revista de Buenos Aires* não fez com que Vicente Quesada abandonasse sua resolução e compromisso com a criação e desenvolvimento de instituições culturais na Argentina. Assim, aceitou em setembro de 1871 a direção da Biblioteca Pública da Província de Buenos Aires. De acordo com Pablo Buchbinder (2012, p. 86-89), é provável que a fama obtida por Quesada a frente das revistas mencionadas e sua conhecida inclinação em formar coleções de livros sobre temas americanos tenham impulsionado o governo da Província a nomeá-lo.

<sup>33</sup> Paul Groussac (1848-1929). Intelectual franco-argentino, um dos grandes nomes do cenário cultural argentino, principalmente a partir da década de 1880.

<sup>34</sup> Ricardo Rojas (1882-1957). Poeta e dramaturgo argentino. Suas obras tiveram como princípio norteador a identidade nacional. Em 1912 se converteu no primeiro professor de literatura argentina da Universidade de Buenos Aires, onde também atuou como reitor entre 1926 e 1930. Faleceu em 29 de julho de 1957 e em sua honra se celebra na Argentina o Dia da Cultura Nacional.



#### 1.4 Viagens, arquivos e intercâmbios culturais

Em 1872, Quesada solicitou uma licença para viajar à Europa a fim de estudar a organização e funcionamento das principais bibliotecas daquele continente. O governo da província lhe atribuiu a missão de adquirir, nos arquivos e bibliotecas espanholas, cópias de manuscritos relativos às questões históricas de limites, que, posteriormente, incidiram em seus trabalhos sobre as disputas territoriais argentinas com os países vizinhos. O governo arcou com os custos de seis meses de viagem, e o período restante ficou a cargo de Vicente. Viajar era um sonho para Quesada, por ser percebido como elemento de distinção social. Este permaneceu por quase dois anos fora da Argentina, passando por Inglaterra, Alemanha, Suíça, Itália, França e Espanha.

Ernesto Quesada, filho de Vicente<sup>35</sup>, acompanhou o pai em apenas uma parte da viagem, permanecendo em Dresden, Alemanha, por mais de um ano, para aprender alemão. Para Vicente Quesada, a possibilidade de conservar a independência pessoal, para quem não possuía fortuna e não estava inclinado à prática política, estava estreitamente relacionada aos conhecimentos que podia ostentar. Para os Quesada, o saber e a preparação intelectual sempre foram fontes de distinção, que marcavam e orientavam sua relação com os integrantes dos grupos sociais com os quais socializavam. A aquisição de conhecimento e uma sólida formação intelectual eram requisitos de primeira ordem para a consolidação do status social que almejavam, o que explica a escolha por um colégio alemão para a educação de Ernesto. Para Vicente, as cidades alemãs eram os centros da ciência, da formação e conhecimento, enquanto a França era o lugar da boêmia, diversão e prazer (BUCHBINDER, 2012, p. 63-65).

Neste período evidenciou-se mais uma vez a concepção de Vicente Quesada quanto às sociedades americanas. Diante de formulações ofensivas de estudantes alemães dirigidas aos hispano-americanos e relatadas epistolarmente pelo filho, o letrado argentino delineou reflexões sobre a decadência europeia e o florescimento americano. Argumentou que os europeus, apesar do avanço na ciência, tinham muito que aprender se acreditavam que apenas os países do Velho Mundo detinham os destinos da humanidade. Esse erro ficava evidente, de acordo com ele, com o aumento da população, indústria e comércio das nações americanas, afirmando que o futuro era dos povos americanos, uma vez que a Europa havia entrado em um período de deterioração. Vicente Quesada exortou a Ernesto que exibisse aos alemães os diários publicados em Buenos Aires, enviados junto com sua carta. Em sua opinião, "un

---

<sup>35</sup> Vicente Quesada se casou com Elvira Medina em 28 de julho de 1857. Tiveram três filhos, Ernesto, nascido em 01 de junho de 1858, e outras duas filhas, falecidas pouco depois do nascimento. O casal se divorciou em 1864, contudo, Vicente Quesada manteve a guarda do filho, com seis anos na época.

pueblo que posuía tantos diarios como esos, no podía estar dominado por jesuitas o tiranos" (QUESADA, V. *Apud* BUCHBINDER, 2012, p. 70). Desse modo, expressava uma opinião comum a muitos membros das elites latino-americanas, que viam no desenvolvimento da imprensa e da cultura letrada parâmetros primordiais para determinar o nível de civilização alcançado pelas sociedades.

De volta à Argentina, Vicente Quesada publicou a obra *Las Bibliotecas europeas y algunas de las de América Latina*, em 1875, na qual descreveu a organização e funcionamento das principais bibliotecas europeias, com o objetivo de realizar sugestões para a organização definitiva da biblioteca de Buenos Aires. Também em 1875, pautado em pesquisas nos arquivos espanhóis, publicou o livro *La Patagônia y las tierras australes del continente americano*, o primeiro de vários títulos dedicados às questões fronteiriças argentinas.

Enquanto esteve à frente da Biblioteca Pública de Buenos Aires, Quesada preocupou-se com a construção de uma rede de intercâmbio de publicações. Com esse objetivo, procurou comprometer os representantes e embaixadores argentinos na Europa, América Latina e Estados Unidos. Em 1879, elaborou um projeto de reorganização da biblioteca pública, cujo aspecto mais controverso era diferenciá-la das bibliotecas populares e de empréstimo. Estas últimas deveriam reunir os livros de leitura popular e amena e sua função deveria consistir em vulgarizar o conhecimento, completando o ensino primário. A Biblioteca Pública de Buenos Aires, por outro lado, teria por objetivo conservar e aumentar o número de livros, manuscritos, mapas e gravuras. O funcionamento geral da instituição deveria contribuir para o desenvolvimento intelectual do país e estar exclusivamente dedicado aos estudiosos. As coleções científicas não poderiam ser disseminadas por meio de empréstimos como aquelas destinadas à leitura popular.

Contudo, as sugestões de Quesada encontraram oposição e ocasionaram um enfrentamento com Domingo F. Sarmiento, principal expoente da educação pública argentina. O projeto de Quesada, pensado para a formação de uma pequena elite cultural se chocava inevitavelmente com as posições de Sarmiento, que priorizava a educação básica e massiva. Em sua defesa Quesada manifestou que seu propósito central era chamar a atenção da sociedade portenha sobre a ausência de um estabelecimento considerado fundamental para o desenvolvimento dos estudos científicos e literários (BUCHBINDER, 2012, p. 89-91).

Naquela conjuntura, a situação política se deteriorava em Buenos Aires. Mesmo depois de selada a unificação do país, ocorreram inúmeras sublevações em distintas regiões do território nacional. Buenos Aires não esteve imune a esta tendência. A principal cidade do

país, núcleo do processo de modernização política, social e cultural foi sede de vários levantes, sobretudo durante os pleitos eleitorais.

Guerras civis, rebeliões e revoluções constituíram-se em traços característicos da história e da linguagem política latino-americana no século XIX. Porém, de acordo com Hilda Sabato (2008, p. 183-185), na linguagem política oitocentista latino-americana o termo revolução, antes de designar uma transformação de estruturas, se referia a uma restauração da ordem originária. Em seu sentido mais recorrente, a revolução remetia ao direito à resistência frente ao despotismo, vinculando-se à cidadania armada. Quando os governantes abusavam do poder, o povo tinha não só o direito, mas o dever cívico de fazer uso da força para restaurar as liberdades perdidas e a ordem violada. Mobilizados por tal pressuposto, políticos e "cidadãos em armas"<sup>36</sup> capitanearam a resistência bonaerense frente ao resultado das eleições de 1880.

Com o mandato presidencial de Nicolás Avellaneda chegando ao fim, iniciou-se um período de articulações eleitorais. Julio Argentino Roca, que ganhou prestígio após comandar a “Conquista do Deserto”<sup>37</sup>, recebeu o respaldo de setores bonaerenses e dos governos provinciais. Do outro lado da disputa encontrava-se o governador da província de Buenos Aires, Carlos Tejedor, que contava com o apoio de grupos dissidentes com influência na cidade e na província de Buenos Aires. As tensões entre os dois candidatos e seus respectivos grupos de apoio já se manifestavam desde o ano de 1879, com o crescente armamento das milícias provinciais. Confirmado o triunfo de Roca, Tejedor se rebelou. Avellaneda e parte da Câmara dos Deputados, do Senado e da Suprema Corte de Justiça, se instalaram no bairro Belgrano, proclamando aquele território sede temporária do poder e marcando o início da luta para combater a insurreição liderada pelo governador de Buenos Aires. A guerra civil se estendeu até meados de 1880 e chegou ao fim após vários combates, negociações e a consequente renúncia de Tejedor. O processo foi concluído em setembro daquele ano, quando o Congresso sancionou a lei de federalização da cidade de Buenos Aires, separando-a da província e convertendo-a em capital federal da República. Outras medidas foram tomadas no

---

<sup>36</sup> Em 1879, frente à proibição do governo nacional quanto à mobilização militar provincial, o governo bonaerense encontrou uma alternativa: a criação do *Tiro Nacional de Buenos Aires*, associação civil para a prática desse esporte. Não se tratava do primeiro clube dessa natureza na Argentina, mas o clima político em outubro de 1879 tinha um caráter distinto. O diário *La Nación* explicou o sentido da proposta: "No se pode fiar sólo en la fuerza del derecho, y cuando los poderes protectores y del orden se convierten en cabeza de bandos ó clubs electorales opresores de las libertades públicas, hay que pensar en que se necesitan medios eficaces para mantener el derecho. La ciudad de Buenos Aires tiene un número de electores, [...] que pueden formar un poder, tan grande, que no se han de atrever á impedir el libre ejercicio del voto. Pero para esto se necesita que cada elector sea un brazo armado, que sepa usar de su arma convenientemente [...] Para ello se creaba la sociedad y el campo de ejercicios en Palermo". (LA NACIÓN 16/10/1879 *Apud*. SABATO, 2008, p. 40).

<sup>37</sup> A Conquista do Deserto, ou Campanha do Deserto constitui-se em ações militares que buscaram essencialmente, expulsar os índios da região localizada ao sul de Buenos Aires de modo a incorporar as terras da região.

sentido de destituir a província de seu status privilegiado, a exemplo da abolição do seu exército permanente. Em consequência desses acontecimentos iniciou-se a construção de uma nova sede do poder provincial, a cidade de La Plata, localizada a cerca de cinquenta quilômetros de Buenos Aires.

Assim, em 1880 foi solucionada a "questão capital", uma discussão que remontava às primeiras décadas da independência argentina, travada por aqueles que defendiam um poder central forte, conhecidos como unitários, e aqueles que o rechaçavam, em favor de uma ordem política descentralizada ao estilo de uma confederação, os federalistas. A questão ganhou protagonismo quando, após o triunfo de Urquiza sobre Rosas, em 1852, se definiu uma organização federal para o país, que supunha um compromisso entre um poder central e as soberanias provinciais. Resultava assim necessário a instituição de uma sede para o primeiro. Os constituintes de 1853 haviam legislado que Buenos Aires seria declarada capital da Confederação. Contudo, devido à ruptura por parte de Buenos Aires, o governo de Urquiza se instalou provisoriamente na cidade de Paraná. Após a unificação do país não houve regulamentação formal e as autoridades nacionais se tornaram hóspedes do governo provincial na cidade portenha. O movimento de 1880 reascendeu o embate entre a província mais poderosa da União e o governo nacional, apresentando-se como parte de uma questão de maior importância, o fortalecimento do poder central.

Com a vitória das forças nacionais, iniciou-se uma nova etapa na República Argentina, sob o lema Paz e Administração, o governo de Julio Roca vivenciou um período de maior estabilidade política<sup>38</sup>, superou a crise econômica que caracterizou a década anterior, por meio de investimentos externos abundantes, sobretudo no setor de transportes, contou com uma afluência imigratória de grandes proporções, avançou nas discussões em torno de liberdades civis e na constituição de um mercado editorial no país. Entretanto, enfrentou tensões quanto às negociações em torno dos tratados fronteiriços, apreensões em torno dos efeitos negativos da explosão demográfica e seus efeitos sobre a nacionalidade ainda em formação.

Em maio de 1880, Vicente Quesada tinha pronto o manuscrito do livro *El Virreinato del Río de la Plata. Apuntamientos crítico-históricos para servir a la cuestión de límites entre la República Argentina y Chile* que, devido às disputas políticas, foi publicado apenas em 1881. A impressão foi paga pelo *Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto*, às vésperas da

---

<sup>38</sup> O período compreendido entre 1880 e 1816 foi caracterizado pela presença hegemônica do Partido Autonomista Nacional - PAN. Este se tratava de um grupo indefinido, associado àqueles que apoiavam publicamente o candidato presidencial. Paula Alonso (2009) analisou, porém, a competição interna dentro do partido, que impactava sobre o sistema político e institucional e sobre o exercício do poder, tensionando aspectos fundamentais da nação, tais como o sistema representativo e o sistema federal. O roquismo, por exemplo, conformou uma organização de maior centralização e ingerência nos assuntos provinciais.

ratificação do tratado no qual a Argentina cedia ao Chile o Estreito de Magalhães, Patagônia oriental e parte da Terra do Fogo, frustrando os intentos de Quesada de evitar perdas territoriais com a sua investigação (CAVALERI, 2004, p. 94-95).

### **1.5 Vicente e Ernesto Quesada: intrínseca parceria intelectual**

Junto com outras figuras ilustres, Vicente Quesada se imbuíu da tarefa de fundar na Argentina o periodismo das revistas literárias e científicas. Contudo, de todos os personagens que se dedicaram a empreendimentos culturais, Quesada talvez tenha sido a mais perseverante e, indiscutivelmente, foi o que mais aperfeiçoou as formas do periodismo literário argentino no século XIX (MAEDER, 1964, p. 837).

Em 1881, em parceria com o seu filho Ernesto Quesada, lançou um novo empreendimento jornalístico, a *Nueva Revista de Buenos Aires*. Por meio desta publicação, intensificou seus estudos acerca das pendências fronteiriças — o que, posteriormente, lhe rendeu um cargo no *Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto* — e otimizou as interconexões com autores e o público latino-americanos. O mensário também se constituiu em um dos primeiros palcos de atuação do jovem Ernesto Quesada, que teria uma longa e produtiva carreira no cenário letrado argentino. A comunhão de ideias entre pai e filho foi evidente. Ernesto Quesada também dedicou uma parte importante de sua trajetória intelectual à reflexão sobre contornos da cultura nacional e do lugar da Argentina no concerto internacional, além de atuar como confidente, conselheiro e colaborador de seu pai.

No início da década de 1880, Ernesto Quesada, com pouco mais de 20 anos, dividia-se entre os estudos de direito na Universidade de Buenos Aires, a docência no ensino secundário, a direção da *Nueva Revista de Buenos Aires* e uma intensa vida social. Entre os locais de sociabilidade frequentados por Ernesto Quesada destacavam-se os bailes de verão nas estâncias, oferecidos por personalidades relevantes da sociedade portenha — ocasiões nas quais mantinha contato com as famílias Coronado, Obligado, Urigarte, Alvear, Ocantos, entre outros. Também frequentava o *Club del Progreso*, instituição fechada que estipulava severas exigências para a aceitação de membros e na qual seu ingresso foi uma extensão das redes de relações iniciadas nos bailes de verão. Além disso, visitava a cidade de Montevideú, onde buscava estabelecer relações sociais e literárias, bem como para arregimentar colaboradores para a revista; e a *Universidad de Buenos Aires*, na qual se graduou advogado em 1882, integrando uma geração de intelectuais que se tornaram figuras centrais na vida cultural e política argentina em princípios do século XX, a exemplo de Juan Agustín García, Rodolfo

Rivarola e Nicolás Matienzo, que também colaboraram com textos para a *Nueva Revista de Buenos Aires*.

Da virada do século XIX ao Centenário da Independência, o cenário político-cultural argentino caracterizou-se por uma série de discussões acerca da identidade nacional, Ernesto Quesada participou ativamente de tais debates, constituindo-se em um dos porta-vozes de grupos nacionalistas que defendiam a tradição federalista, o idioma nacional, a vinculação do país à Madre Pátria, a solidariedade latino-americana em contraposição às pretensões estadunidenses e, com base nestes pilares, a conformação de uma cultura que se pretendia de fato nacional (BERTONI, 2001). Os elementos que comporiam o discurso nacionalista de Quesada apresentaram seus primeiros contornos nas páginas da *Nueva Revista de Buenos Aires*, que tinha como cerne de seu programa a missão patriótica de desenvolver e fomentar a cultura argentina e suas conexões com a América Latina.

Poucos meses após a fundação da revista, Vicente Quesada viajou à Europa, onde permaneceu até meados de 1882, a fim de tratar uma enfermidade. A condução da *Nueva Revista de Buenos Aires* ficou a cargo de Ernesto, que frequentemente lhe remetia as novas edições e mantinha diálogo constante sobre o funcionamento, prazos e seleções de artigos<sup>39</sup>. Em carta datada de cinco de fevereiro de 1882, Ernesto Quesada explicitava a sintonia e a parceria intelectual com o pai:

aquí me encargo de hacer frente a todo — y esto con placer, porque es por ayudarte, y quiero demostrarte que debes tener más coraje en el porvenir: ya no eres tú solo — ahora somos dos, y yo soy joven y tengo fuerzas [...] Le envío la Revista que espero merezca tu aprobación — creo que sigue bien<sup>40</sup>.

Havia entre os dois um estreito entendimento, que ficava evidente nos ideais expostos por ambos e na manutenção da coerência de propósitos da revista ao longo dos anos de sua circulação — nos quais foram curtos os períodos em que contou com a presença física de seus diretores simultaneamente na cidade de Buenos Aires.

### **1.6 *Nueva Revista de Buenos Aires*: expoente da cultura argentina e latino-americana**

Com uma periodicidade mensal, a *Nueva Revista de Buenos Aires* contava em média com 160 páginas. Posteriormente, o periódico era reunido em tomos, compostos por quatro volumes. Em março de 1882, os proprietários declararam em números a vitalidade dos assuntos examinados pela revista, que fizeram com que esta excedesse as previsões, chegando

<sup>39</sup> Informações obtidas por meio da análise das correspondências entre Ernesto Quesada e Vicente Quesada, disponibilizadas pelo Instituto Ibero-Americano — *Ibero-Amerikanisches Institut* — Berlim, Alemanha.

<sup>40</sup> Ernesto Quesada. Carta a Vicente Quesada, datada de 05 de fevereiro de 1882. Arquivo Quesada. Instituto Ibero-Americano — *Ibero-Amerikanisches Institut* — Berlim, Alemanha.

ao total de 2081 páginas ao final do primeiro ano. Publicada em formato in-8<sup>o41</sup>, capa dura, com 23 cm de altura e 14,7 cm de comprimento, a *Nueva Revista de Buenos Aires* foi uma "empresa editorial memorable, y compartió el mérito inmenso de prolongar en la cultura argentina una tradición periodística que se perfeccionaba y ennoblecía constantemente" (MAEDER, 1964, p. 837).

As revistas culturais no século XIX padeceram economicamente e seus idealizadores se esforçaram para mantê-las em meio à indiferença do público, acostumado com o periodismo virulento dos diários políticos. Apesar desse cenário, a *Nueva Revista de Buenos Aires*, tal como suas antecessoras, contou com uma boa acolhida entre o público ilustrado da República Argentina. Seus diretores relataram que o periódico também circulou pelos países vizinhos, tendo merecido elogios por parte de órgãos de imprensa americanos e europeus desde o seu primeiro ano.

Em grande medida, essa circulação internacional se deveu aos esforços pessoais de Vicente e Ernesto Quesada que, por meio de contatos com intelectuais estrangeiros enviavam exemplares a diferentes países<sup>42</sup>, estabelecendo instâncias de mediação cultural. Ao identificar a escassa circulação da revista em Montevideu, em fins de 1882, Ernesto Quesada solicitou ao pai que enviasse àquela localidade alguns exemplares a fim de "establecer cauce con algunos diarios importantes de esta, pues la Revista es muy poco conocida de este público"<sup>43</sup>.

O periódico teve duas etapas distintas. A primeira compreendeu os tomos I ao IX, entre abril de 1881 e março de 1884. A segunda, que trazia na capa a denominação *Nueva serie*, abrangeu os tomos X ao XIII, publicados entre abril de 1884 e junho de 1885. A princípio a revista contou com uma atuação mais ativa de Vicente Quesada e sua experiência foi responsável por seções mais regulares e uma maior profusão de textos. Em seu primeiro tomo trouxe na capa as seguintes inscrições: NUEVA REVISTA/ DE/ BUENOS AIRES/ DIRIGIDA POR/ VICENTE G. QUESADA/ ERNESTO QUESADA (co-redactor y administrador)/ TOMO I/ BUENOS AIRES/ Imprenta y Librería de Mayo, de C. Casavalle, Editor, Perú, 115/ 1881 (**Anexo A**). Já no segundo tomo, contudo, Ernesto Quesada deixou de ser mencionado como co-redator e administrador, passando a ser apresentado como diretor, tal qual Vicente Quesada (**Anexo B**). Ao longo dos anos, a capa manteve seu estilo sóbrio,

<sup>41</sup> Uma publicação *in folio* é feita de folhas dobradas uma vez ao meio, originando cada folha 4 páginas. A mesma folha, dobrada duas vezes, produz o formado *in quarto*; dobrada três vezes, originada o formato *in octavo*, gerando dezesseis páginas por folha.

<sup>42</sup> O ingresso da *Nueva Revista de Buenos Aires* no Brasil seguiu esse trajeto, sendo viabilizado por meio das relações epistolares entre Ernesto Quesada e Franklin Távora — como veremos no quarto capítulo.

<sup>43</sup> Ernesto Quesada. Carta a Vicente Quesada, datada de 29 de dezembro de 1882. Arquivo Quesada. Instituto Ibero-Americano — Ibero-Amerikanisches Institut — Berlim, Alemanha

sem grandes alterações, apresentando apenas pequenas mudanças estéticas, a exemplo da fonte utilizada.

Naquela fase, a revista foi editada por Carlos Casavalle, que já havia se consolidado como uma figura respeitável no nascente mercado editorial argentino. De acordo com Sergio Pastormelo (2014, p. 20), toda empresa editorial é uma instituição de duas faces, uma econômica e outra simbólica, porém a singularidade de Casavalle, e sua *Imprenta y Librería de Mayo*, residiu na magnitude da segunda dimensão.

En el espacio editorial, Casavalle actuó como el correlato de una figura que, sin faltar en ciertos letrados de la generación del 37 (Juan María Gutiérrez), surgió especialmente con la generación posterior (Miguel Navarro Viola, **Vicente Quesada**) y encontró su forma clásica en algunos hombres de letras de 1880 (Miguel Cané, Alberto Navarro Viola, **Ernesto Quesada**) [...]: **la figura del protector cultural** (PASTORMELO, 2014, p. 20 Grifo nosso).

Na acepção elaborada por Pastormelo (2014, p. 20), as personagens identificadas como "protetores culturais" se autoatribuíam a missão de impulsionar simbolicamente o desenvolvimento da cultura nacional — ante a insuficiência de estímulos materiais que configuravam a realidade do país, naquela conjuntura —, e de orientar esse desenvolvimento, exercendo a função de "árbitro del gusto". O gênero primordial ao qual se dedicavam os protetores culturais era a crítica literária e por meio desta atuavam para o fomento e divulgação de determinados estilos, gêneros e autores, vinculados primordialmente à cultura erudita.

A princípio, a revista era dividida em duas partes, uma dedicada à América, composta por trabalhos sobre história, literatura e direito internacional, a cargo de Vicente Quesada, e outra dedicada à Europa, sob a responsabilidade de Ernesto Quesada. De acordo com os letrados argentinos, a seção europeia se fazia presente para que fosse possível apreciar os avanços argentinos e compará-los com os que se realizavam no velho continente. O foco do periódico era a seção americana, que ocupou maior número de páginas a cada edição, até se constituir no único tema do periódico. Com as mudanças, Ernesto Quesada passou progressivamente aos assuntos literários.

Na apresentação da primeira edição, Vicente Quesada manifestou a filiação da *Nueva Revista de Buenos Aires* aos seus empreendimentos anteriores, destacando, porém, que esta daria maior enfoque às questões de atualidades, algo, de acordo com ele, adequado à conjuntura argentina dos anos 1880, "una sociedad que marcha sin cesar, buscando en la consolidación de la paz, las verdaderas y positivas garantías políticas y civiles de la vida culta y libre" (QUESADA, V. 1881a, p. 3-4). Essa preocupação tinha como centro de interesse as questões de limites, em franca negociação naquele decênio.



Vicente Quesada dedicou um amplo espaço para este tema na apresentação da revista. A justificativa para a abordagem fronteiriça era que esta havia sido a principal causa de intervenções, guerras e fragmentações na América. Quesada afirmou que dedicaria maior atenção às pendências argentinas com o Chile e o Brasil, com base no direito histórico, na necessidade de conservar a integridade territorial e manter o equilíbrio sul-americano. Por meio de investigações histórico-documentais visava demonstrar a "verdade", mesmo que esta fosse amarga e severa, pois não almejava cortejar vaidades nacionais, nem fomentar ódios com as nações limítrofes, com as quais a Argentina mantinha relações frequentes e lucrativas. A despeito desse intuito, Quesada demonstrava receio quanto às possibilidades de alterações na geografia política americana. Além disso atribuiu à revista a intenção de responder o seguinte questionamento: "¿cuál es el papel, que en interés propio, y en el de la paz del continente, corresponde a la República Argentina?" (QUESADA, V. 1881a, p. 06). Vicente elaborou em seus escritos uma interpretação vigorosa, que reverberou nas décadas posteriores, e que alicerçou a constituição de um nacionalismo territorial argentino, conforme será analisado no capítulo cinco.

Quanto à política partidária, a revista reafirmava o posicionamento de seu diretor. Parafraseando José Manuel Estrada, Vicente afirmou que "mientras más lejos se halle un hombre de los partidos, mas obligado está á la patria" (QUESADA, V. 1881a, p. 03). Esta frase deu o tom da publicação, entendida pelos Quesada como um dispositivo de conformação da cultura nacional. Com o declarado objetivo de comprovar o afastamento em relação às paixões políticas e apresentar-se como um campo neutro, o artigo de abertura do periódico, assinado por Vicente Quesada, trouxe uma breve biografia dos três últimos presidentes da República — Bartolomé Mitre, Domingo Faustino Sarmiento e Nicolás Avellaneda —, salientando suas diferenças políticas e anunciou-os como colaboradores do mensário:

Reunir esos escritos, publicarlos en el orden cronológico en que ejercieron sus autores las altas funciones de la presidencia, es poner ante la vista de los que vengan a curiosear estas páginas el poder y la fuerza de la asociación, del esfuerzo individual reunido en un centro común [...] serán un raudal que influya en el progreso social contribuyendo al desarrollo literario.

Atraer todas las capacidades individuales, reunir las en un propósito común, conservando cada una su libertad propia, su acción libre, es el ideal de la Nueva Revista (QUESADA, V. 1881b, p. 14)

Dois questões podem ser levantadas acerca da relação do mensário com a política argentina. A primeira diz respeito à intenção de Quesada em consolidar-se como uma figura intelectualmente proeminente a despeito das instabilidades partidárias, posição que, segundo ele, deveria ser assegurada a todos os estudiosos do país. Por outro lado, a necessidade de

inserir-se em cargos públicos, dos quais derivava majoritariamente seus rendimentos, era um empecilho a alinhamentos explícitos.

A publicação de textos dos ex-presidentes demonstravam também a busca por prestígio intelectual por parte de Vicente Quesada e da *Nueva Revista de Buenos Aires* no cenário argentino quando de sua estreia. No total foram cinco artigos assinados por Mitre; dois de Sarmiento e dois de Avellaneda, concentrados, invariavelmente, nos primeiros tomos da revista.

A literatura e a história estiveram representadas por meio de produções de distintos colaboradores nacionais e estrangeiros. Ambos os Quesada afirmaram repetidas vezes que almejavam com essa seção pôr fim ao isolamento intelectual que existia entre as nações do continente e também entre as próprias províncias argentinas. Com esse intuito, publicaram artigos originais e reproduções de escritores latino-americanos e de intelectuais residentes tanto no interior da República, quanto em Buenos Aires. Visavam contribuir para a divulgação dos trabalhos e dos méritos dos homens de letras que, apesar do ambiente desfavorável, que não lhes garantia o sustento por suas atividades intelectuais, se mantinham em suas vocações.

Organizar o passado e construir uma tradição cultural não eram somente questões de historiografia ou de crítica literária. Colocava-se de manifesto uma problemática que excedia o âmbito intelectual: a urgência de se afirmar uma identidade argentina. Na conjuntura de consolidação do Estado nacional, a cargo da elite liberal, a formação da nacionalidade era um ponto nevrálgico. E à luz desse objetivo, o passado adquiriu uma nova função cultural, a de dotar a Argentina de uma história cultural e política, entendida como condição indispensável para integrar o país ao rol dos países civilizados (CAVALARO, 1996, p. 107-108).

Esta tendência não foi privilégio da Argentina, as narrativas nacionais, a busca da consolidação das tradições, a atitude reminiscente e o culto idealizado do passado proliferaram em todos os âmbitos latino-americanos, marcando presença nos artigos de autores estrangeiros publicados na *Nueva Revista de Buenos Aires*. Nessa perspectiva, as últimas décadas do século XIX, impulsionaram também o surgimento de obras memorialistas (ZANETTI, 1994, p. 502), que se fez presente no periódico argentino por meio de uma série de textos de Vicente Quesada, sob o pseudônimo de Victor Gálvez, posteriormente compilados em um livro intitulado *Memorias de un viejo*.

A colaboração latino-americana era obtida por meio de relações pessoais e epistolares mantidas entre os diretores e os letrados do continente, sem nenhuma compensação pecuniária. Este dado incomodava os Quesada, por acreditarem que o progresso das nações

estava estreitamente ligado à ativa atuação dos homens de letras. Entretanto, sem conseguirem viver dos trabalhos intelectuais, estes acabavam por abandonar suas reflexões ou se dedicavam a elas de maneira parcial. Por este motivo a revista se empenhou em uma campanha em prol da profissionalização deste segmento. Apelo que se somou às reivindicações de diversos letrados latino-americanos.

O personalismo na condução era um traço característico das revistas culturais do século XIX, uma vez que seus produtores ocupavam lugar central na organização e na escrita. Apesar da participação dos diretores em redes de sociabilidade cultural e dos numerosos intelectuais que por vezes figuraram nas revistas oitocentistas — e em alguns casos em suas redações —, não se pode pensá-las em termos de empresas coletivas, a exemplo das publicações de décadas posteriores. No caso da *Nueva Revista de Buenos Aires*, Vicente e Ernesto Quesada perfizeram mais de sessenta por cento dos artigos publicados. A intenção de converter uma revista cultural em uma empresa civilizadora ganhou força nas últimas décadas do século XIX e estas publicações se constituíram em espaços de difusão de vozes de figuras destacadas, sendo suas intenções modernizantes as definidoras de seus perfis (BRUNO, 2009, p. 359). O olhar atento e as convicções dos Quesada estavam presentes em cada texto selecionado, fazendo com que a revista obedecesse a um programa coerente ao longo de sua existência.

Outra seção de destaque foi a *Revista Bibliográfica*, composta de resenhas sobre obras publicadas tanto na Argentina, quanto nos demais países latino-americanos. Tal seção objetivava divulgar, popularizar e fomentar a venda do livro americano, que naquela conjuntura era custeado por um número reduzido de leitores, impossibilitando que a vida literária se tornasse uma profissão lucrativa. Para nutrir a *Revista Bibliográfica*, Vicente e Ernesto Quesada solicitavam aos autores que enviassem suas obras, especialmente aquelas relativas à América, ao escritório da redação: um exemplar, se desejassem uma simples menção, e dois exemplares, em caso de uma resenha mais elaborada. Também anunciaram em diversos momentos que o periódico ofereceria hospitalidade aos escritores americanos que almejassem divulgar o movimento intelectual de seus países, com a finalidade de estreitar os vínculos entre os vizinhos.

Devido às dificuldades em obter obras de autores latino-americanos, os diretores preenchiavam lacunas com resenhas críticas de revistas literárias produzidas no continente, das quais demonstravam um conhecimento profundo. Os intercâmbios com revistas culturais latino-americanas foram constantes, seja por meio de comentários elogiosos, seja por reproduções de artigos. É importante ressaltar a qualidade das resenhas, que não

dissimulavam os defeitos das obras. As críticas estiveram, majoritariamente, a cargo de ambos os Quesada sendo que a partir do tomo V, Norberto Piñero<sup>44</sup> passou a colaborar com a seção (MAEDER, 1964, p. 843). Entretanto, as resenhas, em sua maioria, não continham assinaturas, a fim de garantir a autonomia dos seus autores.

A participação mais assídua de Norberto Piñero na redação da revista teve início pouco antes do afastamento de Vicente Quesada, em decorrência de sua nomeação como ministro plenipotenciário junto ao governo brasileiro em 1883. A partir do tomo VII, que compreendeu as edições de abril a agosto de 1883, Ernesto Quesada passou a figurar como o único diretor do periódico. A instalação de Vicente Quesada na cidade do Rio de Janeiro e, conseqüentemente, sua retirada da direção da *Nueva Revista de Buenos Aires*, não interromperam, contudo, as contribuições do autor.

Com exceção das críticas literárias, os artigos publicados sempre eram assinados, porém, a partir do sétimo tomo surgiram os primeiros artigos anônimos no periódico, assinados apenas com os seguintes símbolos: \*\*\*. Os artigos tratavam dos litígios fronteiriços e mantiveram o mesmo formato daqueles assinados até então por Vicente Quesada. Possivelmente, sua posição como funcionário do *Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto* o levou à supressão de seu nome naqueles artigos, a fim de resguardar sua imagem em relação às polêmicas com os países vizinhos.

A *Nueva Revista de Buenos Aires* experimentaria uma segunda fase a partir de seu décimo tomo, em abril de 1884. Uma nova inscrição na capa marcaria a transição: LA/ NUEVA/ REVISTA/ DE/ BUENOS AIRES/ DIRIGIDA POR ERNESTO QUESADA/ AÑO IV/ NUEVA SERIE, TOMO X/ BUENOS AIRES/ Se publica por su Imprenta/ Dirección: Calle General Lavalle 60/ 1884 (**Anexo C**). As modificações dessa nova fase se concentraram em aspectos formais e trouxeram como principal novidade a utilização de gráfica própria para a elaboração do periódico. Quanto ao conteúdo, a revista manteve seus propósitos iniciais, o que foi reiterado por Ernesto naquela ocasião.

No texto *Dos Palabras*, Ernesto Quesada apresentou as mudanças e permanências que configuravam essa etapa da revista. Além da impressão gráfica, Quesada anunciou que a partir daquela data a empresa era de sua exclusiva propriedade. O preço seria reduzido, progressivamente, até atingir a um peso por edição. Esta iniciativa pautou-se na concepção de que aquela não era uma "empresa de lucro, sino de propaganda; una vez cubierto el costo material, el excedente sirve solo para fomentar la marcha del periódico. Se trata de una

---

<sup>44</sup> Norberto Piñero (1858-1938), advogado, político, literato e docente argentino. Graduou-se em Direito pela Universidad de Buenos Aires em 1882, conjuntamente com Ernesto Quesada.

cuestión de patriotismo y no de provecho pecuniario" (QUESADA, E. 1884a, p.3). Outra melhoria indicada pelo diretor centrava-se no fortalecimento e regularização da colaboração nacional e estrangeira. Para atingir tal objetivo, Quesada acreditava existir um único caminho: estabelecer uma remuneração os colaboradores. Valorizar o trabalho desses autores e torná-lo recorrente, materializava o projeto, defendido por Quesada, de profissionalização dos homens de letras na América. No entanto, para que as reformas fossem concretizadas era necessário aumentar o número de assinantes.

Creo que el propósito es noble y generoso: no se trata de lucro, sino de un esfuerzo patriótico. El apoyo de la prensa diaria es indispensable para que la propaganda sea fructífera. La NUEVA REVISTA lo solicita, y en vista de lo que acaba de exponer, espera obtenerlo, como un gaje de compañerismo patriótico (QUESADA, E. 1884a, p.10).

A ênfase na "missão patriótica" dos diretores, que tinha na *Nueva Revista de Buenos Aires* seu baluarte, já era conhecida dos leitores, constituindo-se em uma constante em artigos e notas da redação. A elaboração de uma fisionomia do país e o delineamento da nacionalidade se apresentavam como as principais preocupações dos intelectuais argentinos ao final do século XIX, e os Quesada não foram exceções.

Ernesto Quesada buscou reforçar os princípios divulgados na apresentação do primeiro número, dando destaque à literatura argentina e aos intercâmbios latino-americanos. Reafirmou a preocupação em divulgar trabalhos de escritores residente na capital e nas províncias, a fim de refletir o "verdadeiro" movimento intelectual argentino. Além do objetivo de "dar a conhecer" o estado da cultura dos demais povos da América Latina:

Esta tarea no solo ha sido llevada á cabo respecto de las naciones americanas de origen española sino que ha englobado todas las de procedencia latina, traduciendo al castellano las producciones originales en idioma portugués que distinguidos publicistas brasileiros han escrito para ese periódico (QUESADA, E. 1884a, p. 05).

Desse modo, Ernesto Quesada formalizou a supressão da seção dedicada à Europa e transformou a *Nueva Revista de Buenos Aires* em uma publicação exclusivamente americana.

A despeito das dificuldades financeiras, os propósitos patrióticos elevados do periódico motivavam Ernesto Quesada. De acordo com ele, seu objetivo era dotar a República Argentina de uma revista que refletisse sua vida intelectual, como a França tinha a *Revue des Deux Mondes*, a Alemanha a *Deutsche Rundschau*, a Itália a *Nuova Antologia* e a Inglaterra a *Atheneum* e a *Nineteenth Century*. O letrado mostrou-se otimista quanto ao questionamento acerca dos elementos necessários para manter o êxito desse gênero de publicações, tais como a maturidade do país, o amor às letras e a vida intelectual propriamente dita.

Apesar do otimismo demonstrado em abril de 1884, ao longo daquele ano a *Nueva Revista de Buenos Aires* se enfraqueceu. Naquela conjuntura, Ernesto Quesada viajou com a

esposa, Eleonora Pacheco, para Europa, onde permaneceu até os primeiros meses de 1886. Ernesto continuava nutrindo o periódico com artigos enviados por correspondências, sobretudo com relatos de suas viagens, mas houve uma redução significativa na quantidade de artigos nas edições seguintes e uma maior irregularidade nas seções. Sem a presença dos seus dois diretores originais<sup>45</sup>, a revista ficou então a cargo de Juan Alberto Piaggio<sup>46</sup>.

Piaggio havia sido secretário de Ernesto Quesada e dirigiu o periódico de 1884 até o encerramento de suas atividades, em julho de 1885. Posteriormente, em 1889, publicou a coletânea *Bibliografía Literaria*, fruto de seu "amor ardiente y sincero por las letras patrias" (PIAGGIO, 1889, p. 5). Na introdução dessa obra, Piaggio fez um balanço sobre *Las letras en la América Latina*, no qual apresentou ideias muito próximas àquelas expressas pelo programa da *Nueva Revista de Buenos Aires*, tais como o isolamento cultural entre os países e a indiferença do público quanto aos autores nacionais.

As constantes perdas financeiras relacionadas à publicação foram o principal motivo do seu fechamento. Em carta a Vicente Quesada, Ernesto expôs sua decepção com a escassez no número de assinantes e as dificuldades em financiar a revista com recursos próprios:

Pero me he visto forzado, muy a mi pesar, a ordenar la suspensión de la Revista, apenas concluya el tomo XIII, es decir a partir del 1º de julio, porque la suscripción había disminuido hasta el punto que me representaba un gasto mensual suplementar de más de cinco mil pesos [...] Creo que como sacrificio en años de la Revista con lo hecho basta, pues me la he trabajado y he hecho todos los esfuerzos posibles. Así desde hace tiempo he cubierto el déficit mensual de mi bolsillo [...] He hecho todo lo que he podido sacrificándome de todos modos. A pesar de ti, con tu colaboración constante, nadie, nadie me ha ayudado. Pero creo que los XIII tomos serán en momento modesto pero importantes<sup>47</sup>

A *Nueva Revista de Buenos Aires*, e suas correlatas, operavam primordialmente em um âmbito simbólico, com um apelo ao patriotismo, voltado a um público ilustrado e com vistas a intervir decisivamente no cenário cultural do país. Mantinha um perfil sóbrio, com longos textos, sem ilustrações ou anúncios. Os moldes do periódico idealizados pelos Quesada estavam na contracorrente dos novos empreendimentos que floresceram a partir da década de 1880 na Argentina, estabelecidos como empresas, que visavam os lucros.

<sup>45</sup> Salvo alguns encontros esporádicos, Vicente — residindo no Rio de Janeiro desde 1883 — e Ernesto Quesada — de passagem por vários países da Europa, após 1884 — mantinham seus vínculos por meio de uma assídua correspondência. Essa documentação encontra-se atualmente no Instituto Ibero-Americano — *Ibero-Amerikanisches Institut* — em Berlim, Alemanha.

<sup>46</sup> Não houve nenhuma menção no periódico sobre a condução de Juan Alberto Piaggio. Em 1885, em uma carta trocada entre Ernesto e Vicente Quesada, o primeiro elogiou o trabalho de Piaggio, mas reconheceu as dificuldades enfrentadas pelo letrado.

<sup>47</sup> Ernesto Quesada. Carta a Vicente Quesada, datada de 07 de abril de 1885. Grifos do autor. Arquivo Quesada. Instituto Ibero-Americano — *Ibero-Amerikanisches Institut* — Berlim, Alemanha.

Desde a unificação do país, em 1861, o livre comércio e a europeização, alicerçados em um ideal de progresso, foram o mote da política argentina. Com base nesses pressupostos, grandes mudanças ocorreram no país, tais como investimentos estrangeiros, a expansão da malha ferroviária, o ingresso massivo de imigrantes, crescimento urbano, ampliação da rede telegráfica, abertura de faculdades, bibliotecas, escolas primárias — estas associadas a adoção de leis para garantir o acesso gratuito, laico e obrigatório à educação —, que alteraram profundamente as feições nacionais.

Foi notório o impacto dessas medidas sobre o periodismo. A principal mudança consistia no surgimento de um público novo, que dividia espaço com a aristocracia cultural. O crescimento populacional, alavancado pela imigração, e os resultados da política de alfabetização ampliaram o horizonte de leitores, caracterizados a partir de então, pela heterogeneidade sociocultural. Esse novo contexto definiu projetos editoriais pioneiros na Argentina, que se baseavam nas vendas avulsas e a preço popular — respaldadas pela publicação de anúncios publicitários —, e na segmentação e diversificação dos conteúdos. Com fins comerciais, apareceram nos diários e revistas os primeiros romances de folhetim. O gênero não era completamente novo,

Pero, recién en 1879, con la fundación de La Patria Argentina, de José María Gutiérrez, se acuño la caracterización definitiva de este género. Asaltado por las preferencias de un público nuevo, cuya configuración — volvemos a insistir — procedía de un desarrollo de la alfabetización, inmigratorio y urbano, el hermano del director de este diario, Eduardo Gutiérrez, rediseño el modo de escribir este tipo de novelas. Con una temática nacional y apartándose de un lenguaje literario, estos folletines repetían siempre una estructura exitosa: suspenso, sentimentalismo, emoción, aventuras. A las incisivas críticas de los intelectuales, debemos oponer la popularidad que E. Gutiérrez había logrado entre la difusa masa de consumidores de La Patria Argentina (CAVALARO, 1996, p. 86)

A *Nueva Revista de Buenos Aires*, por sua vez, dirigia-se a um "público delicado e instruído" (RACOT, 1884, p. 129) e apresentava-se como representante da cultura erudita argentina. Assim, houve uma única e breve menção às novelas criollas<sup>48</sup> no periódico. A omissão do êxito de *El gaucho Martín Fierro*, de José Hernández, que vendeu 48.000 cópias entre 1872 e 1878 e da ativa produção de Eduardo Gutierrez são significativas quanto ao lugar social ocupado pelo periódico e seus editores, que buscavam definir uma política cultural alinhada a uma certa concepção de Estado Nacional, na qual esta literatura popular, cujo objetivo era entreter e propor um passatempo ao contingente de leitores situados na base da pirâmide social, não se enquadrava.

---

<sup>48</sup> Publicada em forma de folhetim nos periódicos ou em papel de baixa qualidade com custos reduzidos, a literatura criollista ou gauchesca era uma expressão da cultura popular, escrita e difundida em grande medida após 1880. Cf. PRIETO, 1988, p. 97.

Em 1885, o número de revistas existentes em Buenos Aires havia se elevado. Apesar do florescimento do periodismo em geral, e dos gêneros literários e científicos, em particular, o fim da *Nueva Revista de Buenos Aires* foi lamentado, "ya que la misma constituyo una de las más lúcidas y valientes defensas de los intereses internacionales argentinos y latinoamericanos, por los que veló con especial predilección" (MAEDER, 1964, p. 843).

A atuação de ambos os Quesada, e especialmente a de Vicente, contribuiu para a estruturação de uma esfera cultural no recém consolidado Estado nacional argentino. Na segunda metade do século XIX, Vicente Quesada, conjuntamente com outros pioneiros, abriu caminho em um contexto em que as associações intelectuais e a publicação de revistas estritamente culturais ainda não eram recorrentes:

La Revista de Buenos Aires, Revista Argentina, **Nueva Revista de Buenos Aires**, La Biblioteca y también la Revista de Derecho, Historia y Letras de Estanislao Zeballos, por mencionar las empresas más destacadas, fueron publicaciones que marcaron un terreno particular en el mundo intelectual porteño. Fueron ajenas a las coyunturas políticas, atentas difusoras de las novedades extranjeras — tanto europeas como americanas —, espacios para consagrar — o rechazar — figuras de la cultura, responsables de concretar "bautismos" para las camadas más jóvenes y, por todo ello, se asumieron como empresas que llegaban para cubrir un vacío en la virginal tierra de la cultura (BRUNO, 2009, p. 359. Grifo nosso)

Ainda em 1885, Vicente Quesada foi transferido para a legação argentina em Washington. Ernesto Quesada acompanhou o pai na condição de secretário. No transcurso de seus 20 anos como funcionário do *Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto*, Vicente ocupou funções no Brasil, Estados Unidos, México, Espanha, Santa Sé e Alemanha, vindo a falecer em Buenos Aires, em 19 de setembro de 1913.

De volta à Argentina, em 1886, Ernesto Quesada passou a se dedicar aos negócios, como administrador do patrimônio herdado por sua esposa. Entretanto, a grave crise econômica de 1890, devolveu Ernesto à carreira intelectual e o afastou em certa medida dos círculos de sociabilidade mais proeminentes da elite. Naqueles anos começou a redigir seus escritos históricos. Em 1893 divulgou o seu trabalho sobre a decapitação do General Acha e em 1898, publicou *La época de Rosas*, sua obra mais relevante.

*La decapitación de Acha. El historiador Saldías y el general Pacheco* (1893) foi a primeira obra de relevância de Ernesto Quesada. Era uma resposta à segunda edição do livro de Adolfo Saldías, *Historia de la Confederación Argentina*, e tinha como propósito central reivindicar a figura do avô de sua esposa, Ángel Pacheco, que foi general na época de Rosas. A obra era antes um compromisso explícito com a defesa da memória e honra familiar do que resultado de uma autêntica preocupação historiográfica. É provável que os escritos de Quesada sobre Pacheco fossem pensados como a primeira etapa de sua obra maior sobre o



período histórico dominado pela figura de Juan Manuel de Rosas, *La época de Rosas* (1898). O arquivo do general Pacheco não foi útil somente para reivindicar a memória familiar, pois com base nesses arquivos, Ernesto Quesada elaborou um texto que gozaria de uma notável repercussão e seria reeditado em diversas oportunidades (BUCHBINDER, 2012, p. 143-145).

Em 1904, Ernesto deu início a sua carreira universitária, como o primeiro professor titular da Cátedra de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Ernesto Quesada atrelou sua atuação intelectual ao serviço que intentava dedicar à pátria. Assim como alguns ofereciam seus serviços na vida pública, ele havia optado por fazê-lo no "silencio de las bibliotecas y en el retiro de los gabinetes de estudios" (QUESADA, E. *Apud* BUCHBINDER, 2012, p. 136):

En cierta medida, Ernesto seguía ahora el mandato paterno que había buscado hacer de él, desde su primera juventud alguien distinguido esencialmente por sus méritos intelectuales. En una parábola que remetía a la experiencia de su abuelo y su padre, volvía a encontrar refugio en medio de la tormenta de los noventa en el servicio como funcionario del Estado y en el ejercicio de la reflexión sobre la sociedad, la política, la cultura y la historia de la Argentina (BUCHBINDER, 2012, p. 136)

Ernesto Quesada produziu um extenso e significativo conjunto de artigos, panfletos e livros, com reflexões sobre as adversidades da sociedade argentina e suas possíveis soluções. De acordo com Buchbinder (2012, p. 194), Ernesto, em certa medida, seguia as antigas opiniões de seu pai, sustentando em repetidas oportunidades que a resolução dos problemas da sociedade e das instituições requeria fundamentalmente preparação intelectual e conhecimento.

Contudo, sua carreira acadêmica foi marcada pelo envolvimento em debates e polêmicas. As diferenças na forma de compreender a tarefa intelectual concorreram para que Quesada mantivesse uma relação tensa com as gerações mais jovens, de proeminência no âmbito universitário<sup>49</sup>. Os projetos de Quesada não iriam incidir em longo prazo no perfil da universidade argentina, por não encontrar nesta, nem na sociedade em geral, os agentes e as condições propícias. Talvez o fato que ilustre mais significativamente a frustração de Quesada tenha sido destino de sua biblioteca pessoal e familiar, talvez o maior repositório bibliográfico privado de toda a América Latina (BUCHBINDER, 2012, p. 208). Em agosto de 1927,

---

<sup>49</sup> Ernesto Quesada foi favorável ao movimento reformista introduzido no sistema universitário argentino em 1918, sendo inclusive nomeado interventor na Faculdade de Direito, em 1919. A Reforma Universitária gerou, porém uma contundente mobilização oposicionista por parte dos estudantes. A tentativa de transformar o perfil tradicional do ensino superior — direcionando-o ao exercício de atividades de pesquisa e produção científica — fracassou. Entre outros motivos, porque o exercício das profissões liberais na sociedade argentina era demasiadamente recompensador naquela conjuntura, tanto do ponto de vista financeiro, quanto simbólico.

Ernesto Quesada, radicado na Europa desde meados da década de 1920<sup>50</sup>, doou ao governo alemão sua biblioteca particular, composta de 82.000 volumes, reunidos por ele e seu pai, além de documentos variados, que constituíram, conjuntamente com outros legados, o embrião do Instituto Ibero-Americano (*Ibero-Amerikanisches Institut*). De acordo Ernesto Quesada, o Instituto teria como missão fomentar as relações culturais e servir para uma maior compreensão e mútuo conhecimento entre a América Latina e a Alemanha.

A dedicação em servir a pátria e o compromisso em fomentar atividades culturais foram traços marcantes na vida pública de Vicente e Ernesto Quesada. A *Nueva Revista de Buenos Aires* aglutinou essas características, materializando um projeto identitário que visava apresentar uma nação coesa, cujo progresso no âmbito intelectual a habilitava a ocupar um lugar de proeminência no cenário latino-americano.

---

<sup>50</sup> Ernesto Quesada viveu em Spiez, uma pequena cidade suíça, até a sua morte em 7 de fevereiro de 1934. A vontade de sua segunda esposa, Leonor Deiters, foi decisiva nessa escolha. Leonor Deiters era uma jornalista alemã, a quem Ernesto conheceu por motivo de uma entrevista realizada com seu pai.

## **2. FORJAR A NAÇÃO: FUNDAMENTAÇÃO DE UM NACIONALISMO CULTURAL ARGENTINO A PARTIR DAS PÁGINAS DA *NUEVA REVISTA DE BUENOS AIRES***

O entendimento das noções de nação e nacionalidade é imprescindível para a compreensão da vida política no século XIX, uma vez que sobre estes pilares se estabeleceram a legitimidade dos Estados e foram construídos os discursos identitários que pautaram as discussões dos letrados acerca de temas como literatura, história e as peculiaridades dos habitantes de cada unidade territorial.

O conceito de nação, contudo, sofreu mutações ao longo daquela centúria. A princípio seu significado era fundamentado em termos políticos, podendo ser definido como uma associação de cidadãos cuja soberania coletiva os constituía como um Estado, vinculado a um determinado território (HOBSBAWM, 2002, p. 31). Nesta acepção, associada às Revoluções Francesa e Americana, o povo-nação não necessariamente compartilhava características étnico-linguísticas, mas tinha em comum o consenso em torno do interesse coletivo e o reconhecimento de uma autoridade central.

A construção do Estado nacional argentino percorreu um caminho sinuoso. Desde a independência, diferentes projetos de governo colocaram em lados opostos Buenos Aires e as demais unidades provinciais que viriam a formar a República. Discordâncias sobre aspectos fundamentais da organização política, tais como a distribuição das rendas alfandegárias, grau de abertura econômica, centralização e laicização do Estado, ocasionaram décadas de guerras civis e rupturas, evidenciando os obstáculos quanto à obtenção de um entendimento comum e, conseqüentemente, da constituição de uma nação argentina.

Mesmo após a unificação do país, em 1861, tensões e lutas armadas foram frequentes, sobretudo durante os pleitos eleitorais, vivificando os termos da cisão entre a província bonaerense e as do interior. Este cenário perdurou até 1880, quando a vitória das forças nacionais sobre a rebelião capitaneada pelo então governador de Buenos Aires, Carlos Tejedor, culminou com a federalização da cidade portenha e a destituição do status privilegiado daquele município. Tais eventos marcaram a consolidação nacional e o conseqüente soerguimento de um Estado central forte e baseado em um do modelo econômico primário-exportador que já vinha sendo adotado nas décadas anteriores (HALPERÍN DONGHI, 1982, p. 138-141).

Paralelamente a este processo, internacionalmente a ideia de nação também adquiria novos contornos. De acordo com José Luis Bendicho Beired (1999, p. 195-197), ao final do século XIX, a concepção experimentou uma ampla mutação nos países ocidentais. Até então,

o conceito era identificado com o direito de soberania política dos cidadãos dos territórios delimitados pelos Estados. Após 1870, entretanto, passou a ser caracterizada a partir de determinados atributos culturais:

Para esta, a nação é entendida no sentido **pré-político**, prescindindo pois de uma instância estatal para lhe dar significado. A nação cultural supõe a existência de uma comunidade dotada de identidade em virtude de sua unidade étnica, cultural, linguística, histórica e religiosa. Frequentemente, também entende que a nação é constituída por uma essência atemporal que se revela no plano da história, fenômeno que os patriotas têm o dever de permitir desenvolver-se sob pena de comprometer a nacionalidade (BEIRED, 1999, p. 198. Grifo do autor).

Uma pretensa homogeneidade cultural da população se configurava na moldura da nação, atribuindo mais legitimidade do que aquela oferecida pelo constitucionalismo liberal. A partir de então, tornou-se imperativo o estabelecimento de uma unidade da língua, da religião e das tradições, que assegurassem a solidez do Estado nacional e manifestassem a singularidade cultural de seu povo. A atuação de Vicente e Ernesto Quesada na *Nueva Revista de Buenos Aires* estava alinhada a este novo panorama. Nos textos apresentados na publicação, a nação era entendida como uma unidade cultural, dotada de uma história singular, que retroagia ao período de domínio espanhol. O periódico contribuiu, assim, para a sistematização de uma determinada interpretação da identidade argentina, composta por elementos federalistas e nacionalistas contrapondo-se à centralização e ao cosmopolitismo que marcavam a política argentina do período.

## 2.1 Identidade, modernidade e imigração

A construção de uma identidade coletiva ocupou lugar de destaque nas reflexões dos intelectuais do país ao final do século XIX. Embora se pretendesse natural e hegemônica, a dimensão simbólica da nacionalidade precisava ser forjada e legitimada, em um exercício que observava diferentes versões. Esta problemática dialogava com outras preocupações da sociedade argentina — tais como os desafios do mundo do trabalho urbano e a ampliação da participação política —, alinhavadas, por sua vez, pela questão imigratória, dado que a discussão em torno da incorporação do grande contingente de estrangeiros na sociedade argentina permeou os debates dos anos 1880 ao Centenário da Independência, na década de 1910 (TERÁN, 2009, p. 111).

A nova acepção do conceito de nação espelhava transformações sociais das quais a Argentina foi partícipe. Eric Hobsbawm (2012, p. 132-133) elencou três elementos que contribuíram para a alteração de sentido: a resistência de grupos tradicionais, que se sentiram ameaçados pelo rápido avanço da modernidade; as novas classes e estratos sociais, que

ocuparam espaço crescente nos ambientes urbanos e as "migrações sem precedentes que distribuíram uma diáspora múltipla de povos através do planeta, cada um estranho tanto aos nativos quanto aos outros grupos migrantes".

Na segunda metade do século XIX, o paradigma civilizatório simbolizado pela modernidade foi hegemônico nos países ocidentais. Este ideário não era completamente novo, formando-se desde o século anterior — primeiramente em grupos restritos, depois ganhando a cena pública, conforme demonstrado por François-Xavier Guerra (1992) — e culminando com alterações em diversos setores. No âmbito econômico significou a expansão do capitalismo; no social, o surgimento de classes e da possibilidade de mobilidade entre elas; no político, a implantação de um novo critério de legitimidade, a soberania popular; no cultural, a secularização e a exaltação do novo como signo do desenvolvimento e do progresso (TERÁN, 2009, p. 111-113).

Após 1880, intensificou-se o processo de modernização da Argentina e o país vivenciou uma década de extraordinário crescimento econômico. Os fatores que alavancaram esse processo assentaram-se na incorporação de grandes extensões de terras férteis, a partir da Campanha do Deserto; nos volumosos investimentos estrangeiros, sobretudo britânicos; na construção de uma ampla malha ferroviária, que diminuiu os custos do transporte e encurtou as distâncias do país, tornando os produtos argentinos mais competitivos no mercado externo; e no ingresso massivo de imigrantes.

Em dez anos, a população argentina aumentou sobremaneira, com grande concentração demográfica na cidade de Buenos Aires, que passou de 286.000 habitantes, em 1880 para 526.000, em 1890. O estímulo à imigração estava previsto na Constituição argentina de 1853, cujo pilar foi o texto *Bases y puntos de partida para la organización nacional*, de Juan Bautista Alberdi. Em análise sobre esta obra, Oscar Terán (2009, p. 94-95), demonstrou que Alberdi entendia a imigração europeia como elemento de transformação e desenvolvimento, ao possibilitar a absorção de "hábitos civilizados" pela população nativa, suplantando o "atraso" da sociedade argentina. Por meio desse "transplante imigratório", Alberdi acreditava que cada europeu levaria à Argentina mais civilização em seus costumes do que qualquer livro ou manual.

Na década de 1870, a Lei de Imigração e Colonização, regulamentou o ingresso dos imigrantes e criou órgãos públicos com o objetivo de viabilizar a permanência dos estrangeiros no país. Dentre essas instituições destacava-se o Departamento Geral da Imigração, responsável por fiscalizar as condições sanitárias e de transporte, além de oferecer alojamentos e facilitar o estabelecimento dos recém-chegados. Na década de 1880, o governo

investiu também em propaganda e no subsídio de passagens, em uma agressiva campanha de captação de imigrantes europeus. Contudo, do imigrante idealizado — elemento vital para o progresso do país, que se instalaria predominantemente no campo e preencheria o "deserto" do interior do país — para o estrangeiro real — que se instalou, prioritariamente, nas cidades do litoral, incorporando-se às lutas da classe trabalhadora e resistente à adoção dos costumes argentinos — havia uma incompatibilidade que paulatinamente provocou apreensões nas elites argentinas (GREJO, 2009, p.72-78)<sup>51</sup>.

As primeiras impressões acerca das mudanças introduzidas pela modernização e pela afluência imigratória estavam carregadas de otimismo. A euforia revelava uma crença tenaz, compartilhada pela maioria dos pensadores argentinos, de que no país estava sendo elaborada uma experiência cultural original e decisiva, digna de inscrevê-lo no marco das nações mais prestigiosas do mundo, visão que reforçava a convicção na sua excepcionalidade e grandeza (TERÁN, 2000, p. 18). Nesse sentido, Miguel Cané, um dos mais importantes intelectuais da geração de 80, declarou em 1882, que ninguém podia crer que:

al encontrarse en el seno de la culta Buenos Aires, en medio de la actividad febril del comercio y de todos los halagos del arte, que en 1820 los caudillos semibárbaros ataban sus potros en las rejas de la plaza de Mayo [...] Recibimos un mundo nuevo, bárbaro, despoblado, si el menor síntoma de organización racional: ¡mírese la América hoy, cuéntense los centenares de millares de extranjeros que viven felices en su suelo, nuestra industria, la explotación de nuestras riquezas, el refinamiento de nuestros gustos, las formas definitivas de nuestro organismo político y dígasenos qué pedazo del mundo ha hecho una evolución semejante en medio siglo! (TERÁN, 2000, p. 14-15)

No entanto, segundo Oscar Terán (2009, p. 114) os membros daquela geração apresentavam um certo "lamento tradicionalista", caracterizado pelo paradoxo entre o entusiasmo e impulso à modernização e o saudosismo, que os levava a lastimar algumas das consequências dos novos tempos. Esta posição esteve presente nas reflexões de Miguel Cané e nas de Vicente Quesada, cujas memórias originaram a obra *Memorias de un viejo*, publicadas inicialmente na *Nueva Revista de Buenos Aires*.

As transformações políticas, econômicas e sociais, encetadas nos anos 1880, contribuíram para a profunda modificação das feições do país e geraram reflexões que se estenderam por décadas. Passado o entusiasmo inicial, as críticas se tornaram cada vez mais frequentes e provinham, em grande medida, dos setores tradicionais. A prosperidade

---

<sup>51</sup> A origem dos imigrantes também gerou incômodo. No lugar do projetado imigrante "civilizado", proveniente do norte europeu, aportaram na Argentina, majoritariamente, italianos e espanhóis empobrecidos, além de judeus oriundos da Rússia e árabes do Império Turco. Os jornais da capital denunciaram a política governamental de subsídio que, ao invés de atrair "los laboriosos agricultores que prometía la inmigración espontánea [...] atraía elementos indeseables: exóticos judíos y turcos, chulos españoles, gitanos del Mediterráneo, malvivientes, enfermos, y niños de todos los puertos" (BERTONI, 2001, p. 21-22).

vivenciada pela Argentina naquela década parecia subverter a hierarquização da sociedade e as elites reagiram com apreensão ao que consideraram um fator de dissolução da nacionalidade. A imagem de desagregação ganhou força frente ao cosmopolitismo imperante, sobretudo na cidade de Buenos Aires, com sua variedade de línguas e costumes. Diante dessas prevenções surgiram questionamentos em torno da própria identidade cultural do país: afinal o que era ser argentino?

Desse modo, houve uma crescente preocupação com as festas pátrias, com a construção de monumentos e de um panteão de heróis, além da afirmação do idioma nacional. O campo educacional também foi palco de disputas. Naquela conjuntura, a Argentina contava com muitas escolas mantidas por associações italianas, que se originaram em uma fase em que todas as iniciativas educativas eram calorosamente recebidas. Entretanto, no início dos anos 1880 o cenário havia mudado. O governo passou a exercer maior controle sobre as escolas por meio de inspeções, da lei de obrigatoriedade do idioma nacional e da formação de um corpo técnico centralizado, ações que tinham por objetivo a afirmação da nacionalidade (BERTONI, 2019. p.64).

A partir de 1890, atenuou-se ainda mais o otimismo acerca do caminho trilhado pela República, devido ao amadurecimento de uma perspectiva cultural da nação — que conflitava com a "babel de bandeiras" que havia aflorado na década anterior (BERTONI, 2009, p. 86) — e ao rechaço, por parte de alguns políticos e intelectuais, dos pressupostos ilustrados e liberais que compuseram o projeto político, vitorioso delineado desde meados do século XIX.

A concepção proposta pelos liberais argentinos entendia a nação como produto da convergência de etnias, cuja resultante incluiria traços de diferentes povos e culturas. Contemplava uma visão elitista, centrada nas classes altas e eruditas, defendia a imitação das experiências europeias e estadunidense e desprezava a herança espanhola, a cultura popular e a população mestiça. Esse conjunto de discursos, práticas políticas e símbolos que buscavam representar o país, passou a ser confrontado por um setor que assumiu, de maneira ativa, a defesa de uma noção excludente da pátria, baseada em uma nacionalidade estabelecida no passado, de traços definidos e permanentes, dentre estes alguns eram provenientes da Espanha e outros possuíam origem criolla. Esta absorveria os variados aportes dos grupos imigratórios sem perder sua essência, desde que fosse priorizada uma política para tal fim:

Para quienes pensaban así, la heterogeneidad de origen de la población que habitaba la Argentina constituía un flaco débil para la nación, y la solución se encontraría a través de su nacionalización. Más allá de su organización constitucional y jurídica, entendieron la nación con carácter esencial, como expresión de una singularidad cultural. Para ello, la existencia de una lengua nacional, un arte nacional, una raza

nacional singular y propia se convirtió en la manifestación de la nacionalidad y en legitimación de la nación argentina (BERTONI, 2009, p. 171).

Os membros deste grupo — aglutinados, posteriormente, sob a denominação de nacionalistas — apresentavam tendências ambíguas e por vezes contraditórias, que podiam ser populistas, reacionárias, nativistas ou genuinamente federalistas e progressistas (SHUMWAY, 2008, p. 277). Apesar de não constituírem um movimento coerente, unívoco e capaz de gerar uma ideologia dominante, alcançaram uma participação ativa nos debates da época, opondo-se àqueles que defendiam posições liberais e cosmopolitas, difundindo argumentos que delinearão discussões vindouras<sup>52</sup>.

Para o historiador argentino Fernando Devoto (2002, p. 21), a conjuntura iniciada na década de 1880 apresentou os requisitos para o surgimento do movimento nacionalista, a exemplo da ideia de ameaça, associada às discussões sobre alteridade, que se tornaram uma constante diante do intenso fluxo imigratório no país; a aventada necessidade de afirmar uma identidade específica frente ao outro; e uma noção de decadência, que impulsionava a busca por soluções efetivas para revertê-la, tal como a recuperação de um espírito patriótico. Nicolas Shumway (2008), por sua vez, retroagiu a meados daquele século na busca pelas origens das linhas de pensamento que caracterizaram esta tendência. De acordo com o autor (SHUMWAY, 2008, p. 278), com a ascensão de Urquiza, em 1852 e a experiência da Confederação, os intelectuais contrários ao liberalismo portenho encontraram um líder político em torno do qual foi possível formar uma escola de "autêntico sentimento nacionalista", ainda que os escritos mais significativos tenham surgido depois de sua derrota. Estes textos sistematizaram reflexões que foram constantemente revisitadas e que podem ser elencadas em cinco vertentes.

A primeira dizia respeito à estruturação da história argentina como produto de uma nação dividida não por ideologias políticas, mas por distintas realidades econômicas, que antagonizava Buenos Aires e as demais províncias; A segunda baseava-se na recuperação da imagem dos caudilhos como autênticos líderes populares. A junção dessas duas perspectivas formaria a base do revisionismo histórico, corrente historiográfica que ainda hoje gera debates no país. Ernesto Quesada, com sua obra *La época de Rosas*, editada em 1898, foi um dos precursores desse movimento. A terceira estava relacionada a uma inclinação à solidariedade ideológica com os outros países latino-americanos, uma atitude marcadamente ausente na maioria dos liberais argentinos. A quarta centrava-se na reivindicação da herança espanhola e

---

<sup>52</sup> No início do século XX, o nacionalismo passou a ser compreendido como um movimento político anti-liberal, autoritário e xenófobo, constituindo-se em uma tendência muito influente no país.



latina. E a quinta, pautava-se na valorização da figura do *gaucho*, na qual a população pobre e rural, bem como seus costumes, emergia como um protótipo dos valores autenticamente argentinos (SHUMWAY, 2008, p. 279).

O conceito de nacionalismo utilizado neste trabalho reflete uma concepção mais ampla, ou seja, não estará circunscrito apenas ao incipiente movimento de questionamento da ordem liberal, embora dialogue com ele em vários momentos, devido aos posicionamentos discursivos da *Nueva Revista de Buenos Aires*. Conforme demonstrou Devoto (2002, p. XIII-XV), ao discutir a construção das nações ocidentais, a aplicação do conceito engloba o conjunto de projetos formulados e os instrumentos utilizados pelas elites políticas para homogeneizar populações heterogêneas dentro de determinados limites nacionais. Estes implicavam na imposição de crenças comuns, certos relatos de origem e signos identitários aos habitantes de um território independente, viabilizados por discursos e símbolos, tais como o ensino de história e geografia nas escolas, pela imprensa, pela mobilização política, pelos rituais pátrios e pela pedagogia dos monumentos. Nessa acepção, a construção dos elementos simbólicos da nacionalidade não era incompatível com o ideário liberal, mas inerente a ele, como explicitado nas formulações de Juan Bautista Alberdi, Domingo Faustino Sarmiento, Bartolomé Mitre, entre outros.

Neste capítulo buscamos abordar a maneira como a *Nueva Revista de Buenos Aires* se inseriu nas reflexões em torno da construção de uma nacionalidade argentina assentada sobre bases culturais. A partir das páginas do periódico, Vicente e Ernesto Quesada se empenharam em engendrar uma identidade nacional que retratasse a nova conjuntura de modernização do país — com especial destaque ao fomento de espaços de sociabilidade e do nascente mercado editorial —, mas que não se alijasse de uma tradição marcadamente espanhola, federalista e de uma pretensa liderança internacional. Para tanto, os intelectuais mobilizaram recursos discursivos que podem ser agrupados em quatro eixos: a) uma interpretação da história nacional que recuperava o passado colonial de maneira afirmativa, pautada na grandeza territorial do Vice Reinado do Prata, considerado o primeiro molde da nação argentina, e na valorização das heranças provenientes da *Madre Patria*, tais como a língua e a raça; b) a conciliação com o passado recente, por meio da superação dos conflitos políticos e da integração das províncias do interior na construção da imagem do país. Esta pauta trazia consigo a defesa de uma vertente federalista da história argentina e o objetivo de se elaborar um imaginário que não estivesse centrado exclusivamente em Buenos Aires; c) o papel dos intelectuais na delimitação e solidificação da cultura nacional, que a despeito de se pretender abrangente, tinha um caráter profundamente erudito e elitizado, desprezando as crescentes

manifestações da literatura popular. Sobre este aspecto, o periódico deu ênfase também à difusão das obras e autores do país, à campanha por uma lei de propriedade intelectual e à profissionalização dos homens de letras; d) e por último, a projeção da Argentina como norteadora cultural e expoente político na América Latina.

Estes temas figuraram de maneira recorrente na *Nueva Revista de Buenos Aires* ao longo dos quatro anos de circulação. Nas páginas do periódico, a missão patriótica assumida pelos Quesada tomou forma, fundamentada na valorização do estudo e do conhecimento como bases para a edificação da identidade e a manutenção da coesão da sociedade argentina. A partir de seus escritos e da seleção de autores e pautas, intui-se que os proprietários almejavam a concretização de uma nação moderna, unida e com províncias valorizadas de igual maneira. O diagnóstico precoce das alterações introduzidas pela nova conjuntura econômica e pelo profuso fluxo imigratório caracterizaram a argumentação da revista, que apelou para a responsabilidade de um público letrado na condução dos rumos do país no que dizia respeito à consolidação de um *modus vivendi* e da afirmação das peculiaridades de seus habitantes, aspecto indispensável ao robustecimento da nacionalidade. A crença na proeminência argentina no contexto latino-americano também perpassou todos os tomos da revista, tanto nos textos sobre o território nacional, ancorados nos direitos do país legatário do Vice Reino do Rio da Prata quanto nas mediações culturais estabelecidas por Vicente e Ernesto Quesada. Conforme será analisado nos capítulos subsequentes, os artigos dos colaboradores estrangeiros — compostos por hispano-americanos e brasileiros — guardavam estreito vínculo com os debates e interpretações propostos pelo periódico, que colocava como um ponto de convergência das discussões intelectuais do continente.

## **2. 2 Hispanismo, história e raízes da identidade argentina**

Durante a maior parte do século XIX, as relações entre os países hispano-americanos e a Espanha foram marcadas pelo distanciamento. Após a emancipação, formou-se uma imagem negativa da antiga metrópole e do período de dominação colonial, associados ao absolutismo monárquico, à superstição e intolerância religiosa, à submissão, à falta de liberdade, ao atraso, ao parasitismo econômico e às limitações culturais. Tais características e suas implicações, enquanto heranças históricas, foram recorrentemente recuperadas por políticos e intelectuais a fim de explicar as dificuldades vivenciadas pelas repúblicas, a exemplo da afirmação do chileno Francisco Bilbao, em 1844, "o progreso consiste en desespañolizarse" (BILBAO *Apud* RAMA, 1982, p. 101), que sintetizava o sentimento de aversão presente nos escritos de autores progressistas e liberais da época — neles inclusos os

argentinos Sarmiento, Alberdi e Mitre. A repetição de argumentos dessa natureza acabou por constituir uma corrente de pensamento expressiva, que se difundiu no imaginário coletivo americano (RAMA, 1982, p. 101-102).

Naquela conjuntura, os promotores das jovens nações discutiram a necessidade de alcançar uma identidade autônoma, baseada em personagens locais e experiências intelectuais próprias. Contudo, na medida em que buscavam sua originalidade cultural, os elementos ibéricos, como a língua, etnia e costumes, asseguravam o alicerce sobre o qual se assentaria a fecundidade de relações futuras. De acordo com Carlos Rama (1982, p. 102), os acontecimentos espanhóis de 1868 a 1875<sup>53</sup>, quando somados à presença de imigrantes provenientes do país peninsular na América, incluindo professores, escritores e sacerdotes, além do maior contato cultural entre os intelectuais no último quarto do século, fizeram declinar a visão depreciativa relativa à Espanha, que passou a ser mensurada em termos mais complexos.

Esse processo atingiu seu ápice no ano de 1898, após a Guerra Hispano-Americana<sup>54</sup>, conflito que instituiu a independência cubana e que contou com a participação decisiva dos Estados Unidos. A derrota e a conseqüente perda das últimas possessões coloniais, representou a ruína definitiva do império colonial espanhol, mas, paradoxalmente, marcou o início de um profícuo diálogo entre escritores hispânicos em ambas as margens do Atlântico e o restabelecimento das relações culturais entre os países. O conflito teve uma peculiar leitura no ambiente latino-americano, pela qual a ex-metrópole passou de agressora a vítima e acabou por estimular a simpatia da opinião pública no continente (BEIRED, 2010, p. 210). Na Espanha, impulsionado por grupos nacionalistas e pela chamada "geração de 98", o conceito de *hispanidad* retratava a preocupação em modernizar a nação sem perder as bases de sua identidade. Segundo Capelato (2003, p. 38), em sua grande maioria, "os intelectuais do final do século XIX questionaram os valores de uma cultura expansiva — a anglo-saxã — cuja impetuosa modernidade se impôs sobre a tradição humanista latina que esteve na base da cultura ibérica". Nesta acepção, o reforço aos vínculos culturais hispânicos esteve associado a uma imagem negativa dos Estados Unidos e à ameaça intervencionista, em uma interpretação que subvertia os fundamentos das teorias raciais da época, norteadas por autores como Gustave Le Bon e Edmond Demolins, que ressaltavam a superioridade anglo saxã frente aos povos latinos.

---

<sup>53</sup> Os anos de 1868 a 1875 foram marcados pela queda de Isabel II e pela implantação de um regime de tendências liberais.

<sup>54</sup> Sobre a Guerra Hispano-Americana Cf. FRAGINALS, 2005; SAIANI, 2013; TONE, 2006.

O viés cultural alicerçado no hispanismo teve profundo impacto nas letras hispano-americanas na virada do século XIX para o XX — estimulado pela ampliação do intercâmbio intelectual e pela animosidade comum contra os Estados Unidos<sup>55</sup> —, acrescentando nuances à perspectiva que alinhava a herança espanhola ao atraso. Voltar-se à *Madre Patria* significava aos nacionalistas hispano-americanos — para os quais os problemas nacionais eram, sobretudo, de ordem moral — a exaltação de um ideal de civilização que recuperava a tradição espiritual da pátria em oposição aos desenfreados interesses materiais. Na Argentina, esta apreciação dialogava também com as reflexões acerca da imigração massiva e com as críticas ao projeto liberal oligárquico hegemônico, na segunda metade do século XIX.

Embora tenha ganhado novo fôlego em decorrência dos eventos de 1898, o pensamento hispanista conformou parte dos discursos das elites hispano-americanas em diferentes momentos dos oitocentos. Seja em caráter retórico, recorrendo a elementos espirituais e essencialistas, pautados na religião e na pureza idiomática como símbolos da hispanidade ou na defesa de projetos efetivos, tais como a ampliação dos contatos culturais e comerciais entre América e Espanha, essa corrente se fez presente de maneira ativa nos debates dos anos 1870 e 1880, período em que a afirmação de uma identidade nacional era latente nos países do continente. Felipe Gracia Pérez (2011) analisou o papel central do hispanismo no ideário político-cultural colombiano entre os anos 1878 e 1900, quando foi elaborado um projeto de organização estatal que, entre outros aspectos, visava a coesão social por meio da criação de laços de pertencimento e identificação entre os cidadãos, cujos valores e crenças comuns fundamentavam a nacionalidade.

O caso colombiano encontrou paralelo nos demais países da América Hispânica. Ao final do século XIX, as transformações introduzidas pela modernidade deram forma a um cenário social mais heterogêneo, atemorizando os grupos de elite que viam ameaçados seus privilégios. Nesse sentido, tornava-se imperativo a busca por um paradigma civilizador que aglutinasse ordem, coesão social, fortalecimento das instituições nacionais e, ao mesmo tempo, afastasse a nação dos "peligros de un progreso estrictamente material desbocado por la ausencia de frenos morales" (GRACIA PÉREZ, 2011, p. 26). O hispanismo, entendido como recuperação da essência hispânica apontava para esse caminho.

Outro componente que explica a relevância desse discurso era o ideal de civilização. Cultivado desde o início do século, o modelo civilizatório, com base nos padrões europeus

---

<sup>55</sup> Naquela conjuntura, a expansão estadunidense já se apresentava como uma ameaça aos países hispano-americanos, sobretudo pela apropriação de territórios mexicanos em 1848 e pelos projetos de construção de um canal interoceânico no território colombiano.

representava uma das metas da nação. A realização desse objetivo, porém, encerrava um paradoxo, pois requeria a equalização dos hábitos nativos, vistos com preconceitos; a negação da filiação espanhola e o desejo de inserir-se no contexto europeu. As dificuldades enfrentadas pelas repúblicas para o estabelecimento dos Estados, caracterizadas por disputas pelo poder e guerras civis, resultaram em diagnósticos pessimistas por parte dos letrados hispano-americanos, que identificaram a predominância da barbárie na vida política e cultural de seus países. O hispanismo e seu apelo ao legado ibérico como matriz da nacionalidade atenuava a complexidade do ajuste à retórica civilizatória, ao inscrever as jovens nações em um processo de longa data, ao mesmo tempo em que as projetava na comunidade internacional, funcionando como contraponto às primeiras incursões do expansionismo estadunidense.

Ao alinhar a identidade nacional à herança hispânica, os intelectuais nacionalistas também almejavam o estabelecimento de certa homogeneidade cultural aos habitantes da nação, traduzida tanto em suas origens, quanto em seus costumes. Apesar dessa intencionalidade, estabeleceram uma verticalidade hierarquizante, uma vez que evocavam uma etnia — ou *raza* —, o idioma castelhano e a religião católica como signos da pátria. Esta percepção identitária potencializava um acesso desigual à nacionalidade, assegurando o lugar de poder ocupado pelas elites (GRACIA PEREZ, 2011, p. 192). Em última instância, o hispanismo representou no continente o conservadorismo, o tradicionalismo e o catolicismo, refletindo a preferência de determinados grupos à manutenção da ordem e o imobilismo social em detrimento à mudança das feições da sociedade (RAMA, 1982, p. 103).

Os discursos projetados na *Nueva Revista de Buenos Aires* por Vicente e Ernesto Quesada<sup>56</sup> e pela maior parte dos colaboradores, dialogaram ainda que de maneira não sistematizada, com algumas das premissas da corrente hispanista. As raízes hispânicas e a ressignificação do passado colonial perpassaram os artigos sobre fronteiras, história, língua e literatura nacional. O aspecto religioso característico dessa vertente, não esteve em pauta no periódico, que inclusive criticou a participação da Igreja no âmbito educacional da República.

Os textos que remetiam à história e às disputas fronteiriças, escritos predominantemente por Vicente Quesada, demonstravam uma notável simpatia pela estrutura colonial espanhola, na qual o autor identificava o cerne da nação argentina. A nostalgia pela

---

<sup>56</sup> Ernesto Quesada viria a protagonizar discussões relacionadas ao hispanismo em seu momento mais candente na Argentina, que se estendeu às primeiras décadas do século XX, posicionando-se sobre a história nacional, a partir da publicação do livro *La época de Rosas*; do idioma nacional, defendendo a pureza do castelhano; e sobre as relações com os Estados Unidos, marcadas por uma profunda crítica.

grandeza territorial e simbólica do Vice Reinado do Rio da Prata foi decisiva nas interpretações do letrado.

De acordo com Quesada, por mais que os publicistas vociferassem contra o regime colonial, os fatos se impunham. Segundo o autor, uma análise acurada da história demonstrava que o período de domínio da coroa espanhola na América ensejava diversas qualidades. Estas estavam nas origens de muitas instituições argentinas, como era o caso do federalismo, que guardava semelhanças com o equilíbrio de poder existente entre as instâncias governativas regionais e o vice-rei, em uma efetiva máquina administrativa. O autor identificava um enorme exagero na argumentação em torno de um hipotético centralismo autoritário do sistema adotado pela Espanha, pois "cuando estudiadas las instituciones orgánicas del virreinato no se percibe tal centralismo absorbente, que por otra parte no se ha demostrado todavía hubiera nunca existido de hecho" (QUESADA, V., 1881e, p.359). Após descrever as liberdades políticas e a equidade vivenciada pelas províncias sob a regência da metrópole, Quesada afirmou que ao se desviar da tradição, suplantando a instituição colonial dos cabildos<sup>57</sup> — de base popular e local —, em benefício de um centralismo afrancesado, o país cometeu seu mais funesto erro. Este, ainda ecoava na República, causando prejuízos à nação, pois para ele o presidente detinha mais controle naquela conjuntura do que o vice-rei em sua época. Quesada admitiu que nutria simpatia pela Espanha, mas que seu juízo se pautava nos estudos sobre a organização colonial, "la simpatía no me extraviaría a estreno de no percibir la verdad, cuando ella se comprueba con el texto de leyes o con el tenor de las instituciones para el gobierno vice-real" (QUESADA, V., 1881e, p.360).

Quando não era possível tecer elogios ao período de dominação espanhola, Vicente Quesada tratava de minimizar os efeitos negativos do regime. Ao abordar a censura à imprensa, o letrado argentino contemporizou. Em um longo artigo, que remontava o desenvolvimento da imprensa na Espanha — sem o qual seria impossível compreender os sucessos no continente americano —, o autor encontrou equivalência nas restrições, já que a legislação acerca da liberdade de imprensa e importação de livros na metrópole não era mais liberal. Além disso justificou as medidas restritivas às colônias pela intenção espanhola de não gerar materiais que despertassem o interesse de nações estrangeiras, visando a manutenção do monopólio mercantil, aspecto que também foi atenuado por Quesada, que atentou para as consideráveis ampliações comerciais do século anterior. Por fim, assegurou que "la legislación restrictiva quedó en desuso propiamente hablando, y aunque no hubo

---

<sup>57</sup> Os cabildos eram unidades administrativas do sistema colonial com jurisdição municipal.

libertad de imprenta, los libros circulaban, y no conozco proceso alguno para quemar los prohibidos" (QUESADA, V. 1883b, p. 367).

O passado colonial foi recuperado por Vicente Quesada em todos os tomos da *Nueva Revista de Buenos Aires*. Por meio da análise de documentos de arquivos espanhóis, o autor buscou fundamentos para dar sustentação às pretensões territoriais argentinas nos litígios fronteiriços com o Chile e com o Brasil. O periódico constituiu-se em um suporte para a veiculação de suas ideias e lhe rendeu até mesmo uma indicação ao *Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto*. Os materiais coletados nessas pesquisas se desdobraram em outras duas séries, intituladas *Antiguos límites de la Provincia del Rio de la Plata* e *Historia colonial Argentina*, que, para além da discussão sobre direito internacional, representava uma perspectiva histórica que identificava o Vice Reino do Rio da Prata como molde da nação argentina.

Investigações sobre aspectos cotidianos também remetiam à herança hispânica. Eduardo Oliveira e José Nicolás Matienzo, discorrendo, respectivamente, sobre o sistema de correio e o procedimento parlamentar da República Argentina fizeram menção à Espanha:

La historia del Correo en el Rio de la Plata, está íntimamente ligada, como es natural, a la de las colonias españolas en América y por consecuencia a la de la **madre patria**. Es este el motivo porque al estudiar el origen de nuestro Correo, es necesario seguir a los soberanos españoles desde el siglo décimo sexto y ocuparse de las disposiciones que entonces tomaban para el gobierno y la administración de las tierras cuya conquista hacían en aquellos momentos (OLIVEIRA, 1881, p. 10. Grifo nosso).

La Constitución Argentina ha dedicado un capítulo al procedimiento que debe seguirse en la formación de las leyes, mas prolija en esto que la de los Estados Unidos [...] y de la **madre patria** (MATIENZO, 1882, p. 118. Grifo nosso).

O uso do termo *Madre Patria* acenava para uma alteração quanto à imagem da Espanha na Argentina. O movimento de valorização do legado cultural espanhol, que se auto-reconhecia como pan-hispanista, ampliava seu alcance nas últimas décadas do século XIX. De acordo com Beired (2010, p. 269), naquela conjuntura, os resultados práticos alcançados pelos intelectuais hispanistas foram escassos, mas demonstraram-se bem sucedidos em propor um conjunto de ideias unionistas que serviram de base para empreendimentos posteriores. A *Nueva Revista de Buenos Aires* se inscreveu nesse campo, dando publicidade a elementos que reforçavam a filiação argentina em relação ao país peninsular, contrastando com o discurso hegemônico alavancado por políticos e intelectuais liberais, no qual predominava uma visão negativa e o repúdio às características ligadas à hispanidade.

Apesar de ser um projeto pessoal, o periódico conseguiu aglutinar uma gama de colaboradores que coadunavam com as concepções identitárias defendidas pelos Quesada,

havendo pouco espaço para a polifonia no interior da revista. Este aspecto tornou a *Nueva Revista de Buenos Aires* um projeto sólido para a construção de uma concepção de identidade cultural argentina. A intencionalidade dos Quesada, nesse sentido, pode ser aferida em várias passagens, pois afirmavam recorrentemente a missão que os impelia a custearem tal empreendimento. Desejavam infundir uma determinada visão da sociedade argentina e influir política e culturalmente nos rumos do país. Apesar de ser forjada pela elite letrada, detentoras de um poder simbólico, a identidade nacional se estabelece por meio da interação com diferentes interlocutores, necessitando ser referendada por uma parcela significativa da sociedade. Desse modo, a dificuldade em mapear a recepção das proposições presentes na revista, nos impõe limitações quanto à análise de seu alcance. Julgamos, contudo, que os escritos publicados pelo mensário preconizaram discussões que viriam a compor a base do nacionalismo argentino e demonstraram como era vívida a arena de discussões acerca da singularidade identitária do país, na qual diferentes versões almejavam imporem-se, apesar da prerrogativa liberal, que saíra vencedora das lutas políticas das primeiras décadas independentes.

Entre as exceções que figuraram no periódico destacamos os textos de autoria de Bartolomé Mitre, por quem Vicente Quesada nutria discordâncias políticas, motivadas pela oposição ao governo da Confederação e pelo envolvimento argentino na Guerra do Paraguai. O posicionamento de Mitre quanto à Espanha divergia daquele apregoado por Quesada. Se por um lado admitia a herança cultural deixada durante o período colonial, por outro, criticava diversos aspectos da colonização espanhola, considerada por ele inferior se comparada com a efetuada pela Inglaterra na América do Norte. Além disso, condenava o absolutismo e a falta de liberdade econômica: “La madre patria no era ni podia ser para los americanos ni una patria ni una madre: era una madrastra” (MITRE *Apud* BEIRED, 2010, p. 211). A presença do ex-presidente entre os colaboradores da *Nueva Revista de Buenos Aires* foi anunciada por Vicente Quesada como signo da neutralidade política que o periódico se propunha a adotar, além de contribuir para o almejado prestígio da publicação.

Assim, a *Nueva Revista de Buenos Aires* foi palco do primeiro artigo de Mitre em resposta a Vicente Fidel Lopez, polêmica vista por vários autores como evento fundador da historiografia argentina. Na segunda metade do século XIX, acompanhando o desenvolvimento da historiografia ocidental, notou-se o progressivo reconhecimento de alguns letrados como historiadores. Esse processo teve como pano de fundo motivações políticas e metodológicas. Por um lado, a preocupação quanto à perpetuação de uma consciência histórica que permitisse desencadear uma imagem do passado, presente e do



porvir da nação, forjando um mito de origem e a legitimação da gestão política; por outro, a ampliação do acesso às fontes, a expansão de instituições públicas e privadas, tais como arquivos, bibliotecas e institutos, a diferenciação da narrativa histórica em relação a outros gêneros e a recepção de modelos intelectuais internos e externos para o estabelecimento de critérios de validação (DEVOTO, 2009, p. 16). A imprensa periódica assumiu um papel de centralidade na construção narrativa político-cultural naquela conjuntura, pois foi por meio desse suporte que as divergências de interpretação se tornaram públicas, assumindo a forma de debates.

Em 1858 surgiu em Buenos Aires uma coleção intitulada *Galería de celebridades argentinas: biografías de los personajes más notables del Rio de la Plata*, que tinha por finalidade recuperar a memória de personalidades civis e militares relacionadas à guerra de independência. Nesta, Bartolomé Mitre se ocupou da biografia do general Manuel Belgrano (1770-1820), advogado, político e militar argentino, além de criador do conceito da bandeira nacional do país. Em geral, os líderes dos processos de emancipação política da América hispânica foram ofuscados pelos confrontos ideológicos e pelas dificuldades em alcançar um consenso nas recém-formadas repúblicas, terminando suas vidas pobres, pesarosos, esquecidos e/ou exilados. A construção de um panteão de heróis nacionais teve lugar apenas na segunda metade daquele século, associado à busca por legitimação e consolidação dos Estados e das identidades nacionais.

Ancorado em uma extensa base documental, a biografia escrita por Mitre criou um mito de origem da nação liberal que tomaria forma após 1861, "una nación que el mismo Mitre inventaría y presidiría" (DEVOTO, 2009, p. 21). As contestações, notadamente políticas, não tardaram. O cordobés Dalmacio Vélez Sarsfield e Juan Bautista Alberdi, natural de Tucumán, foram seus primeiros opositores. Ambos identificaram no texto de Mitre uma sobrevalorização do general bonaerense em detrimento da população e de líderes oriundos das demais províncias, em uma reedição das controvérsias que opunham Buenos Aires e interior.

Em 1877, Bartolomé Mitre publicou a ampliação da biografia de Manuel Belgrano, com várias inserções, a começar pelo título: *Historia de Belgrano y de la independencia argentina*. Nela, o autor se empenhou em demonstrar a pré existência da nação e de uma tradição igualitária e republicana que culminaram no movimento revolucionário de 1810, gerado pelo meio, por um estilo particular de colonização, por relações sociais e por um conjunto de características culturais e econômicas. A prática de buscar no período colonial as respostas para a realidade vivenciada pelas repúblicas não era novidade entre os latino-americanos, mas onde a maioria dos intelectuais encontrou as raízes do atraso e da

desigualdade, Mitre observou o fenômeno inverso: "una colonización que en su espacio litoral había generado una sociedad sin desigualdades ostensibles, un régimen colonial que contenía el germen republicano que será a su vez — gracias a una continuidad irrefrenable — el soporte del ideal romántico de nacionalidad" (DEVOTO, 2009, p. 40-41). Era o surgimento de uma visão genealógica da nação, pautada em um desenvolvimento gradual da ideia de independência do povo argentino.

Em 1881, Vicente Fidel López publicou *La revolución argentina desde sus precedentes coloniales hasta el derrocamiento de la tiranía en 1852*, no qual fazia referências ao "biógrafo de Belgrano". As obras de ambos os autores compartilhavam a mesma visão política, na qual a burguesia liberal portenha figurava como protagonista do processo histórico. As divergências remetiam à metodologia empregada na produção do conhecimento sobre o passado e à reconstrução e interpretação dos fatos históricos (DEVOTO, 2009, p. 45). As críticas emitidas por López foram o ponto de partida do célebre debate com Mitre no mesmo ano. Este, por meio das páginas da *Nueva Revista de Buenos Aires*, contestou López com o texto *Comprobaciones históricas. A proposito de la Historia de Belgrano*. A resposta de López — *Debate histórico. Refutaciones a las comprobaciones históricas sobre la historia de Belgrano* — se fez conhecer por meio do jornal *El Nacional*, com direito a nova réplica de Mitre, intitulada *Nuevas comprobaciones*.

No artigo publicado no segundo tomo da *Nueva Revista de Buenos Aires*, Bartolomé Mitre expôs sua concepção metodológica do fazer historiográfico ao rebater as considerações que "bien que de poca monte y destituidas de documentos comprobantes, merecen ser tomadas en consideración, siquiera sea en honor de la verdad sabida y la buena fé guardada" (MITRE, 1881, p. 245). De acordo com o autor, seu objetivo não era julgar o mérito do livro de López, mas refutar as críticas dirigidas a ele, "someterlas a un método de rigurosa comprobación histórica que ponga en evidencia los hechos tal cual resultan de los documentos". Mitre (1881, p.246-247) definiu a tarefa do historiador como um "infatigable anhelo de verdad y justicia", por meio do qual

registra archivos, descifra documentos y compara testimonios, reuniendo los elementos dispersos de la vida del pasado que deben constituir la musculatura de su obra y darle valor y consistencia real, a fin de ofrecer un contingente nuevo y un cuadro animado verdadero, sea en el orden de los hechos, sea en el orden de las ideas, pues el que no da algo de esto á la histórica, no le da absolutamente nada.

López não era alheio à crítica documental, mas não compartilhava da mesma crença demonstrada por seu contendor. Para ele, os arquivos não abrigavam as soluções irrefutáveis para os problemas históricos, antes continham "cuando más, ínfimos o curiosos detalles sobre

incidentes personales que en nada pueden cambiar la noción viva y general que todos tenemos de nuestra reciente historia y de nuestra tradición de ayer" (LÓPEZ *Apud* DEVOTO, 2009, p. 45). Para corroborar sua afirmação evocava o historiador grego Tucídides, que sem documentação alguma elaborou uma obra paradigmática. Essa maneira de conceber a história explicava a predileção de López pelos testemunhos orais.

Os principais temas de discussão centraram-se nas atuações de determinados personagens nos eventos que culminaram com a independência argentina, entre eles San Martín. O desenrolar dos debates migraram para as páginas do jornal *La Nación* tão logo apareceram no mensário dirigido por Vicente e Ernesto Quesada. Contudo, em um novo artigo, Mitre reafirmou os objetivos da série e explicou o motivo da mudança:

[...] á fin de comprobar la verdad de los asertos que habíamos consignado en un libro, que sin razón, sin equidad y sin documentos se ha pretendido desautorizar, como se ha visto y se verá después mejor [...]Y fue movidos por estos propósitos también, que elegimos por campo la Nueva Revista de Buenos Aires, a la que por su índole y estilo correspondía el escrito, buscando principalmente que en ese terreno neutral conservase su carácter de discusión literaria sin confundirse en la corriente impetuosa y turbia del diarismo con el de la polémica que pudiera desnaturalizarla. Pero al emprender el trabajo, creímos que él no ocuparía sino dos artículos cuando más, y que en dos números, es decir, en dos meses, quedaría liquidada la discusión, sin darle más repercusión que la del público selecto, en cuyo medio circula aquella importante publicación. Una vez puestos al trabajo hemos visto que él formaría casi un libro, que ocuparía por lo menos seis números de la Nueva Revista aun disponiendo de treinta á cuarenta páginas cada uno de ellos, lo que prolongaría la publicación por seis meses, a lo menos, con perjuicio a todos. (MITRE, 1881b, 543-545).

A extensão da contenda e o desejo por encurtar o intervalo de tempo de publicação entre as partes do texto que chegariam ao público fez com que Mitre optasse por divulgar seu posicionamento nas páginas do *La Nación*, jornal de sua propriedade. O autor, contudo, destacou que manteria o tom comedido do texto, distanciando-se da associação, característica durante o século XIX, entre imprensa diária e a virulência das discussões políticas. Os editores da *Nueva Revista de Buenos Aires* lamentaram privar seus leitores da continuidade das controvérsias históricas travadas entre Mitre e López e sem emitir comentários acerca do exclusivo protagonismo portenho presente na obra historiográfica de Bartolomé Mitre — aspecto que Vicente Quesada questionava desde os tempos da *Revista del Paraná* —, elogiou o trabalho documental do general. Em outra ocasião, ao escrever sobre a repatriação dos restos mortais de San Martín e a construção do mausoléu/monumento que os abrigariam, Ernesto afirmou que "Historia de Belgrano, forzosamente ha de ser único en su género, por la rica y copiosa documentación inédita, correspondencias y papeles originales de que ha podido disponer" (QUESADA, E., 1883c, p. 613).

A polêmica que envolveu Mitre e López ilustrou o início da historiografia como um campo autônomo na Argentina, em um movimento que acompanhou de perto o estabelecimento da disciplina na Europa ocidental. Até então, o fazer historiográfico oscilava entre o pensamento filosófico — ao qual Mitre identificou seu contendedor —, o exercício literário e a prática erudita do levantamento indiscriminado de fontes. Leopold von Ranke (1795-1886) foi o precursor do postulado que balizou a concepção moderna de história. A busca pela verdade histórica e o desejo de relatar os fatos como "realmente ocorreram" se configuraram nas tarefas primordiais dos historiadores, o que seria alcançado mediante a análise metódica e revestida da relevância científica de documentos oficiais.

A estreita vinculação entre história e política ao longo do século XIX foi distintivo da historiografia surgida no contexto da construção dos Estados Nacionais, na qual, líderes, estadistas, batalhas, decisões e hesitações de grandes personagens foram mobilizados na consolidação das jovens nações. *Historia de Belgrano* cumpriu precisamente esse papel. Enquanto os escritos de Alberdi e Sarmiento apontavam para um projeto de futuro para a Argentina, Bartolomé Mitre compreendeu que aquela projeção necessitava ancorar-se em uma imagem do passado que a legitimasse (DEVOTO, 2002, p. 04). Neste ensejo, a biografia do general Belgrano — pertencente à elite portenha e um dos protagonistas da independência — aspirava justificar por meio de um passado comum a singularidade do país, a unidade nacional e o direito de Buenos Aires à liderança. Em seu "relato fundador", Mitre elaborou uma imagem da história argentina que continha uma leitura do passado que amalgamava o presente e as expectativas do porvir:

[...] constituía la más convincente defensa de la excepcionalidad argentina y del destino manifiesto de la nueva nación; la mejor presentación de aquello que Juan Agustín García, primero, y José Ortega y Gasset, luego, definirían como un incurable mito de los argentinos: el "sentimiento de la futura grandeza del país". Para ello Mitre construía una imagen de esa originalidad desde el momento colonial, contraponiéndola explícitamente al resto de América ibérica (DEVOTO, 2002, p. 08-09).

Vicente e Ernesto Quesada partilhavam da concepção historiográfica representada pelo trabalho de Bartolomé Mitre. A compilação e crítica documental embasavam os escritos dos editores da *Nueva Revista de Buenos Aires*, bem como a noção de que a história estava a serviço da pátria. Não obstante, diferiam quanto à interpretação mitrista pelo seu marcado viés portenho. A aspiração de inscrever as províncias argentinas equitativamente na história nacional foi um dos motes de atuação dos Quesada, amparada por uma inclinação federalista e nacionalista. Outrossim, mais do que inscrever o surgimento de um sentimento nacional no

período colonial, Vicente Quesada valorava os traços espanhóis que compuseram a argentinidade.

O texto de autoria do espanhol Enrique Dupuy de Lome<sup>58</sup>, um dos poucos autores europeus a colaborarem no periódico, evidenciou a tendência pan-hispanista da *Nueva Revista de Buenos Aires* para além dos limites historiográficos. No artigo *El movimiento intelectual español*, o diplomata se esforçou em apresentar a Espanha de maneira positiva, destacando as mudanças em curso, sobretudo na busca por avanços intelectuais da *Madre Patria*. Questionou a inexplicável separação entre as nações de língua espanhola dada a intrínseca origem das mesmas:

O las teorías de una de las más importantes escuelas filosóficas no significan nada y **las condiciones de raza** no han de tenerse en cuenta, o es de la mayor importancia para América asistir a los efectos producidos en España por la aplicación de los adelantos modernos, y es también para España indispensable estudiar el resultado de las leyes de otras naciones aplicadas a pueblos de **su misma raza** (DUPUY DE LOME, 1881, p. 252. Grifo nosso).

De acordo com Beired (2010, p. 211-212), desde a década de 1830, há evidências do empenho de intelectuais dos dois lados do atlântico no sentido de estreitar as relações entre as repúblicas americanas e a antiga metrópole. Nesse ensejo, assistiu-se a emergência do conceito de “raza española”. Os conflitos dos Estados Unidos com o México e a política do Destino Manifesto vieram a reforçar a tese da particularidade das raças, estimulando o desenvolvimento de projetos de confederação política e de aliança militar entre a Espanha e os países latino-americanos, entre os anos de 1850 e 1860. Concebidos por jornalistas, escritores e diplomatas da Espanha e da América, tais projetos, no entanto, foram vetados pelo governo espanhol e não chegaram a empolgar seus congêneres americanos, de tal modo que o único campo livre para tais experimentos foi o das relações culturais e intelectuais. As revistas foram os principais veiculadores de tais ideias, a exemplo da *Ilustración española y americana*, surgida em 1869, que foi lembrada por Dupuy de Lome como expoente das tentativas de estreitamento das relações entre as nações hispânicas.

O autor espanhol também deu sua interpretação sobre as críticas e o distanciamento entre as partes, que foram predominantes nas primeiras décadas após as independências no continente. Segundo ele, o cerne do antagonismo estava pautado nas ideias retrógradas que foram combatidas, de igual maneira, pelos peninsulares e pelos hispano-americanos.

---

<sup>58</sup> Enrique Dupuy de Lome ((1851-1904). Diplomata espanhol, exerceu função em Buenos Aires em 18880. Seu nome, porém ficou conhecido no contexto da Guerra Hispano-Americana, quando atuava na embaixada espanhola nos Estados Unidos. Na ocasião escreveu uma carta criticando duramente o governo estadunidense, esta foi interceptada pelos rebeldes cubanos e publicada em um jornal. Esse fato contribuiu para a deflagração da guerra em 1898.

[...] por causas naturales y conocidas la primera generación, después de la independencia, combatió con la pluma a España, dando el nombre de guerra contra la metrópoli a la guerra contra las ideas que iban poco á poco siendo vencidas en todas partes, y contra las que luchaban en España al mismo tiempo con igual encarnizamiento los españoles.

La segunda generación y pocos de los niños de la tercera por respeto a los maestros, por imitación o por manía han hecho lo mismo; pero lo hacen sin motivo. [...] hoy que España no es más que una nación extranjera y amiga, que ha luchado también y ha vencido a las doctrinas antiguas, los espíritus deben tener serenidad al estudiar hechos que pertenecen a la historia (DUPUY DE LOME, 1881, p. 251-252).

Em carta a Vicente Quesada, Enrique Dupuy de Lome ofereceu seus serviços como intermediário cultural entre a Espanha e a Argentina, com o envio regular de resenhas bibliográficas e análises de trabalhos científicos a serem publicados na *Nueva Revista de Buenos Aires*, bem como facilitando a circulação do periódico e de outros trabalhos de autoria americana nos centros ilustrados de seu país, "con gran provecho de todos porque así como del movimiento comercial nace la riqueza, del comercio intelectual nace el progreso" (DUPUY DE LOME, 1881, p. 253). Todavia, a colaboração não se tornou efetiva. Possivelmente a condição imposta acerca da remuneração por seu trabalho<sup>59</sup> inviabilizou o estabelecimento da parceria. As dificuldades financeiras, com as quais o mensário argentino conviveu durante todos os anos de circulação, não permitiam a realização de pagamentos pelos artigos publicados, fato que incomodava profundamente os proprietários. A despeito da constante defesa da profissionalização dos homens de letras, os artigos veiculados na revista foram devedores das relações pessoais dos Quesada, que culpavam a falta de patriotismo do público pelas escassas receitas do empreendimento.

A discussão acerca da nacionalidade argentina perpassou diversas temáticas na *Nueva Revista de Buenos Aires*. Além da gênese histórica, outros componentes identitários como a cultura literária, a língua e a raça também foram debatidos, embora de maneira mais pulverizada, pautando artigos sobre as políticas educacionais e as atividades intelectuais. Apesar de apregoar a identificação e desenvolvimento das manifestações da singularidade nacional, o mensário ficou circunscrito ao âmbito erudito, o que justificou a absoluta omissão dos elementos culturais de origem popular, exemplificado pela indiferença quanto às novelas gauchescas, sucesso editorial naquela conjuntura. Essa delimitação, que explicita a correlação entre a pretensa homogeneidade da identidade nacional e a hierarquização social inerente a ela, pôde ser observada nas opiniões emitidas por Ernesto Quesada acerca da língua nacional, na década de 1880, por meio da *Nueva Revista de Buenos Aires*, e no decênio seguinte, quando foi protagonista de um amplo questionamento sobre o tema.

---

<sup>59</sup> "Le ofrezco a V. hacerla; pero como todo trabajo, aún los míos que valen poco, merece un precio" (DUPUY DE LOME, 1881, p. 252).

O idioma praticado nos países hispano-americanos foi alvo de considerações de vários colaboradores do periódico argentino. As ponderações centraram-se na incorporação de elementos nativos ao castelhano e foram recebidas com entusiasmo pela direção da *Nueva Revista de Buenos Aires*. Em 1883, quando publicou um fragmento da introdução do *Diccionario de Peruanismo*, de autoria de Juan de Arona, Ernesto Quesada agradeceu ao autor pela disponibilização do texto e lembrou iniciativa similar da extinta *Academia Argentina*, que havia iniciado a coleta de materiais para a elaboração de um *Diccionario de Argentinismos*. Lamentou, porém, a escassa bibliografia a respeito do que chamou de americanismos, acrescentando uma lista de obras e/ou artigos de imprensa que versavam sobre os vocábulos de cada um dos países hispânicos do continente. A concordância com a iniciativa era condizente com a proposta do periódico de destacar as peculiaridades da pátria. Nesse ensejo, a incorporação de expressões criollas, fruto das experiências locais, ao espanhol simbolizava a singularidade da língua nacional.

Ao final da década de 1890, Ernesto Quesada sustentou posição distinta em meio a um acalorado debate com o linguista francês Luciano Abeille, que teve lugar nas páginas da *Revista Nacional*. Naquela conjuntura, Quesada se mostrou preocupado com o entusiasmo despertado pela linguagem criolla e por dialetos marginais em alguns grupos intelectuais, que enxergavam ali o surgimento de um idioma original. Segundo Bertoni (2001, p. 204), Abeille

sostenía que la lengua era un producto de la vida de los hombres, el resultado de las acciones individuales y colectivas en la sociedad. Quienes provenían de otras culturas no sólo eran hablantes sino también agentes de sus modificaciones. El idioma de los argentinos estaba en formación y se iría definiendo a medida que la mezcla cultural diera lugar a un producto nuevo.

Destacando a questão como uma pauta sensível à pátria e não mero problema literário, Ernesto Quesada refutou vigorosamente o entendimento do idioma como um processo ainda em formação e defendeu que a única língua nacional era o castelhano, que se assentava em séculos de história e correspondia a uma cultura e uma raça. A mudança no posicionamento de Quesada respondia ao contexto da década de 1890, quando os influxos da imigração em massa se tornavam ainda mais palpáveis. Apesar de entender que o ingresso de imigrantes era benéfico ao país, o autor defendia que era absolutamente necessário assimilá-los à nacionalidade argentina, pois "las naciones, como los individuos solo valen y significan por su carácter, por su personalidad. Un país sin sello propio, es como un escritor sin estilo: o es nadie. El cosmopolitismo no ha engendrado jamás nada fecundo, ni en política ni en literatura" (QUESADA, E. *Apud* BERTONI, 2001, p. 205).

A argumentação de Quesada revelava o temor diante da variedade de idiomas que inundava o país naquela conjuntura, idiomas que seriam responsáveis por corromper a estrutura da língua nacional e por eclipsar a própria pátria. Para Quesada, a afirmação da cultura nacional passava obrigatoriamente pela pureza idiomática, pela atuação do Estado como agente da integração dos imigrantes a um modelo preexistente, e em última instância pela manutenção da "unidade suprema de la raza".

De acordo com Bertoni (2001, p. 205-206), o posicionamento de Quesada quanto à questão da língua nacional se ligava também à sua preocupação acerca do expansionismo norte-americano. Esta temática ganhou destaque nos escritos do autor, sobretudo, após a Guerra Hispano-Americana, quando a pretensão de hegemonia dos Estados Unidos no continente se tornou inquestionável. O fortalecimento da nação com base em um critério etnolinguístico e a unidade cultural da América Hispânica se configuravam na melhor maneira de impor resistência à potência anglo-saxã. Nessa perspectiva, a tendência hispanista de Ernesto Quesada foi evidenciada uma vez mais:

Si se apelara al sentimiento, predominaría el que arranca de la comunidad de raza, lengua y religión, que nos hace históricamente solidarios con España, con **la madre patria**, con la cual deben estrecharse las vinculaciones de intereses, para hacer que en el porvenir marchen de consuno en el destino de los pueblos de habla hispana, el interés y el sentimiento (QUESADA, E. *Apud* BERTONI, 2001, p. 206-207. Grifo nosso)

Na *Nueva Revista de Buenos Aires*, as menções aos Estados Unidos foram escassas. Entendemos essa opção como uma estratégia de construção e afirmação da identidade, que enfatizou antes as características da hispanidade e os laços de fraternidade latino-americanos do que a oposição àquele país. Uma das referências mais significativas foi um comparativo entre o sistema universitário vigente nos dois países. Em um longo artigo sobre o balanço anual de 1881, apresentado pelo ministro de instrução pública, Ernesto Quesada criticou o descaso e os poucos resultados das políticas educacionais do primário ao ensino superior, censurando os superlativos eleitoreiros utilizados por políticos para dissimular a realidade. O ponto mais sensível do texto pautou-se no rechaço aos que discordavam da responsabilidade do Estado para com a universidade e defendiam que o ensino deveria ser custeado pelos próprios estudantes, a exemplo do que ocorria nos Estados Unidos.

Los partidarios de tan funesta doctrina señalan a los Estados Unidos, pero nadie ignora que si allí casi todo el mundo sabe leer y escribir, el nivel intelectual de la Nación es por lo general bajo, causa a la cual atribuyen los críticos su relativa esterilidad en grandes hombres que descuellen en las letras o en las ciencias. Reina allí demasiado el humbug en todas las esferas sociales, para que no se haya contaminado también la enseñanza; — efectivamente, la mayor parte de las tituladas Universidades son tal vez empresas mercantiles para conceder diplomas y



certificados al que mejor los pague — deplorable estado que los norte-americanos no nieguen en manera alguna (QUESADA, E., 1881b, p. 617).

As críticas à sociedade estadunidense resvalavam na dicotomia amplamente difundida no século XIX entre latinos e anglo-saxões. Esta girava em torno de temas tais como, democracia *versus* aristocracia; protestantismo *versus* catolicismo; materialismo e anti-intelectualismo *versus* idealismo. De acordo com Stella Maris Scatena Franco (2017, p. 39), embora tenha sido mobilizada de maneira mais enfática em face das intervenções norte-americanas, a oposição entre uma idealizada particularidade que vigoraria entre os povos de origem latina, especialmente os hispano-americanos, e uma também imaginada visão sobre o caráter anglo-saxão, que seria marcante entre os estadunidenses, já estava presente nos primórdios do século XIX.

Com vistas a demarcar as diferenças culturais entre as partes, uma série de imagens foram veiculadas — sobretudo por meio de escritos de viajantes hispano-americanos que visitaram os Estados Unidos — e fincaram raízes no imaginário das jovens repúblicas. Na crítica de Ernesto Quesada, destacou-se a caracterização da sociedade estadunidense pela mediocridade do utilitarismo, materialismo exacerbado e o anti-intelectualismo, uma fórmula utilizada recorrentemente na comparação com a América Latina.

Nos relatos de viagem analisados por Franco (2017, p. 52-59), uma série de características dos norte-americanos apresentava como ponto de partida a moral cunhada pelo protestantismo, que impelia os indivíduos a concentrarem suas energias no trabalho e na acumulação financeira. Estas características atingiram níveis extremos, das quais derivavam o materialismo sem medida e, conseqüentemente uma postura de aversão à atividade intelectual. A falta de escrúpulos e ganância apareciam associados ao comportamento anti-intelectual, uma vez que o exclusivo interesse pelo lucro levava os estadunidenses ao desprezo pelo refinamento cognitivo, que demandava muito tempo sem que a recompensa material retornasse necessariamente na mesma medida.

Entre as representações dos viajantes hispano-americanos, mereceu destaque a do chileno Benjamín Vicuña Mackenna. Exilado político entre os anos de 1853 e 1855, o autor publicou seu relato em 1856 e foi enfático ao negar a vocação erudita dos norte-americanos. De acordo com sua apreciação, estes possuíam uma personalidade mercantil, calculista, interesseira e individualista e não havia valores morais que se interpusessem aos bens pecuniários: "Todo se contamina aquí con este vírus sacrus de la ganancia y del money making, como los americanos dicen. (...) Yo no acuso, cito hechos que he visto por mis ojos; todo es plata aquí, negocio, egoísmo, amor por lo mío y codicia o menosprecio por lo ajeno,

según valga o no dinero" (VICUÑA MACKENNA *Apud* FRANCO, 2017, p. 61). O exemplo paradigmático da exploração financeira e da falta de gosto artístico era o empresário do ramo do entretenimento Phineas Taylor Barnum, a quem Vicuña Mackenna chamava de "el rei del humbug", palavra que pode ser traduzida como farsa, tapeação ou charlatanice. Quanto à educação formal nos Estados Unidos, o chileno concordava que ali existiam muitas escolas, mas os conteúdos não eram ministrados de forma a cultivar a inteligência, mas sim o espírito prático. Por outro lado, indicava que na América Espanhola a quantidade de escolas era reduzida, mas os ensinamentos mais profundos.

Na crítica elaborada por Ernesto Quesada os ecos desses estereótipos foram significativos. A afirmação do materialismo e do nivelamento intelectual, comprovado pela escassez de homens de letras notáveis, convergia com as representações recorrentes acerca da índole dos norte-americanos. O amplo conhecimento e acesso às obras bibliográficas hispano-americanas, nos possibilita concluir que Ernesto tenha lido muitos destes relatos de viagens, literatura muito comum à época, sobretudo o livro de autoria de Benjamín Vicuña Mackenna, dado o vínculo dos Quesada com chileno, que foi colaborador da *Revista de Buenos Aires*.

Em suas reflexões sobre os sistemas educacionais dos dois países, Ernesto Quesada ressaltava que o caminho para o progresso da Argentina diferia daquele trilhado pelos Estados Unidos. Desenvolvimento econômico e erudição consubstanciavam-se para a construção de uma nação forte. Era, pois, dever imprescindível do Estado e de todos os cidadãos, por meio do pagamento de impostos, o fomento da instrução superior:

[...] cuyo nivel intelectual se eleva, cuyas instituciones se perfeccionan, cuyas industrias adelantan, cuyas ciudades se salubrifican, cuyos caminos se ven cruzados por ferro carriles y telégrafos, cuyas leyes se ven mejor interpretadas y cuya salud está a salvo, por lo menos de los charlatanes y de los empíricos (QUESADA, E. 1881, p.618).

Anos depois, em um artigo que tinha por objetivo enaltecer os méritos do poeta e ensaísta estadunidense, Ralph Waldo Emerson (1803-1882), — a quem Ernesto Quesada classificou de escritor extraordinário —, o argentino reafirmou as impressões acerca da sociedade norte-americana:

En los Estados Unidos la civilización tiene caracteres diametralmente diversos a los que presenta en Europa o en otras partes del mundo. Todo en aquel país es colosal [...] Las gentes allí no vegetan; viven, pero viven como poseídas de un demonio implacable, como si por sus venas circularan corrientes eléctricas. Se acumulan riquezas tan fabulosas que no hay posibilidad de derrocharlas. Todo hombre, desde un Vanderbilt hasta el mísero pioneer, solo sueña y se agita por acumular dinero sobre dinero. Parece una fiebre endémica en toda la nación.

En un país tan completamente absorbido por la sed de la riqueza, en la cual piensa cuando trabaja y sueña cuando duerme, no hay tiempo disponible para el cultivo de las bellas letras. Los que escriben en los Estados Unidos lo hacen por mero placer, teniendo su existencia a cubierto de las necesidades de la vida, y como un mero lujo.

No quiere esto decir que el pueblo norte americano deje de interesarse a su manera en las cosas de la inteligencia. Emerson es un ejemplo de ello (QUESADA, E., 1883a, p. 212-213).

A *Nueva Revista de Buenos Aires*, contudo, não explorou expressivamente a oposição entre latinos e anglo-saxões. É interessante destacar que as menções feitas aos Estados Unidos demonstravam que os proprietários do periódico não eram alheios a tal dicotomia, celebrizada com a publicação de *Ariel*, do ensaísta uruguaio José Enrique Rodó, em 1900. A predominante omissão pode ser entendida pela intencionalidade dos intelectuais argentinos em construir e consolidar uma identificação latino-americana, como um aspecto inerente aos países do subcontinente. Ao ignorar a potência norte-americana, todo o foco se concentrava nas nações irmãs e no papel da Argentina como nordestora cultural e expoente político no continente.

### 2.3 As províncias do interior e a identidade nacional

A intenção de superar o passado recente de guerras civis e de disputas entre Buenos Aires e as províncias do interior estava na essência do periódico. Na apresentação do primeiro número, a direção enfatizou que o empreendimento não endossava rancores políticos, dirigindo seus esforços para a consolidação da paz, "como necesidad y conveniencia, como condición para el más amplio ejercicio de la libertad, como base para la prosperidad y desarrollo de la riqueza" (QUESADA, V., 1881a, p. 7). Todavia, esse objetivo passava, segundo os Quesada, pelo equilíbrio simbólico entre as unidades federativas da República. Neste aspecto, a filiação da *Nueva Revista de Buenos Aires* em relação aos empreendimentos jornalísticos anteriores de Vicente Quesada era palpável. Tal como a *Revista del Paraná* e a *Revista de Buenos Aires* pretendia-se o estabelecimento de uma visão história e de uma cultura que ultrapassassem os limites da província portenha, visando o robustecimento da nação.

Tão logo se concretizou a independência do território, a América Hispânica se viu envolta em lutas entre facções da elite e províncias que se opunham. Com a impossibilidade do estabelecimento de um poder central, os caudilhos eram muitas vezes os únicos responsáveis pela imposição da autoridade no jovem país. Reflexos políticos do localismo e do personalismo gestados desde os tempos coloniais, os caudilhos angariavam maiores simpatias das massas populares do que a elite centralista e suas teorias abstratas de governo. De acordo com Shumway (2008, p. 29), os conflitos internos que se seguiram à emancipação podem ser atribuídos diretamente ao embate entre caudilhos localistas e grandiosos sonhos

utópicos da elite urbana. Como resultado, as possessões coloniais espanholas passaram por um processo de fragmentação, a exemplo do Uruguai e do Paraguai que se separaram da Argentina, desejosa em manter as fronteiras do Vice Reino do Rio da Prata.

Eram débeis os laços que uniam as províncias argentinas quando da independência. Durante o período colonial, a Argentina estava sob o domínio espanhol, mas na prática o contato real com a metrópole era exíguo. A oeste, existiam os pequenos povoados de Mendoza e San Juan, situados no sopé dos Andes, mais ligados ao Chile que a Buenos Aires. Ao norte, havia Tucumán, Salta e Jujuy, mais próximas das culturas indígena-espanholas do Peru. Mais ao centro, estava Córdoba, um ativo centro de conservadorismo político, educação escolástica e fervor religioso. Ao longo do rio Paraná havia uma rica área agrícola conhecida como "litoral", com as pequenas povoações de Santa Fé e Paraná. Além disso, às margens do estuário do rio da Prata situava-se Buenos Aires, geográfica e culturalmente distante do resto da Argentina, mas ávida, pela localização privilegiada entre os férteis pampas e rotas comerciais oceânicas, a exercer uma hegemonia peculiar sobre as províncias do interior. À exceção do "litoral", os pontos habitados interligava-se apenas por rotas terrestres extensas e de difícil transposição. A viagem entre Tucumán e Buenos Aires, de cerca de 1200 quilômetros, levava em média dois meses. Por isso, cidades e províncias argentinas desenvolveram-se relativamente isoladas entre si, o que nutriu um forte sentimento de lealdade localista, incompatível com uma visão comum de destino nacional (SHUMWAY, 2008, p. 33-34).

Desde a formação do Vice Reino do Rio da Prata, em 1776, Buenos Aires, refletindo seu próprio localismo, aspirava controlar as demais províncias, pressionando-as mediante normas alfandegárias e intervenções na vida financeira. Diante dessa invasão da autonomia local os dirigentes das províncias passaram a temer uma nova hegemonia dos portenhos, "temor que teria como resultado quase cinquenta anos de guerras civis, começando logo depois das Guerras de Independência" (SHUMWAY, 2008, p. 38). Entre 1810 e 1853, a Argentina não atingiu uma estrutura estatal permanente, reflexo do embate entre unitários, partidários do centralismo, e federalistas. O federalismo argentino da primeira metade do século XIX constituía-se em um conjunto de tendências políticas, pouco definidas em termos doutrinários e que englobavam as reivindicações de autonomia das províncias.

O federalismo liberal que se formou na Argentina na segunda metade do século XIX era permeado por paradoxos, de tal maneira que os conceitos tradicionais são insuficientes para definir seu caráter e trajetória. Em teoria política, federalismo e liberalismo subtendem limitação do poder político, contudo, na Argentina designou um Estado nacional e um regime

capaz de subordinar as províncias (BOTANA, 1993, p. 224). Conciliando tradições opostas em uma fórmula possível, "no nacía el pacto federal en Argentina de unos territorios que guardaban su originaria independencia cediendo parte de su soberanía, sino de la autonomía que un poder central concedía a un conjunto de provincias que antaño fueron parte de un solo Estado" (BOTANA, 1993, p. 227). A década de 1880 foi emblemática quanto à atenuação dos conflitos intraprovinciais na República. A federalização da cidade de Buenos Aires e a administração de Julio Argentino Roca (1880-1886) concorreram para um estrito enlace entre a política partidária nacional e a provincial.

Naquela conjuntura, a debilidade entre partidos políticos antagônicos deu lugar a um partido único. O Partido Autonomista Nacional — PAN — se constituiu, inicialmente, em uma liga de governadores que levou Roca à presidência, esta era composta por todos os governadores provinciais com exceção dos representantes de Corrientes e Buenos Aires, que apoiaram a candidatura de Carlos Tejedor. Era uma aliança integrada, principalmente, por dirigentes do velho Partido Federal, liberado por Justo José Urquiza e do Partido Autonomista, comandado por Adolfo Alsina. Depois da revolução de junho de 1880, com as eleições em Corrientes e Buenos Aires, o PAN recebeu apoio, ao longo da década de 1880, dos catorze governos provinciais<sup>60</sup>.

Como observado por Paula Alonso (1997), o governo Roca apresentou-se ao país como a administração que viria garantir a paz e impor a ordem, superar os anos de anarquia e revoluções e iniciar uma nova era na Argentina moderna. Para lastrear sua administração, Roca reafirmou, constantemente, sua participação direta no processo de federalização da cidade de Buenos Aires, considerado o último problema a ser superado para a construção da nação argentina. A unidade do partido e a paz nas províncias eram metas primordiais de sua administração. Para alcançá-las, Roca muitas vezes teve que resignar-se a perder sua influência direta sobre uma província, renunciar a reverter uma situação adversa ou abster-se de dissolver uma situação provincial autônoma. Os objetivos da política nacional limitavam a atuação do presidente, mas ao mesmo tempo eram esses limites que tornavam possível seu êxito (ALONSO, 2003, p.292).

Todavia, os ecos das disputas históricas com a província de Buenos Aires continuavam perceptíveis. De acordo com Alonso (2003, p. 282), "el roquismo no consiguió en esos años hacer pie en un mundo porteño-bonaerense en el que nunca se sentiría cómodo.

---

<sup>60</sup> A despeito da hegemonia exercida pelo PAN naquela conjuntura, o partido contou com ao menos quatro vertentes, que disputaram em si. A dinâmica intra-partidária e seus desdobramentos foi analisada por ALONSO, 2003.

Dada la histórica y sensible relación, cualquier intento de imposición presidencial sobre la Provincia de Buenos Aires podía hacer peligrar la existencia misma del Estado nacional". Assim, Roca considerava importante afastar o governador de Buenos Aires, na ocasião Dardo Rocha, das pretensões presidenciais, uma vez que para ele seria inconveniente que um portenho governasse a nação "para la seguridad misma y definitivo afianzamiento de sus organización y autonomía conquistadas a costa de tantos sacrificios" (ROCA *Apud* ALONSO, 2003, p. 282).

A circulação da *Nueva Revista de Buenos Aires* se deu nesse cenário de construção e afirmação do Estado nacional e da busca por atenuar os conflitos intraprovinciais. As cisões políticas não ocuparam grande espaço nas páginas da revista, que, de modo geral, se empenhou em apresentar um país coeso, pacificado e que marchava para o progresso em todos os aspectos, sobretudo no intelectual. Superar preconceitos que ligavam as províncias do interior à barbárie dos caudilhos, à vida simplória e à falta de ilustração foi um dos propósitos do periódico. Todavia, o mensário não se pautou nas rivalidades provinciais, o que poderia incitar animosidades políticas e evocar dualidades que se pretendiam ultrapassadas. A estratégia utilizada foi a incorporação de uma considerável quantidade de artigos assinados por escritores provenientes das províncias do interior, ou ali radicados, que tratavam de temas jurídicos, históricos, educacionais e demográficos relativos às províncias; além da elaboração de resenhas críticas de variadas obras publicadas no interior e/ou sobre aquelas localidades, pontuadas por inserções elogiosas da direção da revista:

El doctor [Baldomero] Llerena ha comentado pacientemente cada uno de los 4053 artículos que tiene el Código Civil [...] Obras de esa magnitud se desarrollan con mayor lozanía en la tranquila vida de provincia, donde la soledad obliga a escribir, porque fuerza a pensar. En los grandes centros, en medio del bullicio atronador de pasiones encontradas, rara vez se tiene suficiente calma para ello, y solo son el patrimonio de esas almas fuertes que profesan la doctrina de Goethe: "es menester gastar con el trabajo lo que nos atormenta" (*N. de la Direc.* LLERENA, 1882, p. 42).

Na falta de livros, os relatórios e ações dos governos provinciais se tornavam pautas do mensário. O relacionamento político de Vicente Quesada com representantes de vários distritos administrativos facilitava o trânsito destes documentos na *Nueva Revista de Buenos Aires*. Por meio desse expediente, o periódico divulgou, por exemplo, os trabalhos da administração da cidade de Córdoba para a conservação das atas de seu Cabildo, iniciativa classificada pelos Quesada como um ato patriótico e modelar às demais províncias do país, posto que preservar a memória dessas unidades coloniais era zelar pela própria história do país.

Por vezes, um tom de lamento perpassava as declarações do periódico, sobretudo, ao sinalizar o percurso que ainda deveria ser trilhado pelas letras argentinas nos rincões do país, mas as críticas eram rapidamente justapostas por efusivas demonstrações de confiança:

Decididamente el movimiento intelectual argentino pasa en estos momentos por un periodo de verdadera actividad. Las nuevas publicaciones se suceden unas a las otras con inusitada rapidez, y lo que es aún más interesante, las obras de positivo merito sobresalen en regular número. **Quejaba a poco la Nueva Revista de que las provincias argentinas carecían de verdaderas monografías históricas, salvo algunas excepciones que se mencionaron entonces; pero parece que pronto cesará tan lamentable estado de cosas** (REVISTA BIBLIOGRÁFICA, 1881c, p.706. Grifo nosso).

La Nueva Revista se complace en señalar el movimiento que en las provincias del interior se nota en un tiempo acá, respecto a las cuestiones más vitales e importantes (REVISTA BIBLIOGRÁFICA, 1881b, p. 424)

A despeito das declarações de neutralidade política da direção da revista, o posicionamento federalista e nacionalista, em oposição ao discurso liberal portenho, se fez presente em relação à política interna. Ao comentar a publicação do santafesino Gabriel Carrasco, *Datos estadísticos de la provincia de Santa Fé (Republica Argentina)*, a direção do periódico afirmou que a República Argentina era um país pouco conhecido, apesar de tudo que já havia sido escrito sobre ele, pois ainda faltava uma obra de fôlego sobre o passado colonial e até mesmo sobre a história pós-independência que ultrapassasse os limites da província de Buenos Aires, dedicando-se em igual medida ao interior:

[...] las obras de carácter general son todas deficientísimas, y las más completas parecen casi ignorar la historia del interior de la República, a juzgar la manera como hacen gravitar todos los acontecimientos de nuestro pasado en la otrora provincia de Buenos Aires. Las demás provincias pasan casi desapercibidas: esto evidentemente es un grandísimo defecto que es indispensable corregir (REVISTA BIBLIOGRÁFICA, 1881a, p.480).

De acordo com os Quesada, a historiografia se apresentava como um campo fecundo para que os "hijos de las diversas provincias argentinas" pudessem contribuir para o esclarecimento da história nacional "tan tergiversada y tan poco conocida aún" (REVISTA BIBLIOGRÁFICA, 1881a, p.482). A *Nueva Revista de Buenos Aires* almejava ocupar esse vazio, oferecendo acolhida aos autores e à produção literária do interior, com o objetivo de impulsionar o movimento intelectual do país como um todo, fortalecer os laços fraternais entre as unidades federativas e superar iniciativas localistas que debilitavam a nação.

Como se tornaria patente na Argentina em décadas posteriores, distintas interpretações acerca da história nacional se opuseram nas páginas da *Nueva Revista de Buenos Aires*, especialmente no tocante ao papel dos caudilhos. A historiografia argentina do século XIX, cujo marco inicial foi a biografia de Belgrano, escrita por Bartolomé Mitre, consagrou um panteão de heróis nacionais, no qual o protagonismo liberal e portenho era inquestionável. A

propósito da publicação de um ensaio sobre a província de Tucumán, assinado por Paul Groussac, Adolfo Carranza<sup>61</sup> elaborou um minucioso artigo questionando várias passagens da obra do intelectual fraco-argentino e assumindo posições que contrastavam, em parte, com a versão oficial da história nacional.

Carranza, ao iniciar sua análise, indicou que não poderia deixar passar alguns erros e apreciações infundadas e injustas feitas por Groussac, associado pelo autor ao unitarismo. O incômodo de Carranza esteve centrado, sobretudo, na depreciação de personalidades ligadas ao federalismo argentino do início do século XIX. Para ele, classificar os caudilhos como simples bandoleiros demonstrava o desconhecimento da história pátria — justificada pela condição de estrangeiro de Groussac —, uma vez que aqueles homens, apesar de suas arbitrariedades e ignorância, salvaram o país do regime monárquico e impulsionaram a adoção do sistema federal que regia a nação.

Contudo, o autor não se pautou por maniqueísmos, pois seu objetivo maior era defender uma posição nacional em face ao que entendeu como um ataque de um escritor estrangeiro. Quanto à tendência monárquica de alguns revolucionários argentinos, levantada no ensaio histórico de Groussac, Carranza contemporizou e declarou ser esta uma medida desesperada diante dos desentendimentos e da violência da guerra civil, que emergiu da luta dos revolucionários que, sem ajuda de nações estranhas, empreenderam tão formidável resistência.

Ah! como se conoce que el señor Groussac no es argentino, cuando nos dice que era aquellos a quienes hemos levantado o tratamos de levantar estatuas y nos acusa de glorificarlos.

[...] Dejad a los argentinos que eleven monumentos a sus grandes patriotas como Belgrano y a los benefactores como Rivadavia. Sus errores están perdonados por la posteridad, por el único juez para fallar — el pueblo argentino (CARRANZA, 1883, p. 655-656).

Em defesa da memória daqueles que lutaram pela emancipação, Carranza classificou como puritana a posição de Paul Groussac acerca das proposições monárquicas: "Decid con sentimiento que es lástima que siendo republicanos, esos varones, fuesen en busca de un monarca, pero no les señaléis como indignos, porque ultrajáis la conciencia, el derecho y la gloria de todo un pueblo" (CARRANZA, 1883, p. 656). As considerações sobre a morte de Santiago de Liniers, em 1810, também foram alvo de contestação. O vice-rei, que defendeu a

---

<sup>61</sup> Adolfo Pedro Carranza (1857-1914). Nascido em Buenos Aires, Carranza ingressou na Universidad de Buenos Aires em 1875, mas obteve seu título de doutor em jurisprudência muitos anos depois. Sua tese, apresentada em 1908, versou sobre *Nuestro Federalismo*. Exerceu cargos públicos — na data do artigo era secretário da legação argentina em Assunção no Paraguai —, criou e dirigiu a *Revista Nacional* (1886-1893). Todavia seu maior reconhecimento está ancorado na fundação do *Museo Histórico Nacional*.



cidade de Buenos Aires quando das invasões inglesas em 1806, foi fuzilado por manter uma posição contrária ao movimento independentista. Para Carranza,

Los argentinos que reconocen legítima la revolución de 1810, no aplauden, pero tampoco condenan la actitud enérgica del comisario [Juan José] Castelli en la tragedia del Pozo del Tigre. La muerte de Liniers fue una necesidad — no hubo crimen porque se hacía en nombre de derechos santos y con la idea de conseguir la anhelada libertad, después de tres siglos de letargo y opresión. [...] Como argentinos lamentamos el fin del héroe de la Defensa de 1806, pero salvamos también en homenaje a la patria que querían darnos, los nombres de aquellos que ordenaron su ejecución (CARRANZA, 1883, p. 654).

Mais contundente foram as declarações sobre Manuel Dorrego. Militar e político argentino, Dorrego participou efetivamente do movimento revolucionário de 1810 e na década de 1820, foi eleito governador de Buenos Aires. Cabe destacar que a dicotomia Buenos Aires/ unitários *versus* Províncias/ federalistas é bastante frágil, uma vez que essa era uma tendência e não uma regra. Dorrego era marcadamente federalista, a despeito de ser bonaerense. Na década de 1880, já estava consagrada a versão liberal da história pátria representada pela coleção *Galería de Celebridades Argentinas*, na qual Mitre publicou pela primeira vez sua biografia de Belgrano. Diante da vitória no embate ideológico, não causa surpresa que os heróis nacionais mobilizados pela compilação fossem todos servidores da causa portenha, ou seja, entre eles não havia um só caudilho. A seleção refletia claramente esse viés, destacando os generais San Martín, Manuel Belgrano e Juan Lavalle; o almirante Guillermo Brown; o padre liberal Gregorio Funes; os políticos Bernardino Rivadavia e seu ministro, José Manuel García; o escritor Florencio Varela, além do pensador político Mariano Moreno. Muitas manobras foram requeridas para viabilizar esse viés da história nacional, tais como esclarecer as associações de alguns desses personagens com caudilhos, incluso Juan Manuel de Rosas, defender a democracia e ao mesmo tempo condenar o prestígio dos líderes populares, explicar a falta de popularidade dos unitários e, sobretudo, justificar o assassinato do governador de Buenos Aires, Manuel Dorrego por Juan Lavalle.

Em 1826, após o fuzilamento de Dorrego, sobreveio a nomeação de Bernardino Rivadavia pela Assembleia Legislativa. A curta administração de Rivadavia foi classificada pelos historiadores liberais, afinados com o discurso unitário, como "experiência feliz", camuflando os acontecimentos políticos que ensejaram sua ascensão. Na contracorrente dessa interpretação, Adolfo Carranza apontava para os méritos de Dorrego e para a irregularidade do posto de Rivadavia, ainda que atenuasse as críticas aos heróis da história nacional:

La historia recién comienza a levantarse en el altar de la gloria la figura culminante y simpática del coronel Dorrego.  
La caída de Rivadavia, era un hecho natural dada la situación del país y la mayoría de elementos que le dirigían.

Elegido ilegalmente por una minoría del Congreso, llevaba el sello de su nulidad — los caudillos federales que representan la mayoría buena o mala, rechazaron la constitución unitaria pronunciándose de una manera decidida contra el Presidente. Rivadavia lo comprendió y más patriota que partidario, renunció el mando, para que le sustituyeran los elementos que contaban con los caudillos. Dorrego, el salvador de Buenos Aires en 1820, vino a salvar la República de la anarquía y terminar la guerra del Brasil. Su muerte, obra de la exaltación del partido unitario, (en la que no fue cómplice Rivadavia) del que fue su instrumento el valeroso Lavalle, es la fuente de donde arrancan los males que han sacudido al país durante cincuenta años. Lavalle engendró a Rosas llegando hasta declararlo el primer porteño. Dorrego había desaparecido, por eso subió Rosas. Lavalle aunque tarde, lo comprendió y pudo arrepentirse (CARRANZA, 1883, p. 658-659).

A inclinação política da *Nueva Revista de Buenos Aires* acarretava uma série de discursos e signos identitários que destoavam da construção liberal, preponderante na segunda metade do século XIX. Embora não fossem incisivos nas críticas, Vicente e Ernesto Quesada, bem como a maioria de seus colaboradores, deram voz a uma determinada interpretação das características culturais da nação, sua história e seus heróis. Essa propensão antecipou discussões que se tornaram prementes nas décadas seguintes com a estruturação política de grupos nacionalistas na Argentina. O ideário expresso no mensário, com suas idiosincrasias, foi elaborado paralelamente ao simbolismo liberal, demonstrando como era rico o ambiente intelectual e diversos os agentes empenhados em imprimir uma dada visão da sociedade argentina em fins do século. Entre reforços, questionamentos e omissões tomou forma um modelo cultural de argentinidade, que se manteve coerente nos anos subsequentes.

#### **2.4 Homens de letras: os agentes da nacionalidade**

Vicente e Ernesto Quesada atribuíam a responsabilidade pela construção das diretrizes culturais da nacionalidade exclusivamente à elite letrada, ou seja, àqueles que detinham meios para ação política, legitimação do discurso e para o consumo das produções literárias. A atuação dos homens de letras recebeu grande destaque nas pautas da *Nueva Revista de Buenos Aires*, com artigos que versavam sobre a missão patriótica que lhes era incumbida, sobre as correntes literárias adotadas, a inserção no mercado editorial e a profissionalização. Ao longo de todo o século XIX, os intelectuais latino-americanos inevitavelmente conciliavam a paixão pela escrita com atividades remuneradas, sobretudo, em cargos públicos. Essa realidade era lamentada constantemente pela direção do periódico, dada a importância a eles atribuída na estruturação da Argentina moderna.

Naquela conjuntura, os efeitos da imigração se faziam sentir na sociedade argentina. A afluência de grandes contingentes de pessoas das mais diversas localidades, línguas e costumes colocaram em alerta os proprietários da revista. Em artigo de 1882, Ernesto

Quesada refletiu sobre esse cenário e relacionou a produção literária do país com o sentimento de pertencimento à nação:

En una sociedad tan extraordinariamente cosmopolita como la nuestra, en la que no hay rasgos típicos ni carácter nacional, sino un confuso conglomerado de hombres y de nacionalidades, la poesía tiene una sagrada misión que cumplir: — mostrar que, en medio del revuelto torbellino del momento, subsiste el espíritu argentino, y que se sabe honrar como se debe a la patria, la fe y el amor. Solo a ese precio se conocerá que existe aún una nación argentina, pues de lo contrario un espectador imparcial cree más bien que lo que así se llama no es más que una inmensa factoría ultramarina, donde acuden los hombres de todos los puntos del globo, con el propósito único de enriquecerse... y de enriquecerse pronto (QUESADA, E., 1882c, p. 548).

A tarefa de revelar o "espírito argentino" era a função primeira dos homens de letras. Essa premissa deu o tom das discussões sobre a produção bibliográfica na *Nueva Revista de Buenos Aires* e alicerçou, também, a motivação dos proprietários para a manutenção do empreendimento. O periódico se colocava como um hospedeiro e guia das manifestações da cultura nacional, almejando contribuir para a ampliação das publicações e para a melhor e maior circulação destas, além de orientar tendências e ensinar o refinamento literário da população.

O materialismo e a ânsia por enriquecimento rápido foram frequentemente associados aos imigrantes, em contraposição ao exercício reflexivo da literatura. Por ocasião da realização de um concurso de poesia na cidade de Buenos Aires, Ernesto Quesada expressou toda sua contrariedade em relação às alterações nas feições tradicionais da sociedade contemporânea, envolta em uma "atmosfera pesada del prosaico mercantilismo", e ao indiferentismo do público, particularmente dos estrangeiros, para com prática, considerada por ele, tão nobre.

[...] el espectáculo lastimoso de un mundo en que reina solo la sed de la riqueza y del placer, arrancadas violentamente las otras por esos crueles desengaños, que al dejar el espíritu vacío y miserable, lo obligan a contemplar a pesar suyo el abismo repugnante en que se hunden la lealtad, la amistad, los sentimientos nobles  
 [...] ¿Quién creyera, sin embargo, que hubiera sido posible en una ciudad como Buenos Aires, inmensa hostelería de gentes de todas las naciones, de todas las creencias y de todas las virtudes como de todos los vicios, interesar de tal manera la adormecida curiosidad de un público indiferente para poder celebrar esas fiestas de la inteligencia que creara la Edad Media, con el nombre de Juegos Florales? (QUESADA, E., 1882c, p. 535;537).

A situação argentina encontrava paralelo nos demais países latino-americanos. O desdém do público para com a atividade letrada, o parco número de assinantes e, conseqüentemente a vida efêmera dos empreendimentos culturais foram denunciados frequentemente na *Nueva Revista de Buenos Aires*. Mais do que o "progresso material", o periódico almejava a construção de uma nação intelectualmente elevada, que se pretendia um

meridiano cultural no continente. Em artigo relatando o encerramento da *Revista de Chile* e da *Revista Brasileira*, o autor ressaltou a dificuldade em atingir tal objetivo, uma vez que tanto na Argentina, quanto nos países vizinhos, as ações do poder público e a energia de seus habitantes estavam voltadas apenas para o utilitarismo:

En uno y otro país, los literatos han sido desdeñados, el público les ha dado la espalda y las Revistas han terminado su efímera carrera. Pero en uno y en otro, habría recompensas para estimular la importación de cerdos y de burros! Esta es la fotografía social americana. Reproducir animales, hacer producir la tierra, hacerse ricos y basta!(E. O. A., 1882, p. 459).

A missão dos homens de letras, advogava Ernesto Quesada, era transformar esse estado de coisas, ao exercer sua influência para a elevação do nível intelectual da sociedade e contribuir para inculcar o apreço pela cultura erudita na população. Nessa perspectiva, afiançava que o periodismo, destacadamente aquele representado pelas revistas culturais, era antes um apostolado do que uma empresa de lucro. Esta afirmação remetia, notadamente ao contraste com a imprensa diária observada na Argentina ao final do século XIX.

Em um balanço realizado no nono tomo da *Nueva Revista de Buenos Aires*, Ernesto Quesada destacou a situação do jornalismo no país entre os anos de 1877 e 1883. Para o autor, este era um tema excepcionalmente importante na Argentina, onde não se liam muitos livros ou revistas, mas se lia assiduamente os diários: "Aquí todo el mundo lee los diarios, no uno, sino varios; desde el más encumbrado personaje hasta el más humilde changador, todos leen gacetas" (QUESADA, E., 1883e, p. 75). A forma republicana de governo, a ampla liberdade de imprensa, a tradição de discussão pública de negócios de interesse comum, a ardente vida de partidarismo e a tendência de cada argentino em emitir sua voz e voto eram, segundo ele, as causas que influíam para formar o temível poder do qual os jornais gozavam. Ainda que o posicionamento político impusesse de antemão uma interpretação, a grande massa da população aceitava como um evangelho aquilo que os diários diziam. Depois da leitura, cada cidadão formava a sua opinião, dando forma à "terrible 'opinión pública' tan intolerable en sus juicios como tiránica en sus fallos, tan exagerada en sus favores, como inconstante en su perseverancia" (QUESADA, E., 1883e, p. 74).

Quesada reforçou a vinculação entre a imprensa e o desenvolvimento de uma nação, enaltecendo a quantidade de jornais que eram produzidos no país. De acordo com ele, em 1882 era publicado um periódico para cada 13.509 habitantes, o que conferia à Argentina o terceiro lugar no mundo, atrás apenas de Estados Unidos e Suíça. O estudo, porém, demonstrava mais um desequilíbrio entre a Capital e o restante da República, pois a predominância da produção jornalística naquela região era significativa. Para o autor, apesar

da criação de escolas de ensino em nível superior em diversas cidades, a centralização exercida por Buenos Aires ainda era evidente, a ponto do movimento intelectual argentino confundir-se em grande medida com aquilo que era realizado no distrito federal: "Hay ahí un mal que remediar, un problema que resolver, y es esa una cuestión interesante señalada al estudio de los hombres pensadores que se preocupan de nuestro bien estar y del equilibrio de nuestra organización política y social" (QUESADA, E., 1884, p. 430).

A modernização e transformação dos jornais em empresas lucrativas, no contexto de constituição de um mercado de bens culturais no país, também foi alvo da análise. Desde a década de 1870 anunciavam-se transformações próprias do periodismo moderno, caracterizado pela importância da informação, a aposta na segmentação dos conteúdos, a inserção de romances de folhetins e a mudança gráfica. Em outros termos — e para isso foi importante a introdução do telégrafo em diários como *La Prensa* (1869) e *La Nación* (1870) — o periodismo começou a se distanciar da imprensa de opinião e aproximar-se da imprensa de informação (LAERA, 2010, p. 498).

El periodismo es un poder verdadero en la República Argentina. En esta época, la pluma puede hacer la fortuna de un hombre [...] Recién entre nosotros parece que el diarismo entra en esa vía. Las empresas han tomado un desenvolvimiento extraordinario, y el personal empleado en la redacción de un diario es hoy día competente y numeroso, pagando fuertes sueldos a distinguidos literatos extranjeros para que envíen regularmente correspondencias políticas o literarias. Rivalizan verdaderamente los diarios en este progreso, siendo el público quien sale ganoso, y las mismas empresas, gracias a una hábil dirección económica, compensan y superan aquellos sacrificios con el desarrollo, mayor cada día, que están dando a la publicidad, lo que les produce pingües rentas y atienden las necesidades generales del público, cuidando esmeradamente de la parte comercial, noticiosa y literaria, sin dar a la política aquella absorbente preeminencia de que gozaba antes (QUESADA, E. 1883e, p. 82-83).

Preço baixo, alta vendagem e anúncios publicitários resultavam na fórmula que garantia o sucesso do empreendimento. Esse quadro contrastava profundamente com as dificuldades financeiras enfrentadas pelas revistas culturais, que lutavam para aclimatar um tipo de publicação com teor mais denso e, materialmente, dispendioso. Disso resultava que as revistas culturais estavam obrigadas a viverem da caridade dos escritores, pois não podiam pagar pelos artigos, enquanto o jornal remunerava muito bem os seus redatores e correspondentes. Tal cenário impedia as revistas de cursarem o desenvolvimento natural que suas congêneres haviam trilhado em outras partes do mundo, além de inviabilizar a profissionalização dos homens de letras, que só encontravam auxílio efetivo na imprensa diária e na escassa vendagem de livros. Educar o público era fundamental para garantir a mudança desse quadro que traria benefícios para toda a nação.

Ao final do artigo, Ernesto Quesada — tal como seu pai ao longo de toda sua trajetória intelectual — manifestou a preocupação com a preservação da memória da pátria, lamentando que o governo não se preocupasse em arquivar os periódicos que circulavam pelo país:

Tarea noble y patriótica sería esa, porqué la prensa periódica refleja de una manera indeleble los diferentes estados de la opinión pública en un país, siendo por lo tanto necesario recurrir a ella, siempre que se quiera saber lo que pensaba o lo que hacía un pueblo en un momento dado de su historia [...] ¿Qué dirán los futuros historiadores argentinos cuando estudien nuestra época y sepan cuan poderosa y multiplicada era nuestra prensa, pero no encuentren Archivo ni Biblioteca donde poder consultarla? (QUESADA, E. 1883e, p. 100-101).

Os Quesada se moviam com fluidez por espaços nos quais ainda não estavam completamente delimitadas as fronteiras entre as atividades histórico-literárias e a inclinação erudita e privada em acumular livros e documentos. Contudo, eram conscientes da necessidade de substituir essas formas primárias por um sistema de instituições públicas e sólidas que abrangesse as atividades intelectuais. A atuação como colecionadores privados, por um lado, e construtores de espaços de sociabilidades, por outro, conviveram em Vicente e Ernesto Quesada em uma relação complexa que se cristalizou na condução da *Nueva Revista de Buenos Aires* (BUCHBINDER, 2012, p. 80-81).

A despeito de enaltecer do desenvolvimento nacional associado à circulação dos diários, em alguns momentos, a direção da *Nueva Revista de Buenos Aires* criticou a linguagem, considerada agressiva, a tendência à exaltação política e o estilo simplório dos textos escritos de forma a obedecerem o dinamismo das publicações, que não possuíam a devida decantação de ideias. Defendia assim, que as revistas culturais eram o espaço por excelência para o cultivo das belas letras, exercício do ofício intelectual e da missão de contribuir para a construção da identidade nacional. O processo de profissionalização observado nas redações da imprensa diária provocou, paulatinamente, a separação entre o periodista e o escritor, fosse pelo ritmo agitado dos jornais, ou pelos traços comerciais dessas publicações, o trabalho nessas empresas passou a ser visto como o oposto do que era considerado atividade intelectual (LAERA, 2010, p. 577). Assim, era imperativo reverter as circunstâncias adversas relacionadas aos hábitos de leitura da população argentina e latino-americana em geral, voltados, predominantemente, para os jornais.

Todos os colaboradores foram unânimes em defender o investimento em educação, em seus diferentes níveis, como parte da solução para os males argentinos. A letargia da literatura nacional, um dos ramos que mais evidenciava a cultura de um povo e seu progresso intelectual, era, segundo a revista, reflexo direto do ensino deficitário, vicioso e atrasado recebido pela juventude.

mucho tenemos que hacer [...] Es preciso operar grandes reformas, dar solución a multitud de cuestiones trascendentalismas que la instrucción sea, primaria, secundaria o superior, origina; es menester ante todo difundir en el pueblo por los medios más propios y eficientes, aquella instrucción queda al hombre las aptitudes necesarias para llenar su misión en la vida y desempeñar el papel que le corresponde en la sociedad política. Todas estas son necesidades palpables (PINERO, 1882, P. 496).

Calixto Oyuela, literato e pedagogo argentino, lamentava que os avanços no tocante à indústria e comércio não fossem acompanhados pelo âmbito cultural, uma vez que a literatura se mantinha assentada em dogmas da primeira metade do século. O autor elencava ainda outro elemento responsável pela estagnação das letras nacionais: a ignorância em relação ao idioma. Em oposição àqueles que defendiam a formação de um léxico próprio, o autor sustentava que o idioma nacional era o castelhano e que negá-lo significava afastar-se da herança cultural da nação. O artigo escrito para a *Nueva Revista de Buenos Aires* apresentava ecos da polêmica entre Oyuela e o poeta argentino Rafael Obligado, que ocorreu no início da década de 1880. Enquanto o primeiro estava alinhado às tendências hispanistas, com uma aplicada defesa da matriz espanhola, o segundo era legatário da tradição anti-hispânica predominante durante todo o século XIX. Para Oyuela a inclinação dos jovens literatos argentinos em venerar obras e autores franceses e depreciar os grandes nomes da literatura peninsular apenas gerava entraves ao desenvolvimento literário do país.

Empapados en la constante lectura de los más superficiales libros franceses, a la vez que corrompen con ellos su gusto y su idioma, aprenden a despreciar neciamente los grandes monumentos de la literatura española. Y es tanto así, que de ordinario se oye a los aprendices de literatos jactarse muy orondos de no leer libros en castellano, porque, según ellos, ni en Cervantes, ni en el maravilloso teatro español, ni en el Romancero, ni en la lirica (aún cuando ostente nombres como los de León y Quintana) hay nada digno de ser leído (OYUELA, 1882, p. 552).

As discussões acerca da tendência à imitação ou da originalidade cultural latino-americana permearam as reflexões sobre a literatura na *Nueva Revista de Buenos Aires*. Tanto Quesada, quanto os colaboradores estrangeiros do periódico — conforme será analisado nos capítulos subsequentes —, expressaram suas impressões, balanços críticos e posicionamentos sobre a produção dos homens de letras e a estreita relação desta com a construção das nacionalidades no continente.

No século XIX, a literatura foi concebida como meio para modelar a consciência nacional e criar um sentimento de tradição. Todavia, o afã dos escritores em evidenciar a originalidade de sua cultura entrava em conflito com os paradigmas europeus nos quais se apoiavam. Resultava disso uma visão bastante superficial acerca da realidade latino-americana. O modelo social forjado desde a colônia apresentava uma separação simbólica entre as massas rurais marginalizadas e uma minoria urbana e educada, que implicava na

existência de duas culturas na América Latina: a primeira, de tradição oral, tenazmente enraizada no passado e indiferente aos influxos das correntes literárias; a segunda baseada em uma cultura urbana, minoritária, de inspiração europeia. (FRANCO, 1971, p. 12). As discussões empreendidas na *Nueva Revista de Buenos Aires* pouco dialogaram com a cultura popular. No caso argentino, a única exceção foi a nota do tradutor Benigno T. Martinez, em artigo do brasileiro José Antonio Freitas, publicada no décimo tomo. Naquela ocasião, Martinez (*advertencia del traductor*. FREITAS, 1884, p. 487) advogou pela busca dos elementos de uma poesia popular americana, usando como exemplo dois versos retirados da novela gauchesca *Juan Moreira*, de autoria de Eduardo Gutiérrez, notório escritor dos romances de folhetins:

Nosotros creemos que es posible y que nuestra juventud haría una obra meritoria formando una Sociedad Literaria con ramificaciones en todas las provincias, mientras los viejos se ocupan de política. El resultado sería mucho más ventajoso que pasar el tiempo leyendo imitaciones, plagios y otras composiciones del género desesperado que están muy lejos de valer lo que estas dos elegías del legendario payador Santos Vega:

De terciopelo negro  
tengo cortinas  
para enlutar tu cama  
si tú me olvidas.

-  
Si me muero enterráme  
junto á tu cama  
que me sirvan de luces  
tus ojos - ¡mi alma!

*Juan Moreira* transformo-se em um modelo de literatura popular escrita e difundida por meio dos jornais na década de 1880, ambientada em um "espacio poblado por una imaginaria criollista que oficiaba como antena sensible a la nostalgia por un mundo que se extinguía, pero también como pasaje ritual a las sustancias configuradoras atribuidas a ese mundo" (PRIETO, 1988, p. 99). Contudo, uma passagem das memórias de Miguel Cané resumiu as tensões produzidas pelo acercamento súbito dessa massa de leitores ao reduto privilegiado da cultura impressa:

"...Después del 80, partí para el extranjero y luego de una rápida gira por América, se me envió para Viena donde no pudiendo ocuparme de política, ni de comercio, pues no había medio de abrir relaciones en este terreno, ni de nada, maté el tiempo escribiendo y publicando dos o tres librillos. Naturalmente, así que iban apareciendo, los enviaba con cariñosa dedicatoria a Eduardo Gutiérrez. En cambio, a pesar que los diarios me habían informado de la aparición de "Juan Moreira" y algunos otros congéneres debidos a la pluma de Eduardo, nunca llegó a mis manos ninguno de ellos. En mi primer viaje a la tierra, allá por 1883, la primera vez que me encontré con Gutiérrez, le reproché amistosamente su falta de reciprocidad y le anuncié que pensaba comprar sus libros para leerlos en el viaje de regreso. Fue entonces cuando un poco ruborizado y tomándome la mano, me dijo textualmente: "No le he mandado éstos, porque no son para Ud. ni para la gente como Ud. Le ruego que no los lea, porque si lo hace, me va a tratar muy mal. Yo le prometo a Ud. que



así que esos abortos me aseguren dos o tres meses de pan, me pondré a la obra y escribiré algo que pueda presentar con la frente levantada a todos los hombres de pensamiento e gusto". Dos o tres meses de pan para aquel perfecto bohemio que nunca supo del valor de dinero, ni del tiempo, ni del trabajo, era un sueño lucuniano. Puesto en el yunque, en el yunque seguirá hasta la muerte, dejando ese farrago de folletines, que no he leído, que no leeré jamás" (CANÉ *Apud* PRIETO, 1988, p. 101-102).

A despeito do sucesso das novelas gauchescas, a praxe de considerar a cultura europeia como nível supremo a ser aspirado estava profundamente arraigada no intelectual latino-americano e foi sobre esse escopo que se moveu a *Nueva Revista de Buenos Aires*.

Em uma análise sobre as tendências literárias do movimento intelectual argentino, Ernesto Quesada identificou duas grandes vertentes que dividiam os homens de letras do país. A primeira, composta por ex-sócios do extinto Círculo Científico e Literário, tinha como modelo primordial os autores franceses clássicos. A segunda, reunia participantes da antiga Academia Argentina, instituição que criticava as leituras "estrangeirizante" e desejava de

cultivar la literatura bajo formas más originales, es decir, no solo americanizándola sino — en lo posible — argentinizándola. Se quiere prescindir de los ideales europeos, contaminados casi siempre por tradiciones impuras, y se levantan en su lugar las divinidades indígenas de esta América maravillosa, cantando sus ríos inmensos, su pampas incommensurables, su esplendorosa vegetación, sus costumbres locales (QUESADA, E., 1882c, p. 487).

Na segunda metade do século XIX, na esteira da modernização do país, o associacionismo literário e científico ganhou fôlego em Buenos Aires. A reunião de integrantes de procedências heterogêneas e a quantidade de novas academias e associações revelavam a celeridade com que novos saberes circulavam e se recriavam. As características comuns a todos esses meios de sociabilidade cultural eram a juventude de seus membros e a sensação "presente en proclamas y órganos de difusión, de estar fundando las bases de otra sensibilidad estética o científica en sintonía con el proceso modernizador" (GASPARINI, 2012, p. 176). Os agrupamentos culturais mencionados por Ernesto Quesada foram contemporâneos e, apesar das divergências, compartilharam integrantes, demonstrando que a esfera cultural apresentava-se como um espaço de experimentação e idiosincrasias, que coadunava as preocupações estéticas com o desejo de soerguer a nação.

Para Quesada, apoiar-se em modelos clássicos não significava absolutamente sujeitar-se à imitação servil, mas tornar-se partícipe de um movimento que levaria a um maior grau de perfeição. De acordo com o autor, o isolamento em termos literários representava a negação do progresso humano:

El clasicismo ha sido y tiene que ser la más pura fuente del buen gusto estético, por eso se llama clasicismo, porque sus obras son tan acabadas, tan perfectas, que sirven de modelo.

Esto no quiere decir que haya que sujetarse a la imitación servil de la forma y del fondo, sino que no debe prescindirse de estos grandes modelos, pues ello no hubiera sido si sería posible el progreso literario (QUESADA, E., 1883b, p. 495).

Contra aqueles que defendiam uma produção literária estritamente americana, à revelia de tradições antigas ou modernas oriundas de outras partes do globo, Quesada aludiu à Andrés Bello — poeta venezuelano a quem Ernesto classificou como o primeiro grande escritor da América Latina — e suas referências assentadas no classicismo. De acordo com o intelectual argentino, era imprescindível conhecer as tradições e a história da arte literária:

El hombre culto y progresista, no es ni puede ser el que da vuelta inconsciente la espalda al pasado, como tampoco puede ser ni en realidad lo es, el que cree que la humanidad no marcha, no adelanta, y que, en medio del movimiento universal, queda parado, estático con la mirada fija en lo que fue!

Se pretende que la enseñanza de los clásicos es contraria a las formas populares y espontaneas que debe revestir la inteligencia en una democracia, pero esos estudios, cuando menos, enriquecen nuestro bagaje literario, mejoran y educan el buen gusto, sin el cual — forzoso es confesarlo — no hay ni puede haber literatura posible. (QUESADA, E., 1883b, p. 497-498).

Neste aspecto residia uma antinomia no posicionamento de Ernesto Quesada, que perdurou ao longo de toda sua trajetória: de um lado, o cosmopolitismo intelectual e acadêmico, do outro, a defesa da necessidade argentinizar a língua — ainda que tomada como referência o castelhano de matriz espanhola —, o ensino e a cultura do país. A ênfase no "bom gosto" esteve associada a um parâmetro cultural europeu que, para o autor, não era incompatível com a construção nacional

A *Nueva Revista de Buenos Aires* aspirava direcionar as atividades dos homens de letras nesse mesmo sentido, visando o estabelecimento de uma nação forte, dotada de uma tradição histórica e cultural secular, equitativa e pacificada, na qual o progresso se manifestava não apenas na acumulação de riquezas materiais, mas na elevação espiritual e artística, própria dos povos latinos. Evidentemente essa foi apenas uma das vertentes que concorreram nas discussões acerca da identidade argentina em fins do século XIX, momento em que a afluência de imigrantes ameaçava as bases simbólicas do Estado liberal recém-edificado. Observou-se, todavia, uma antecipação de questões que tomaram fôlego no início do século XX, tais como o hispanismo, a língua nacional e a memória dos caudilhos.

O desejo da *Nueva Revista de Buenos Aires* de consolidar uma nacionalidade comprometida com o desenvolvimento intelectual, apresentava também uma faceta externa. Assim, por meio de relações pessoais, os proprietários do mensário viabilizaram a publicação de artigos de inúmeros letrados latino-americanos, incluindo alguns brasileiros, com vistas à ampliação do contato intelectual entre os países, o estreitamento dos laços fraternais que

uniam as nações latinas na América e uma almejada liderança cultural da Argentina no âmbito continental.

### 3. NAÇÕES IRMÃS: AS REPÚBLICAS HISPANO-AMERICANAS NA *NUEVA REVISTA DE BUENOS AIRES*

Vicente e Ernesto Quesada almejavam para a *Nueva Revista de Buenos Aires* uma função similar à exercida pela *Revue des Deux Mondes* (QUESADA, E. 1884, p. 10). A revista francesa teve ampla circulação e foi, ao longo do século XIX, um importante canal de intercâmbio de ideias entre a Europa e a América Latina, propondo-se como uma intermediária cultural, cujo objetivo era transportar elementos de uma cultura para outra e de aproximá-las (CAMARGO, 2007, p. 29). Por meio da apropriação de um modelo de publicação europeu, que pode ser observado pelas similaridades estéticas e em seus objetivos, os intelectuais argentinos idealizaram o mensário como uma ferramenta de mediação cultural no contexto latino-americano. Apesar de lamentarem repetidas vezes as dificuldades financeiras enfrentadas pela revista, na tentativa de impulsionar a embrionária vida literária na Argentina, ambos nutriam a esperança de vê-la trilhar um percurso análogo ao da publicação europeia. Na apresentação de um artigo datado em abril de 1884, sobre as etapas da *Revue des Deux Mondes*, a direção destacava a origem modesta da revista francesa, cujo crescimento posterior se devia à perseverança François Buloz (*N. de la Direc.* RACOT, 1884, p. 129).

Fundada, em meados de 1829, por Prosper Mauroy, a *Revue des Deux Mondes* foi, dois anos mais tarde, vendida a Auguste Auffray, passando a ser dirigida por François Buloz, responsável por imprimir o perfil e a importância que marcariam a publicação durante boa parte do século XIX<sup>62</sup>. De acordo com Soares (2015, p. 82), a revista se colocou como porta-voz de um certo projeto cultural e político referente às relações da França com o mundo, seja na forma de representar as nações estrangeiras, seja no intento de expandir as conexões francesas. François Buloz assegurou que os vínculos externos do periódico não ficassem restritos aos artigos, buscando também "explorar os mercados leitores que a revista englobava em suas projeções simbólicas, por intermédio de uma eficiente rede de distribuição internacional e, sobretudo, de venda de assinaturas" (SOARES, 2015, p. 82). Apesar das dificuldades em mapear a origem dos assinantes da *Revue des Deux Mondes* na América Latina do século XIX, intelectuais e políticos proeminentes dos diferentes Estados Nacionais em formação conheciam, valorizavam e incorporavam referências veiculadas pela *Revue* em seus esforços de reinvenção das sociedades emancipadas (SOARES, 2015, p. 83).

---

<sup>62</sup> François Buloz, considerado o verdadeiro fundador da *Revue des Deux Mondes*, assumiu a direção em 1831, tornando-se proprietário da revista em 1833. Após a sua morte, em 1877, a condução do periódico coube a seu filho, Charles Buloz. Tal conjuntura marcou o início de um processo de perda de vitalidade da empresa, que se traduziu na redução do número de assinantes e culminou com a demissão de Charles Buloz, em 1893.

O rompimento político em relação à metrópole promovido pelas independências hispano-americanas deu início a uma difícil tarefa por parte da elite letrada do continente, pois significou, ao mesmo tempo, um afastamento em relação à Espanha, sua matriz linguística e referência cultural, e a construção uma nova ligação com o contexto europeu, ao qual os jovens países do continente procuravam integrar-se:

Os países americanos não romperam com suas metrópoles para se distanciar do sistema mundial, mas para fazer parte dele de uma nova maneira, o que exigiria a construção de referências distintas das metropolitanas, mas igualmente europeias (COSTA, 2007, p. 25).

O deslocamento cultural para um referencial francês estava associado, simbolicamente, a uma perspectiva de emancipação intelectual das nações latino-americanas, bem como ao papel da França como eixo da cultura europeia e ocidental (PIZARRO, 1994, p. 29). Nessa conjuntura emergiram discursos variados e, por vezes, conflitantes, que colocaram lado a lado, a condenação à imitação e a adequação à cultura modelar europeia. De acordo com Pizarro (1994, p. 30), a mudança de paradigma cultural fazia parte de um processo complexo de crescimento e consolidação política das sociedades hispano-americanas.

Durante o século XIX, a circulação e as apropriações das representações elaboradas pela *Revue des Deux Mondes* foram significativas no seio da elite intelectual e política latino-americana. Apesar do periódico francês identificar-se com um amplo esforço de projeção imperial, convém destacar o processo de ressignificação efetuado pelos homens de letras na América Latina. Maria Lígia Prado (2010), em análise das leituras políticas dos textos franceses realizadas pelo chileno Francisco Bilbao (1823-1865), concluiu que Bilbao era leitor da *Revue*, podendo-se traçar paralelos entre seus escritos e os artigos da publicação francesa, todavia, chamou atenção as inversões de perspectiva, evidenciando a apropriação das informações veiculadas pela revista e uma significativa reelaboração dessas ideias em consonância com os problemas latino-americanos.

No tocante à *Nueva Revista de Buenos Aires*, apesar de apoiar-se naquele modelo francês, observou-se em diversas ocasiões a intenção de demarcar o lugar da Argentina e da América Latina frente a uma visão eurocêntrica, sobretudo, quando da interrupção da publicação de artigos sobre o "Velho Continente". Para os diretores da *Nueva Revista de Buenos Aires*, a cultura nacional florescia em contato com os clássicos europeus, mas originava um produto único, que retratava as características do meio e de sua população. Nessa perspectiva, criticou até mesmo algumas declarações da *Revue des Deux Mondes*. Em artigo publicado no Tomo V, o mensário contestou a afirmação de um correspondente da revista francesa sobre a inviabilidade da manutenção de revistas literárias na Argentina,

motivada pela falta de literatos. Em resposta, o autor argentino salientou a qualidade dos homens de letras do país e a originalidade cultural latino-americana (E. O. A., 1882, p. 454-461).

As mudanças sociais e econômicas que ocorreram nos países latino-americanos na esteira da modernização capitalista das últimas décadas do século XIX, existiram inicialmente como aspiração e imagem idealizada do porvir nos escritos das elites letradas. Esse processo seguiu diferentes percursos no continente, mas todas as nações contaram com a atuação de publicistas e homens de letras que forneceram discursos de legitimação, narrativas da pátria e da identidade nacional, destinados a engendrar uma aliança entre cidadãos e Estado: "Había que unificar el Estado y consolidar su dominio sobre el territorio que cada nación hispanoamericana reclamaba como propio, redactar códigos e impulsar la educación pública" (ALTAMIRANO, 2010, p. 9). Associada a essa aspiração nacional estava um sentimento americanista, concebido como parte de uma promessa utópica, que buscava no passado não só os valores a serem salvos do esquecimento, mas também os elementos que anunciavam sua independência intelectual ou preparavam o que devia ser sua originalidade moderna (ALTAMIRANO, 2010, p. 16). Tanto a tendência nacional, quanto a americanista, foram observadas nos escritos publicados pelo mensário argentino.

Neste capítulo, objetivamos demonstrar que a *Nueva Revista de Buenos Aires* contribuiu para a formação de uma rede de intelectuais no continente e para o estreitamento de laços de confraternidade pelos quais circularam informações, textos, livros e ideias, em um esforço conjunto de discutir as identidades nacionais e suas ramificações latino-americanas. Tal iniciativa foi pioneira, na medida em que aglutinou não apenas autores hispano-americanos, mas também brasileiros. Ao coordenar tais contatos, Vicente e Ernesto Quesada almejaram afirmar a Argentina como um meridiano cultural na América Latina, além de transformar em capital político o capital cultural que mobilizavam. Atuando como mediadores culturais, os intelectuais argentinos viabilizaram a publicação de resenhas críticas e artigos de autores de diversas nações americanas, inserindo notas que orientavam as leituras e traduções, no caso dos textos oriundos do Brasil.

Entre os demais autores provenientes dos países hispano-americanos que contribuíram com o mensário, a discussão sobre imitação e originalidade da produção cultural ocupou o primeiro plano. Os intelectuais agregados em torno da *Nueva Revista de Buenos Aires* indagaram e propuseram respostas sobre questões relativas à literatura e aos recortes e métodos historiográficos desenvolvidos na América Latina. O estudo dos artigos publicados pela revista nos permitiu vislumbrar os debates, as abordagens e o percurso da constituição

das representações nacionais no continente. Nos escritos reproduzidos no mensário argentino, os questionamentos suscitados pelos intelectuais latino-americanos baseavam-se nos temas concernentes ao papel do período colonial na composição da história do país, na valorização dos heróis da independência, no debate sobre quais figuras deveriam ganhar destaque no panteão nacional, às correntes literárias que melhor representavam as especificidades da nação, ao estágio de desenvolvimento da cultura e ao idioma. Estes temas foram discutidos por meio de análises críticas, resenhas e balanços historiográficos, escritos diretamente para a *Nueva Revista de Buenos Aires* ou transcritos de outros periódicos.

Ao longo do capítulo analisamos as relações pessoais e intelectuais que interligavam os Quesada aos autores hispano-americanos, destacando encontros, contatos epistolares e vínculos que alicerçaram a cooperação e os intercâmbios intelectuais. O exame do conteúdo dos artigos recebidos, encomendados ou transcritos pelo mensário, está pautado na reflexão acerca da atuação efetiva dos proprietários como agentes de mediação cultural em âmbito continental, o que envolve a compreensão das dinâmicas de circulação e apropriação de bens culturais e, conseqüentemente, alterações de significado quando da publicação em território argentino.

Os artigos geralmente eram acompanhados por notas da direção, que introduziam o tema e indicavam se o texto era transcrito ou havia sido escrito diretamente para a revista. Quando se tratava de reproduções, os diretores acrescentavam uma pequena descrição do órgão de imprensa original, contendo, por exemplo, sua inclinação ideológica. Em alguns casos, os autores eram apresentados apenas pelo nome, com a indicação de que não se faziam necessárias maiores explicações sobre aquela figura, conhecida do público culto de Buenos Aires. Representantes plenipotenciários alocados na cidade portenha foram importantes colaboradores da *Nueva Revista de Buenos Aires*, a exemplo do boliviano Modesto Omiste Tinajeros e do colombiano José Maria Samper.

Quarenta e nove autores latino-americanos — excluídos os argentinos — foram publicados no mensário, dentre eles constavam oito colombianos, oito brasileiros, sete bolivianos, sete mexicanos, seis chilenos, seis peruanos, quatro uruguaios, além de um venezuelano, um cubano e um nicaraguense radicado em El Salvador. Estes produziram um total de noventa e um artigos. Optamos por apresentar o conteúdo discutido por estes autores de maneira separada, obedecendo uma divisão por nacionalidade. A América Latina possui uma "unidade diversificada", com diferenças e similaridades econômicas e sociais provenientes de uma base histórica comum (PIZARRO, 1985, p. 17-18), que podem ser observadas nos escritos analisados. Buscamos ressaltar as semelhanças entre as discussões

levantas pelos intelectuais do continente, com a preocupação de não desconsiderar as singularidades de cada país. Os textos assinados por brasileiros, todavia, serão abordados no capítulo subsequente.

### 3.1 Colômbia

A primeira menção à Colômbia na *Nueva Revista de Buenos Aires* se deu em 1881, em artigo assinado por Ernesto Quesada. No texto, Quesada manifestava profundo pesar pela morte do intelectual colombiano Ezequiel Uricoechea<sup>63</sup>, relatada como uma grande perda a todos que amavam a América e a ciência. O autor declarou que havia estreitado os laços com Uricoechea por ocasião do Congresso de Americanistas ocorrido em Bruxelas, em setembro de 1879. Ademais das homenagens fúnebres, Quesada esclareceu a circulação e as interações entre os homens de letras do continente. Rememorou o encontro com o intelectual e com outras figuras do cenário político-cultural hispano-americano no evento, além de tornar público conversas com o erudito colombiano.

Uricoechea havia solicitado a Quesada que lhe enviasse trabalhos argentinos sobre linguística, pois se ocupava naquela conjuntura de um estudo sobre os idiomas indígenas na América. A morte de um amigo, o portenho Juan Maria Gutierrez, que até então intermediava a obtenção de fontes provenientes da República Argentina, havia inviabilizado novas aquisições. Ernesto Quesada lhe respondeu favoravelmente, afirmando que faria tudo que estivesse a seu alcance para contribuir com um dos "americanos más distinguidos en el movimiento intelectual del presente siglo". (QUESADA, E. 1881a, p. 255). Ao final do artigo, o argentino também lamentou a perda de um potencial colaborador para a sua revista, posto que "el doctor Uricoechea había prometido ya entonces su distinguido concurso, en el caso que esta empresa se realizara". (QUESADA, E. 1881a, p. 259).

Esse relato demonstra como se davam os contatos entre os intelectuais do continente ao final do século XIX. Encontros ocasionais, seguidos de ativas relações epistolares e troca de favores, alimentaram a circulação de textos e ideias na América Latina. Vicente e Ernesto Quesada conheciam bem essa estrutura, pois transitavam nos círculos de sociabilidade cultural responsáveis por aproximarem esses intelectuais, o que contribuiu para agregar à *Nueva Revista de Buenos Aires* uma diversidade considerável de contribuições.

---

<sup>63</sup> Ezequiel Uricoechea Rodríguez (1834-1880) foi naturalista, linguista, etnólogo colombiano. Faleceu em 1880 em uma viagem para a Ásia com o objetivo de aperfeiçoar seus estudos de dialetos árabes, quando adquiriu uma enfermidade.



Os artigos de autoria estrangeira vinham, majoritariamente, acompanhados de notas da direção, nas quais os intelectuais argentinos introduziam o tema, autores, contextos de publicação, suporte material ou simplesmente reafirmavam o compromisso do periódico atuar como ferramenta de intercâmbio cultural no continente. Ao apresentar o estudo de Adriano Páez sobre os poetas colombianos contemporâneos, a *Nueva Revista de Buenos Aires* reiterou sua proposta de estreitar os vínculos de confraternidade entre as nações latino-americanas, publicando em suas páginas escritos dos principais literatos desses países, bem como a de repercutir o movimento intelectual de cada uma das regiões da América Latina: "porqué es vergonzoso el estado de aislamiento en que se encuentran dichas naciones, ignorando hasta los nombres de los que ilustran las letras en las comarcas limítrofes" (*N. de la Direc.* PÁEZ, 1883, p. 161).

Ainda nesta ocasião, os Quesada discutiram as correntes que disputavam espaço no cenário político-cultural colombiano. De acordo com eles, existia na Colômbia uma divisão profunda tanto na política quanto nas letras. O Partido Conservador reunia o elemento aristocrático e clássico da literatura, enquanto o Partido Liberal agrupava princípios democráticos, laicos e radicais na política e românticos na literatura. Os partidos travavam uma "guerra encarniçada", que deveria ser levada em conta para a não adoção de juízos inexatos. Ambos os lados possuíam vínculos com figuras ligadas à publicação de revistas culturais. O *Repertório Colombiano*, periódico mensal pouco conhecido no Rio de Janeiro, era o núcleo dos conservadores, ao passo que os liberais, encabeçados por Adriano Páez, se utilizavam do *La Patria*, revista que, diferentemente de sua concorrente, era apreciada na República Argentina, além de contar com a colaboração de jovens promissores daquela "bela parte da América" (*N. de la Direc.* PÁEZ, 1883, p. 162-164).

Segundo os intelectuais argentinos, a profunda cisão gerava, naturalmente, uma recíproca resistência entre as duas escolas literárias colombianas. Entretanto, a *Nueva Revista de Buenos Aires*, almejando transparecer imparcialidade, considerava importante publicar trabalhos de ambas as vertentes. Naquela conjuntura, o periódico já havia publicado trabalhos dos colombianos José Caicedo Rojas e Salvador Camacho Róldan, ambos alinhados à vertente conservadora. Por isso, de acordo com a nota da direção, era necessário acelerar a publicação do trabalho de Adriano Páez, um dos líderes liberais. Além disso, a nota ainda trazia uma extensa biografia de Páez, permeada por diversos elogios e pelo reconhecimento de que a obra do liberal colombiano era amplamente conhecida junto aos intelectuais argentinos, sobretudo aquelas que foram publicadas na revista *La Patria*. O adendo dos diretores demonstrou o interesse que nutriam pelas discussões suscitadas nos países vizinhos e

explicitou a atuação de ambos como mediadores culturais, ao introduzirem em território argentino — além das demais localidades nas quais a revista circulou, ainda que de maneira incipiente — uma interpretação própria e sintética das principais vertentes políticas e literárias colombianas.

A década de 1890, os poetas modernistas se diferenciaram da geração anterior por formar o primeiro grupo de escritores que se dedicou exclusivamente à literatura de maneira profissionalizada, afastando-se da atuação política. Manifestavam-se por meio da cultura em oposição à vulgaridade e o materialismo da sociedade, lamentavam o reduzido nível intelectual de seus países e sustentavam valores de uma tradição humanista e culta. O modernismo estava inclinado à cultura de matriz francesa, pontuado pela crítica linguística e ideológica ao castelhano puro — considerado inadequado para a expressão da nova sensibilidade artística —, em contraposição ao idioma espanhol falado na América.

Nos artigos publicados na *Nueva Revista de Buenos Aires* pôde-se observar posicionamentos que preconizaram os modernistas — em relação à profissionalização, à crítica ao utilitarismo e à inspiração cultural europeia, que muitas vezes originavam trabalhos que pouco dialogavam com a realidade latino-americana —, e que divergiram de tais preceitos, sobretudo, quanto à vinculação cultural com a Espanha, manifesta em textos sobre a história nacional, língua e produção literária. Naquela conjuntura, as manifestações culturais estavam intrinsecamente ligadas a uma função político-social, de oferecer elementos discursivos que ressaltassem as peculiaridades e a história da nação e que convergiram para a fundamentação dos nacionalismos culturais na América Latina.

Além destes dois grandes temas, a *Nueva Revista de Buenos Aires* publicou textos amenos — tais como a produção de romances e relatos de viagem —, mas que se referiam a conteúdos "desgraciadamente poco conocidos en la República Argentina" (*N. de la Direc.* AGUILAR, 1884, p. 310). No artigo *Un viaje á Méjico*, assinado por Federico Aguilar<sup>64</sup>, chamou a atenção o uso de um país latino-americano como fonte de comparação e signo de progresso. O autor descreveu sua viagem entre as cidades de Puebla e Ciudad de México, destacando a malha ferroviária mexicana, vagões, estações e a quantidade de pessoas que utilizavam os trens: "Un poco de fastidio, si se anda solo, y un poco de polvo, en verano, tal es, en último análisis, lo que cuesta un viaje de Puebla a Méjico, por el cómodo y elegante

<sup>64</sup> Federico Cornelio Aguilar (1834-1887), padre, estatístico e erudito colombiano. Publicou em 1884 a obra *Colombia en presencia de las repúblicas hispano-americanas*, na qual expôs as razões para a fragilidade da Colômbia — como por exemplo, a baixa importação e exportação, resultando em uma receita escassa do governo; poucos quilômetros de linhas ferroviárias, construídas a alto custo; limitado movimento nos portos e debilidade educacional — utilizando-se de comparações com países do continente. Obra disponível em < <http://www.bdigital.unal.edu.co/7062/>> Acesso em 04/09/2018.

ferro-carril mejicano" (AGUILAR, 1884, p. 315). Ao longo do texto exaltou também outros aspectos da organização dos países vizinhos ao afirmar que "en la actualidad el sistema de comunes y del agua potable está perfectamente arreglado en Méjico, como en Lima, Santiago y demás ciudades que aspiran al honroso título de civilizadas" (AGUILAR, 1884, p. 318).

A utilização da grafia peninsular da palavra *Méjico* carece de uma análise mais atenta. O uso da letra X para escrever o nome do país representava um mexicanismo, ou seja, a incorporação de expressões de uso corrente na linguagem escrita, nas quais observavam-se as mutações locais do idioma e por vezes os contatos com as culturas indígenas. De maneira sutil, o autor afirmava seu posicionamento na discussão linguística que dividiu os países hispano-americanos ao final do século XIX. De um lado estavam aqueles que adotavam a pureza idiomática, seguindo as orientações da Real Academia Española de la Lengua e do outro os que advogavam pela formulação de um léxico próprio, mais coerente com a língua falada em cada unidade nacional. Em todos os outros artigos sobre aquele país, obedeceu-se a grafia com X.

Federico Aguilar utilizou neste artigo de um expediente característico dos intelectuais latino-americanos do século XIX: a convicção do subaproveitamento das potencialidades nacionais. Muitos dos autores reunidos em torno da *Nueva Revista de Buenos Aires* repetiram essa fórmula. De acordo com o intelectual colombiano:

No hay pueblo más inteligente é ilustrado que Colombia, en toda la América, pero tampoco ninguno otro más atrasado en lo material, ni que encierre más charlatanes, ni gentes más ingobernables, Y como los justos pagan por los pecadores un puñado de charlatanes, de políticos castros, de inquietos ciudadanos desacredita toda la Nación y la mantiene con sus luchas sempiternas y su inacabable politiquería en un atraso inmerecido, á la retaguardia de sus demás hermanas. El pueblo colombiano debía hacer un rodeo general y arriar todas esas dañinas alimañas políticas y revolucionarias hacia á vegetar en el atraso y la barbarie al lado de las hordas caníbales (AGUILAR, 1884, p. 316-317).

O juízo de Aguilar centrava-se na condenação das agitações políticas e caudilhescas, que esporadicamente se sobressaíam à marcha do progresso do país. Contudo, manifestando outra idiosincrasia latino-americana de finais do século XIX, o autor finalizava o artigo de maneira otimista, confiante quanto à superação do passado convulsionado, na manutenção da paz e moderação e no impulso às forças produtivas colombianas promovido por uma agenda liberal.

Em se tratando de literatura, Salvador Camacho Roldan<sup>65</sup> e José Caicedo Rójas<sup>66</sup> apresentaram alguns indícios das discussões empreendidas pelos letrados colombianos. Perpassaram pelos artigos temas como a influência europeia, sobretudo da Espanha, imitação estética, peculiaridades da produção colombiana e a inspiração nacional da literatura.

Camacho Roldan se propôs a falar sobre poesia na Colômbia, com destaque ao contemporâneo Gregório Gutiérrez Gonzalez. Em uma análise mesclada por referências românticas europeias, o autor discorreu sobre o que considerava ser a obra mais madura do poeta e uma das coroas da literatura propriamente nacional. Desse modo, apresentou sua percepção acerca do gênero, sobretudo ao exaltar o retrato nacional-antioquenho do trabalho e o alcance geográfico e social atingido pelo poema. Tais méritos, de acordo com Camacho Roldan, relacionavam-se também à linguagem utilizada pelo poeta. Discordando de opiniões que queriam apagar da literatura colombiana o vocabulário provincial, enquadrando-o em um molde estruturado por escritores espanhóis, o autor sustentou que a linguagem era a exteriorização das impressões recebidas pelo intelecto e da organização de cada país, logo não podia estar sujeita a um princípio de autoridade, nem obedecer dogmas de metrópoles distantes. As línguas não eram criações artificiais, mas

producto involuntario de las acciones y reacciones incesantes a que da lugar el contacto del hombre con la naturaleza, tan variada en sus formas y en sus influencias por las latitudes, los climas, la conformación del suelo, el estado de la vida social y las instituciones políticas. La unidad de lenguaje es uno de los vínculos de unidad positiva en los hombres que pertenecen a una misma nacionalidad; de suerte que la comunidad exacta del lenguaje puede llegar a ser una condición de integridad nacional (CAMACHO ROLDAN, 1882, p. 265).

Ao final do século XIX, a língua nacional e os vínculos com a Espanha entraram em pauta nas repúblicas hispano-americanas sob uma nova abordagem, dividindo opiniões entre a afirmação do distanciamento e a defesa da filiação intelectual. Ao longo dos anos, a *Nueva Revista de Buenos Aires* repercutiu ambas as tendências, porém, inclinou-se à uma posição pró-Espanha, que coadunava com o posicionamento de Vicente e Ernesto Quesada.

Caicedo Rójas, por sua vez, iniciou seu artigo em um tom pessimista. Ao apontar seu diagnóstico acerca da escassez da produção literária colombiana, o autor afirmava que as nações americanas não estavam preparadas para os gêneros literários:

Nuestra sociedad no tiene la vida ni el movimiento de las naciones del Antiguo Mundo, cuyas cuestiones varias y los mil incidentes y verdaderos dramas que en ellas se ven práctica y diariamente, suministran tela para escribir los miles de

---

<sup>65</sup> Salvador Camacho Roldan (1828-1900). Economista, jurista, editor, periodista, orador e pioneiro nos estudos sociológicos na Colômbia. Ademais de seus escritos, destacou-se como um dos políticos mais ativos do país entre as décadas de 1860 e 1880.

<sup>66</sup> José Caicedo Rójas (1816-1898). Romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta, tradutor, educador, historiador e político.

novelas que allí pululan. Si nosotros queremos trasplantar a nuestro suelo esas escenas de otras sociedades no lograremos sino hacer pálidas y chabacanas imitaciones de aquellas, y a todas luces infieles e inexactas (CAICEDO RÓJAS, 1882, p. 351).

Esse quadro derivava, de acordo com o autor, das limitadas fontes oferecidas pelas sociedades latino-americanas para a elaboração de novelas históricas e de costumes. Segundo Caicedo Rójas (1882, p. 352), [...] "no hay que esperar que en muchos años prospere y florezca este ramo entre nosotros, como ni tampoco, — y por las mismas causas, — el género dramático".

A saída para este cenário infeliz estaria centrada na dedicação dos intelectuais ao gênero épico. Essa solução trazia a percepção da nação como uma entidade social originada desde a colônia e promovia uma reconciliação com a Espanha. Para Caicedo Rójas a conquista do país, bem como os três séculos que antecederam a independência, ofereciam abundante inspiração para o exercício da imaginação e, conseqüentemente, para a elaboração de excelentes trabalhos. De acordo com o autor colombiano, relegar esse tema aos poetas da antiga metrópole era um desperdício.

Demonstrando travar um diálogo com seus contemporâneos e ciente dos posicionamentos contrários, o autor antecipou questionamentos e apresentou respostas. A primeira indagação pautava-se no fato dos referidos eventos estarem assentados em glórias ibéricas. Caicedo Rójas sustentava, que tais glórias foram colhidas em territórios colombianos e, diante desta constatação qual seria o motivo para "espigar lo que ellos dejen, cuando podemos, si no rivalizarlos, por lo menos imitarlos en el vigor del pensamiento, el fuego de la inspiración y la belleza de las formas" (CAICEDO RÓJAS, 1882, p. 366). O segundo aspecto abordado discutia qual seria a motivação em "cantar façanhas de soldados aventureiros", que despojaram indígenas de seus territórios e riquezas para submetê-los a trabalhos forçados e à morte? Apesar de reconhecer os crimes registrados na história americana, para o autor não havia dúvidas que os efeitos gerais da conquista espanhola no Novo Mundo haviam sido benéficos para a humanidade.

Por fim, justificando sua abordagem, argumentava que a despeito da guerra de independência ter sido heróica, a história contemporânea guardava desafios próprios: "Son los sucesos históricos a manera del vino, que es preciso guardarlo largo tiempo después de hecho para que tome el sabor añejo que le da todo su mérito, o como la madera verde, que para nada sirve sino se deja secar por años enteros" (CAICEDO RÓJAS, 1882, p. 371).

A discussão sobre a inserção do período colonial na composição das historiografias nacionais hispano-americanas, assim como uma relativização quanto ao papel desempenhado

pela antiga metrópole, ressoou entre os homens de letras do continente. Uma inclinação hispanista ganhou impulso entre o final do século XIX e início do XX, momento em que a crítica ao materialismo e ao afã imperialista dos Estados Unidos somou-se à exaltação das virtudes da tradição hispânica, principalmente após a derrota da Espanha na guerra de independência de Cuba, em 1898. Na Argentina, nomes como Vicente e Ernesto Quesada, Joaquín V. González, Calixto Oyuela, Rafael Obligado, Carlos Guido y Spano e Paulo Groussac se filiaram à corrente (BEIRED, 2010, p. 269-270). Índícios de tal tendência apareceram em vários textos da *Nueva Revista de Buenos*, de diferentes autores hispano-americanos.

Em artigo publicado em 1885, Francisco Javier Balmaceda, após pesquisas nos arquivos espanhóis, registrou seu parecer sobre a escrita da história colombiana. Para o autor,

no debíamos comenzar la historia de Colombia partiendo del año de 1810, según se dispone ¿Cómo podríamos pasar con indiferencia por el Imperio de los Muiscas y por la civilización de tres siglos de la dominación española, cuya influencia se siente en nuestras leyes, nuestras costumbres, nuestros hábitos, nuestra religión y nuestra literatura? (BALMACEDA, 1885a, p. 320).

Apesar de citar os povos Muiscas — civilização indígena pré-hispânica radicada na região que atualmente corresponde à Colômbia —, o texto centrou-se na herança colonial deixada pela Espanha. Balmaceda analisou o distanciamento entre Espanha e América e se rejubilou pelo florescimento de um interesse recíproco, que reforçava os laços fraternais entre a família espanhola de ambos os continentes. Recordou a ruptura e a almejada reconciliação com uma analogia à Roma Antiga:

como la antigua Roma inspirados en los principios democráticos de las leyes municipales. Tuvieran desacuerdo, como Rómulo y Remo, acamparon los dos ejércitos el uno frente al otro, pasaron en vela noche dispuestos á librar la batalla al siguiente día, y cuando al romper el alba iban á dar la señal, se presentaron en medio de los campos los sacerdotes del Dios de la paz con el busto de María en las manos; vinieron á una conciliación sincera y gobernaron en paz y en justicia, distinguiéndose Badillo por lo desgraciado y Palomino por lo prudente. Tácito hubiera dicho que éste era un claro vaticinio de que Colombia llegaría á ser cuna de la libertad y patria de muchos y esclarecidos varones (BALMACEDA, 1885a, p. 320).

Dessa maneira o autor trouxe a público o objetivo principal de seu trabalho de levantamento dos arquivos espanhóis, a saber, a preparação dos *Anales de Colombia*, motivado pelo Centenário de nascimento de Simon Bolívar. Balmaceda assegurou que suas investigações haviam resultado em um conjunto grandioso de documentos a serem utilizados em memória do herói nacional, "cuyo nombre inmortal simboliza la libertad", além de trazer à República "la gloria de haber completado la historia de España por lo que hace á América,

en la que se nota un gran vacío desde el reinado de Don Carlos II, el Hechizado" (BALMACEDA, 1885b, p. 479-480).

Na ocasião, a direção da *Nueva Revista de Buenos Aires* publicou uma nota elogiosa sobre a iniciativa e conclamou que os governos dos países vizinhos aderissem ao mesmo princípio, uma vez que sem essa base prévia seria impossível conhecer com exatidão a história pátria. Lembrou também o pioneirismo de Vicente Quesada, que havia escrito o único trabalho com base em fontes espanholas da República Argentina: o livro *Vireinato del Rio de la Plata 1777-1810*.

Balmaceda citou ainda a importância do conhecimento da história, desde os primeiros tempos da conquista, para o respaldo das negociações fronteiriças — aspecto também defendido por Vicente Quesada e que orientou a maior parte de seus escritos na *Nueva Revista de Buenos Aires*. Para Balmaceda, "¿Cómo podríamos dejar perfectamente definido el *uti possidetis* sin averiguar los antiguos limites jurisdiccionales de los pueblos, buscando la verdad desde los primeros tiempos de la conquista?" (BALMACEDA, 1885b, p. 477).

### 3.2 Bolívia

Os artigos de autores bolivianos tinham como tema primordial a literatura, sobretudo quanto à necessidade dos letrados assumirem a função de retratarem as “verdadeiras cores nacionais” e pelo desalento da presença predominante da herança espanhola. A análise de tais textos demonstra a polifonia presente na *Nueva Revista de Buenos Aires*, pois a despeito da aceitação e defesa da herança espanhola empregada pelo mensário, havia espaço para discussões que observavam essa influência como algo negativo, a exemplo dos letrados bolivianos.

De maneira geral, os autores latino-americanos concordaram quanto a intrínseca relação entre a literatura e a questão nacional, mas apresentaram variações acerca do enfoque. Majoritariamente centraram-se nas paisagens naturais de seus países, embora alguns escritos tenham trazido aspectos da vida das populações camponesas como fontes de inspiração. Essa pluralidade remetia à complexa reflexão dos contemporâneos acerca da configuração da cultura latino-americana, permeada pelo debate em torno da dicotomia imitação/originalidade e do desejo de afirmar-se, mas sem perder de vista o modelo europeu. Quanto às relações com a Espanha, os textos de escritores bolivianos — distribuídos do tomo II ao XIII — destacaram, predominantemente, os efeitos negativos da colonização, considerados responsáveis pelo atraso de sua nação.

Ao final do século XIX, a literatura boliviana foi caracterizada pela atuação "de los indagadores". De acordo com Fernando Diez de Medina (1980, p. 218), estes escritores

no contentos con preguntarse ¿Qué es Bolivia?, la exploraban, estudiaban sus problemas fundamentales, ensayaban la variedad de los géneros literarios para dar mayor riqueza a la expresión del pensamiento. Fueron autodidactas, lo aprendieron todo por sí mismos y éste es su mérito mayor, pues si política y económicamente brotaban de una sociedad de corte plutocrática, que concentraba los beneficios del dinero en pocas manos y dividía la comunidad en clases bien diferenciadas -ricos, blancos, mestizos, indios- en lo intelectual, prescindiendo de los privilegios de cuna o de fortuna, fueron demócratas de propósito y se adelantaron a su tiempo buscando más ancho a la difusión de las ideas (DIEZ DE MEDINA, 1880. p. 218).

Santiago Vaca Guzmán<sup>67</sup> foi um dos principais representantes desse arquétipo intelectual. Muito atuante politicamente em sua juventude, Vaca Guzmán participou do movimento revolucionário contra o governo do Gral. Mariano Melgarejo (1864-1871), considerado o presidente mais desastroso da história daquele país. Após a queda do general, foi nomeado secretário do Conselho de Estado e, posteriormente, fundou o periódico *La Patria*, por meio do qual continuou sua oposição ao regime. Seu posicionamento político resultou no exílio e, conseqüentemente, em sua instalação na cidade de Buenos Aires na década de 1870. Contudo, "no dejó de pensar un solo instante en su patria. Amaba a Bolivia con una pasión total y en Buenos Aires, desde su hogar, su estudio jurídico o desde la prensa siguió atento el desarrollo de los acontecimientos políticos" (OBLITAS FERNÁNDEZ, 1980, n.p.).

Na capital argentina, o autor se aproximou de pensadores locais e de outros bolivianos ali estabelecidos, tais como José María Pinto, Pablo Subieta, Nicomedes Antelo, Julio Lucas Jaimes e Gabriel René Moreno, escritores que ocuparam lugar de destaque na história cultural da Bolívia (OBLITAS FERNÁNDEZ, 1980, n.p.). Em 1882, Vaca Guzmán ocupou o cargo de secretário da Legação boliviana em Buenos Aires, liderada pelo plenipotenciário Modesto Omiste.

Estes dados proporcionam mapear as redes de sociabilidade que uniram intelectuais ao final do século XIX. Os homens de letras/políticos formavam círculos restritos e interconectados, pelos quais Vicente e Ernesto Quesada possuíam trânsito recorrente. Santiago Vaca Guzmán, descrito pela direção da *Nueva Revista de Buenos Aires* como um de seus colaboradores mais laboriosos e benevolentes, assinou dez artigos no periódico argentino e de seu convívio mais próximo, Gabriel René Moreno e Modesto Omiste também contribuíram com a publicação. A circularidade dos letrados latino-americanos passava,

---

<sup>67</sup> Santiago Vaca Guzman Moyano nasceu em Sucre, 1847 e faleceu em Buenos Aires, 1896. Foi romancista, crítico literário, jornalista, advogado e historiador.



assim — para além dos encontros em viagens internacionais e contatos epistolares — pela experiência do exílio e das funções públicas, sobretudo vinculadas aos Ministério das Relações Exteriores.

Em seus primeiros textos na *Nueva Revista de Buenos Aires*, Vaca Guzmán se dispôs a fazer um balanço da literatura boliviana. O autor demonstrou incômodo com o isolamento de seu país natal e o rarefeito fluxo de ideias mantido com os países vizinhos. Dessa maneira, as notícias que chegavam ao exterior davam conta apenas das disputas políticas, criando a imagem de uma raça belicosa, inquieta e entregue às guerras. Nada era dito sobre a sua civilização, costumes e desenvolvimento intelectual, por isso se fazia urgente estabelecer diálogo com intelectuais além-fronteiras:

existe, pues, en aquella región de América un pueblo que piensa, que siente, que espera, al cual le ha faltado tan solo ensanchar el vuelo de su espíritu, cambio de ideas con el universo y un poco de esa tranquilidad fecundante, necesaria al hogar y al corazón (VACA GUZMÁN, 1881a, p. 227-228).

Em sua análise do percurso da cultura boliviana, Vaca Guzmán se referiu ao período de domínio espanhol como longa noite. As riquezas minerais e a prosperidade gozada por setores de elite da região do Alto Peru foram responsáveis por uma maior resistência ao movimento independentista, que só se concretizou após renhidos combates contra as forças realistas. Vaca Guzmán atribuía a esse fator a profunda fisionomia colonial ainda em vigor no país, "infiltrándose en las ideas, en las costumbres, en el carácter, en la arquitectura, conservándose hasta el acento en la pronunciación del idioma. Allí todo lleva el estigio peninsular" (VACA GUZMÁN, 1881a, p. 229). Essa inclinação se desvanecia, ligeiramente, apenas com a propensão de alguns compatriotas em tomar a França como modelo, com simpatias que beiravam ao fanatismo.

Para o autor, neste cenário estava assentado o defeito capital da literatura boliviana, uma vez que não refletia as peculiaridades do país e apoiava-se demasiadamente em traços estrangeiros. E "la índole y el carácter no han podido cambiar porque no ha habido consorcio con otras razas, como sucede en varios estados americanos que empiezan, merced á este enlace, á perder los rasgos de la fisionomía colonial" (VACA GUZMÁN, 1881a, p. 229). O intelectual boliviano julgava, assim, primordial a interlocução com os letrados do continente para que a Bolívia ultrapassasse o estágio em que se encontrava, tal como acontecia com parte da literatura argentina e uruguaia, na qual via o caráter original dos povos e não plágios.

A despeito das críticas formuladas por Vaca Guzmán, que também atribuiu à colonização o defeito de recorrer à imitação, o autor vinculou à herança espanhola a aptidão criativa e comunicativa dos povos hispano-americanos, acentuada em regiões onde a raça

latina havia se sobreposto à indígena. Contudo, era chegada a hora da Bolívia e seus homens de letras trilharemos um caminho próprio e autêntico, buscaremos inspiração nas particularidades internas e aprimoraremos suas produções por meio do intercâmbio de ideias e textos com os países vizinhos.

Vaca Guzmán continuou sua análise no tomo seguinte da *Nueva Revista de Buenos Aires*, reforçando sua interpretação acerca dos males das feições coloniais bolivianas sobre a literatura contemporânea do país. Para o autor, a administração colonial esterilizou por séculos o desenvolvimento hispano-americano e na Bolívia

[...] el influjo de la organización colonial aún no ha desaparecido, el poder del dogma se halla en su antigua plenitud, y las más bellas inteligencias son arrebatadas al estudio por el turbión avasallador de las pasiones políticas. Siempre la maldita política proyectando su sombra esterilizadora sobre todas las manifestaciones de la vida de aquel país (VACA GUZMÁN, 1881b, p. 34).

Neste fragmento, Vaca Guzmán tocou em um dos pontos-chave da linha editorial da *Nueva Revista de Buenos Aires*, defendido por Vicente Quesada desde o início de sua atuação no âmbito cultural: a incompatibilidade entre as letras e a política. Assim, apesar da inevitável associação, dos intelectuais latino-americanos com o serviço público, o mensário argentino lamentava, constantemente, tal relação, advogando pela profissionalização dos homens de letras e manifestando o desejo de remunerar seus colaboradores. Outros autores — entre eles, o brasileiro Franklin Távora — também defenderam estes princípios e contestaram o inelutável destino dos intelectuais do continente, que em face às necessidades materiais acabavam por relegar sua vocação literária ao segundo plano ou mesmos desistiam de tal ofício.

Em seu retrospecto da história boliviana, Guzmán registrou o impulso das ideias advindas da emancipação política e dos influxos da liberdade. Esse movimento, porém, não foi linear e a assimilação da nova conjuntura pela população foi prejudicado pelas recorrentes convulsões internas. Partindo da premissa de que o desenvolvimento das ideias estava estreitamente ligado à índole das instituições políticas, Vaca Guzmán reafirmou a limitação das letras de seu país em comparação com o restante dos Estados americanos, seja em quantidade de publicações, seja na extensão dos princípios apresentados.

Ao falar sobre a atividade jornalística, Vaca Guzmán ponderou sobre as disputas políticas na Bolívia pós-independência. Segundo ele, enquanto o pensamento ilustrado recorreu ao periodismo, os caudilhos pautaram-se na violência. Em períodos em que o despotismo suplantou a ordem constitucional, o periodismo, "sufocado pelas sombras", observou resultados exíguos, marcados pela servidão, vil adulação e pela perversão do

sentimento nacional. Posto que a imprensa livre e independente havia sido a principal ferramenta utilizada contra os ditadores, estes agiram para reprimi-la. Nesta perseguição, o autor também via traços da herança colonial:

Había en esa tenaz persecución, en ese temor extraordinario al periodismo, algo de la preocupación y de los hábitos heredados al régimen colonial, **España e Inglaterra, estos dos árbitros del nuevo mundo**, comprendieron que la conservación de su señorío en América, dependía de la clausura de sus colonias respecto de los demás pueblos del globo, señorío que en lo interno solo podía perpetuarse conservando las densas sombras que tenían abatida la conciencia popular. El monopolio en la esfera comercial; la ignorancia en el régimen social y político eran los agentes eficaces que respondían á la subsistencia del dominio metropolitano (VACA GUSMÁN, 1882, p. 624. Grifo nosso).

A despeito das amarras impostas durante os séculos de colonização, na concepção de Vaca Guzmán, a imprensa de alguns países hispano-americanos e dos Estados Unidos havia progredido de maneira extraordinária. A explicação do autor para essa diferença em relação à Bolívia — que ainda conservava os "defeitos" dos primeiros passos da palavra impressa, com uma exacerbada tendência às paixões políticas, e que padecia com a falta de leitores — estava baseada nas exíguas políticas educacionais.

Outro dado a ser observado no artigo foi a ausência do Brasil na análise elaborada pelo autor boliviano. No excerto acima, Portugal não foi sequer mencionado entre as metrópoles colonizadoras da América. Este posicionamento não era uma exceção entre os intelectuais hispano-americanos do século XIX, quando os vínculos com o Brasil ainda eram escassos (ZANETTI, 1994, p. 492). O rompimento desse paradigma na *Nueva Revista de Buenos Aires* ficou a cargo da direção do mensário, que além da publicação de textos de autoria de brasileiros, declarou inúmeras vezes o desejo de estreitar laços com todos os países latino-americanos, inclusive com o Império vizinho.

José David Berrios<sup>68</sup> discutiu a literatura de seu país em três artigos. Passando brevemente pelas questões políticas, o autor se limitou a pontuar os méritos dos governos constitucionais na marcha para o progresso boliviano. Centrou sua análise nas poesias de Manuel José Cortés (1815-1865), objetivando elucidar a questão: a Bolívia possuía uma literatura nacional?

Berrios compreendia a literatura como o reflexo vivo do modo de ser de um povo, de seus costumes, hábitos, tradições e até de suas preocupações, tal qual um espelho que reproduzia a fisionomia e os traços característicos da sociedade. Para o autor boliviano a resposta para sua indagação não era definitiva, uma vez que se a literatura nacional fosse entendida como o conjunto de livros e obras escritas por bolivianos, a assertiva era

---

<sup>68</sup> José David Berríos (Potosí, Bolívia, 1849-1912) foi jurista, poeta, dramaturgo e periodista boliviano.

verdadeira, porém ao pensar tais produções como um selo particular "con cualidades que las distinguan no solo de la peninsular, sino, si posible fuera de las más nuevas, de las de sus hermanas las Repúblicas latino-americanas: es problemático" (BERRIOS, 1883a, p. 187).

Mostrou-se flexível, porém ao refletir sobre a requerida originalidade da literatura nacional, uma vez que considerava impossível a emergência de um pensamento, gênero ou estilo essencialmente novo. A originalidade defendida pelo autor centrava-se em conferir às iniciativas culturais uma roupagem nitidamente boliviana, posicionamento similar àquele professado por Ernesto Quesada:

Todos los hombres aman; pero el francés, el español, el americano; el de hoy, el de edad media, el de la edad antigua, sienten esa pasión, ó la sintieron, con matices quizá inexplicables, con diferencias quizá imperceptibles; pero que sin embargo, hacen diferir ese sentimiento experimentado por aquellos: y la expresión, hija del carácter peculiar de cada pueblo, le da la última mano de diferencia (BERRIOS, 1883a, p.190).

Ao final de seu ensaio, Berrios considerou Manuel José Cortés, como o verdadeiro pai da literatura boliviana, dado que seus poemas possuíam o mérito de cantar as belezas do país, sua natureza e suas cores: "cuanto más exacta es la imitación de la naturaleza de los objetos que describe, o de las pasiones que pinta; tanto más notable será el poeta" (BERRIOS, 1883a, p. 192). O autor também fez votos de que seu balanço inspirasse os jovens letrados da nação a se dedicarem à crítica literária, um terreno fecundo para o conhecimento do progresso intelectual da pátria.

Apesar da Bolívia estar envolvida na Guerra do Pacífico<sup>69</sup>, os textos publicados na *Nueva Revista de Buenos Aires* não fizeram referência a este tema, repercutindo apenas os influxos daquela conjuntura, tais como a ascensão de algumas figuras a postos de comando e a adoção de políticas de abertura econômica. Após um longo período de constantes intervenções de oligarquias e forças militares na política, em 1880 se estruturaram as correntes de pensamento que seriam o germe dos partidos conservador e liberal na Bolívia<sup>70</sup>, trazendo em seu cerne a discussão entre pacifistas e belicistas.

No geral, conservadores e liberais diferiam pouco em seus princípios essenciais, ambas as correntes estavam pautadas no livre cambismo e alinhadas ao modelo de expansão capitalista adotado desde a década anterior em vários países sul-americanos. As dissonâncias tinham dois matizes: interesses de grupo, pois enquanto conservadores representavam as

---

<sup>69</sup> Naquela conjuntura, as duas nações ocupavam pólos opostos na Guerra do Pacífico. Confronto ocorrido entre 1879 e 1883 envolvendo Chile e as forças conjuntas de Bolívia e Peru. Ao final do conflito o Chile anexou áreas ricas em recursos naturais de ambos os países derrotados. A Bolívia teve que ceder a província de Antofagasta, ficando sem saída para o mar

<sup>70</sup> Cf. <<http://www.educa.com.bo/la-republica/partidos-politicos-liberales-y-conservadores>>. Acesso em 12/09/2018.

empresas mineradoras da região sul, os liberais respondiam à corporações do norte do país. Enquanto os liberais estavam ligados majoritariamente a uma tradição maçônica e os conservadores guiavam-se pelo catolicismo, opondo-se à liberdade de culto e ao matrimônio civil.

No início da década de 1880, iniciou-se um período de predomínio conservador na Bolívia, que durou até 1899. No tomo VIII da *Nueva Revista de Buenos Aires*, C. Pinilla dedicou várias páginas a exaltar a figura de Mariano Baptista<sup>71</sup> que, naquela conjuntura se tornara presidente da câmara dos deputados. Em seu texto, escrito expressamente para o mensário argentino, Pinilla explicou a opção pela abordagem biográfica para que leitores em geral e, sobretudo, os compatriotas bolivianos pudessem ver os homens de Estado como representantes da ilustração do país. Para o autor, "Bolívia no está atrasada, cuando tiene un hombre como don Mariano Baptista" (PINILLA, 1883, p. 380).

Modesto Omiste elaborou um misto de estudo histórico e artigo de opinião sobre os investimentos na região mineira de Potosí. O autor contemplou as fabulosas riquezas extraídas durante os séculos de colonização, os efeitos negativos das guerras de independência sobre a extração de minerais e o novo ímpeto adquirido nos últimos anos em decorrência de esforços de empresários locais e de capitais estadunidenses. Essa junção de elementos financeiros, de acordo com ele, implicaria não só no enriquecimento dos empresários, mas também no restabelecimento do esplendor da cidade de Potosi e no bem-estar econômico da região, que irradiaria para os países vizinhos. Pautado nas noções de civilização e progresso — que se configuraram em propósitos primordiais de políticos e intelectuais latino-americanos na segunda metade do século XIX — Omiste expressava confiança quanto ao futuro daquela localidade:

En la época actual, en que el esfuerzo humano se dirige resueltamente por la senda del progreso, en pos de las grandes empresas industriales, que al mismo tiempo de crear el bienestar material de los pueblos con el aumento de la riqueza, mediante el empleo del capital, el trabajo y la ciencia, difunde la civilización, mejorando la condición moral de los hombres, era preciso exhibir el Cerro de Potosí y el compendio de su historia [...] para hacer ver que los hechos referidos por la fama, no son invenciones de la imaginación, ni referencias fantásticas de creaciones ideales, sino realidades que actualmente llaman la atención de empresarios serios, grandes capitalistas e ingenieros distinguidos (OMISTE TINAJEROS, 1881, p. 602).

Omiste concluiu seu artigo afirmando que por meio dos investimentos econômicos, da estabilidade interna e da paz com os países vizinhos, a Bolívia em breve reencontraria a opulência experimentada na época de Carlos V e a superaria amplamente.

---

<sup>71</sup> Mariano Baptista (1832-1907). Político e advogado boliviano. Durante a Guerra do Pacífico desempenhou missões diplomáticas e defendeu a paz com o Chile. Foi presidente da Câmara dos deputados em 1882, vice presidente da República entre 1884 e 1888 e à presidente do país no quadriênio 1892-1896.

O periódico argentino também publicou textos amenos, a exemplo de duas séries, classificadas pela direção como "históricos novelescos", assinadas por Santiago Vaca Guzmán. As resenhas de livros, características em todas as edições da revista, ocupavam a seção *Revista Bibliográfica*, mas por uma ocasião foi deslocada desse segmento, quando Gabriel René Moreno emitiu seu juízo acerca da publicação do político e historiador chileno Benjamin Vicuña Mackenna, intitulada *El tribuno de Caracas. Rasgos, noticias y documentos sobre la vida del ilustre prócer chileno, don José Cortes Madariaga*.

René Moreno realizou uma análise minuciosa da obra, em cinquenta páginas, alegadamente alijada das disputas que envolviam as suas pátrias. Teceu elogios ao escritor chileno, ao seu estilo e aos méritos de suas obras em ultrapassar fronteiras, apesar de fazer ressalvas referentes ao envolvimento do autor nas questões políticas:

A pesar del alejamiento material existente todavía entre nuestras repúblicas, a pesar de ese otro alejamiento moral en que se han colocado los hijos de Chile con su política exterior, y a pesar de los feroces gritos de combate con que el patriotismo del señor Vicuña Mackenna ha herido sentimientos y principios que pertenecían a la comunidad de la gran patria americana, ningún escritor de nuestra raza, que sepamos, alcanza hoy en el continente la notoriedad que aquel ilustre chileno ha logrado conquistarse por la magia de su estilo. Si bien no es el único que haya traspasado las fronteras de su patria, puede afirmarse, cuando menos, que es el prosador americano mas reproducido por la prensa voladera de nuestras repúblicas (RENÉ MORENO, 1882b, p. 364-365).

As ponderações de René Moreno à obra centraram-se em torno da metodologia da narrativa histórica. Para o boliviano era incompreensível que o trabalho de Vicuña Mackenna, com todos os talentos do autor, não tivesse se aprofundado nessa concepção. A partir de então, assinalou todas as inconsistências, que a seu ver caracterizaram as incursões sobre os eventos que envolveram o biografado, concluindo que a índole subjetiva de Vicuña Mackenna e o seu talento imaginativo prejudicavam a análise histórica.

A *Nueva Revista de Buenos Aires* também publicou um artigo do historiador boliviano Adolfo Mier sobre os levantes ocorridos na cidade de Oruro, em 1781. Desde as primeiras linhas o autor explicitava o sentido atribuído à história no século XIX e a intencionalidade de seu estudo: "La historia de la humanidad, desde sus primeras páginas nos muestra héroes y mártires del cumplimiento del deber, del ejercicio de las buenas cualidades. Esos hombres y sus hechos no han sido olvidados, sirven de útil enseñanza á la posteridad" (MIER, 1884, p. 595). De acordo com o autor, os povos que esqueciam seus heróis não estavam muito distantes de desaparecer. Em face das comemorações da independência emergiu a memória dos próceres e de seus feitos gloriosos, mas causava incômodo o ostracismo imposto à figura de Sebastian Pagador.

Mier considerava seu dever "rectificar los errores y omisiones del pasado; contribuir á la veracidad histórica exponiendo los documentos fehacientes, para que nuestros héroes y mártires no sean olvidados; para no hacernos reos de incalificable ingratitud" (MIER, 1884, p. 597). Utilizando-se de estudos históricos anteriores e confrontando-os com documentos de época, o autor conduziu o artigo de modo a comprovar que a rebelião de Oruro, liderada por Sebastian Pagador, não foi menor em importância às sublevações conduzidas por Tomás Katari e Tupac Amaru, constituindo-se em uma "verdadera iniciativa de la guerra de la independencia; deseo manifestado de constituir una pátria libre" (MIER, 1884, p. 607). Neste último aspecto, o movimento de Oruro ainda tinha a seu favor, segundo o historiador, a evidência de ter sido motivado por um sentimento emancipatório desde sua origem, o que provava que "los americanos sentían el amor á la patria y el deseo de ser libres sacudiendo el yugo extranjero que envilece" (MIER, 1884, p. 608).

Observava-se neste artigo mais uma faceta das discussões dos intelectuais latino-americanos quanto à delimitação do campo historiográfico na segunda metade do século XIX. Recortes, utilização de documentos e uma pretensa objetividade foram reclamadas por diferentes vozes em defesa de interpretações das mais variadas, gerando debates, que por vezes se transformavam em polêmicas por meio da imprensa, com a publicação de réplicas e trélicas<sup>72</sup>.

### 3.3 México

A *Nueva Revista de Buenos Aires* contou com a colaboração de sete autores mexicanos, totalizando dez artigos, distribuídos entre os tomos V e XI. A crítica literária foi a temática central nesses textos, nos quais a interpretação otimista da cultura mexicana — e latino-americana em geral — se sobressaiu.

A direção do mensário se manifestou por duas ocasiões, por meio de notas, destacando a satisfação em levar aos leitores a produção intelectual daquele país, "digna de ser conocida por todos los que de América se ocupan" (*N. de la Direc.* ZAYAS ENRIQUEZ, 1884a, p. 219). A primeira publicação proveniente do México foi a reprodução de um artigo assinado por Luis Alva, retirado do periódico *La Libertad*. Vicente e Ernesto Quesada justificaram a divulgação da transcrição com base em seu interesse e pela dificuldade em obterem notícias daquela localidade. De acordo com os diretores, a "incomunicación intelectual con México es tan grande que apenas se reciben de tarde en tarde alguno que otro periódico atrasado", que

---

<sup>72</sup> A *Nueva Revista de Buenos Aires* acompanhou algumas dessas polêmicas em torno da escrita da história, a exemplo da que envolveu os argentinos Bartolomé Mitre e Vicente Fidel López em 1881.

eram recolhidos e analisados pela *Nueva Revista de Buenos Aires* (N. de la Direc. ALVA, 1882, p. 201). Contudo, asseguraram que em breve passariam a receber trabalhos inéditos de afamados escritores mexicanos sobre o movimento intelectual do país.

Na nota que antecedeu o estudo de Alva, sobre a independência do México, foi inserida uma exposição da conjuntura política de fins do século XIX. Nesta, os Quesada afirmavam o extraordinário progresso, desenvolvimento e modernização daquela "República irmã" sob o governo de Porfírio Diaz (1876-1911), para corroborarem sua asserção arrolaram o número de empresas ferroviárias existentes no país, os quilômetros de estradas de ferro e cabos telegráficos instalados, além dos movimentos dos portos e da balança comercial.

A promessa dos diretores da *Nueva Revista de Buenos Aires* de publicar obras de escritores de renome se concretizou logo na edição seguinte, com a veiculação de um artigo assinado por Ignacio Altamirano<sup>73</sup>, considerado o pai da literatura nacional mexicana. Nascido em uma família indígena, Altamirano chegou aos catorze anos sem falar a língua oficial de seu país. Idade com a qual começou seu processo de alfabetização com inopinado êxito e rapidez, conquistando uma bolsa para estudar no Instituto Liberal de Toluca. Altamirano foi acompanhado de perto pelo intelectual Ignacio Ramírez — destacado membro do movimento liberal mexicano, conhecido como el Nigromante — seu mentor e amigo.

No artigo, Ignacio Altamirano expôs seu parecer acerca da cultura sul-americana. O autor não apresentou as hesitações que caracterizaram as manifestações de seus pares, pontuando de maneira incisiva os méritos e a originalidade da produção dos letrados do continente:

El nacimiento de la poesía sud-americana ha sido un verdadero Génesis y no la reproducción del arte antiguo implantado en el Nuevo Mundo. La libertad la hizo germinar en un suelo virgen, fecundo-la al sol de los trópicos y la guerra la arrulló en su cuna con sus estrépitos terribles y con sus himnos de gloria!

Es una fiera y original esa poesía sud-americana, y para estimarla en su justo valor es preciso considerarla como poesía primitiva por más que su forma tenga algo de común con la poesía moderna (ALTAMIRANO, 1883, p. 561).

Altamirano rechaçou o vínculo da literatura sul-americana com as antigas metrópoles, atribuindo àquela características peculiares resultante da influência do meio, o que incluía até mesmo os conflitos políticos. Era um erro enquadrá-la em moldes europeus, o que fatalmente acarretaria na conclusão de um suposto atraso. Os poetas do continente, na concepção de Altamirano, eram produtos "de la virgen naturaleza americana abrasada por el sol. Sus idilios tienen el aroma salvaje de las grandes florestas, el calor del cielo inundado por la luz y el sabor de las frutas que destilan miel" (ALTAMIRANO, 1883, p. 562). Não eram plásticos

---

<sup>73</sup> Ignacio Manuel Altamirano Basilio. Tixtla, México, 1834 - San Remo, Itália, 1893.



como os gregos, sensuais como os latinos, místicos como os trovadores, hiperbólicos como os árabes, libertinos como os franceses ou sombrios como os alemães: "Son castos aunque ardientes, dulces aunque bravíos, y conceptuosos a pesar de su graciosa sencillez. La poesía amorosa sud-americana, es una poesía *sui generis*, mezcla singular de la fiereza galante española y de la dulzura melancólica del indio" (ALTAMIRANO, 1883, p. 562).

A interpretação de Altamirano sobre a contribuição da cultura indígena nas letras americanas também foi singular na *Nueva Revista de Buenos Aires*. Os demais escritores mexicanos foram unânimes em pontuar a riqueza das civilizações pré-hispânicas em seu país, afirmando, por outro lado, a impossibilidade delas terem exercido influência na literatura devido à colonização. A construção da identidade nacional no México mobilizou imagens e discursos sobre os astecas, o território e o mestiço como sinônimos de mexicanidade. O indígena real, contudo, ficou fora da equação, centrada em uma idealização do passado pré-hispânico.

Demonstrando conhecimento da produção intelectual do continente, Altamirano comentou a qualidade das obras do venezuelano Abigail Lozano; dos argentinos Estebán Echeverría e Luis Lorenzo Domínguez; dos uruguaios Adolfo Berro e Acuña de Figueroa; do peruano Ricardo Palma e do colombiano Jorge Isaacs, poetas que "han sabido ser originales, porque en vez de imitar pálida y fríamente la manera poética europea, han buscado en su país de América y en su propio corazón la fuente de sus propias inspiraciones" (ALTAMIRANO, 1883, p. 563).

¿Y Juan Carlos Gómez? ¿Pues qué los alejandrinos del bardo oriental: — a la Libertad, o los cantos de dolor que resuenan en su arpa templada en la soledad melancólica de las pampas uruguayas, tienen algo de parecido en la poesía antigua o moderna? ¿Y José Mármol? El apóstrofe a Rosas no se expresa con acentos conocidos en ninguna lengua. El poeta argentino los ha arrancado del huracán que agita las selvas de los Andes, del soplo aterrador del Pampero, del ronco estruendo del Tequendama, de los tumbos del mar embravecido, del mugido pavoroso del Chimborazo y de la catarata de truenos de las tormentas americanas. Buscad la explosión de la cólera fulminante de Mármol en la poesía antigua y no la encontrareis (ALTAMIRANO, 1883, p. 561-562).

Outra característica da produção cultural hispano-americana indicada por Altamirano era a linguagem utilizada pelos poetas. Para o autor, a língua refletia a natureza, o espírito e os costumes de um povo e por esse motivo, o espanhol peninsular não era capaz de captar completamente a essência americana. "Desde temprano la mezcla de las razas, el contagio de las lenguas y la necesidad o el hábito dieron un carácter peculiar al idioma de estas naciones mezcladas y en materia de lenguaje ya se sabe que los pueblos no aguardan nunca el fallo de las academias" (ALTAMIRANO, 1883, p. 563-564).

O desejo de imprimir um selo nacional à linguagem culta esteve em pauta nas discussões intelectuais em diferentes países hispano-americanos. Sobre esse tema, Rafael de Zayas Enríquez, no artigo *Orígenes del lenguaje criollo*, criticou a Real Academia Española de la Lengua pela pouca atenção dedicada aos vocábulos regionais americanos, permanecendo alheia ao enriquecimento do idioma. De acordo com o autor, a instituição ibérica reconheceu apenas algumas expressões americanas que eram de uso corrente em todo o continente, interpretando-as e definindo-as mal. Entretanto, mostrou-se esperançoso quanto à mudança deste cenário a partir da criação de Academias correspondentes na América, pois assim seria possível encomendar a cada uma delas um catálogo de palavras de origem indígena que passaram a integrar o idioma castelhano nas suas respectivas nações.

Seguiram-se balanços da produção mexicana, com o arrolamento de autores e obras, além de análises das circunstâncias de produção, por meio das quais foi possível observar as nuances de opiniões dos críticos. O interesse pela crítica literária demonstrou como era pulsante o ambiente cultural latino-americanos na segunda metade do século XIX, conjuntura na qual o debate em torno da nacionalidade abrangia questões étnicas, culturais e linguísticas.

Juan de Dios Peza<sup>74</sup> afirmou que a falta de estímulos aos letrados ressaltava ainda mais os méritos dos poetas de seu país. Em ensaio — dividido em três partes —, que classificou de "*Revista crítico biográfica do estado intelectual da República Mexicana*", listou obras e autores, oferecendo uma breve explanação sobre eles<sup>75</sup>. Também expôs sua compreensão acerca da essência da literatura nacional e o caminho para fortalecê-la:

El día en que todas nuestras costumbres sean estudiadas; el día en que hablemos de nuestras flores, de nuestros frutos, de nuestros pueblos, de nuestros héroes en una palabra, de todo eso que hay en América, y que solo nosotros conocemos; en ese día, repito, habremos alcanzado tener literatura propia, **como lo han alcanzado ya los americanos de Sur** (PEZA, 1883a, p. 553. Grifo nosso).

Em conclusão, Peza (1884, p. 617) salientou que objetivava divulgar os trabalhos dos poetas mexicanos no exterior, posto que poucos eram conhecidos além fronteiras e "he querido que La Nueva Revista de Buenos Aires cuya profusa circulación es innegable, lleve á remotas regiones el primer dato sobre la Bohemia Mexicana".

Com posicionamentos políticos opostos, Victoriano Agueros e Francisco Gómez Flores revisitaram as produções literárias anteriores à independência mexicana. Agueros — jornalista e crítico literário, com inclinação religiosa e conservadora — ressaltava os

<sup>74</sup> Juan de Dios Peza (1852-1910). Poeta, crítico e político liberal mexicano. Ingressou na Escuela Nacional Preparatoria em 1869, na qual teve como mentor o pensador Ignacio Ramírez, El Nigromante.

<sup>75</sup> Juan de Dios Peza iniciou seu trabalho com as obras de Ignacio Altamirano, ao qual atribuiu o lugar de pai da literatura mexicana. Peza classificou a produção deste autor como "mexicana y muy mexicana; tipo de la poesía nacional" (PEZA, 1883a, p. 553).

trabalhos elaborados por membros do clero, sobretudo relacionados aos povos indígenas, durante o século XVI:

Los religiosos, cumplido este primer y principalísimo deber, no permanecieron ociosos, antes sus admirables trabajos filológicos les sirvieron de estímulo para emprender otros nuevos, sin por esto dejaran desatendida su obra más gloriosa y meritoria. Quisieron escribir las memorias del país conquistado [...] (AGUEROS, 1883, p. 68).

De acordo com o autor, o século XVII seguiu extraordinariamente produtivo — ainda que naquela conjuntura a literatura mexicana não passasse de um reflexo da espanhola —, culminando com o surgimento de Sor Juana Inés de la Cruz, "madre de nuestra poesia, la fundadora de nuestra literatura" (AGUEROS, 1883, p. 78). A centúria seguinte, foi considerada por Agueros a era de ouro das letras do país, impulsionando obras e autores. A expectativa era que a independência fortalecesse esse movimento literário, apesar das contínuas guerras e agitações políticas que colocavam obstáculos consideráveis aos literatos. Quadro que se tornava ainda mais complexo com diagnóstico do autor acerca da tendência à imitação dos jovens escritores e da atração exercida pelo periodismo diário. A superação do primeiro empecilho para autor estaria em concentrar as atenções às fontes de inspiração nacionais:

Conviene que la juventud medite todo esto, y que se convenza de que no ha menester acudir a tierras extrañas para ejercitar sus fuerzas: tenemos terreno propio, rico, extenso, magnífico, que permanece todavía virgen, como nuestro territorio, y que en el cual se encuentran objetos nobles, asuntos elevados y sublimes, dignos de la poesía y aun de la epopeya (AGUEROS, 1883, p. 101).

Quanto ao periodismo, Victoriano Agueros reverberou uma opinião já familiar aos leitores da *Nueva Revista de Buenos Aires*<sup>76</sup>, de que a exigência da produção rápida e em linguagem "vulgar" do jornalismo impedia o aperfeiçoamento literário, uma vez que restringia o estudo e a meditação dos homens de letras. Por este motivo, a direção do mensário argentino advogava pela criação de uma lei de propriedade intelectual, que garantisse aos autores condições financeiras sem a necessidade de se recorrer aos ganhos proporcionados pelos diários.

Gómez Flores, intelectual e jornalista anticlerical, discordava, por sua vez, da suposta fertilidade dos séculos coloniais nas letras do país, pois acreditava que em todo aquele período apenas dois poetas mereciam registro, Fernán González de Eslava e Sor Juana Inés de la Cruz. Para o autor, o signo nacional era imprescindível à produção artístico-literária de um povo e por esse motivo esse campo era relativamente novo no México:

---

<sup>76</sup> Presente em textos assinados, sobretudo por Ernesto Quesada ao tratar do ambiente intelectual argentino, conforme trataremos no segundo capítulo.

Durante el extenso lapso de la dominación española, no tuvimos autonomía en la vida social, y no pudimos tenerla en las esferas de la actividad artística. Si no hay energía y vigor la vida pública, no es posible que la fantasía, maga del arte, tenga bríos y aliento para salir del marasmo en que todo se sumerge, cuando el ala negra del despotismo azota el rostro de una nación entera (GÓMEZ FLORES, 1882, p. 192-193).

Tal constatação, porém, não implicava na negação da herança espanhola na literatura mexicana, tampouco na impossibilidade de buscar inspiração nos três séculos anteriores, posto que "el espíritu nacional literario no depende de la nacionalidade de un argumento, sino del tinte y colorido que le comunica el aliento patrio del autor" (GÓMEZ FLORES, 1882, p. 195). Cabia aos poetas mexicanos imprimir as cores de sua nação às obras, independentemente do estilo adotado e da conjuntura histórica tomada como pano de fundo.

A análise dos textos de autoria mexicana publicados na *Nueva Revista de Bueno Aires* permite-nos afirmar que eles foram significativos quanto à dupla reflexão dos intelectuais do continente. De um lado, ponderaram sobre a nacionalidade mediante o exame das singularidades culturais de seu país. Por outro, exprimiram um incipiente sentimento de unidade continental, por meio da aproximação de experiências e o interesse pelas produções dos homens de letras das demais nações americanas. Este horizonte era acentuado nas inserções da direção do mensário argentino e estava na base das mediações culturais de Vicente e Ernesto Quesada.

### 3.4 Uruguai

Apenas três autores uruguaios contribuíram com a *Nueva Revista de Buenos Aires*, somando oito artigos no mensário, sendo o político, diplomata, historiador e periodista Andrés Lamas seu principal colaborador. Após uma intensa participação política na sociedade uruguaia — iniciada ainda na década de 1830 —, Lamas instalou-se na cidade de Buenos Aires em 1876, aproximando-se dos círculos letrados da capital portenha. Afastado da política, dedicou-se a escrever trabalhos de história e economia e disponibilizou versões inéditas de capítulos de suas obras para publicação prévia no periódico conduzido por Vicente e Ernesto Quesada. Excertos de três obras de Andrés Lamas foram apresentadas inicialmente nas páginas da revista. A primeira centrava-se na figura de Juan Diaz de Solís, primeiro navegador do estuário do Rio da Prata, enquanto as demais discutiam políticas elaboradas pelo político argentino Bernardino Rivadavia.

Em mais um exemplo do intercâmbio de textos e livros existentes em âmbito latino-americano na segunda metade do século XIX, o autor uruguaio iniciou seu primeiro artigo

rebatendo a afirmação do historiador brasileiro Francisco Adolfo de Varnhagen acerca da nacionalidade de Diaz de Solís:

Nuestro sabio amigo Varnhagen, hablando de Juan Diaz de Solís en su "Historia general del Brasil", **le llama piloto portugués; y agrega que á vista de los documentos debe reconocerse que no era de Lebrija.** [...]

Contrariamos el propósito de Varnhagen con la autoridad de todos los historiadores que han mencionado la patria del descubridor de nuestro Rio (LAMAS, 1881, p. 329. Grifo do autor).

Em uma conjuntura de formação da disciplina de história, interpretações de outros estudiosos e documentos foram mobilizados para embasar as assertivas de ambos historiadores sobre o local de nascimento do referido navegador, Espanha ou Portugal. Lamas, contudo, pontuou a escassez de fontes oficiais que pudessem oferecer um parecer definitivo em tal discussão. Também justificou a elaboração de suas hipóteses, formuladas a partir de relatos de contemporâneos, "para apartar del descubridor de nuestro rio las sombras de vanidad pueril, de pretensiones torpes y de supercheria, que con notoria falta de fundamento se dejan caer sobre su nombre histórico" (LAMAS, 1881, p. 335). De acordo com Lamas, Varnhagen não possuía nem documentação incontestável, nem hipóteses que permitissem contrariar os testemunhos de época, ferindo, assim, preceitos da história e da moral.

Alguns anos depois, Andrés Lamas forneceu outro trecho de sua obra inédita, publicada no décimo primeiro tomo do periódico, pautado pela crítica documental, relatou as circunstâncias da morte do navegador Diaz de Solís, que ao desembarcar em terras americanas, foi atacado por índios antropófagos. Lamas utilizou-se de escritos de um cronista espanhol, identificado como Herrera, questionando as omissões do documento, que subtraía do conhecimento do historiador aspectos essenciais para a reconstrução do evento, tais como datas e localização exata.

Por sua vez, os textos assinados por Lamas, dedicados a discutir a figura e as realizações de Rivadavia, foram introduzidos por uma nota da direção da *Nueva Revista de Buenos Aires*, que os recomendava "á los hombres de Estado la lectura de este capítulo, porque él sugiere una serie de conclusiones útiles y provechosas" (*N. de la Direc.* LAMAS, 1883a, 353). Bernadino Rivadavia havia governado a Argentina entre fevereiro de 1826 e julho de 1827, enfrentando forte oposição dos caudilhos e da Igreja. Ao final do século XIX, historiadores afinados com as políticas liberais exaltaram o projeto que almejava transformar a fisionomia de Buenos Aires. Rivadavia propôs incentivos à cultura, laicização da educação, atração de imigrantes por meio de políticas fundiárias, além de uma distribuição igualitária das rendas alfandegárias e a paridade na representação legislativa do país. Suas iniciativas,

porém se chocaram com os interesses das elites e o fizeram perder o apoio tanto de unitários, quanto de federalistas, acarretando em sua renúncia.

O primeiro artigo que, posteriormente, foi integrado à obra *El canal de los Andes: Capítulo de don Bernardino Rivadavia y su tiempo*, versava sobre o projeto do governante argentino de construir uma rota aquática que facilitasse o escoamento das produções das províncias até o porto de Buenos Aires, que à sua época foi considerado como "el prototipo de las utopías de Rivadavia" (LAMAS, 1883a, p. 353). Apesar da viabilidade do empreendimento, Lamas analisou a afinção do político com iniciativas de canalização levadas a cabo nos Estados Unidos e na Colômbia, entendidas como elementos de prosperidade, unificação e desenvolvimento da cultura e riqueza das nações.

Nos textos seguintes, Lamas discutiu as políticas agrárias de Bernardino Rivadavia traçando um paralelo com a conjuntura contemporânea argentina. Rivadavia expropriou terras eclesiásticas e também deu início a um projeto de atração de imigrantes mediante a distribuição de pequenas propriedades aos recém-chegados. Contudo, com os escassos números da imigração na primeira metade do século XIX, os beneficiados foram as elites bonaerenses, o que gerou uma grande concentração fundiária. Lamas condenou a existência dos latifúndios, a especulação, a monocultura, além de advogar pela regulamentação estatal da terra, a fim de "extinguir el germen feudal adherido á las grandes propiedades rurales, propendiendo así a la organización de la sociedad democrática y á la verdad del sistema representativo" (LAMAS, 1883b, p. 220).

De acordo com Andrés Lamas (1883c, p. 33) havia uma intrínseca relação entre a questão agrária e o progresso social, pois o acesso à propriedade da terra era fonte da vida democrática de uma nação. Tal afirmação fazia ainda "más sensible y deprimente la injusticia social que le adjudica á un grupo de individuos toda la renta del suelo" (LAMAS, 1883c, p.33). Nesse sentido, as políticas de Rivadavia mereciam ser estudadas, uma vez que o estadista havia sido

el primero y hasta hoy, el único Estadista americano que sin alucinarse sobre los efectos de la apropiación de la tierra despoblada, ni sobre los resultados transitorios del régimen de la pequeña propiedad [...] cambió la base tradicional de la legislación agraria, conservando el suelo como propiedad pública y conciliando los principios de la equidad en la distribución de la riqueza, con la independencia de los cultivadores y el mayor y mejor desenvolvimiento de la industria agrícola (LAMAS, 1883c, p. 34).

O autor uruguaio utilizou-se, assim, de um personagem histórico para questionar a conjuntura argentina do final dos oitocentos, em um procedimento historiográfico que ao mesmo tempo que argumentava em favor da objetividade baseada nos documentos se

flexibilizava para debater a atualidade. O posicionamento de Lamas foi endossado pela direção do periódico, não obstante seu declarado afastamento em relação à política.

A *Nueva Revista de Buenos Aires* divulgou outros dois artigos de autoria uruguaia. Estes, por sua vez, retrataram mais estritamente seu lugar de origem. De Juan Zorrilla San Martín — considerado, posteriormente, como um dos maiores representantes da poesia romântica uruguaia — foi publicado *La Leyenda Patria*, uma ode ao Uruguai. O poema foi apresentado pelo periódico argentino com efusivas manifestações de fraternidade, pontuando a união dos dois países pela raça, língua, tradições históricas e pelo "sangue de seus filhos vertidos em campos de batalha". Justificava a publicação como uma homenagem ao povo irmão, "cuyo corazón late al unísono con el argentino, cuyo porvenir está trazado paralelo al nuestro" (*N. de la Direc. SAN MARTIN*, 1882, p. 157).

La Nueva Revista se hace un honor en publicar en sus páginas la magnífica *Leyenda patria* del inspirado poeta uruguayo, doctor Juan Zorrilla de San Martín: la vida que palpita en esas estrofas, el entusiasmo que se apodera del más indiferente al leerlas, el profundo y sincero patriotismo que de esos versos se desprende, no alcanzan a dar una idea del altísimo concepto en que entre nuestros vecinos es tenida esta *Leyenda*. Poco conocida entre los argentinos, La Nueva Revista aprovecha gustosa esta ocasión para acogerla en sus páginas, como homenaje al talento del autor y de simpatía a su patria (*N. de la Direc. SAN MARTIN*, 1882, p. 157).

Posteriormente, o escritor, político e jornalista Carlos Maria Ramirez figurou na revista por meio de um artigo, no qual discutia a repercussão no Uruguai acerca da nomeação de Vicente Quesada como ministro plenipotenciário junto ao governo do Brasil. Em uma longa análise, o autor levantou questionamentos de diversos órgãos de imprensa sobre as tendências políticas do novo diplomata, baseados nos escritos de Quesada sobre questões territoriais sul americanas presentes na *Nueva Revista de Buenos Aires*. Ramírez, entre outros jornalistas uruguaio, se mostrou apreensivo em relação ao representante argentino, que notadamente nutria nostalgia pelas fronteiras do antigo Vice-Reinado do Prata e pelos supostos direitos argentinos sobre os territórios desmembrados.

Nesse sendo, é interessante observar que o "movimento intelectual" uruguaio não foi alvo de nenhum artigo no mensário argentino. Não constaram levantamentos de obras e autores, de correntes literárias, alusões à literatura nacional daquele país ou às relações interamericanas. A proximidade e as frequentes viagens de Ernesto Quesada a Montevideú, que em suas correspondências foram justificadas também pela perspectiva de atrair colaboradores à revista, não deram frutos durante os anos de circulação do periódico. Conforme demonstrado pelo artigo assinado por Ramírez, o nacionalismo territorial nos escritos de Vicente Quesada e as alusões à suposta perda daquele território teoricamente argentino, provavelmente provocavam mal estar no Uruguai.

### 3.5 Peru

Os escritos de autores peruanos abrangeram dois arcos, o primeiro, predominante, abordou a Guerra do Pacífico e a ocupação chilena, o segundo centrou-se em aspectos culturais, com a publicação de poesias e reflexões sobre a língua.

Os antecedentes da Guerra do Pacífico se assentaram nas indefinições fronteiriças entre Bolívia e Chile. No século XIX, a maior parte das fronteiras não estavam totalmente definidas na América do Sul. Tal conjuntura mobilizou estratégias diplomáticas nacionais para a ampliação de seus territórios, gerando tensões entre os países. A disputa boliviano-chilena incidiu sobre a região do deserto do Atacama, que em meados daquele século, ampliou sua importância econômica com a descoberta de novos depósitos minerais.

Pouco depois de se tornar independente, a Bolívia investiu em atividades produtivas na região. Contudo, os restritos esforços do governo não garantiram a viabilidade portuária e, tampouco, a autonomia econômica do país. A solução encontrada foi a formação da Confederação Peruano-Boliviana, que implicou na integração econômica da província de Antofagasta ao país vizinho. Assim, o porto peruano de Arica passou a abranger as atividades daquela localidade, uma operação que atingiu seu ápice nas décadas de 1860 e 1870. Apesar dessa movimentação, Bolívia e Chile divergiam sobre os limites de suas nações naquela faixa territorial. Ambos reivindicavam os territórios compreendidos entre os paralelos 23° e 26° sul. Após frustradas tentativas diplomáticas, o governo chileno, que contava com muitos investimentos e considerável número de cidadãos radicados na região mineira, ordenou sua ocupação. Em consequência, o Congresso boliviano autorizou a declaração de guerra, em 1863.

O belicismo entre os dois países se amainou diante da hostilidade externa. Naquele ano, uma frota espanhola desembarcou em Callao, no Peru, provocando a apreensão entre os países da região. Os incidentes que se seguiram culminaram na formação da Quádrupla Aliança, que contou com Peru, Chile, Bolívia e Equador. A formação da aliança e a resistência bem-sucedida aos espanhóis acendeu um sentimento de solidariedade e cooperação entre as repúblicas envolvidas. Tal conjuntura impulsionou a negociação diplomática do litígio fronteiriço entre Chile e Bolívia, e a assinatura de um tratado no ano de 1866. O acordo determinava os limites entre os dois países no paralelo 24°, além de fixar uma Zona Econômica Compartilhada entre os paralelos 23° e 25°, na qual todos os impostos provenientes das atividades mineradoras seriam divididos entre Chile e Bolívia, dado os investimentos massivos do primeiro naquela localidade.



As dificuldades quanto à implementação do tratado não tardaram. Houve resistência das autoridades bolivianas em receber os representantes chilenos que fiscalizariam a divisão das rendas aduaneiras. Além disso, a descoberta de novas reservas minerais no território compartilhado acentuou o impasse e contribuiu para desestabilização nas relações entre os dois países.

Em 1873, com a escalada das tensões, Peru e Bolívia assinaram, secretamente um Tratado de Aliança Defensiva, que estabelecia assistência mútua em caso de agressão externa, com vistas a uma possível expansão chilena. Convidaram, sem sucesso, a Argentina para integrar o acordo, uma vez que este país também possuía territórios em litígio com o Chile. O temor da formação de uma contra-aliança envolvendo o Chile e o Brasil foi um dos motivos da recusa argentina.

No ano de 1874, houve nova tentativa de resolução por vias diplomáticas, com o estabelecimento definitivo da fronteira boliviano-chilena no paralelo 24°, com a contrapartida do governo da Bolívia de isentar de impostos os empreendimentos chilenos no Atacama por vinte e cinco anos. Entretanto, a eclosão de sucessivas crises econômicas nos países aliados implodiu a perspectiva de entendimento. Como intuito de contornar os problemas financeiros, o Peru expropriou as reservas de nitrato, transformando-as em monopólio do Estado, o que afetou diretamente empresas chilenas operantes no país. A Bolívia, por sua vez, aprovou, em 1878, a elevação dos tributos na região mineira do Atacama, rompendo com a resolução assinada em 1874.

Este entrave com o governo boliviano foi o estopim para a declaração de guerra por parte do Chile. A diplomacia peruana tentou mediar uma solução pacífica entre as partes, mediante a atuação diplomática de Antonio Lavalle junto ao governo de Santiago, mas não logrou o sucesso esperado. O conhecimento do governo chileno acerca da aliança entre Peru e Bolívia, associada à sua posição vantajosa na guerra, em virtude das dificuldades financeiras e militares dos contendores, não o impulsionava a fazer concessões. Assim, impelido pelo Tratado de Aliança Defensiva, o Peru se envolveu, a partir de 1879, militarmente no conflito.

Enfrentamentos acirrados, com baixas significativas de ambos os lados, ocorreram em territórios bolivianos e peruanos, mas observaram sucessivas vitórias das tropas chilenas. Em maio de 1880, após dura derrota dos aliados, a Bolívia se retirou das operações bélicas, restringindo a guerra ao Chile e o Peru. Ainda naquele ano, os representantes diplomáticos estadunidenses radicados em Santiago, Lima e La Paz se propuseram a mediar um tratado de paz. Contudo, as rigorosas exigências do Chile não foram aceitas, inviabilizando o cessar fogo.

Em janeiro de 1881, o exército chileno ocupou a capital peruana, garantindo a vitória. O conflito se arrastou por mais dois anos devido às irredutíveis exigências do Chile e, o conseqüente impasse quanto aos termos de paz. O contexto de ocupação de Lima, os abusos cometidos pelas forças chilenas e o cerceamento da liberdade de expressão, foram os temas abordados pelos letrados peruanos em suas colaborações com a *Nueva Revista de Buenos Aires*.

Os autores, protegidos por pseudônimos, produziram artigos especificamente para o periódico argentino. De acordo com a direção, o anonimato se justificava pela maneira tirânica com a qual o Chile conduzia o país, o que colocava em perigo de vida os cidadãos que se manifestavam abertamente.

La Nueva Revista pues, dejando á esos escritores peruanos la responsabilidad de sus asertos, pero pudiendo garantir sus nombres en caso necesario, no trepida en acoger sus escritos firmados provisoriamente con pseudónimos, hasta la evacuación de Lima por los chilenos permita revelar los verdaderos nombres (*N. de la Direc. LANZADAS*, 1882, p. 324).

A *Nueva Revista de Buenos Aires* assegurava que a abordagem da Guerra pela perspectiva peruana era motivada pela imparcialidade do mensário, uma vez que "hasta ahora en el Rio de la Plata las noticias que de la guerra se han tenido son en su mayor parte de origen chileno" (*N. de la Direc. LANZADAS*, 1882a, p. 323-324).

Descrito como um ilustre homem de letras, Ramón Pio Lanzadas alicerçou sua análise nas infrações ao Direito Internacional cometidas pelo Chile, apresentado como uma nação soberba e vaidosa, que agia exclusivamente pela violência, ignorando todos os preceitos da diplomacia, a exemplo da recusa do princípio universal do arbitramento. O autor declarou que o Chile almejava desde o início a guerra com o Peru, agindo de maneira premeditada, pois ciente do Tratado de Aliança Defensiva promoveu o litígio com a Bolívia, afastando qualquer possibilidade de negociação. Seguiu seu relato com a descrição das batalhas sangrentas conduzidas pelos chilenos em território peruano e finalizou com o que considerava ser um resumo da atuação daquele país em relação às questões externas:

La historia diplomática de Chile, desde 1819 hasta hoy día, es la historia de las perfidias y acechanzas: basta recorrer las cuestiones que ha tenido con las Repúblicas sus vecinas, para encontrar en cada una de ellas las pruebas más perentorias y obvias de nuestro aserto (*LANZADAS*, 1882a, p. 348-349).

Apesar de, constantemente, pontuar a exclusiva responsabilidade dos autores pelas opiniões emitidas, a *Nueva Revista de Buenos Aires* endossou uma interpretação que colocava sobre o Chile a responsabilidade primordial pelo conflito armado. O descontentamento de Vicente Quesada acerca dos termos do tratado fronteiriço assinado entre Argentina e Chile no

ano de 1881<sup>77</sup> e as questões lindeiras ainda pendentes entre os dois países permitem explicar a inclinação do periódico em apoiar as contestações peruanas.

Lanzadas publicou ainda duas resenhas no mensário argentino, ambas sobre obras relacionadas à Guerra do Pacífico. O primeiro livro — *Historia de la Guerra del Pacífico* (1880) — era de autoria do diplomata e historiador chileno Diego Barros Arana e de acordo com o crítico havia circulado profusamente na América e na Europa. Lanzadas declarou que discutiria apenas o método historiográfico, pois, "poco importaría su nacionalidad, si respetando la santidad de su título de historiador, olvidara los afectos del corazón y empleara su inteligencia en narrar la verdad y formar un juicio con la rectitud del juez que falla sobre los hecho consumados" (LANZADAS, 1882b, p. 521-522).

Nesse sentido, o escritor peruano fez duras apreciações sobre o trabalho de Barros Arana, que, de acordo com ele, se apoiava em informações deturpadas e na vertiginosa vaidade dos chilenos para difundir seu ódio em relação ao Peru. Nas cinquenta páginas seguintes, Lanzadas se propôs a demonstrar, utilizando-se da mesma documentação, "los más notables errores voluntarios ó maliciosos, las inexactitudes, las estudiadas omisiones y los embustes que contiene la *Historia de la Guerra del Pacífico* escrita por el señor Barros Arana" (LANZADAS, 1882b, p. 523).

A segunda resenha de Lanzadas foi sobre a obra *La guerra entre Perú y Chile* (1881), de autoria do geógrafo inglês Clements R. Markhan. Em nota, a direção da *Nueva Revista de Buenos Aires* ressaltou o interesse do artigo, que, tal como o anterior, estava pautado na crítica histórica, ainda que reconhecesse alguns traços do patriotismo nos escritos do autor. O escritor peruano exaltou efusivamente os méritos da publicação e sua circulação na Europa, o que justificou pela interpretação do britânico de que a guerra teria sido motivada pela ambição chilena sobre os territórios mineiros dos países vizinhos. Assim, o rigor do método para a escrita da história nas observações de Lanzadas lhe serviu como recurso retórico de autoridade para fortalecer uma dada perspectiva sobre o conflito do Pacífico.

O pseudônimo P. Maidorla também repercutiu os efeitos da guerra e da ocupação chilena em Lima. Em artigo assinado em Guayaquil, no Equador, em janeiro de 1882, o autor sugeriu ser um exilado peruano. A direção do periódico argentino declarou na ocasião publicar com prazer aquela contribuição, que ia de encontro com seu propósito de esclarecer questões do Direito Internacional. Também considerava um dever de lealdade e justiça

---

<sup>77</sup> Quando da assinatura do referido tratado — que delimitava as fronteiras argentino-chilenas na região do Estreito de Magalhães —, Vicente Quesada concluía uma pesquisa arquivística que buscava fundamentar os exclusivos direitos da Argentina sobre àquele território. A assinatura do tratado, de acordo com Quesada, feria os integridade territorial de sua nação. Este tema será examinado no quinto capítulo.

permitir aos peruanos exporem sua versão dos fatos, uma vez que a maior parte da imprensa americana e revistas de prestígio da Europa, caso da *Revue des Deux Mondes*, ofereciam quase que exclusivamente escritos provenientes do Chile.

De acordo com Mairdola, era fato conhecido que o Chile se preparava para a guerra desde o início da década de 1870, sobretudo pelo investimento massivo em armamentos. Tal ação demonstrava que o país nunca cogitara submeter suas infundadas pretensões sobre territórios bolivianos ao arbitramento, contrariando assim o Direito Internacional. Para o autor, a beligerância era a culminação de uma série de intrigas e provocações tramadas desde 1842, quando foram descobertas reservas minerais no litoral da Bolívia e o espaço disponibilizado pela *Nueva Revista de Buenos Aires* ao seu exame possibilitaria que o "mundo civilizado conozca el extravío de espíritu y la ausencia absoluta de sentido común y de moralidad de Chile" (MAIRDOLA, 1882a, p. 184). Quanto aos trâmites para o término definitivo do conflito, o autor peruano considerava as imposições territoriais do vencedor similares às exigências de tribos primitivas, semi-bárbaras "que se apropian por la fuerza del territorio de sus vecinos, para aprovecharse de sus productos y aumentar su imperio" (MAIRDOLA, 1882a, p. 188-189). Por fim, analisou as tentativas da diplomacia estadunidense em mediar uma resolução negociada ao conflito, que apesar de mal sucedidas foram movidas "con el exclusivo objeto de arreglar la paz entre los beligerantes" (MAIRDOLA, 1882a, p. 192).

O prolongamento do conflito e a presença de tropas chilenas em Lima, causaram profundo ressentimento no escritor peruano. Em sua concepção, após a ocupação da capital do seu país, o Chile concentrou seus esforços em impedir a organização e consolidação do governo, a fim de justificar sua atuação; e em suprimir as vozes dos peruanos, para que estes não desmentissem sua versão oficial, razão pela qual as informações que chegavam ao exterior ficavam a cargo da imprensa chilena. Por fim, Mairdola rogou a seus interlocutores que avaliassem as pretensões territoriais do Chile, posicionando-se favoravelmente em relação ao Peru e à Bolívia.

Apenas Mariano Felipe Paz Soldán, jurista, historiador e geógrafo peruano, escreveu sobre a guerra sem recorrer a um pseudônimo. Quando da ocupação de Lima, o escritor exilou-se voluntariamente em Buenos Aires, onde se empregou como professor do Colégio Nacional. O autor centrou sua análise na discussão acerca da morte de civis peruanos pelo Exército Chileno, tema que considerava ser de grande interesse para todas as Repúblicas da América do Sul. Ainda que amparasse sua interpretação em citações do Direito Internacional,

Paz Soldán deixou claro sua intenção com o texto: a de denunciar a conduta chilena e conchamar os demais países americanos, sobretudo a Argentina, a aderirem à causa peruana:

No dudo que los hombres de la República Argentina, recordando que sus padres contribuyeran poderosamente á la independencia del Perú, mi patria, hoy abatida y destrozada por un implacable enemigo, me ayudarán en la santa tarea de levantar su voz, á fin de que las naciones civilizadas pronuncien su fallo moral; que el tiempo, juez severo e inexorable, se encargará de ejecutar la tremenda sentencia (PAZ SOLDÁN, 1883, p. 121).

Ainda durante a ocupação de Lima, Cesáreo Chacaltana<sup>78</sup> — que em 1883, ocupava a função de representante do governo peruano em Buenos Aires — publicou um artigo sobre a história colonial e as lutas pela independência no Peru. Ainda que não mencionasse diretamente o Chile, denunciava os sofrimentos da população peruana e o silêncio do concerto internacional de nações diante de tais acontecimentos:

Al cabo de sesenta años, distintas poblaciones del Perú son víctimas de atentados iguales y mayores, más injustificables hoy, por las sustanciales modificaciones que los usos y las prácticas han introducido en las guerras modernas; y sin embargo todo eso se lleva á cabo en medio del silencio sepulcral de los representantes oficiales de las naciones que en otro tiempo fueron solidarias en sus destinos con el Perú. ¿No habrá, fuera del Perú quién procure hoy honrar el sacrificio de tantas poblaciones entregadas al saqueo y á las llamas, como Cangallo en 1822, por un enemigo que ha tocado ya los límites del más brutal desenfreno? (CHACALTANA, 1883, p. 644-645).

A questão só foi solucionada em outubro de 1883, com a ascensão de Miguel Iglesias à presidência do Peru e a aceitação das cláusulas do acordo de paz. O Tratado de Ancón garantiu ao Chile a posse definitiva da região de Tarapacá, além do domínio temporário de Tacna e Arica, cuja jurisdição seria definida posteriormente a partir de um plebiscito<sup>79</sup>. A Bolívia, por sua vez, cedeu a província de Antofagasta, levando à perda de toda sua costa marítima. Ao final da guerra, o Chile ampliou seu território em um terço, anexando uma região rica em minérios.

De meados de 1883 até o encerramento das atividades da *Nueva Revista de Buenos Aires*, em 1885, outros temas ocuparam as atenções dos autores peruanos. Poesias, o idioma crioulo e estudos geográficos foram alguns dos assuntos abordados. Juan de Arona, conhecido pseudônimo de Pedro Paz Soldán y Unanue<sup>80</sup>, publicou quatro artigos, sendo dois compostos de poemas inéditos e dois sobre o idioma espanhol na América. O *Diccionario de Peruanismos*, compilado por Juan de Arona, cuja introdução foi apresentada no periódico

<sup>78</sup> Cesáreo Chacaltana Reyes (1845-1906), foi um político, diplomata, jurista, periodista, diplomático e educador peruano.

<sup>79</sup> O plebiscito foi realizado apenas em 1929, no qual Arica se tornou território chileno e Tacna, peruano.

<sup>80</sup> Pedro Paz Soldán y Unanue (1839-1895) foi poeta, literato, periodista e lexicógrafo peruano. Também atuou em funções diplomáticas, como ministro residente do Peru junto do governo argentino em 1884. Era sobrinho de Felipe Mariano Paz Soldán.

argentino, objetivava a reunião de palavras tipicamente peruanas incorporadas ao castelhano, a fim de demonstrar tanto a riqueza do vocabulário americano, quanto a interconexão da cultura do continente com a da Espanha. Ao final do texto, o autor advogou pelo estreitamento de laços entre as nações e a abertura para os influxos culturais:

Pero si España puede y debe recibir de nosotros un rico, variado y pintoresco vocabulario, superior es el que nosotros pudiéramos y debiéramos tomar de ella, consultando y leyendo atentamente sus obras antiguas y modernas, sus actuales periódicos de costumbres, visitándola con la frecuencia que á otras naciones de Europa y estrechando relaciones que se debilitan más a cada día (ARONA, 1883b, p. 311).

Por meio do fragmento acima, pôde-se observar que as discussões sobre o idioma não estavam, necessariamente, atreladas a uma visão negativa da Espanha. Juan de Arona propôs uma via de mão dupla em relação à antiga metrópole, que ao mesmo tempo em que afirmava a singularidade nacional, promovia aspirações hispanistas de uma aproximação cultural.

José Antonio Lavalle também contribuiu para mudança no tom dos escritos peruanos na *Nueva Revista de Buenos Aires*, com a publicação de um relato de viagem<sup>81</sup>. Sem mencionar a atuação diplomática de Lavalle na Guerra do Pacífico, a direção do periódico argentino introduziu o artigo recordando suas contribuições na *Revista de Buenos Aires*, que o tornaram sumamente conhecido das letras do país platino.

Mariano Felipe Paz Soldán encerrou a participação dos peruanos no mensário. O então professor de História e Geografia Americana do Colégio Nacional de Buenos Aires ofertou à *Nueva Revista de Buenos Aires* a publicação inédita de uma conferência ministrada por ele no Instituto Geográfico Argentino. De acordo com direção da revista, a comunicação merecia destaque por sua importância e novidade, uma vez que havia despertado interesse tanto dos ouvintes, quanto dos órgãos de imprensa da capital, e por ir ao encontro da proposta primordial da revista de divulgar estudos sobre a América Latina.

À exceção dos pseudônimos, que não foram revelados mesmo após o final da Guerra do Pacífico, um balanço dos colaboradores peruanos revela a maneira pela qual se davam os contatos entre os intelectuais latino-americanos ao final do século XIX. Os laços de parentesco — como os que ligavam Pedro Paz Soldán y Unanue e Mariano Felipe Paz Soldán — e profissionais que os aproximavam foram habilmente alinhavados pelos Quesada, com o intuito de transformar a *Nueva Revista de Buenos Aires* em uma publicação americana, na medida em que agrupava um considerável número de vozes do continente.

---

<sup>81</sup> O texto, intitulado *Un aventurero limeño*, havia sido publicado originalmente na *Revista Peruana*, fundada pelo historiador Mariano Felipe Paz Soldán. Consistia nos relatos das vivências de um cidadão de Lima, havia muito radicado na Europa e que o autor havia conhecido em Paris. Cf. LAVALLE, 1883, p. 41-79.

### 3.6 Chile

O primeiro artigo de autoria chilena na foi publicado em agosto de 1884. Concentrados entre os tomos XI e XIII, os textos enfocaram questões literárias, memória e história. Além das colaborações diretas, as reproduções selecionadas pela direção do periódico tiveram a circunspeção de evitar a temática política, de modo que a revista não se tornou um palco para o debate de interpretações acerca da recém-finalizada Guerra do Pacífico.

Um relatório assinado por Miguel Luis Amunátegui, destacado intelectual, historiador e político, inaugurou a participação chilena no mensário. O documento do então secretário geral da Universidade do Chile ao Conselho de Instrução pública daquele país chamou a atenção da direção da *Nueva Revista de Buenos Aires*, que o classificou como curioso e interessante por tratar de dados pouco conhecidos na região do Rio da Prata. Amunátegui abordava os certames literários e científicos e defendeu a realização de um evento dessa natureza nas festas pátrias de 18 de setembro, data da independência do Chile. Para o autor, "los concursos de obras literarias y científicas han sido considerados, y con razón, en todos los pueblos civilizados, y en todas las épocas de progreso, como muy propios para estimular al estudio y promover el cultivo intelectual" (AMUNÁTEGUI, 1884, p. 56), uma vez que colocavam tais produções em discussão para um público mais amplo, alcançando setores que geralmente permaneciam inertes aos conteúdos culturais.

O letrado chileno rebateu as críticas levantadas por aqueles que se opunham à prática dos concursos, pautadas na suposta perda de qualidade das obras. Exemplificava com a citação de títulos produzidos nas cerimônias universitárias, pontuando seus méritos e contribuições à literatura nacional. A fim de ressaltar seu argumento, reiterava a utilização desse expediente pelas nações civilizadas de diversas regiões ao longo da história:

Esta institución de los certámenes, á causa de su eficacia reconocida pela el desenvolvimiento literario y científico, ha sido practicada desde la antigüedad hasta ahora en las naciones más cultas.

ha tenido, verbigracia, influjo considerable en la creación y fomento de la literatura castellana [...]

Todo, pues, nos aconseja adoptar el fomento de nuestra literatura nacional un procedimiento que, desde siglos atrás hasta ahora, ha sido empleado con excelente éxito por los ciudadanos y los gobiernos de las naciones más cultas (AMUNÁTEGUI, 1884, p. 61;65-66).

Seguiu-se uma resenha, motivada por uma nova edição da *Gramática Castellana*, de Andrés Bello, assinada por Enrique Nercasseau Moran. Em 1881, o governo chileno iniciou a recompilação da extensa bibliografia de Andrés Bello, um dos mais importantes intelectuais

hispano-americanos do século XIX<sup>82</sup>. Nercasseau Moran (1884, p. 407) elaborou um parecer técnico, repassando as sete versões que haviam antecedido a publicação, ressaltando o trabalho dos editores e os méritos da obra, "que puede servir de autorizado árbitro en cualquiera de las discusiones que se originan a muñido al tratarse de puntos de lenguaje".

Dois artigos, de gêneros distintos, deram mostras das produções literárias chilenas aos leitores da *Nueva Revista de Buenos Aires*. As memórias de Salvador Smith e o drama de Pedro Nolasco Urzúa foram inspirados, respectivamente, em cenas do cotidiano e na história do país andino. Em *Costumbres chilenas*, Smith entrelaçou o amor pueril por uma prima, a enfermidade do avô, o trabalho e os diálogos de uma junta médica, para tratar de aspectos inerentes aos habitantes do país. Urzúa, por sua vez, em *Luis Carrera ó la Conspiración de 1817*, peça em três atos, mobilizou o cenário da sublevação independentista, seus personagens, o sentimento nacional e o amor romântico para alinhar sua narrativa histórico-ficcional.

Os artigos sobre a história nacional chilena trataram sobre a independência. Manuel Hurtado, político e jurista chileno, escrevendo diretamente para a *Nueva Revista de Buenos Aires*, retomou a contribuição da patriota chilena Paula Jaraquemada<sup>83</sup>, pontuando também a participação mais ampla de mulheres naqueles eventos:

La guerra de la independencia de América tuvo la cooperación heroica de ilustres matronas.  
 El patriotismo es la pasión que domina con mayor fuerza á la humanidad entera, en los instantes solemnes de la vida de las naciones.  
 La mujer tiene más entusiasmo que el hombre á la sublimidad mártir del heroísmo, y á la mujer á lo maravilloso y desconocido. [...]  
 El genio de la mujer aparece como luz inmortal en la historia del mundo [...] Los anales hispano-americanos ofrecen bellos tipos de heroínas y de mujeres notables (HURTADO, 1885, p. 289-290).

Na biografia, Hurtado salientou que apesar de não conduzir exércitos, Paula Jaraquemada foi figura imprescindível pelo auxílio prestado aos combatentes, pelo seu exemplo de civilismo e caridade cristã, conquistando seu lugar no panteão nacional e na memória dos cidadãos chilenos. Dois episódios protagonizados por ela a consagraram como heroína nacional. Quando contava com cerca de cinquenta anos, Jaraquemada abrigou em sua fazenda o Exército Patriota, após derrota para forças realistas na batalha de Cancha Rayada, em 1818, oferecendo alimentação, descanso e armamentos para as tropas de José de San Martín. Em outra ocasião, quando um oficial espanhol de passagem por sua propriedade

<sup>82</sup> A conclusão do projeto, em 1893, totalizou a publicação de vinte grossos volumes. Cf. WAGNER, 2006.

<sup>83</sup> Paula Jaraquemada (1768-1851) se tornou uma figura representativa da participação das mulheres na luta pela independência do Chile. Pertencente a uma família abastada, Jaraquema possuía uma elevada instrução. O auxílio prestado às tropas independentistas a elevaram a categoria de heroína nacional.



exigiu as chaves de seu porão, Jaraquemada se recusou a cooperar e reagiu violentamente, colocando em risco sua vida ao não cumprir a exigência. Intimidado com a ação, o militar abandonou seu propósito e deixou o lugar<sup>84</sup>.

Por fim, fiel ao propósito de divulgar escritores, livros e balanços do movimento intelectual latino-americano, a *Nueva Revista de Buenos Aires* publicou artigo do poeta e educador Santiago Escuti Orrego. O autor debruçou-se sobre a produção de Eusebio Lillo (1826-1910) — a quem classificou como uma das principais figuras poéticas do país e do continente — e refletiu acerca da inspiração nacional da literatura e do indiferentismo do público para com a cultura letrada. A partir da utilização de excertos, concluiu que não havia quem retratasse com mais exatidão a capital da República e agregasse mais significativamente em seus poemas as singularidades do país. Contudo, lamentava o fato da "mayor parte de nuestra sociedad mira con una glacial indiferencia el divino arte de Homero" (ESCUTI ORREGO, 1885, p.598).

Em sua análise acerca das causas deste desinteresse, o autor assinalou o exacerbado apego material da população, explicação que ganhara terreno na América Latina ao final do século XIX, contrapondo-se à suposta essência espiritual do povo. Ao final do artigo reiterava a defesa deste gênero literário e a missão dos poetas no tocante ao progresso intelectual das nações.

Que una no pequeña porción de nuestra sociedad prescinda de rendir culto á lo bello y no acoja debidamente la más alta expresión de culto, no lo extrañamos: esto se explica, en primer lugar, por la falta de ilustración suficiente; en segundo lugar, por un sentimiento, no de **positivismo, sino de grosero materialismo** que amenaza invadirlo todo. Pero el poeta es un misionero que escribe para las personas ilustradas y para esclarecer á las que no son: es un agente civilizador á quien no deben arredrar los obstáculos; un hijo de la luz, que debe luchar sin descanso contra las tinieblas del mal y de la ignorancia! (ESCUTI ORREGO, 1885, p. 598. Grifo do autor).

As publicações de textos de autoria chilena na *Nueva Revista de Buenos Aires* dialogaram com a pretensão do periódico em ser porta-voz das discussões culturais de todas as nações latino-americanas. Ao selecionar temas estritamente culturais, o mensário pode reafirmar a igualitária acolhida aos letrados do continente, sem ferir seu posicionamento contrário à atuação do Chile quanto às questões fronteiriças. Os assuntos abordados que passaram, necessariamente, pela atuação mediadora dos Quesada, não destoaram dos principais debates levantados pelo mensário argentino, encontrados tanto nos textos de autoria argentina, quanto nos estrangeiros.

\*\*\*

---

<sup>84</sup> Cf. <<http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-100721.html>> Acesso em 23/09/2018

Com artigos únicos, majoritariamente compilados de periódicos estrangeiros, a *Nueva Revista de Buenos Aires* também apresentou um breve panorama cultural de El Salvador, com texto de Ramon Mayorga Rivas; um estudo histórico assinado pelo cubano José Antonio Saco; além de ponderações jurídicas de Agustín Gómez Carrillo acerca da América Central. O mensário argentino publicou ainda uma poesia, escrita diretamente para este fim, do venezuelano G. Uzcanga.

As dificuldades em estabelecer contatos, somadas à imperativa contribuição voluntária dos autores geravam entraves à ampliação da colaboração internacional na *Nueva Revista de Buenos Aires*. Vicente e Ernesto Quesada buscaram preencher as lacunas na representação dos países latino-americanos, sobretudo, com resenhas e divulgação de periódicos dos países do continente. Na seção *Revista Bibliográfica*, os diretores fizeram menção, entre outras, à *La Revista Paraguaya - Literatura, historia, ciencias, artes y política*; ao *El Ateneo*, Revista mensal de uma sociedade científica nicaraguense; ao *El Escolar*, órgão da Escola Normal da República de El Salvador; e ao *Ancon*, semanário científico-literário do Panamá. De acordo com os Quesada:

La prensa periódica de las Repúblicas de la América Central merecería una monografía, que sería interesantísima y nueva. Los diarios y periódicos de aquellas repúblicas circulan poco en Buenos Aires, y raras veces los de esta se ocupan de dar noticias **de aquellas naciones de nuestra raza y de nuestra lengua.**

La Nueva Revista ha empezado a recibir diversas publicaciones periódicas, pero algunas llegan trucas y no pocas se extinguen en los primeros números (REVISTA BIBLIOGRÁFICA, 1883b, p. 662. Grifo nosso).

Por repetidas vezes, os Quesada reiteraram o objetivo de divulgar aos seus leitores mais detalhadas sobre as revistas que circulavam na América Latina, mas a impossibilidade de compilar materiais limitava a efetivação satisfatória do propósito.

A despeito dos obstáculos enfrentados, ressaltamos o pioneirismo da *Nueva Revista de Buenos Aires* em capitanear um projeto bem-sucedido de estreitamento de laços e intercâmbio cultural no âmbito latino-americano, na medida em que viabilizou a publicação e a divulgação de textos e ideias de autores estrangeiros na Argentina e nas localidades pelas quais o periódico circulou, ainda que de maneira incipiente. Atuando como mediadores culturais, Vicente e Ernesto Quesada ressignificaram as discussões identitárias das nações hispano-americanas, destacando as similaridades e as relações de confraternidade que as uniam, tais como o passado colonial comum, as relações com a Espanha e a língua. Julgamos que o interesse além-fronteiras e os esforços dos proprietários em reunir colaboradores oriundos dos países vizinhos tinham por objetivo afirmar a Argentina como um polo cultural na América Latina. Além disso, almejava atribuir ao país uma liderança intelectual que, respondia ao

questionamento de Vicente Quesada na apresentação do primeiro número do mensário, acerca de qual seria o papel que, em benefício próprio, e no da paz do continente, correspondia à República Argentina (QUESADA, V. 1881a, p. 6).

#### 4. BRASIL: "O IMPÉRIO VIZINHO E AMIGO"

A inclusão do Brasil no projeto de estreitamento de laços culturais capitaneado por Vicente e Ernesto Quesada na *Nueva Revista de Buenos Aires* foi singular no século XIX. Naquela conjuntura, as diferenças quanto aos regimes políticos, a preservação da escravidão, os litígios fronteiriços e as desconfianças mútuas incidiam drasticamente para o distanciamento cultural entre o Brasil e os países hispano-americanos. A diversidade do idioma era outro obstáculo à integração brasileira às iniciativas continentais. Não obstante, artigos de autores brasileiros figuraram no mensário argentino desde o primeiro tomo, introduzidos pelos diretores com efusivas manifestações de apreço e a reiteração do objetivo de agregar e divulgar trabalhos de letrados de todas as nações latino-americanas. As reproduções e textos inéditos traduzidos totalizaram dezoito contribuições, assinadas por Frederico José de Santa-Anna Nery, Silvio Romero, Afonso Celso Júnior, José Antônio Freitas, Silvio Dinarte — pseudônimo de Alfredo d'Escragno Taunay —, Délia e Franklin Távora.

Os artigos brasileiros, tal qual observado entre os hispano-americanos, foram inseridos em discussões mais amplas propostas pelo mensário argentino. A seleção dos temas, própria das dinâmicas de mediação cultural, dialogou diretamente com os debates observados ao longo dos treze tomos da publicação, versando sobre a relação entre literatura, identidade e nacionalidade, o papel e o lugar social dos homens de letras e os laços de solidariedade intelectual na América Latina. Os intercâmbios culturais com o Brasil, sobretudo após 1883, quando da nomeação de Vicente Quesada como ministro plenipotenciário, apresentaram também uma função prática: angariar as simpatias da elite política e intelectual, facilitando seu trânsito junto às autoridades brasileiras, e a obtenção de resultado favorável à sua missão diplomática. Apesar dessa intencionalidade, a revista contribuiu para uma aproximação efetiva de homens de letras e da produção intelectual brasileira ao concerto hispano-americano, por meio da divulgação de traduções e notas adjacente aos artigos, contendo biografias e análises do ambiente literário brasileiro. Em suas reflexões, Vicente e Ernesto Quesada manifestaram também suas inquietações quanto ao estabelecimento de uma identidade americana, capaz de absorver a variedade cultural que emergia, tanto na Argentina, quanto no Brasil, em decorrência da imigração.

Vicente e Ernesto Quesada advogavam que o conhecimento amplo e os intercâmbios culturais entre os países se constituíam em uma via segura para a resolução de conflitos e a manutenção da paz. Assim, conduziram os esforços da *Nueva Revista de Buenos Aires* no

sentido de afirmar a irmandade e alavancar a cooperação intelectual das nações latino-americanas. A participação dos letrados argentinos em círculos culturais europeus e a adesão a propostas pan-latinistas foram fundamentais para as representações do Brasil no mensário. O conceito de América Latina foi cunhado na França em meados do século XIX, no contexto do imperialismo da Corte de Napoleão III e de sua intervenção no México (1863-1867). De acordo com Gumucio (2008, p. 66), mais do que reverenciar a descendência dos países americanos em relação aos povos europeus colonizados pelo Império Romano e uma pretensa liderança cultural francesa, essa acepção trazia consigo a afirmação de direitos políticos e culturais ante ao expansionismo estadunidense. Assim, para o autor, a adesão aos postulados pan-latinistas não divergia da reivindicação da Espanha como matriz cultural, da qual a *Nueva Revista de Buenos Aires*, tomava parte.

#### **4.1 Aproximações e cooperação intelectual**

A primeira inserção brasileira no periódico repercutiu o Congresso Internacional Literário, reunido em Lisboa, em setembro de 1880. Tratava-se de um informe elaborado por Frederico José de Santa-Anna Nery (1848-1891) e publicado inicialmente no *Jornal do Commercio*, órgão de imprensa do Rio de Janeiro. Santa-Anna Nery nasceu em Belém do Pará, mas mudou-se para Europa com 14 anos. No continente europeu desempenhou diversas atividades, dentre as quais destacava-se sua atuação como jornalista. Em Paris, onde se fixou a partir de 1874, participou da redação de revistas culturais, além de ser co-proprietário da *Revue du Monde Latin* (1883-1896), cujo objetivo era divulgar o Brasil e os demais países latino-americanos (CARNEIRO, 2013, p. 84-85).

O evento realizado em Lisboa foi o terceiro promovido pela *Association Littéraire et Artistique Internationale* (ALAI), antecedido pelos encontros de Paris (1878) e Londres (1879). Em linhas gerais, a Associação Internacional tinha por intuito defender os direitos dos escritores, proclamando que o autor possuía sobre seus trabalhos uma forma de propriedade que a legislação deveria garantir. Apesar da sua sede localizar-se na capital francesa, estabeleceram-se comitês nacionais, compostos por membros de diferentes nacionalidades. Destes, destacamos o brasileiro Santa-Anna Nery, o colombiano José Maria Torres Caicedo e o argentino Vicente Quesada.

A direção da *Nueva Revista de Buenos Aires* transmitiu aos seus leitores os valores daquela instituição e relacionou-os aos seus propósitos<sup>85</sup>. Para além da defesa da propriedade intelectual, Vicente e Ernesto Quesada ressaltavam o desejo de estreitar os laços de confraternidade entre os países da América Latina, viabilizando a publicação de estudos sobre a vida intelectual de seus povos,

para facilitar o conocimiento mutuo de sus literaturas y para que puedan ejercer recíprocamente la legítima influencia que les corresponde. Además, el Director principal de la Nueva Revista es miembro del Comité Ejecutivo de la Asociación Literaria Internacional, sociedad altamente benéfica, con notabilísimos propósitos y claros horizontes: **su deber es, pues, contribuir a facilitar la honrosa tarea de aquel Instituto, dando a conocer las literaturas latinas e insertando trabajos de sus principales escritores, a fin de facilitar la propaganda que tiende a establecer definitivamente en el mundo civilizado la propiedad intelectual con las mismas garantías que cualquiera otra propiedad** (*N. de la Direc.* ROMERO, 1882, p. 483. Grifo nosso).

Assim, a direção da revista justificou o empenho em incorporar autores brasileiros à sua lista de colaboradores, uma vez que "el Brasil es la potencia latino-americana que más vivamente se ha incorporado al movimiento señalado más arriba, y tiene la Nueva Revista grata satisfacción en ocuparse con preferencia de aquel grande imperio, vecino y amigo" (*N. de la Direc.* ROMERO, 1882, p. 483). Estes fragmentos demonstram o componente ideológico que movia os diretores da *Nueva Revista de Buenos Aires* em sua atuação internacional. Alinhados às discussões europeias, sobretudo, francesas, os Quesada orientaram seu discurso e ação visando reforçar o projeto das união das nações latinas.

No artigo assinado por Santa-Anna Nery há um breve esboço histórico do desenvolvimento literário brasileiro, culminando com a denúncia das condições nas quais atuavam os homens de letras em toda a América do Sul e a exortação para que providências políticas fossem tomadas para a promulgação de uma lei de propriedade intelectual. Para o autor, no período de três séculos em que o Brasil fora colônia predominou o silêncio, uma vez que sob o domínio português, o país não possuía sequer imprensa. Entretanto, bastaram algumas décadas de liberdade para que vigorasse uma vida intelectual fecunda e poderosa, com a constituição de uma literatura nacional, que apesar de receber os influxos da "pátria mãe", Portugal, diferenciava-se desta. Sobreveio então a influência francesa, que ainda persistia, causando prejuízos às produções nacionais, posto que as esferas culturais brasileiras, tais como jornais, revistas e teatros, se alimentavam prioritariamente de um repertório francês. Nesse sentido, o autor se ocupou das traduções no Brasil, divididas por ele em dois grupos, as

---

<sup>85</sup> As notas da direção, indicadas pela expressão *N. de la Direc.*, eram anexadas aos artigos. As referências à *Association Littéraire et Artistique Internationale* (ALAI) foram feitas em uma nota adjacente ao artigo do brasileiro Silvio Romero.

literárias e as industriais, essas últimas feitas às pressas para atender a demanda por novidade dos leitores. Alguns diários conservaram intacto o culto às "belas traduções", a exemplo das publicadas nos folhetins do *Jornal do Commercio*, elogiadas por Santa-Anna Nery como muito bem-elaboradas. Mas essa era a exceção, posto que editores pouco escrupulosos — aos quais chamou de "novos piratas" —, se preocupavam apenas com o baixo custo. Com a falta de garantias, uma novela podia ser traduzida e vendida ao mesmo tempo por pessoas diferentes, mesmo que apenas uma delas detivesse a autorização. Assim, tradutores e editores não se sentiam estimulados a solicitar permissão dos autores originais, mediante um pagamento para realizar a tradução da obra. Segundo Santa-Anna Nery, a situação não era diferente nos demais países americanos (SANTA-ANNA NERY, 1881, p. 261-270).

Os problemas relativos às traduções, aliados a constatação da predileção pelo consumo de obras estrangeiras, eram grandes entraves ao desenvolvimento da literatura nacional. Fazia-se imperativo, pois, alterar esse quadro. Para o autor, suas declarações estavam associadas ao interesse comum de justiça e de confraternidade que deveria unir os homens de letras, sobretudo aqueles de origem latina (SANTA-ANNA NERY, 1881, p. 273).

Em outra ocasião, a direção da *Nueva Revista de Buenos Aires* também questionou a ação da maioria dos editores no continente. De acordo com os Quesada, as letras nacionais no Brasil e no Rio da Prata padeciam do mesmo mal, pois nas duas localidades aqueles que ostentavam o pomposo título de editores não passavam de meros impressores, uma vez que eram os próprios autores que pagavam os custos do livro: "Resulta de esto que la literatura es un verdadero lujo en las naciones latino-americanas, porque de su pluma no vive en estos países escritor alguno, si se exceptúa a los diaristas o polemistas y panfletistas en materia política. El hecho es triste, pero es exacto" (*N. de la Direc.* ROMERO, 1882, p. 485). Existiam homens talentosos, entretanto faltavam-lhes os recursos materiais para empreender com vigor seus trabalhos literários. Neste aspecto, reafirmava-se a missão patriótica da qual os Quesada se imbuíram, de oferecer acolhida aos intelectuais do continente, contribuindo para a construção das literaturas nacionais.

Silvio Romero<sup>86</sup> analisou o percurso trilhado pelas letras nacionais e suas características. As reflexões acerca da interação entre a literatura e a identidade nacional foram constantes nos artigos brasileiros na *Nueva Revista de Buenos Aires*. As linhas de raciocínio variavam, mas todos os autores concordavam com a necessidade de representar as

---

<sup>86</sup> Silvio Romero (1851-1914) foi um importante crítico literário brasileiro., além de ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Dentre outras obra, publicou *História da Literatura Brasileira* (1888). Cf. <<http://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia>> Acesso em 15/09/2018.

singularidades da nação, de suas paisagens e de seu povo. Nessa perspectiva, Romero refletiu sobre a formação cosmopolita do Brasil e as novas teorias científicas em voga no final do século XIX. Para o autor, fazia-se necessária a conclusão do processo de diferenciação nacional, sublimando o elemento negro africano, o selvagem tupi e o aventureiro português, para a constituição de uma civilização e cultura originais. Chegara o tempo de demarcar os traços da individualidade do povo brasileiro e era por meio da literatura que estes seriam encontrados. Para a realização desta tarefa, porém, fazia-se necessário a observação a respeito das origens raciais do Brasil, das influências literárias europeias e do clima do país. (ROMERO, 1882, p. 486-488).

Romero (1882, p. 489) analisou as influências portuguesas e, posteriormente, francesas na literatura brasileira e criticou o "caráter de importação" da produção nacional. Ao final do artigo, porém, apresentou um tom esperançoso, associado a uma mudança de paradigma que coadunava com o ideário em voga no final do século: "Entretanto... Aquí también hay libros y aquí también se estudia. No nos quieran alucinar con despropósitos. Nosotros también tenemos críticos y poetas, filósofos y escritores, muñidos de las nuevas ideas que el positivismo y el darwinismo han esparcido por el mundo" (ROMERO, 1882, p. 502). Ao avaliar a necessidade da produção literária ressaltar a originalidade cultural do país, Romero condenava o vício da imitação ao mesmo tempo em que se apoiava em um ideário europeu, em uma interpretação característica dos intelectuais latino-americanos no século XIX.

Os estudiosos e os autores ligados às novas teorias e práticas literárias, aludidos por Romero, encontravam-se espalhados pelas províncias do Brasil e se eram desconhecidos do público fluminense, a culpa era da presunção daqueles que faziam crer que o país se resumia à "rua do Ouvidor, que nuestros hombres son solamente los que hacen discursos en el parlamento, para obtener las palmas de los infatuados y los aplausos de los diletantes" (ROMERO, 1882, p. 503). Um olhar voltado aos rincões do país, fosse em busca de inspiração nacional ou no tocante ao reconhecimento da literatura produzida fora da capital imperial figurou nas demandas de outros colaboradores brasileiros da *Nueva Revista de Buenos Aires*. Entre os mais enfáticos, estava Franklin Távora.

Em 1878, Silvio Romero já havia declarado que o romantismo era "um cadáver, e pouco respeitado" (ROMERO *Apud* RAMOS, 1959, p. XIII). Como outros intelectuais do período, Romero contestava energicamente a corrente representada pelos escritores indianistas. O realismo literário projetava um espírito de observação em substituição à



idealização romântica, havendo nas composições antes uma "estética de inventário (pelos pormenores acumulados) do que relações necessárias ou acessórias" (RAMOS, 1959, p. XV).

O romantismo literário floresceu em meados do século XIX, em um ambiente de presumida tranquilidade:

Supunha, por isso, um sistema único de valores e uma perspectiva de contemplação social privilegiada e também exclusiva, que é a que se orienta do topo em direção à base da pirâmide. O substrato material dessa sociedade era um sistema econômico letárgico, que mantinha os pólos, os agentes e a circulação das riquezas estáveis, por períodos suficientemente longos de tempo, de forma a consagrar uma imagem consolidada da sociedade e da sua elite. A ação dramática, assim, pode ocorrer como num palco de cenário e personagens fixos, com uma rigorosa marcação do espaço e do campo de ação dos atores. Daí por que a ação mais intensa se manifestava no campo do ideal e das emoções, já que todos os demais tinham seus espaços rigorosamente circunscritos (SEVCENKO, 2003, p. 275).

Naquela conjuntura, uma estrutura social, política e econômica com base em uma aristocracia agrária se estabeleceu. José Murilo de Carvalho (2010, p. 133), em análise sobre o período, sustenta que as diferenças entre as elites no Brasil foram niveladas por um processo de educação segundo a tradição jurídica de Coimbra, seguida de treinamento e carreira no aparelho de Estado. Tais condições, tiveram fortes implicações na condução da política brasileira, garantindo a estabilidade do Império. Nas últimas décadas do século, entretanto, mudanças de ordem política e social incidiram também sobre a esfera cultural. Manifestava-se entre os políticos brasileiros, a descaracterização do sistema de treinamento da elite política, que passava a ser composta, em grande medida, por profissionais liberais — formados em centros educacionais no país —, e não mais por funcionários públicos, o que lhes possibilitava maior liberdade para criticar e exercer oposição ao Estado, propiciando uma pluralidade de opiniões e, conseqüentemente, mais desentendimentos (CARVALHO, 2009, p. 29-30). Somou-se a isso, os efeitos da modernização, a ampliação das atividades produtivas nas cidades e da complexidade da ordem social.

De acordo com Nicolau Sevcenko (2003, p. 275-276), o realismo — bem como o naturalismo — representava a sociedade multifragmentada brasileira do final do século XIX, na qual, "havendo sido rompido o sistema de hegemonia de uma elite uniforme, vários grupos sociais se viam encorajados a conceber a sociedade a partir de sua perspectiva particular". Iniciava-se uma mudança na estética literária que, progressivamente, condenou o romantismo ao ostracismo:

Pensamento e sentimento passam para o segundo plano, num mundo de valores indefinidos, em que a indefinição é o maior valor [...] O indivíduo perde a sua estabilidade, passando os grupos sociais e as coletividades a atuar como o padrão principal de referência. Enquanto o romantismo, firmado sobre o herói individual, baseava na duração da sua vida a divisão do tempo, para o realismo, fruto de

processos agitados de transformação, o tempo abrange toda a dimensão da história (SEVCENKO, 2003, p. 276).

A despeito das diferenças, ambas as correntes, cada uma à sua maneira, representavam um projeto político e cultural que se ligada, intrinsecamente, à construção da nacionalidade. De acordo com Schneider (2004, p. 61), Silvio Romero projetou uma "imagem de algum modo romântica do povo, ou mesmo de um povo nacional". Havia nos homens de letras do final do século XIX, um notável utilitarismo intelectual, centrado na validação de formas de criação e reprodução cultural instrumentalizados como fatores de mudança social. O anseio reformista gerou um tipo peculiar de nacionalismo, que implicava em um mergulho profundo na realidade do país a fim de conhecer-lhe as características naturais e sociais, além de determinar um tipo étnico nacional.

Nesse contexto é que se inserem os esforços renitentes despendidos na tentativa de determinar um tipo étnico específico representativo da nacionalidade ou pelo menos simbólico dela, que se prestasse a operar como um eixo sólido que centrasse, dirigisse e organizasse as reflexões desnorteadas sobre a realidade nacional (SEVCENKO, 2003, p. 106).

José Veríssimo (1857-1916), em sua colaboração com a *Nueva Revista de Buenos Aires*, ampliou as críticas ao estilo fantasioso dos escritores românticos. Tratava-se de uma reprodução de artigo publicado originalmente na *Revista Amazônica* (1883-1884) e que, apesar da conhecida autoria estava assinado apenas com a letra Z. Veríssimo foi jornalista, professor, educador e crítico literário. Nascido em Óbidos, no Pará, foi membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Em 1880, participou do Congresso Literário Internacional em Lisboa, onde defendeu os escritores brasileiros frente à pressão de editores estrangeiros<sup>87</sup>. De acordo com este autor, até a década de 1870, a vida intelectual brasileira esteve limitada a alguns trabalhos de erudição, circunscritos à Corte e à idolatria romântica, além disso a ciência não existia senão pela repetição de livros franceses (Z., 1883, p. 103).

Nas últimas décadas daquele século, porém, observara-se uma inflexão. As causas da mudança de paradigma receberam explicação pormenorizada do autor. Segundo Veríssimo (Z., 1883, p. 107), a Guerra do Paraguai foi primeira causa, uma vez que incidiu na consolidação da unidade nacional. As províncias, que até então existiam de maneira segregada, imersas em preocupações bairristas e rivalidades mesquinhas se interligaram irreversivelmente: "Las ideas y los sentimientos se transmitieron de provincia a provincia, [...] hubo en fin una vasta comunicación interprovincial del norte para el sud, cuyos efectos se hicieron sentir forzosamente en la nueva orientación de la inteligencia nacional". A segunda

---

<sup>87</sup> Cf. <<http://www.academia.org.br/academicos/jose-verissimo/biografia>> Acesso em 28/09/2018

causa foram os desdobramentos do movimento republicano de 1870 que, despertou a consciência política e o senso crítico dos cidadãos. Somou-se a estes eventos, a Guerra Franco-Prussiana que, convergiu, na visão do autor, para a diminuição momentânea da supremacia intelectual exercida pela derrotada França, e, conseqüentemente, a abertura do país a teorias provenientes de outras partes, tais como o evolucionismo spenceriano e o darwinismo (Z., 1883, p. 108). A última causa descrita por Veríssimo, foi a questão religiosa. Para o autor, esse debate gerou uma profusão de artigos na imprensa de norte a sul do país, convergindo para discussão da realidade do país. "Todos estos movimientos, despertando cada uno por su parte la conciencia nacional, la llamaron a la realidad de los grandes intereses que se debatían fuera de aquí en el mundo moral; la pusieron en comunidad de sentimientos consigo misma" (Z., 1883, p. 106).

Na análise de José Veríssimo, a soma destes eventos contribuiu para o declínio das "ilusões românticas" e assim, a literatura pôde florescer em uma base verdadeiramente nacional. Nesse sentido, destacava a produção de José de Alencar, afirmando que ninguém se esforçara tanto pela criação de uma literatura brasileira, nem combatera com mais energia nossa subordinação a Portugal. Veríssimo dividiu a trajetória literária de Alencar em duas fases. A primeira estaca marcada pela inclinação em falsear tudo o que tocava, por uma necessidade de criar, idealizar, inato a seu organismo. Entretanto, admitindo-se o inverossímil na arte, o novelista havia deixado duas obras primorosas que honrariam as literaturas mais ricas: *O Guarani* e *Iracema*. Em um segundo momento, inaugurado na década de 1870 e dirigido por uma nova orientação das ideias, José de Alencar deixou sua ilusão indianista para estudar um meio mais brasileiro, com base na observação da realidade nacional, em *Gaúcho*; *Tronco de Ipê* e em *Sertanejo*. Na mesma linha, segundo o autor, vieram à luz as novelas de Silvio Dinarte e de Franklin Távora, selando o completo abandono do culto fantasista, pelo estudo do drama e dos atores nacionais (Z., 1883, 117-118).

O artigo encerrava-se enfatizando a intrínseca relação entre o nacional e a produção artístico-literária e lamentando o excesso da influência europeia no Brasil no âmbito das artes, causa dos entraves no desenvolvimento do país: "no tenemos arte, porque todos son italianos o franceses, conforme a las escuelas que estudiaron y a las tendencias de su espíritu" (Z., 1883, p. 119).

Ao publicar este excerto, a direção da *Nueva Revista de Buenos Aires* acrescentou uma introdução e um adendo final. Em ambas as asserções, o periódico frisou seu compromisso com o estudo e a divulgação das "belas letras latino-americanas". A princípio, apresentou como justificativa para a reprodução do texto de Veríssimo o

[...] crédito de que justamente goza este escritor, el natural interés que inspira todo lo que se refiere al desarrollo intelectual en Sud-América, y sobre todo a las naciones limítrofes, explican que nos apresuremos a reproducir en nuestras columnas todo lo que pueda servir para conocer cuál es el estado de las bellas letras en los países vecinos. En ello cumplimos nuestro antiguo programa, a cuyo exacto cumplimiento nos encontramos mayormente obligados por las singulares demostraciones de confraternidad literaria que nos han prodigado los hombres de letras en el Brasil (*N. de la Direc. Z.*, 1883, p. 102).

Em seu comentário final, o mensário fez um balanço da questão urgente que permeava o ambiente cultural latino-americano moderno, a valorização e profissionalização dos homens de letras. Mais uma vez os argentinos embasavam sua análise na premissa de que não haveria progresso efetivo desacompanhado do desenvolvimento letrado. Contudo, o terreno não era favorável aos intelectuais:

Suponer que en la América latina se realice el prodigio de producir libros, sin provecho ni honra para el autor, es pretender lo imposible. La situación embrionaria de las literaturas latino-americanas, tiene por causa la escasez de lectores, o en otros términos, el reducido número de compradores: el talento es frecuente, la capacidad de producir innegable, pero mientras el hombre de letras no pueda vivir de la venta del libro, no se le puede exigir el perfeccionamiento y la dedicación necesaria (*N. de la Direc. Z.*, 1883, p. 119).

Citado por Veríssimo como representante do realismo literário brasileiro, Silvio Dinarte — pseudônimo de Alfredo d'Escagnolle Taunay<sup>88</sup> — também teve um texto traduzido na *Nueva Revista de Buenos Aires*. No artigo *Cielos y tierras del Brasil*, o autor descreveu as paisagens da província do Mato Grosso e de Minas Gerais. Em nova nota da direção, os leitores foram apresentados ao autor e seu estilo. De acordo com o mensário, seu estilo pomposo, de fácil expressão e abundância de imagens era responsável por descrever primorosamente cenas, tipos e quadros, refletindo com estremado realismo e cuidadosa minuciosidade as características do império do Brasil (*N. de la Direc. DINARTE*, 1883, p. 506). Transparecendo as relações pessoais mantidas com Taunay, os Quesada teceram elogios ao autor por sua:

[...] estatura elevada, lleva alta la cabeza y su aspecto es abierto y simpático; se ve que tiene la conciencia de su valor, pero es cultísimo y ameno en la conversación, que es chispeante y vivaz. Como orador es fecundo y hábil, muy rápido en las contestaciones, muy incisivo y muy caustico; usa y abusa del sarcasmo, sin perder su aplomo (*N. de la Direc. DINARTE*, 1883, p. 507).

A direção da revista seguiu sua exposição elencando os méritos literários de Taunay, relevando estar de posse de uma das mais afamadas composições daquele autor, *La Retraite de la Laguna*, que versava sobre episódios da Guerra do Paraguai. Manifestou, assim, a intenção de contribuir para o aumento da circulação de ideias e textos em âmbito continental,

---

<sup>88</sup> Alfredo d'Escagnolle Taunay (1843-1899) foi uma das vozes do realismo brasileiro. Seu trabalho de maior destaque foi o livro *Inocência*, publicado em 1872.

lamentando que os livros brasileiros não circulassem amplamente na Argentina, afirmando ser um dever patriótico a mudança desse cenário. A exemplo da abundante bibliografia militar brasileira, que seria muito útil que fosse do conhecimento dos pares argentinos,

para respetarse mejor e no vivir bajo una eterna nebulosa; Ahora la guerra es ciencia, y la ciencia de la guerra exige fundamentalmente conocer los países limítrofes; no para hostilizarlos ni en perspectiva de conflictos armados, sino para respetarse como fuertes y entrar de lleno en la vía de la razón y de la equidad (*N. de la Direc. DINARTE*, 1883, p. 508).

Este fragmento coadunava com o posicionamento diplomático de Vicente Quesada. Fazia-se imprescindível o amplo conhecimento em relação aos países limítrofes, não só quanto à política de Estado, mas também na esfera cultural. Compreender como pensavam os homens públicos do Brasil possibilitava a manutenção da paz, da cordialidade e tornavam mais fecundas as negociações das pendências fronteiriças que a República Argentina possuía com o Brasil.

Por fim, avaliou o "funesto destino dos intelectuais latino-americanos", exemplificado por Taunay. O escritor, que também ocupava cargos políticos e militares, foi mais um a ver-se forçado a relegar sua vocação a um segundo plano para dedicar-se a atividades produtivas, dado a inexistência de uma profissão literária (*N. de la Direc. DINARTE*, 1883, p. 505).

Nos artigos de autoria brasileira listados até aqui chamou a atenção a constância e extensão dos adendos da direção da *Nueva Revista de Buenos Aires*. Houve um significativo aumento das intervenções, comparadas às ocorridas em textos hispano-americanos. A maior difusão de obras e autores hispano-americanos no cenário argentino possibilitava algumas referências pontuais por parte da revista que, afirmou a redundância em apresentar alguns homens de letras e periódicos estrangeiros fartamente conhecidos do público, além de publicar artigos nos quais a nacionalidade do colaborador não era sequer mencionada. No caso do Brasil, a tarefa de forjar uma unidade continental se mostrava mais difícil. Assim, as diferenças de ordem política, diplomática e cultural eram contrabalançadas com as efusivas manifestações de apreço e fraternidade, associadas à reafirmação permanente do propósito exposto desde o primeiro tomo, de contribuir para a aproximação entre as nações latino-americanas.

As posturas de Vicente e Ernesto Quesada estavam alinhadas ao horizonte traçado pela administração Julio Roca. O novo panorama quanto às relações com os países vizinhos foi simbolizado pela realização da Exposição Continental de Buenos Aires, em 1882. Tais eventos foram uma das marcas do século XIX e representavam espaços privilegiados para a exibição de avanços na ciência, na cultura, nas artes, na educação, bem como nas relações

internacionais. Estruturadas em pavilhões de países, as exposições exibiam objetos que visavam representar a economia e a cultura de uma nação, criando uma atmosfera de progresso contínuo. Embora mais modesta do que as mostras internacionais europeias, a realização da Exposição Continental de Buenos Aires foi uma tentativa do governo argentino de superar as consequências da Guerra do Paraguai, afirmar sua aposta na paz interna e externa, no desenvolvimento das suas indústrias e na abertura das portas à imigração. Segundo Rainho (2018, n.p.) "a própria instalação do pavilhão, um prédio em estilo *art-déco* [...] situado no que era, até então, um subúrbio miserável, se insere no projeto de vender a imagem de uma nação moderna, desenvolvida".

Entre 15 de março e 23 de julho de 1882, 50 mil pessoas tiveram acesso a cem mil objetos exibidos por 2 mil expositores estrangeiros e 1.200 argentinos. A participação brasileira — que ocupou cerca de 500m<sup>2</sup> do pavilhão — ficou a cargo da Associação Industrial, órgão criado em 1880, visando mostrar um Brasil para além das belezas naturais. De acordo com Jens Andermann (*Apud* RAINHO, 2018, n.p.):

frente às alegorias monumentais montadas nas exposições universais, nas quais Argentina e Brasil eram celebrados como depósitos exóticos de riqueza em um estado de disponibilidade pura e imaculada, as exposições nacionais inventaram uma linguagem material de revelações profanas que permitiam vislumbrar um modo inserção diferente na emergente economia mundial capitalista.

Em discurso proferido em agosto de 1882, Henrique Hargreaves (*Apud* RAINHO, 2018, n.p.), membro da Associação Industrial brasileira, afirmou ser a Exposição Continental uma "festa do progresso", que colocava o Brasil em um lugar de destaque na economia do continente e que, segundo ele, valia mais do que vinte anos de notas diplomáticas.

Concomitantemente à Exposição Continental, ocorreu em Buenos Aires, o Congresso Literário Latino-americano. Este repercutiu na *Nueva Revista de Buenos Aires* como símbolo da modernidade, que projetava a Argentina às relações de fraternidade com os vizinhos. O certame literário contou com a participação de Ernesto Quesada em sua organização. O convite, publicado no mensário, era dirigido às pessoas que se ocupavam do estudo da literatura, história e ciências da América Latina, com o objetivo de proporcionar aos homens de letras um ambiente favorável para formar ou estreitar relações literárias e fazer cessar o lamentável isolamento das nações no que se referia ao seu desenvolvimento intelectual. Lembrando que na Europa era comum aproveitar a celebração das exposições universais para a realização de reuniões daquela natureza, Ernesto Quesada exaltava a iniciativa que se configurava em uma verdadeira confraternidade literária e, que se reportaria incalculáveis benefícios (QUESADA, E., 1882d, p. 590).

A realização da exposição levou à capital argentina "huéspedes distinguidos, que figuran con brillo en las letras de su país". Entre elas encontrava-se Afonso Celso Júnior (1860-1938), deputado republicano e abolicionista, além de "poeta laureado del vecino Imperio" (*N. de la Direc.* JÚNIOR, 1882, p. 347). O evento marcou, assim, um importante momento quanto ao estabelecimento de contatos intelectuais. Fazendo votos de uma colaboração duradoura, a *Nueva Revista de Buenos Aires* publicou em seu quarto tomo o fragmento de um poema inédito de Afonso Celso Júnior, intitulado *Noite de Chuva*. A obra deste autor foi um marco da transição entre o romantismo e o parnasianismo no Brasil, sendo inclusive analisada no ensaio *Nova Geração*, assinado por Machado de Assis na *Revista Brasileira*, em 1879. Com o apogeu do parnasianismo, porém, a representatividade de Afonso Celso Júnior se desvaneceu, sendo superado pelos grandes nomes dessa escola, tais como Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Raimundo Correia (RAMOS, 1959, p.187).

Excepcionalmente, o texto de Celso Júnior não foi traduzido, sendo o único publicado em português na revista, com a finalidade de evitar perdas em sua essência poética. Em geral, as traduções eram realizadas pela própria direção do mensário, provavelmente a cargo de Ernesto Quesada, que desde o início do empreendimento se ocupou das seções literárias. No décimo tomo, porém, quando Ernesto Quesada anunciou a propriedade exclusiva da *Nueva Revista de Buenos Aires*, a impressão por meio de uma editora própria e o projeto para a modernização e a remuneração dos colaboradores, veio à luz o primeiro, e único, texto com tradução externa — explicitando mais uma vez as dificuldades financeiras com as quais a revista conviveu.

Benigno T. Martinez (1846-1925) espanhol que se radicou no Uruguai, onde desempenhou a função de professor, escritor e jornalista, foi o responsável por traduzir o artigo *El lirismo brasileiro*, de José Antonio Freitas. Os créditos foram destacados no começo do texto, que contou também com uma "advertência do tradutor", cujo objetivo era situar o leitor quanto à análise subsequente. De acordo com o tradutor, nas últimas décadas, a produção de naturalistas, etnógrafos, historiadores, literatos e homens de Estado do Império do Brasil era tal que havia chamado a atenção da Europa. O país apresentava uma vida literária exuberante, exemplificada pelo fragmento da obra do maranhense José Antonio de Freitas (1849-1931). O trabalho, publicado naquela ocasião, compunha o livro *Estudios críticos sobre a literatura do Brasil*, no qual o autor buscava aplicar métodos das ciências naturais ao estudo literário. Martinez também sugeriu que semelhante projeto fosse realizado nas repúblicas do Prata, em uma mostra dos intercâmbios culturais viabilizados pela *Nueva*

*Revista de Buenos Aires*. Ao longo do texto, o tradutor incluiu ainda notas, que ampliavam as menções efetuadas por Freitas, identificadas com as iniciais B. T. M.

O artigo do brasileiro portava uma discussão com a qual os leitores do mensário argentino já estavam familiarizados. Freitas iniciava sua reflexão afirmando que a literatura era o espelho da alma de um povo, expressão de sua vitalidade nacional e símbolo de patriotismo. O destaque dado pelo autor à cultura popular e às suas raízes étnicas foi singular no periódico. Em uma análise sociológico-literária, envolvendo conceituações étnicas da população, mostrava-se otimista acerca da tradição literária brasileira, evidenciando sua superioridade frente às pálidas imitações produzidas pela metrópole portuguesa. Para o autor, o lirismo brasileiro recebera poderosos influxos de matriz indígena, uma vez que os povos tupinambás e tamoyos eram tribos de cantores, músicos e amantes da dança. A ação dos jesuítas, que aproveitaram aquela paixão natural e desenvolveram letras piedosas, substituindo os cantos aborígenes, também fora determinante. Em sua equação, Freitas ainda acrescentava a contribuição dos colonos portugueses para a constituição e enriquecimento artístico da literatura brasileira. Embora não citasse as contribuições de origem africana, mas enfatizava as características da população dos estratos mais baixos da sociedade, frutos da mescla entre as culturas (FREITAS, 1884, p. 496-497).

José Antonio de Freitas (1884, p. 536-537) defendia que a ciência constituía-se em um poder social, uma senda para o progresso e como tal deveria ser acessível a toda a sociedade e não privilégio exclusivo de uma única classe. O Brasil possuía os recursos para a edificação de uma das mais esplêndidas poesias da civilização moderna. A fórmula para alcançar todo seu potencial era simples, bastava que a juventude do país estudasse detidamente suas raízes étnicas e que fosse "americana en todo [...] que los líricos del Brasil se inspiren en la corriente popular [...] El genio brasilero, para que no se esterilice en vagabundas imitaciones, precisa descubrir por la crítica y buscar la inspiración en las tradiciones dispersas de su nacionalidad".

A valoração de tradições populares que se referiam ao passado indígena e à miscigenação como sinônimo de originalidade cultural chama a atenção no artigo de Freitas. Em geral, ainda que a condenação da imitação literária fosse uma constante entre os intelectuais que publicaram na *Nueva Revista de Buenos Aires*, a maioria dos autores ponderou sobre um padrão cultural de modelo erudito e europeu, que não excluía, contudo, a exposição de um quadro nacional.

Ao concluir seu texto, o autor brasileiro reforçava a percepção da atuação dos homens de letras como agentes de transformação da sociedade, apelando para o sentimento nacional e para a missão patriótica que os impelia:



Unámonos todos los hijos de ese hermoso y vasto imperio que es la más precisa joya del progreso, que la fe arrastra montañas. A la tierra, que fue nuestra cuna, tenemos obligación de dedicarle nuestro trabajo, de sacrificarle nuestra vida, de consagrarle nuestra alma entera.

Trabajemos pues en honra y provecho de nuestra patria, no vacilemos en derramar en su defensa hasta la última gota de nuestra sangre, cuando ella necesite; amémosla con el amor puro y desinteresado con que el hijo adora a la madre y aunque no podamos ver entrar en el mundo de las realidades las ideas, que pueblan nuestro espíritu, habremos cumplido nuestra obligación allanando el camino que han de trillar un día nuestros hijos (FREITAS, 1884, p. 537).

Outro aspecto relevante do artigo de Freitas, fora o paralelo traçado com a colonização espanhola, no tocante à fusão cultural ocorrida em solo americano. De acordo com o autor (1884, p. 495), a Espanha encontrou em seus domínios no México e no Peru uma raça forte, robusta e possuidora de uma elevada civilização, mas mostraram-se cegos para este dado, negando a estes povos a própria condição humana. Praticaram atrocidades, sufocando e destruindo sua cultura, contudo a impetuosidade do invasor não pôde deter a resistência da raça autóctone no processo de miscigenação:

El español fusionase en razas mixtas, en que, por una parte, aumenta la ferocidad de carácter del vencedor, y, por otra, reaparece la antigua superioridad del vencido. Y con tan grande energía triunfa aquella raza vigorosa del férreo yugo con que la España la ensoberbecía, que en el siglo XVI ya México influía en la literatura de la metrópoli, como se ve en las concepciones dramáticas de Juan Ruiz de Alarcon (FREITAS, 1884, p. 495).

Os artigos apresentados até aqui demonstravam a consonância entre as discussões dos homens de letras do continente. O Brasil, geralmente apartado das iniciativas de estreitamento de laços, foi apresentado pela *Nueva Revista de Buenos Aires* como componente de uma fraternidade latino-americana, que também lutava para superar as limitações impostas pela negligência dos governos e do público leitor e elevar por meio da cultura as peculiaridades nacionais. Atuando como mediadores culturais, na medida em agiram para aproximar culturas, facilitar o entendimento de discussões literárias e transportar textos poéticos de um país a outro, com a seleção e publicação de traduções e notas elucidativas, Vicente e Ernesto Quesada foram pioneiros na execução de um efetivo projeto cultural latino-americano, com vistas ao conhecimento mútuo, cooperação e intercâmbio intelectual. Convergiram para este alinhamento a adesão de Vicente Quesada às iniciativas pan-latinistas, como a Associação Literária Internacional e seu posicionamento quanto à política diplomática

#### **4.2 Franklin Távora: um elo entre o Brasil e a Argentina.**

Após o difícil estabelecimento dos Estados nacionais na América Latina e a superação dos conflitos regionalistas houve um paulatino crescimento das atividades produtivas e culturais nas cidades, que atingiram um perfil mais pleno na década de 1880. Naquela

conjuntura, campo e cidade começavam a manifestar diferenças que foram prontamente incorporadas ao universo simbólico: o afã criollista e/ou regional por um lado, a modernização com sua percepção particular de vida, por outro. Estas duas linhas de orientação conviveram, polemizaram, disputaram e também se mesclaram, constituindo-se em referências no universo simbólico de fins do século XIX e início do XX nas distintas expressões da arte e da cultura (PIZARRO, 94, p. 30-31).

Entre análises críticas e silêncios, a *Nueva Revista de Buenos Aires* acompanhou a configuração destas duas vertentes culturais que dividiram o cenário latino-americano oitocentista. Reiterou a necessidade da literatura se ocupar das "verdadeiras cores nacionais", ignorando por sua vez, as manifestações bem sucedidas das novelas criollistas na Argentina. Em contrapartida, abriu espaço às manifestações regionalistas, com alusões aos costumes sertanejos, do brasileiro Franklin Távora, um dos mais assíduos colaboradores estrangeiros da *Nueva Revista de Buenos Aires*.

Franklin Távora foi romancista, jornalista, advogado e político. Cearense de nascimento, Távora iniciou sua carreira literária em 1861<sup>89</sup>, em Recife, enquanto estudante da Faculdade de Direito. Como era característico dos homens de letras no século XIX, Távora conciliava suas incursões culturais com as mais variadas ocupações. Diante das dificuldades financeiras da família, sobretudo após a morte de seu pai, e dos poucos rendimentos com a advocacia, Távora trabalhou como revisor e redator em jornais e alçou-se a deputado provincial no biênio 1867-1868, com apenas 25 anos de idade, desempenhando inclusive a função de Diretor Geral da Instrução Pública.

Tanto em sua curta atividade política, quanto em suas obras literárias, Franklin Távora posicionou-se no sentido de deixar de lado:

um certo deslumbramento pelas coisas oriundas da velha Europa, sobretudo as da França. Devíamos, bradava o então deputado provincial, nos preocupar mais com as americanas, as nacionais ou as regionais, aspectos que melhor se afinavam com as preocupações (AGUIAR, 1997, p. 178).

Este pressuposto marcou de maneira decisiva a carreira do escritor, voltada para um regionalismo que "fixasse as cores e os costumes da terra" e para a constituição de "uma literatura mais coerente e viva" (AGUIAR, 1997, p. 179).

Em 1874, Franklin Távora mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se empregou como oficial de gabinete na Secretaria do Império. Embora o cargo fosse essencial ao sustento da

---

<sup>89</sup> Entre as obras de Franklin Távora destacamos *Trindade Maldita* (1861); *Os índios do Jaguaribe* (1862); *Um casamento de Arrabalde* (1869); *O Cabeleira* (1876); *O Matuto* (1878); *Lendas e Tradições do Norte* (1878), além de inúmeros textos jornalísticos e críticas literárias.

família, era considerado pelo romancista um empecilho à realização de suas atividades culturais. Em carta ao amigo e escritor José Veríssimo, Távora parabenizou o destinatário por um discurso sobre a propriedade intelectual, realizado no Congresso Literário Internacional, sediado em Lisboa, no mesmo ano, que também repercutiu entre os diretores do periódico argentino. Ressaltou o patriotismo e compreensão de Veríssimo sobre as "coisas literárias" do Brasil<sup>90</sup> ao tratar deste tema fundamental, que incidia na possibilidade dos homens de letras poderem viver de seus escritos.

Passados os primeiros meses de adaptação no Rio de Janeiro, Távora fez amigos e aproximou-se de pessoas ligadas à imprensa e à vida literária carioca. Em 1875, recebeu o convite de Henrique Fleiuss para trabalhar na revista *Ilustração Brasileira* (1876-1878). A ele coube a responsabilidade de resenhar livros e de cuidar de assuntos literários (AGUIAR, 1997, p. 221). A partir de 1879, Távora participou da reestruturação e direção da *Revista Brasileira*, publicação que propunha "representar a literatura brasileira, independente e, quanto possível, viva"<sup>91</sup>.

Fundada em 1857, a *Revista Brasileira* encontra-se atualmente em sua nona fase, aos cuidados da Academia Brasileira de Letras<sup>92</sup>. Sua segunda fase, de maio de 1879 a dezembro de 1881, foi capitaneada por Franklin Távora, Nicolau Midosi, Balduino Coelho, Cândido Rosa e Moreira Sampaio, todos funcionários da Secretaria do Império. Em suas páginas tiveram primeira publicação as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, os poemas de Fagundes Varela que constituíram *O Diário de Lázaro*, a "Introdução da literatura brasileira", de Sílvio Romero, aproveitada mais tarde na sua *História da Literatura brasileira*, entre tantas e importantes colaborações.

A *Revista Brasileira* representava um importante interlocutor junto aos intelectuais argentinos na busca por aproximar culturalmente Brasil e Argentina. Por meio dela chegaram à redação da *Nueva Revista de Buenos Aires* artigos de Sílvio Romero, Sílvio Dinarte e do próprio Franklin Távora. Os diretores indicavam que aquela publicação havia logrado constituir "un centro al que convergen todas las inteligencias brillantes con que cuenta el Brasil, registrando en sus páginas producciones de las más diversa naturaleza, desde la abstracta filología hasta la fascinadora novela" (*N. de la Direc.* ROMERO, 1882. p. 484).

---

<sup>90</sup> Franklin Távora. Carta a José Veríssimo, datada do Rio de Janeiro, em 11 de novembro de 1880. Arquivo da Academia Brasileira de Letras (Pasta 27-1-18).

<sup>91</sup> Franklin Távora. Carta a José Veríssimo, datada do Rio de Janeiro, em 19 de julho de 1881. Arquivo da Academia Brasileira de Letras (Pasta 27-1-18).

<sup>92</sup> Cf. < <http://www.academia.org.br/publicacoes/revista-brasileira> > Acesso em 25/09/2018

Com uma defasagem temporal, característica da circulação de impressos no século XIX, a *Nueva Revista de Buenos Aires* lamentou o encerramento das atividades do periódico brasileiro em dois artigos, publicados no tomo V, no ano de 1882: *Las Revistas en América - Revista Brasileira - Revista de Chile - Los literatos en la República Argentina* (E.O.A., 1882, p. 454-461)<sup>93</sup> e *El movimiento intelectual argentino: revistas e periódicos* (QUESADA, E. 1882a, p. 462-475). De maneira geral, os artigos discorriam acerca das dificuldades que pairavam sobre os projetos dessa natureza, devido à falta de assinantes, apoio governamental e de patriotismo da população. Neste ensejo, ressaltavam a importância da constituição de uma literatura nacional, a busca pela consolidação de um mercado editorial latino-americano, que acarretasse no fortalecimento e na projeção das produções literárias do continente e a defesa da elaboração de uma lei que garantisse a propriedade intelectual (E.O.A., 1882, p. 454-461).

De acordo com Ernesto Quesada, em decorrência destes obstáculos, a América Latina vivia em um isolamento cultural inadmissível e só por um grande acaso era possível conhecer as publicações dos países vizinhos. O autor lamentou o fato de serem poucos os privilegiados que conheciam a *Revista del Plata* e os *Anales del Ateneo*, de Montevideú, a *Revista Paraguaya*, de Assunção, *La Patria* e o *Repertório Colombiano*, de Bogotá, a *Revista Literaria*, de Quito, *La Juventud*, de San Salvador, a *Revista Mexicana*, do México e a *Revista Literaria*, de Havana, bem como a *Revista Brasileira* e a *Revista de Chile*, que havia sucumbido na tentativa de aclimatar esse tipo de empreendimento no continente (QUESADA, E. 1882a, p. 474). Ao final do artigo, Ernesto Quesada reiterava o compromisso da *Nueva Revista de Buenos Aires* no sentido de estreitar os vínculos de solidariedade nacional, criar uma verdadeira vida intelectual em toda a República e de fazer cessar o "isolamento pernicioso" a respeito das nações latino-americanas. De acordo com ele, a tarefa era árdua e para que se concretizasse, era preciso que as poucas revistas existentes unissem seus esforços e prestassem apoio mútuo (QUESADA, E. 1882a, p. 475).

O fim da *Revista Brasileira*, contudo, inaugurou uma nova fase no relacionamento entre Franklin Távora e a *Nueva Revista de Buenos Aires*. A partir de então, o brasileiro iniciou uma série de artigos sobre a "literatura nortista", escritos especificamente para o mensário argentino. Távora criticava o desinteresse dos escritores da Corte Imperial pelo que se passava nas províncias e tinha como um de seus principais projetos a publicação de uma

---

<sup>93</sup> Via de regra os textos publicados pela *Nueva Revista de Buenos Aires* eram assinados. Este artigo, porém foi subscrito apenas pelas iniciais E. O. A., não sendo possível assegurar sua autoria. Devido seu conteúdo é possível afirmar que o autor estava bastante familiarizado com a dinâmica da revista, bem como com os detalhes do empreendimento anteriormente dirigido por Vicente Quesada, a *Revista de Buenos Aires*.

coletânea que se intitularia *O Norte*, uma interpretação crítica e biográfica, que conteria as principais obras de vinte escritores considerados bons exemplos do talento nortista<sup>94</sup>. Os fundamentos que justificariam a existência de uma literatura do Norte, de acordo com Távora, era "um certo caráter geográfico para as letras, a feição primitiva, a pureza e a genuína expressão do Norte, ainda não afetada pela invasão dos imigrantes estrangeiros como se dava no Sul" (AGUIAR, 1997, p. 250-251).

O romancista brasileiro sustentava a convicção — cultivada desde 1874, quando se trasladou de Recife para o Rio de Janeiro — de que existiam no Brasil duas escolas literárias, visíveis nas produções das duas grandes regiões em que se dividia, naturalmente, o país, separadas pelo Rio São Francisco. De acordo com Távora, leis do meio físico, a natureza e o clima provocavam diferenças que modificavam o homem e influíam forçosamente na formação de sua individualidade, incidindo também nas produções literárias (TÁVORA, 1882a, p. 224-225). Contudo, a despeito da divisão apresentada, Távora acreditava que seus estudos sobre os escritores do norte do Brasil, contribuía para o fortalecimento da literatura nacional e fazia votos de que suas reflexões despertassem interesse nos leitores argentinos e brasileiros.

O objetivo de Franklin Távora com sua série era apresentar autores das províncias, contemporâneos, mas desconhecidos na capital do Império. De acordo com ele, o mais lamentável desta conjunção era o fato dos escritores da Corte — aqueles que deviam conhecer o movimento literário do país —, guardarem silêncio acerca dos colegas provenientes das demais províncias, promovendo um verdadeiro atentado contra a literatura nacional e a pátria, em uma demonstração do egoísmo característico de uma metrópole (TÁVORA, 1882a, p. 222). O projeto de compilação da obra *O Norte* não se realizou em sua totalidade, porém sete artigos inéditos acabaram sendo publicados pela *Nueva Revista de Buenos Aires*, entre os anos de 1882 e 1884. Parte substancial do livro, dado como perdido, foi recuperada pelo biógrafo Cláudio Aguiar a partir de publicações traduzidas para o espanhol por Ernesto Quesada, e de fragmentos divulgados em jornais, revistas ou livros no Brasil. Os originais de *O Norte*, juntamente com outros trabalhos inéditos, segundo informações de Sílvio Romero, que foi amigo do romancista, Távora os "pôs no fogo num momento de desespero, [...] pouco antes de sua morte..." (AGUIAR, 1997, p. 260).

A série intitulada *Escritores del norte del Brasil*, levou ao público argentino e latino-americano ensaios sobre a vida e obra de Luis Dolzani — pseudônimo de Inglês de Sousa —,

---

<sup>94</sup> Na concepção do autor, o termo *Norte* referia-se a uma diferenciação mais geral entre Norte e Sul do país, abrangendo genericamente o que hoje se entende pelas regiões norte e nordeste.

Carlos Hipólito de Santa Helena Magno, Julio Cesar Ribeiro de Souza, José Veríssimo, José Coriolano de Souza Lima, Thomaz Antonio Ramos Zanny e de José de Barcellos. Em carta a José Veríssimo, o romancista falou sobre sua vinculação com o mensário argentino e a publicação dos artigos relacionados sobre os escritores do Norte:

Se porém a impressão em volume especial está por ora sem andamento, uma das duas partes em que se divide o primeiro tomo, isto é, a que trata dos escritores, está saindo em uma revista estrangeira, a *Nueva Revista de Buenos Aires*, para a qual estou colaborando por muitas instâncias dos respectivos fundadores, os Drs. Vicente Quesada e Ernesto Quesada, escritores de reputação bem estabelecida.

Já remeti para ali as rápidas biografias dos Srs. Inglês de Souza, Santa Helena Magno, Júlio César e a sua. A ordem seguida é geográfica. O primeiro dos indicados escritores representa a província do Amazonas e os três últimos o Pará.

A *Nueva Revista* é colaborada pelos primeiros escritores da América Latina. É uma das melhores produções do nosso continente. O Sr. Ernesto Quesada com quem me correspondo epistolarmente, é o tradutor dos meus escritos.

Se o colega quiser que seja publicado em tão importante revista algum trabalho seu, mande-me o que terei muita satisfação em transmitir-lo ao Dr. Quesada.

Já fiz ver a este a conveniência de remeter para o Pará a sua *Revista* a fim de ser aí conhecida<sup>95</sup>.

O fragmento acima revela aspectos importantes acerca da circulação de ideias e das mediações culturais operacionalizadas por Vicente e Ernesto Quesada. A tradução de textos originais, bem como a abertura à cooperação intelectual evidenciam o pioneirismo da *Nueva Revista de Buenos Aires* quanto ao estreitamento de laços entre o Brasil e a Argentina. A correspondência de Távora reforça também o entendimento deste como um elo entre os dois países, posto que, além da colaboração ativa, possivelmente viabilizou a publicação do artigo de Veríssimo no mensário argentino, ocorrida no ano seguinte. Além disso, o reconhecimento quanto à acolhida dada aos "primeiros escritores da América Latina" por parte da revista evidencia o exitoso projeto empreendido pelos argentinos.

Franklin Távora continuou a manter José Veríssimo informado sobre a publicação de seu perfil na revista argentina e atuou como intermediário para a chegada de uma coleção da *Nueva Revista de Buenos Aires* às mãos do escritor paraense:

O seu rápido perfil que, há 3 ou quatro meses, está com o redator da *Nueva Revista de Buenos Aires* deve sair no fascículo de 1 de março (próximo). Já estão publicados os dos Srs. Inglês de Souza, Santa Helena (pobre amigo!), e Júlio César.

Ao mesmo redator já escrevi comunicando-lhes as suas ordens quanto à assinatura da *Nueva Revista*<sup>96</sup>.

No fascículo da *Revista de Buenos* de abril corrente saiu a sua biografia.

O Dr. Ernesto Quesada pede-me encarecidamente lhe obtenha um agente aí. Será possível? Por falta de agente ali, ou aqui, não seguiu a coleção que o colega pede.

<sup>95</sup> Franklin Távora. Carta a José Veríssimo, datada do Rio de Janeiro, em 17 de agosto de 1882. Arquivo da Academia Brasileira de Letras (Pasta 27-1-18).

<sup>96</sup> Franklin Távora. Carta a José Veríssimo, datada do Rio de Janeiro, em 27 de fevereiro de 1883. Arquivo da Academia Brasileira de Letras (Pasta 27-1-18).

Remeto-lhe a incluída carta do Dr. Quesada na qual se refere ao colega. Peço-lhe que me devolva, visto que contém a autorização para a impressão sobre os literatos do Norte<sup>97</sup>.

A relação entre Franklin Távora e os intelectuais argentinos manteve-se por meio de correspondências, até o ano de 1883, quando ocorreu o primeiro encontro entre eles na cidade do Rio de Janeiro. Vicente Quesada havia iniciado sua carreira diplomática no país e não tardou a enfronhar-se nos círculos culturais cariocas, culminando com a sua participação em uma festa literária, que repercutiu na imprensa brasileira e argentina.

#### 4.2.1 "*Escritores del norte del Brasil*"

A primeira biografia da série teve como protagonista Luis Dolzani, pseudônimo de Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853-1918). Conterrâneo de José Veríssimo, Inglês de Sousa nasceu em Óbidos, no Pará, e foi advogado, professor, jornalista, político, contista e romancista, tomando parte das sessões preparatórias da criação da Academia Brasileira de Letras, na qual fundou a cadeira nº 28.

Franklin Távora iniciava seu artigo com uma ampla análise do meio e dos antecedentes literários da região. Afirmava que a região do Amazonas, fosse considerada em seu aspecto físico, fosse encarada sob o aspecto dos costumes de seus habitantes, era uma *Íliada* que aguarda seu Homero. Apesar das restrições impostas pelo sistema educacional rudimentar e escassa população, Távora exaltava a inspiração propiciada pelo estilo de vida nos seringais, pela natureza e pelo caráter típico do amazonense e lamentava que a literatura não se ocupasse daquela área. De acordo com o autor, a produção de Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha (1769-1811), "primeiro poeta amazonense", pecava pela falta de expressão nacional, pela excessiva referência clássica e a utilização de simbologias que não condiziam com a realidade.

Contudo, de acordo com Távora (1882a, p. 235), Luis Dolzani, lançava luz a esta situação deplorável e se não fosse pela sua contribuição todo aquele patrimônio se limitaria a canções populares e alguns relatos de viajantes. Para Távora, a ida de Dolzani para o Recife, onde cursou Direito, representou um ponto de inflexão em sua trajetória intelectual, pois, ao se ausentar de sua província, a saudade natural avivou os quadros das paisagens e costumes acrescentando inspiração ao autor. Com base em uma larga observação e elevado nível educacional, Távora considerava que Dolzani possuía as ferramentas intelectuais para o exercício de um excelente trabalho literário, comprovado na obra *O Cacauleta* (1876) —

---

<sup>97</sup> Franklin Távora. Carta a José Veríssimo, datada do Rio de Janeiro, em 21 de abril de 1883. Arquivo da Academia Brasileira de Letras (Pasta 27-1-18).

primeira novela da série *Cenas da vida do Amazonas* —, livro que tinha como pano de fundo a opressão exercida pelos fazendeiros sobre os pobres da região. Seguiram-se os livros *História de um Pescador* e *Coronel Sangrado*, ambos de 1877, que evidenciavam o caráter essencialmente nortista do escritor, dado que sua inspiração, sua observação, seu estilo, sua terminologia, os temas de suas novelas e contos e as descrições de costumes, eram reflexos e manifestações reais daquele meio.

Em sua conclusão, porém, Távora assumia um tom pesaroso, que partia da constatação de que Luis Dolzani, não obstante seu talento para as letras, havia relegado a literatura a um segundo plano, em favor da política. Naquela conjuntura, Inglês de Sousa, nome por trás do pseudônimo, já havia ocupado o cargo de presidente da província de Sergipe e era atual presidente do Espírito Santo:

Espíritus eminentes, talentos verdaderamente superiores, fascinados por falsos brillos, son arrastrados a los torbellinos políticos, donde pronto sufren crueles desengaños, mientras que en la república de las letras podrían subir a las mas culminantes posiciones, elevando al mismo tiempo su patria a tan nobles esferas y creando la profesión literaria de que la Francia nos presenta el más brillante modelo (TÁVORA, 1882a, p. 245).

Távora considerava que o movimento natural das inteligências nacionais para a arena política constituía-se na razão pela qual a literatura brasileira — e latino-americana — não se desenvolvia em toda a sua potencialidade, causando entraves ao progresso. Seguindo essa tendência, Franklin Távora relatava as trajetórias dos cearenses Juvenal Galeno e José de Barcellos, que haviam abandonado a carreira literária porque suas produções, apesar de muito apreciadas, não lhes traziam sustento, apenas gastos:

Quando medito un poco a este respecto, cuando veo tanto talento natural que se rebela sin esfuerzo, reproduciendo la vida del campo con todos sus matices, me hago a mi mismo la siguiente amarga pregunta: ¿Por qué razón este hombre abandonó la vida de las letras?  
 ¿Por qué razón? — cómo será posible indagar la causa de semejante fenómeno? — **No está acaso ella en el espíritu de todos los que conocen nuestro medio literario, medio común á todos los países nuevos, medio que es idéntico en toda América latina?** (TÁVORA, 1884b, p. 388-389. Grifo nosso).

De maneira ainda mais dramática, o abandono da vocação literária por parte de Tomás Antonio Raos Zany era narrado em um artigo de apenas quatro páginas, curto, como foi a incursão deste autor ao universo da literatura. Tendo entrado em contato com a produção de Zany enquanto aluno da Faculdade de Direito de Recife, Franklin Távora afirmava que, apesar de reduzidos, seus textos manifestavam as "cores locais" e o espírito do sertão. Concluía lamentando que aquele espírito observador, dotado de qualidades que, devidamente educadas e cultivadas, haveriam de chegar a uma grande altura, tivesse interrompido sua jornada tão bem iniciada para as letras pátrias motivado pela dificuldade em conciliar a



atividade artística com seu emprego em uma repartição pública pernambucana (TÁVORA, 1884c, p. 27-31).

Távora ressaltava que publicar livros no Brasil, e particularmente em uma das províncias do norte, era dar prova de valor, a exemplo de Juvenal Galeno. Àquela altura, Galeno havia publicado *Lendas e canções populares* (1865); *Cenas Populares* (1871) e *Lira Cearense* (1872). Acrescentava-se à lista *Canções da Escola*, coleção de versos adotada pelo Conselho de instrução pública do Ceará para uso nas escolas primárias. Na concepção de Távora (1884b, p. 302), cada um destes títulos era um monumento para a literatura do norte. *Lendas e Canções populares* não era somente um livro do norte, mas um livro brasileiro, sem rival em seu gênero, uma obra que falava dos sentimentos, da vida e da fala do povo, acompanhava suas alegrias e diversões, suas aflições e dores.

Por meio dos escritos de Juvenal Galeno, Franklin Távora expôs com detalhes outra característica da literatura nortista: o protagonismo dos setores mais empobrecidos da sociedade. Além do viés nacional e do realismo na descrição das paisagens e costumes, havia nos escritores do norte uma superabundância de compaixão para com o pobre. Galeno, em suas poesias, adaptava o ritmo e a toada das canções, com as quais se deleitavam o boiadeiro, o agricultor e o pescador, enriquecendo-as com a observação, bom gosto e delicadeza de sentimento. Em *Cenas Populares*, o autor recorrera à prosa e nesse gênero, de acordo com Távora, também ficou evidente seu respeito ao meio que o engendrara: "Lugares, personas, costumbres, todo allí es cearense, o más bien, nordista. Y lo pinta todo con la frescura y bondad que solo puede tener el que siente una verdadera pasión por ese mundo popular, tan rico de goces sencillos y armonías vírgenes" (TÁVORA, 1884, p. 308).

Távora apresentou também as contribuições do autor paraense Carlos Hipólito de Santa Helena Magno (1848-1882). Em nota, a direção da *Nueva Revista de Buenos Aires* reiterava que os artigos eram inéditos e haviam sido escritos especificamente para o mensário argentino, salientando a boa recepção na Argentina. Távora (1882b, p. 05-08) traçava um panorama da literatura contemporânea no Brasil, decretando a decadência do gênero poético e do romantismo. De acordo com o autor, a prosa, sem retórica, sem forma lírica ou épica imperava nas letras brasileiras, pois a realidade bastava à inspiração. O reinado da paixão havia passado inteiramente para dar lugar ao raciocínio, à crítica, ao exame, à lei científica, ao realismo de suas operações e aplicações, tal qual se percebia na sociedade. Segundo o autor, tudo o que era metafísico estava fora do gosto e da concepção moderna.

Entretanto, o biografado era um poeta e suas obras versavam sobre os tempos românticos. Nascido em Muaná, no Pará, Santa Helena Magno, estudou direito em Recife,

para em seguida retornar a sua cidade de origem. Apesar da debilidade do seu corpo<sup>98</sup>, suas qualidades morais e intelectuais o distinguiam. Entre críticas às influências eclesiásticas e elogios à evolução literária expressas na obra *Seca no Ceará* — na qual Santa Helena Magno se preocupou mais com a humanidade do que com a divindade — Távora utilizou o artigo para relatar a contribuição da *Revista Brasileira* para a divulgação dos trabalhos dos homens de letras das províncias do norte do país, pois era por meio dessa intervenção que leitores do sul haviam podido conhecer o poeta. A falta de comunicação entre as regiões do país era apontada por Távora como um grave entrave ao desenvolvimento brasileiro, as revistas culturais atuavam para dirimir esse mal, ainda que sofressem com as dificuldades financeiras e a falta de leitores.

Fue entonces que en el sud se pudo formar idea acerca de los méritos del señor Santa Helena. Antes de eso ¿quién le conocía? ¿Quién, sin haber estado en Pará o en Pernambuco, sabía que poseíamos en la primera de las indicadas provincias tan notable cultor de las Musas? (TÁVORA, 1882b, p.13).

Assim, Távora também se utilizava do espaço para divulgação de determinada visão da sociedade e da literatura, alinhada às teorias científicas; para a promoção dos talentos e da inspiração provenientes do modo de vida das províncias; e para advogar pela importância das revistas culturais.

Julio Cesar Ribeiro de Souza (1843-1887) era o protagonista do terceiro texto da série de artigos de Távora, sendo priorizadas as múltiplas habilidades do escritor e inventor brasileiro, pioneiro do desenvolvimento da dirigibilidade aérea.

Después de lo que queda expuesto, la conclusión es fácil: la inteligencia del señor Julio Cesar es extremadamente dúctil, capaz de aclimatarse, de desenvolverse y brillar en todas las producciones del saber humano. Si tuviera cultura que proporcionan los grandes centros civilizados, podría elevarse a las mayores alturas, aún hasta a aquellas mismas a donde no podrá llegar con su aerostático (TÁVORA, 1883a, p. 248-249).

Távora (1883a, p. 248-252) enaltecia os feitos de Souza quanto aos estudos sobre dirigíveis, que provavam que o Brasil não produzia somente café, açúcar, borracha e cacau, e que a ciência, a arte e a indústria não podiam ser consideradas como dispensáveis pelos brasileiros. Contudo, acreditava que as honrarias seriam maiores se Julio Cesar Ribeiro de Souza pudesse dedicar exclusivamente à cultura literária.

O artigo sobre José Veríssimo oferecia material para ampla discussão sobre as "ideias modernas" e a "evolução da literatura" no Brasil. De acordo com Távora (1883b, p. 18), Veríssimo lograra afastar-se da influência religiosa, demasiadamente presente na educação do

---

<sup>98</sup> Carlos Hipólito de Santa Helena Magno possuía problemas de saúde, falecendo no mesmo ano em que artigo foi publicado, 1882, aos 35 anos.

norte do país, para tornar-se um importante representante do naturalismo brasileiro, cuja característica central era o sentimento da realidade sem artifícios, sem imagens enfermas, sem metáforas arcaicas, que sugeria a exata representação das coisas. Após tecer elogios à obra e trajetória do autor paraense, Távora frisava as críticas manifestas nos outros textos da série: o profundo isolamento interprovincial no Brasil e a indiferença da Corte em conhecer a produção dos homens de letras dos centros mais afastados. Lamentava que as províncias seguissem ignoradas, desperdiçando talentos que, se vivessem na capital imperial, figurariam ao lado das figuras mais afamadas do país, atraindo glórias e honras para a pátria (TÁVORA, 1883b, p. 23-24). Ao tratar do livro *Primeiras Páginas: Viagens no sertão - Quadros Paraenses - Estudos*, de autoria de Veríssimo, declarava:

Por el colorido local y por el sello de verdad que ofrecen páginas tan elegantemente escritas, este libro debiera haber dado la vuelta del Brasil; pero la verdad es que, exceptuando tal vez a Pará, es enteramente desconocido en las otras provincias, lo que no debe producir sorpresa, porque en las relaciones literarias ese aislamiento es una de nuestras primeras leyes interprovinciales. Lo que verdaderamente causa asombro es que en la Corte, donde se tiene la pretensión de juzgar con conocimiento de causa el movimiento literario de las provincias, la obra de José Veríssimo no haya logrado ser leída por ninguno de los afamados literatos [...] (TÁVORA, 1883b, p. 23).

Outro exemplo do centralismo exercido pela Corte, era o exíguo prestígio gozado pelo poeta piauiense José Coriolano de Souza Lima (1829-1869). Para Távora (1883c, p. 597), Lima revelava em sua obra um genuíno e saudoso sentimento nortista em sua obra, sobretudo por ter sido um poeta popular e que retratava costumes, gostos e vocabulários da multidão. Contudo, morrera, como tantos outros, sem leitores e sem crítica.

En la Corte no se piensa el movimiento literario de las provincias. Nuestra Corte erudita puede dividirse en dos: una es Lisboa y otra, la que constituye la casi totalidad, París. Data de poco tiempo nuestra atención para la Alemania y la Inglaterra. **Las literaturas del Norte y de la América Latina, del Pacífico y del Río de la Plata, son desconocidas entre nosotros. Del movimiento intelectual en México y en Buenos Aires nadie sabe aquí. Los libros portugueses o los libros franceses, — he ahí el polo en que gira nuestro gusto literario** (TÁVORA, 1883c, p. 602. Grifo nosso).

Franklin Távora lamentava, assim, o profundo desconhecimento entre os homens de letras do continente, mais voltados à Europa que para os seus vizinhos. Com os olhos fixos no longínquos centros estrangeiros, não era de se estranhar que os críticos brasileiros se mostrassem alheios ao florescimento letrado nas províncias, declarou o romancista (TÁVORA, 1883c, p. 603).

Os textos de Távora sobre a literatura do norte do Brasil apresentaram muitas ideias em comum com as posições dos Quesada na *Nueva Revista de Buenos Aires*. A importância dos homens de letras como agentes transformadores da sociedade, suas contribuições para o

soerguimento da nacionalidade, a busca pelas raízes culturais da pátria, o apelo à educação e à ciência como fontes do verdadeiro progresso, a maior integração entre as províncias do país e as denúncias quanto às dificuldades enfrentadas pelos intelectuais latino-americanos para o desenvolvimento de seus talentos literários, dado a escassez de leitores, editores e de uma lei que lhes garantisse viver de suas obras, foram alguns pontos de convergência manifestas na série assinada pelo romancista brasileiro. Entretanto, chama a atenção o enaltecimento de poetas caracterizados pela linguagem simples, pelo retrato da cultura popular e pela utilização de suas manifestações, que eram opostas ao padrão de cultura erudita defendido pelo mensário argentino. A colaboração de Franklin Távora acrescentou, assim, elementos que agregaram diversidade à exposição do periódico sobre o ambiente cultural latino-americano.

#### **4.3 A festa literária de 1883 e a confraternização latino-americana no Rio de Janeiro.**

Vicente Quesada considerava que as relações entre os países do continente obedeciam interesses a específicos e concretos, sobretudo de caráter material, mas entendia que se tratavam de vínculos que, para serem autenticamente frutíferos, deviam estar articulados e mediados por um conhecimento mútuo das ideias e culturas que informavam as elites dirigentes. Assim, desde o início da sua atuação diplomática no Brasil, em 1883 — cuja finalidade era conseguir uma posição favorável à Argentina em torno da questão fronteiriça de Palmas, em litígio com o Brasil —, procurou integrar-se às instituições científicas e culturais mais relevantes.

Em sua estadia no Rio de Janeiro, entre os anos de 1883 e 1885, como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário da República Argentina, Quesada participou de jantares e reuniões literárias, sendo, inclusive, motivo de uma festa que reuniu intelectuais, políticos e a família real brasileira, realizada em 30 de agosto de 1883. A cerimônia recebeu destaque na imprensa carioca, na *Nueva Revista de Buenos Aires* e também foi descrita no livro *Mis memórias diplomáticas*, de autoria de Vicente Quesada e publicado em 1908.

Relembrando aquele episódio, Vicente Quesada afirmou que ele próprio já havia falado ao imperador do Brasil sobre o quão proveitoso seria promover as relações literárias entre os países latino-americanos (QUESADA, V. 1908, p. 213-214). Em sintonia com este propósito, o brasileiro Franklin Távora organizou uma festa literária em homenagem ao representante argentino no país. De passagem pelo Rio de Janeiro, em visita ao seu pai, Ernesto Quesada também foi convidado para o evento, no qual se objetivava também a fundação de uma Associação dos literatos do Brasil. A *Nueva Revista de Buenos Aires* deu grande publicidade à cerimônia, publicando uma crônica sobre o evento, na qual constou a

transcrição do convite, dos discursos de João Manuel Pereira da Silva, político e literato brasileiro, de Vicente Quesada, Ernesto Quesada e de Franklin Távora, além de notas da imprensa brasileira. Em todos excertos foram ressaltados os benefícios do estreitamento dos laços culturais entre os vizinhos americanos e de um maior intercâmbio de livros e textos entre os homens de letras do continente. A formação de uma identidade latino-americana também esteve em pauta nas reflexões dos Quesada.

No convite dirigido a Ernesto Quesada, notou-se o reconhecimento acerca dos serviços prestados no tocante ao fomento de um sentimento de confraternidade e a acolhida dada aos homens de letras latino-americanos<sup>99</sup>. A despeito das dificuldades enfrentadas pela *Nueva Revista de Buenos Aires*, as declarações confirmavam que a publicação circulava no Brasil, reforçando o pioneirismo da iniciativa dos Quesada:

Son conocidos en esta capital los servicios prestados por V. E. y su digno padre, el señor doctor don Vicente Quesada, como escritores, a fin de combatir, por lo que toca a las letras, el aislamiento de los pueblos de la América Latina. Inspirándose en los mismos sentimientos de confraternidad, entienden los abajo firmados que cumplen un deber de conveniencia literaria promoviendo, en homenaje a tan distinguidos hombres de letras, la reunión de nuestros literatos, en su sarao de lectura que su Majestad el Emperador se dignará honrar con su presencia [...] En dicha ocasión se fundará la Asociación de hombres de letras del Brasil (FESTA LITERARIA, 1883, p. 450).

Assinavam o texto José Manuel Pereira da Silva, Franklin Américo de Menezes Doria, Ladislao de Sousa Mello e Neto, João Severino da Fonseca e Franklin Távora. Dando prosseguimento às cordialidades, os intelectuais argentinos agradeciam as honrarias e enfatizavam a menção sobre suas contribuições para encerrar o isolamento intelectual entre os povos da América Latina, declarando que o evento era mais uma ruidosa demonstração de companheirismo literário.

La Nueva Revista no puede menos de enorgullecerse al ver que no solo es conocida y citada con aplauso en toda América, sino que su propaganda para combatir el aislamiento intelectual de los pueblos latino-americanos encuentra un eco tan elocuente en países de la importancia de nuestro vecino imperio (FESTA LITERARIA, 1883, p. 453).

Acerca da formação da Associação dos literatos brasileiros, Ernesto Quesada afirmou que a ideia não podia deixar de ser celebrada por aqueles que, como ele, trabalhavam para cultivar o apreço às belas letras entre os países latino-americanos. A realização da festa literária foi um momento de conagração entre os intelectuais brasileiros e os Quesada, que

---

<sup>99</sup> Em seu discurso proferido na Festa Literária, Franklin Távora fez particular referência à atuação dos Quesada na direção da *Nueva Revista de Buenos Aires* que, segundo ele, era conhecida e apreciada por quase toda imprensa diária da capital imperial.

buscaram afastar os ecos das rivalidades políticas em benefício de uma ampliação dos intercâmbios culturais, via preferencial para o progresso de suas nações.

João Manuel Pereira da Silva abriu a sessão. Em seu discurso saudou os pares argentinos e colocou em segundo plano a motivação política da estadia de Vicente Quesada no Rio de Janeiro, destacando o voluntarismo literário que impulsionavam pai e filho: "como amigos, ambos solicitan nuestras relaciones intimas, y como literatos ansían descubrir la importancia de nuestra acción intelectual, la parte que nos cabe en los progresos de las letras, de las ciencias y de las artes" (SILVA *Apud* FESTA LITERARIA, 1883, p. 461). Em um tom bastante amistoso, somou-se às manifestações de aproximação e estreitamento de laços de fraternidade latino-americanos:

[...] deseamos que cuando volváis a vuestra patria querida lo refiráis a vuestros conciudadanos para que se convenzan de que en el Brasil encuentran colegas y amigos, que aprecian los lazos íntimos que vincula los corazones de americanos vecinos, que deben estimar como hermanos animados por el mismo glorioso pensamiento de legar al futuro una reputación de honra (SILVA *Apud* FESTA LITERARIA, 1883, p. 463).

Tal qual defendida em diferentes ocasiões pela *Nueva Revista de Buenos Aires*, o letrado brasileiro demonstrou convicção de que o desenvolvimento econômico do continente deveria estar atrelado ao fomento das atividades culturais. De acordo com João Manuel Pereira da Silva (*Apud* FESTA LITERARIA, 1883, p. 462), "debe acompañar a sus progresos físicos la cultura de las ciencias, artes y letras que la inteligencia, el alma, el faro, la brújula, la verdadera potencia, en realidad, para garantir la existencia sabia y honrada de los pueblos". Neste entrelaçamento estava o caminho para as nações do continente atingirem toda a sua potencialidade, quem sabe um dia substituindo a Europa em importância e fulgor.

Vicente Quesada, por sua vez, orientou seu discurso para o fomento de um sentimento americanista, ou melhor, de uma identidade latino-americana, que conectava as nações do continente, não obstante as diferenças e peculiaridades de cada nacionalidade:

Soy un extranjero en medio de vosotros. En diversa lengua aprendí a amar mi patria y a tributar culto a la libertad: los colores simbólicos de nuestras nacionalidades, prueban que pertenecemos a dos pueblos distintos. Y sin embargo — ¿qué misterioso vínculo, superior a la razón, más fuerte que los intereses transitorios y efímeros de la política, me dice con intensidad poderosa, que no soy, ni puedo ser, huésped extraño en medio de vosotros? [...] Lo confeso, señores. Estoy dominado por el sentimiento americano (QUESADA, V. FESTA LITERARIA, 1883, p. 465).

O intelectual argentino declarava que o Império e a República estavam destinados a manter a paz por meio da colaboração, do cultivo da ciência, das artes e das belas letras, uma vez que pertenciam à mesma raça latina e eram ramos do mesmo tronco. Ressaltava as similaridades dos problemas enfrentados e das soluções empregadas por ambos os países, que

reconheciam que o caminho para o progresso estava no aumento e condensação de suas populações, de maneira que os números da imigração eram tais que chegaria o momento que "los pobladores de fuera, sean mucho más numerosos que los que han visto la luz en los países americanos" (QUESADA, V. *Apud* FESTA LITERARIA, 1883, p. 463). Esse cenário, porém, trazia, de acordo com Vicente Quesada, uma outra gama de desafios, a começar pela conservação do culto à pátria e das características culturais que constituíam os Estados em nações. Os imigrantes eram hóspedes, chamados a tomar parte daqueles países como elementos coadjuvantes para o progresso, de modo que não deveriam em hipótese alguma sobrepujar a personalidade internacional dos países que lhes abriam as portas.

Os meios para resolver tal equação estavam dados naquela celebração literária. O desenvolvimento das letras e da ciência, além da cooperação intelectual, empreendidos por escritores patriotas eram a chave para alavancar as identidades nacionais e latino-americana:

¿Cuáles son los medios prudentes para conservar inmaculada el alma mater en los Estados americanos?

Las ciencias y las letras: la literatura que es la que perpetua las lenguas y que las hace imperecederas, como lo demuestran los monumentos literarios de Grecia y Roma [...]

En verdad, el culto de las letras es una religión que tiene sus ritos y sus sacerdotes, sus apóstolos y sus mártires [...] El mundo ideal le transfigura, y solo, rodeado únicamente por los libros, se olvida de las fugaces necesidades del mundo positivo y se abisma en la creación de lo ideal (QUESADA, V. *Apud* FESTA LITERARIA, 1883, p. 467;469).

Dada a importância da atuação dos homens de letras na exposição que acabara de fazer, Vicente Quesada lamentava as agruras enfrentadas, os talentos desperdiçados e a aridez do solo no qual semeavam. Nessa perspectiva saudou a proposta de formação da Associação dos literatos do Brasil, instituição que ampliava os horizontes e ofereceria esperança aos intelectuais. Mais que isso, a organização, as discussões e os intercâmbios entre os letrados latino-americanos contribuía para a busca por respostas que se adequariam ao contexto continental, pois as suas peculiaridades eram incompatíveis com a adoção de teorias importadas indiscriminadamente da Europa:

Nosotros pertenecemos, como naciones, á la tierra nueva, y nuevos son los obstáculos y nuevas nuestras exigencias, y por todo ello deben ser nuevas las soluciones que debemos buscar todos los americanos sin distinción de nacionalidad, puesto que son intereses y necesidades peculiares de América [...] Lo reconozco y lo confieso; la base de nuestra civilización es europea, y nuestro presente se halla vinculado á Europa; por ello, cuando hablo del sentimiento y del espíritu americano, no intento afirmar que sea antagónico ni contrario á Europa: no [...] Pero repito: nuestros problemas sociales y económicos no son los mismos que agitan y apasionan la opinión pública en Europa. Nuestra historia es distinta y nuestras peculiaridades nos diversifican (QUESADA, V. *Apud* FESTA LITERARIA, 1883, p. 467-468).

O fragmento acima é revelador quanto ao projeto cultural capitaneado pelos Quesada por meio da *Nueva Revista de Buenos Aires*. Sem negar a vinculação com a Europa, os intelectuais argentinos almejavam demarcar o lugar simbólico da América Latina no concerto das nações. Apesar das idiossincrasias, atuavam, no sentido de destacar a singularidade e originalidade cultural das nações do continente, mediando as interpretações e as discussões intelectuais entre os planos nacionais e o âmbito latino-americano. A inclusão do Brasil nessa iniciativa foi um dado excepcional naquela conjuntura. Embora possuísse motivações práticas, vinculadas ao seu trabalho diplomático de Vicente Quesada, os contatos mantidos com homens de letras do país foram efetivas e haviam iniciado anteriormente à nomeação do argentino. A inclinação ideológica, ligada à adesão ao pan-latinismo e associada ao rechaço às pretensões expansionistas dos Estados Unidos, além do desejo de promover a Argentina como um pólo cultural na América Latina alicerçaram o empenho dos proprietários da *Nueva Revista de Buenos Aires*.

Durante o evento, Ernesto Quesada enfatizou os laços que uniam as antigas colônias ibéricas na América, lastimando o inconcebível isolamento cultural que caracterizava suas relações culturais:

Ahora bien, las naciones de la América Latina, tanto las de origen español como lusitano, pertenecen, puede decirse, a la misma raza, y tienen, con ligerísimas diferencias, la misma lengua, religión y costumbres. Son, además limítrofes, y tienen idénticos problemas que resolver, disponen de medios similares y su porvenir es análogo. Con todo, viven en un aislamiento intelectual y material que causa asombro — ni saben recíprocamente lo que producen, ni lo que en ellas acontece, ni cuales los hombres más notables de que se ufanan. Este estado de cosas constituye un verdadero crimen de lesa americanismo (QUESADA, E. *Apud FESTA LITERÁRIA*, 1883, p. 473).

Manifestando, enfaticamente, o desejo de união entre as nações latinas do continente, Ernesto Quesada continuava afirmando que em "América no hay, ni puede haber, antagonismos profundos, porque todos nos sentimos americanos y nuestras distintas nacionalidades se asemejan tan solo a las provincias dispersas de un inmenso imperio!" (QUESADA, E. *Apud FESTA LITERÁRIA*, 1883, p. 474). Essa unidade não implicava, contudo, na sobreposição das singularidades de cada país, que se somavam para o progresso do continente.

Contudo, a fisionomia latino-americana se mostrava ameaçada pela emergência de um novo cenário, impulsionado pela afluência de imigrantes e suas consequências. A heterogeneidade de idiomas, costumes e crenças, além do culto ao materialismo, causavam inquietação e esvaíam o sentimento da pátria americana:

la América Latina habrá perdido su fisonomía particular y sus pueblos se asemejarán a inmensas factorías cosmopolitas donde se hablan todas las lenguas, se profesan



todas las creencias y se practican todas las costumbres. Pero el sentimiento de la patria americana desaparece, y si el comercio prospera, se pierde el carácter nacional, se olvida el amor al suelo en que se ha nacido, se prescinde de las glorias comunes y nadie recuerda a los que derramaron su sangre o dedicaron su vida a formar las nacionalidades actuales.

[...] El mercantilismo ciego, o el culto exclusivo del bíblico becerro, no puede ser el ideal de una nación entera: siempre habrá sectarios que lo proclamen como religión exclusiva (QUESADA, E. *Apud* FESTA LITERARIA, 1883, p. 476).

A saída para esse estado de coisas, novamente incidia sobre a atuação dos homens de letras do continente. Estes já haviam provado seu valor, uma vez que, a despeito das revoluções, tiranias e instabilidades políticas, cada um dos povos latino-americanos demonstrara a exuberância de sua atividade intelectual. Dessa maneira, a proposta de fundação de uma associação literária brasileira foi objeto de exaltação devido à perspectiva da promoção de intercâmbio entre os centros literários da América Latina e do fomento de leitores. Quesada vislumbrou também a criação de bibliotecas exclusivamente americanas e a maior circulação de revistas, a fim de despertar o gosto pelo conhecimento da produção dos países vizinhos.

Seguiram-se outros discursos e apresentações artísticas, que repercutiram favoravelmente na imprensa fluminense, cujos artigos foram anexados na crônica publicada pela *Nueva Revista de Buenos Aires*. A realização da festa literária no Rio de Janeiro simbolizou o conagraçamento entre os intelectuais de Brasil e Argentina e a anuência quanto ao papel social dos homens de letras no contexto da modernização latino-americana.

No tomo seguinte, a *Nueva Revista de Buenos Aires* presenteou seus assinantes com um luxuoso exemplar com todos os trabalhos lidos na festa literária, precedidos por uma introdução assinada por Franklin Távora. Um livro semelhante acabara de ser publicado no Brasil e foi adicionado ao número de 1º de janeiro de 1884, como presente de ano novo aos assinantes, "en nombre de la confraternidad literaria entre los pueblos latino-americanos", para se utilizar da mesma frase que estampava a primeira página do referido livro.

A criação de uma Associação dos literatos do Brasil, contudo, não foi adiante, devido a divergências entre os homens de letras brasileiros, conforme registrou a *Nueva Revista de Buenos Aires*. Anos mais tarde, em 1897, a fundação da Academia Brasileira de Letras cumpriria a função de agregar os intelectuais brasileiros<sup>100</sup>. Convém destacar que entre os intelectuais que tomaram parte das reuniões que antecederam sua constituição estavam José Veríssimo, Inglês de Sousa, Escragolle Taunay, Afonso Celso Júnior e Silvio Romero, escritores que participaram do conjunto de colaboradores do mensário argentino.

<sup>100</sup> Cf. < <http://www.academia.org.br/academia/fundacao> > Acesso em 06/10/2018

#### 4.4 Cotidiano, costumes e relatos do Brasil

Os últimos dois textos de autores brasileiros publicados na *Nueva Revista de Buenos Aires* foram assinados por Délia, pseudônimo utilizado por Maria Benedicta Camara Bormann (1853-1895). A autora nasceu em Porto Alegre e cresceu no Rio de Janeiro. Pertencia a uma família de prestígio, tendo recebido uma educação primorosa. Colaborou com vários jornais da capital imperial, tais como *A Gazeta da Tarde* e *O Paíz*, e publicou também os romances *Aurélia* (1883); *Uma vítima, Três irmãs, Madalena* (1884); *Lésbia* (1890); *Celeste* (1893); e *Angelina* (1894). De acordo com Norma Telles (1997, p. 431), o anonimato — como aconteceu com outras escritoras —, era a tentativa de se livrar do peso do nome familiar ou de transformá-lo. O que significava que o poder do nome, os nomes de poder e o poder das normas estavam muito presentes em sua vida. Ao criar seu pseudônimo, a escritora criou uma ancestralidade imaginária e, ao mesmo tempo, definiu elementos de poder feminino. Délia era o nome de uma matrona da Roma antiga, amada pelo poeta Tíbulo. Délia foi a única autora na *Nueva Revista de Buenos Aires*<sup>101</sup>.

Nas últimas décadas do século XIX, avançava, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa, a ideia da Nova Mulher — *femme nouvelle*, que pretendia ser sexualmente independente, criticava a insistência da sociedade no casamento como única opção de vida e privilegiava o estudo e as carreiras profissionais. A concepção causou grande reação entre médicos, jornalistas e políticos, que atuaram no sentido de reforçar o modelo da mulher como mãe, reclusa às atividades domésticas e aos cuidados com o marido, fortalecendo os estereótipos ainda vigentes. Entretanto, algumas escritoras, entre elas Délia, desenvolveram um debate a respeito da necessidade de uma educação para a vida e do conhecimento da própria sexualidade. Foi das primeiras escritoras brasileiras a se posicionar a favor da afirmação da sexualidade feminina e fazer campanhas para a educação sexual das jovens. Segundo Telles (1997, p. 434), Délia acreditava que a histeria derivava do não conhecimento da sexualidade, da ignorância das jovens ou da hipocrisia das senhoras burguesas que afirmam não saber nada sobre o assunto.

Em *El Brasil pintado por él mismo. Costumbres del interior*, Délia retratou o cotidiano de uma família de baixa renda. Seu intuito era "penetrar, con la habitual indiscreción, en el

---

<sup>101</sup> Antes da publicação das crônicas de Délia, a produção literária feminina e a condição da mulher haviam sido objetos de duas resenhas críticas, respectivamente no tomo V e VIII. A primeira, assinada por Calisto Oyuela, se ocupava da novela histórica *Lucia Miranda*, de Eduarda Mansilla (1834-1892); A segunda, assinada por José Nicolás Matienzo, analisava o livro *La mujer ante la ley civil, la política y el matrimonio*, do boliviano Santiago V. Guzman.

hogar de una familia brasileira, bien brasileira, para observar lo que allí pasa. La conducta de una es la de mil, de diez mil otras, la de todas, con las ligeras variantes que pueden imprimir la fortuna de la pobreza" (DÉLIA, 1885a, 295-296). A crônica tinha como personagem principal Dona Manuela, mulher pobre e mãe de cinco filhos. Ao longo da descrição destacavam-se, com um forte acento higienista, o espaço físico da casa e os hábitos das vizinhas. Ao final de seu artigo, Délia frisou as consequências daqueles costumes para a saúde do corpo e da alma:

¿Qué esperar, de una generación criada entre esos miasmas?

Será raquítica, anémica, tuberculosa, viciosa. El alma misma se resentirá de esas emanaciones pestilentes; se hará más vil todavía, más pérfida y egoísta que lo que es actualmente.

Aseo, aseo y todavía más aseo.

Cuando las calles, las cocinas y los cuerpos ofrezcan entre nosotros una limpieza satisfactoria, creo que la nación prosperará y que el bienestar público será mejor, pues para mí el aseo del cuerpo contribuye al aseo del alma (DÉLIA, 1885a, p. 301-302).

A teoria higienista havia chegado ao Brasil na primeira metade do século XIX e estava associada a uma intrínseca relação entre doença, ambiente e sociedade, incorrendo na aplicação enérgica de uma legislação sanitária que regularia o comportamento coletivo das populações, sobretudo as urbanas. A manifestação das primeiras epidemias de cólera e febre amarela no Rio de Janeiro abalou seriamente a convicção presente entre os médicos de que o Brasil era um país são. Desde então, o discurso produzido pela categoria ressaltava a necessidade de se agir enfaticamente no campo da saúde pública, uma vez que as epidemias ameaçavam seriamente a economia e ordem social. Dessa maneira, o pensamento médico do século XIX preparava terreno para a grande investida sanitária da Primeira República (FERREIRA, 2001, p. 224).

Em *Una tertulia en casa del señor Narciso. Escenas de costumbres*, a pobreza também foi destaque. A crônica acompanhou Senhor Narciso, que apesar de três casamentos, criava sozinho seus quinze filhos. Sua filosofia se resumia em "trabajar, comer hasta hartarse, procurar casar a las niñas, industrializar a los hijos en la arte de vivir por cuenta de otro" (DÉLIA, 1885b, p. 446). Nessa perspectiva, organizou uma recepção em sua casa. A comida era proveniente de uma confeitaria, a qual Narciso dificilmente pagava o que devia. A ira do proprietário resultou na entrega de sobras mal-conservadas ao pai, levando à intoxicação de todos os convivas. Nesse ínterim, a narradora relatava os preparativos das moças, as características e as ações dos convidados, revelando um quadro dos costumes das classes populares do Rio de Janeiro de fins do século XIX.

Ademais, a sociedade brasileira foi objeto de outros seis artigos. Dois deles trataram sobre propostas de reformas submetidas à Câmara dos Deputados no Império brasileiro. O argentino Francisco Berra —pensador influente em seu tempo, com trabalhos no âmbito educacional e historiográfico — discutiu um projeto de lei apresentado em 1882 pela Comissão de Instrução Pública, formada por Rui Barbosa, F. B. Espindola e Ulisses Vianna. Ao passo que Miguel del Piño, argentino radicado no Rio de Janeiro, divulgou parecer por ele emitido a consulta feita por uma comissão legislativa, com o intuito de introduzir reformas financeiras e econômicas no Brasil.

Relatos de viagens assinados por Vicente e Ernesto Quesada encerraram os textos centrados no país vizinho. À exceção de um artigo de Vicente Quesada sobre a Biblioteca Nacional, fruto dos contatos cultivados quando estava à frente da congênere argentina, os demais trabalhos foram assinados por Ernesto Quesada. Estes, publicados após a nomeação de seu pai como representante plenipotenciário, descreviam a viagem e os locais visitados no Rio de Janeiro e manifestavam uma extremada cordialidade por parte do intelectual argentino que teceu profundos elogios à sociedade brasileira, à família real e saudou o país como a mais republicana das monarquias:

Feliz el pueblo que puede gozar de todas las ventajas de las libertades republicanas sin tener que soportar los inconvenientes del cambio periódico del supremo magistrado, y que aprovecha de toda la bondad del régimen monárquico sin sufrir ninguno de sus defectos tradicionales! Es verdad que para ello es preciso encontrar una familia real que sea un modelo, pero el Brasil no tiene, por cierto, necesidad de buscarla (QUESADA, E., 1883d, p. 298).

Ao longo do período em que atuou como plenipotenciário, Vicente Quesada "hacia circular la *Nueva Revista de Buenos Aires* en todos los circulos intelectuales del Brasil" como parte de uma estratégia para angariar simpatias à causa argentina e viabilizar uma resolução favorável da pendência fronteiriça entre os dois países (CAVALERI, 2004, p.97). Assim, entendemos os elogios, publicados pelo mensário após 1883, como parte destes intentos, estando subordinados aos objetivos políticos de Vicente Quesada.

As interpretações projetadas na *Nueva Revista de Buenos Aires* sobre o Império ampliaram a percepção do periódico como um projeto de estreitamento de laços em âmbito latino-americano. No intuito de demarcar a Argentina como um meridiano cultural no continente, Vicente e Ernesto Quesada mediarão a publicação de uma série de artigos sobre o país vizinho, condicionando leituras no sentido de apresentar as similaridades entre os povos e forjar um sentimento de unidade com os demais países de ascendência ibérica. A inclinação ideológica, ligada ao pan-latinismo e ao desejo de abalizar o lugar da América Latina frente às aspirações e estilo de vida estadunidense, somada às pretensões políticas de Vicente frente à

missão diplomática no Brasil foram responsáveis por um discurso de aproximação e cooperação intelectual pioneiro naquela conjuntura.

## 5. TERRITÓRIO, NACIONALISMO E DIPLOMACIA

Desde a década de 1870, Vicente Quesada esteve empenhado na realização de pesquisas e na divulgação de documentos relativos às fronteiras argentinas, de modo a contribuir para a resolução dos litígios fronteiriços que a Argentina mantinha com o Brasil e o Chile. A partir de seus livros e artigos, Quesada elaborou uma interpretação que repercutiu pelas décadas seguintes, segundo a qual o Vice Reinado do Rio da Prata<sup>102</sup> "era o debió haber sido el 'molde natural' de una gran nación que finalmente no tuvo lugar, entre otros factores, por la acción del liberalismo defensor del contrato social y respetuoso de los particularismos regionales, por la política del Brasil en el Plata y por la mediocre diplomacia del incipiente Estado argentino" (CAVALERI, 2004, p. 12). Neste capítulo, discutimos as formulações de Vicente Quesada em relação à diplomacia argentina, tema que ocupou parcela significativa de suas publicações. Além disso, analisamos sua nomeação como representante plenipotenciário no Brasil, a missão secreta que lhe foi conferida, as relações pessoais mantidas na Corte imperial e suas impressões sobre o país. Ademais, julgamos imprescindível destacar que, ao tratar da questão territorial, Vicente Quesada demonstrava os limites da solidariedade americana professada em seus artigos que tratavam de questões culturais. A defesa das fronteiras nacionais e um sentimento nostálgico em relação aos contornos do Vice-Reino, presentes na obra do intelectual argentino, convergiram para a manifestação de restrições políticas quanto aos países vizinhos.

### 5.1 Chile e Brasil e a débil diplomacia argentina

Em 1875, Vicente Quesada publicou *La Patagônia y las tierras australes del continente americano*, fruto de suas pesquisas em arquivos espanhóis. O texto não fora concebido como uma obra histórica, mas como uma seleção de documentos destinada a provar o direito argentino de incorporar definitivamente a região da Patagônia, disputada com o Chile. O livro fora custeado pela província de Buenos Aires e contou com 300 exemplares, sem nenhuma remuneração para Quesada (CAVALERI, 2004, p. 92). Ao final daquela década, Quesada começava a ser reconhecido como representante de uma linha mais enérgica no tocante à política externa, sobretudo após, se posicionar favoravelmente à supressão da legação diplomática no Chile, até que este declarasse a soberania argentina na região litigiosa.

---

<sup>102</sup> Em 1776, a Coroa espanhola, sob a administração do rei Carlos III (1759-1788) criava o Vice-Reino do Rio da Prata. A nova unidade colonial abrangia os atuais territórios da Argentina, Uruguai, Bolívia e Paraguai e fora instituída com o objetivo de promover uma fiscalização mais eficiente.

Nessa perspectiva, criticava duramente a posição de neutralidade adotada pelo governo argentino durante a Guerra do Pacífico, uma vez que acreditava ser aquele um momento propício para empreender uma negociação mais agressiva, aproveitando-se do envolvimento chileno no conflito. Em suas memórias, Vicente Quesada relembrou aquela conjuntura e reiterou suas críticas à diplomacia argentina: "Desgraciadamente la cancillería argentina no tuvo ideales fijos, ni política de altos alcances; fue algunas veces mera oficina de correspondencia, sin que los ministros tuviesen plan, ni señalasen un rumbo a los diplomáticos, que obraron sin concierto y a tientas" (QUESADA, V. 1908, p. 28).

Com a mesma temática, o autor elaborou *El Virreinato del Río de la Plata. Apuntamientos crítico-históricos para servir a la cuestión de límites entre la República Argentina y Chile*. A obra estava pronta em maio de 1880, mas o embate político entre Buenos Aires e as forças nacionais que, culminaram com federalização da cidade, adiaram a publicação. A impressão fora efetuada pelo *Ministerio de las Relaciones Exteriores y Culto*, em 1881. Entretanto, a inimizade entre Vicente Quesada e o chanceler Bernardo de Irigoyen, quando somada à proximidade da ratificação do tratado entre a Argentina e o Chile impediram que aquele levantamento de fontes pudesse acrescentar novos elementos ao debate, frustrando os intentos de Quesada.

Por meio do Tratado de 23 de julho de 1881, o governo argentino reconhecia a soberania chilena sobre o Estreito de Magalhães, ao passo que o governo do Chile aceitava as reivindicações argentinas sobre a Patagônia oriental. Quanto à Terra do Fogo, o artigo terceiro do Tratado dispunha o seguinte:

En la Tierra del Fuego se trazará una línea que partiendo del punto denominado Cabo Espíritu Santo en la latitud 52°40', se prolongará hacia el sur, coincidiendo con el meridiano occidental de Greenwich, 68°34', hasta tocar en el Canal Beagle. La Tierra del Fuego, dividida de esta manera, será chilena en la parte occidental y argentina en la parte oriental. En cuanto a las islas, pertenecerán a la República Argentina la isla de los Estados, los islotes próximamente inmediatos a ésta, y las demás islas que haya sobre el Atlántico al oriente de la Tierra del Fuego y costas orientales de la Patagonia, y pertenecerán a Chile todas las islas al Sur del canal Beagle hasta el Cabo de Hornos y las que haya al occidente de la Tierra del Fuego<sup>103</sup>

Vicente Quesada reagiu com uma série de artigos na *Nueva Revista de Buenos Aires*, expressando, de maneira enérgica, sua contrariedade quanto aos termos do Tratado. Em *La cuestión de límites con Chile considerada bajo el punto de vista de la historia diplomática latino-americana, del derecho de las gentes y de la política internacional*, reiterou sua posição crítica acerca da cessão territorial, reafirmando os direitos históricos da Argentina sobre a região. De acordo com Paulo Cavaleri (2004, p. 95), à época da ratificação do

---

<sup>103</sup> Disponível em <<http://www.argentina-rree.com/6/6-088.htm>> Acesso em 15/09/2018

Tratado, Vicente Quesada atacou a "indiferencia del público, y a las autoridades por no querer aprovechar sus investigaciones en defensa de una posición más firme que respete la totalidad de la herencia virreinal, no una transacción".

A recuperação da herança colonial espanhola se constituía em uma parte importante da concepção de nacionalismo elaborada por Vicente Quesada:

En su anhelo por dar un origen borbónico a los elementos constitutivos de la emancipación, Quesada llega a insinuar que la misma bandera argentina tendría orígenes virreinales en los colores concedidos a la ciudad de Buenos Aires por Carlos III. La conclusión a la que arriba es que los virreinos y las capitanías generales en la América hispana han sido 'los grandes moldes de los pueblos viriles', las futuras nacionalidades. Desde esta fantasiosa interpretación histórica, el gabinete de Madrid del reinado de los últimos Borbones se había preocupado en trazar las demarcaciones gubernativas, teniendo en cuenta la geografía y la topografía, para lo cual señaló límites arcifinios o naturales como medio de evitar conflictos jurisdiccionales (CAVALERI, 2004, p. 58).

Para Quesada, ao ceder às pretensões chilenas, o governo argentino falhava, de maneira inadmissível, em defender o que restara dos primeiros contornos da nação, somando mais uma derrota diplomática ao país. As negociações com o Chile davam mais um exemplo da incapacidade e da improvisação que, segundo ele, caracterizavam a chancelaria argentina. Quesada também não poupou críticas ao governo por ter referendado a maneira como Bernardo de Irigoyen havia conduzido as negociações do litígio. De acordo com o autor (1881d, p. 398-399), "si quereis juzgar alguna vez de la seriedad de un gobierno, estudiad los hombres que llama a su servicio, y cuando llame carboneros para blanquear, y blanqueadores para traer carbon, podeis abandonar toda esperanza".

A concepção acerca dos direitos argentinos aos territórios que compreendiam o Vice-reino do Rio da Prata, também pautaram os estudos sobre as divergências fronteiriças que envolviam Brasil e Uruguai, bem como sobre a atuação do Império na região platina. Ao analisar as negociações de limites, Quesada propôs que:

Para que pueda comprenderse fácilmente la cuestión de límites entre la República Oriental del Uruguay y el Imperio del Brasil de que voy a ocuparme, es necesario que establezca los antecedentes de la secular controversia sobre demarcación de fronteras en América, entre las coronas de España y Portugal. Entonces se verá, como la República Oriental no tiene, ni tuvo derecho de sostener otros límites, que los que le fueron señalados por las dos potencias que crearon su soberanía e independencia en 1828, y que **está vivo, ileso y en todo su vigor, el derecho que a la República Argentina corresponde, como sucesora en la demarcación del vireinato, a los territorios que promedian entre los estrecho límites de la Provincia de Montevideo, más tarde República del Uruguay, y los que competen al imperio del Brasil** (QUESADA, V. 1881c, 100. Grifo nosso).

Brasil e Chile teriam sido os grandes rivais da Argentina enquanto herdeira do Vice-Reino. Movidos pelo interesse de enfraquecer a República, ambos os países se opuseram à manutenção dos territórios provenientes da administração colonial, utilizando estratégias



desleais: "uno, el Brasil, gracias a la usurpación y el fraude, de herencia lusitana; el otro, Chile, en razón del derecho de conquista que ha aplicado en el litoral del Pacífico y que estaría pronto a adoptar en la Patagonia" (CAVALERI, 2004, p. 66). No empenho de defender os supostos direitos argentinos, Quesada desconsiderava o papel desempenhado pelas elites locais, a falta de comunicação e os débeis laços políticos e econômicos que vinculavam as regiões coloniais entre si. Assim, os desmembramentos aludidos eram atribuídos à ação externa de Chile e Brasil, países que haviam frustrado o destino de grandeza argentino e que ainda atuavam no sentido de aumentar seus limites à custa do país. Esse discurso estava associado também a certa visão negativa em relação ao Paraguai, Bolívia e Uruguai, que haviam traído o ideal argentino de conservação das fronteiras coloniais.

Cavaleri (2004, p. 12) denomina como "restauração do Vice-reinado" o mito fundador de um sentimento nacionalista alicerçado na origem do território, do qual Vicente Quesada, foi o principal impulsionador. Por meio sua obra, Quesada consagrou uma interpretação que acabou por forjar um imaginário coletivo, acerca da nação e das linhas da política externa argentina.

La constante prédica sobre supuestas pérdidas territoriales, la idea de un proyecto fallido como gran nación, con la consiguiente desvalorización de las "pequeñas naciones" limítrofes, así como la reconstrucción del Virreinato como gran objetivo histórico de la política exterior argentina fueron transmitidos a otros historiadores argentinos y llegaron a introducirse en los manuales escolares de historia y geografía, atlas históricos y ensayos de geopolítica e historia diplomática (CAVALERI, 2004, p. 12).

Entretanto, Quesada não propunha uma reconstrução da unidade territorial de fato, o que acarretaria a incorporação e subordinação dos países vizinhos. Em seus textos, deu origem "a um nacionalismo territorial retrospectivo, de nostalgias de grandeza, destinado a servir de verdadeira advertência para as classes dirigentes da nova Argentina da 'Paz e Administração'" (CAVALERI, 204, p. 56). Quesada era irredutível quanto a ampliação das perdas, mas se mostrava consciente acerca da impossibilidade de uma alteração da geografia política na América do Sul. Naquela conjuntura, defendia que Argentina deveria buscar um entendimento pacífico e duradouro com seus vizinhos, utilizando-se de uma diplomacia hábil, capaz de angariar simpatias e de exercer uma liderança baseada nos interesses comerciais e no conhecimento acerca das realidades político-culturais latino-americanas.

O mito da reconstrução do Vice Reino estava reservado à análise do passado e apareceu em todos os números da *Nueva Revista de Buenos Aires*. Nos extensos artigos sobre a história da política externa e das relações internacionais da República, Quesada tratava da questão de limites com o Chile, da política imperialista brasileira, do Direito Internacional

latino-americano e das fronteiras entre as repúblicas sul-americanas. Posteriormente compilados na obra *Historia Diplomática latino-americana*, amparavam as seguintes teses:

1) los títulos territoriales del Brasil y de las repúblicas herederas de España están deslindados por el tratado de 1777, confirmado y ampliado por el de 1778, cuya validez y subsistencia no puede ponerse en duda; 2) la República Argentina es heredera universal del Virreinato del Río de la Plata; 3) las provincias desmembradas del antiguo Virreinato no pueden alegar derecho a un territorio mayor que el que les estaba asignado al tiempo de su desmembración; 4) las misiones orientales no pueden pertenecer al Brasil, que es heredero de Portugal, porque están fuera de los límites fijados al territorio portugués por el tratado de 1777, careciendo de todo valor jurídico la posesión violenta y siempre controvertida que Portugal, primero, y el Brasil después han mantenido en aquellos territorios; 5) tampoco pueden pertenecer al Uruguay, porque esas misiones nunca formaron parte de la Banda Oriental, y Provincia Cisplatina, cuyo territorio es únicamente el que la República argentina y el Brasil constituyeron en estado independiente por el tratado de 1828; 6) las misiones orientales — en poder de los portugueses y los brasileños desde 1801 — pertenecen en consecuencia a la República Argentina (CAVALERI, 2004, p. 95-96).

Quando relacionado às questões práticas e à defesa dos interesses nacionais argentinos, o americanismo de Vicente Quesada mostrava seus limites. As declarações de fraternidade davam lugar a críticas contundentes quanto ao intervencionismo do Brasil e do Chile, que passavam a ser associados a práticas desleais no âmbito da política externa. Quanto ao Paraguai, Bolívia e Uruguai, o tom pessimista em relação a viabilidade econômica e política desses países, e as reiteradas afirmações sobre os direitos argentinos sobre a região marcavam as análises do intelectual argentino.

Em 1883, Vicente Quesada foi nomeado pelo presidente Julio Roca representante plenipotenciário junto ao governo do Brasil. O interesse demonstrado pelo tema das fronteiras e o vasto conhecimento de fontes documentais foram determinantes para a escolha. O representante diplomático brasileiro em Buenos Aires, Barão Araújo Gondim, repercutiu a nomeação remetendo ao Brasil recortes de jornal e suas impressões pessoais sobre Quesada. Gondim retratou o argentino como um distinto parlamentar e publicista, além de um dos "mais sérios e circunspectos dentre os homens políticos deste país. Creio, pois, que ele saberá granjear a estima e a consideração do governo imperial e da sociedade"<sup>104</sup>. Naquela ocasião, o governo brasileiro requereu à Legação Imperial em Buenos Aires, uma coleção completa dos trabalhos publicados por Quesada sobre as questões territoriais. Em documento oficial datado de 03 de março de 1883, Gondim confirmava o envio dos números da *Nueva Revista de Buenos Aires* ao Brasil:

Por intermédio da Companhia Nacional de Navegação a vapor remeto a essa Secretaria de Estado dois pacotes contendo a coleção completa da "Nueva Revista

<sup>104</sup> Barão Araujo GONDIM para Conselheiro Lourenço Cavalcanti de ALBUQUERQUE, Ofício, Buenos Aires, 17 de janeiro 1883. Arquivo Histórico do Itamaraty, Legação em Buenos Aires, 277-1-6

de Buenos Aires" em que vêm publicados todos os artigos do D. Vicente G. Quesada, relativos às nossas questões com o Rio da Prata<sup>105</sup>

Encarregado de uma missão secreta que visava a negociação do litígio com o Brasil na região de território de *Misiones*<sup>106</sup>, Vicente Quesada colocou em prática uma estratégia de aproximação e cultivo de boas relações com as elites política e cultural da cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de angariar simpatias à causa argentina e superar as desconfianças entre os países vizinhos.

## 5.2 Antecedentes do litígio fronteiriço com o Brasil

O litígio fronteiriço entre Argentina e Brasil baseava-se na discordância quanto à localização dos rios que serviriam como demarcadores de fronteira na região de *Misiones*. A exemplo das demais questões de limites na região do Prata, a divergência era uma herança das imprecisões dos tratados coloniais firmados entre Portugal e Espanha. Em relação ao território das *Misiones*, o Tratado de Madri (1750), em seu artigo 5º, determinava que a linha divisória da região seria estabelecida da seguinte forma:

Subirá desde a boca do Ibicuí pelo álveo do Uruguai, até encontrar o do rio Peperi ou Pequiri, que deságua na margem Ocidental do Uruguai; e continuará pelo álveo do Peperi acima, até a sua origem principal; desde a qual prosseguirá pelo mais alto do terreno até a cabeceira principal do rio mais vizinho, que desemboque no Rio Grande de Curitiba, por outro nome chamado Iguaçu. Pelo álveo do dito rio mais vizinho da origem do Peperi, e depois pelo Iguaçu, ou Rio Grande de Curitiba, continuará a raiar até onde o mesmo Iguaçu desemboca na margem oriental do Paraná; e desde esta boca prosseguirá pelo álveo do Paraná acima, até onde se lhe junta o rio Iguereí pela sua margem ocidental. (*Apud* CORREIA FILHO, 1945, p. 267).

Entre os anos de 1759 e 1760, comissários espanhóis e portugueses, encarregados da demarcação da região, estabeleceram uma linha que ligava dois pontos essenciais da fronteira, o rio Uruguai ao sul e o Iguaçu ao norte. Reconheceram também a maior parte do curso do Peperi ou Pequerí, que passou, posteriormente, a ser chamado de Peperi-Guaçu, e um afluente do Iguaçu, ao qual deram o nome de Santo Antônio. Contudo, a atividade demarcadora foi interrompida em 1761, em decorrência da assinatura do Tratado de El Pardo, que anulou as disposições do Tratado de Madri.

O Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, promoveu a retomada nas negociações das fronteiras coloniais entre Portugal e Espanha. Na região em destaque, o limite fronteiriço

<sup>105</sup> Barão Araujo GONDIM para Conselheiro Lourenço Cavalcanti de ALBUQUERQUE, Ofício, Buenos Aires, 14 de fevereiro de 1883. Arquivo Histórico do Itamaraty, Legação em Buenos Aires, 277- 1-6

<sup>106</sup> O litígio entre Brasil e Argentina aparece, muitas vezes, denominado indistintamente pelas expressões "questão de Missões" ou "questão de Palmas". Entretanto a primeira expressão é "uma criação genuinamente argentina e que só pode ser aplicada do ponto de vista daqueles que defendiam a posição do referido país" (SAIANI, 2018, p. 151).

ficou praticamente inalterado, observando apenas um pequeno ajuste no ponto de encontro do rio Uruguai, que passou da foz do Ibicuí para a do Peperi-Guaçu. Entretanto, em 1788, enquanto efetuavam a demarcação, os comissários espanhóis depararam-se na margem direita do rio Uruguai, acima da confluência do Peperi-Guaçu, com um rio que adentrava o território português. A despeito de constar nos mapas do século XVIII, tal rio não possuía identificação e foi denominado pelos espanhóis de Peperi-Guazú e, em consequência, o seu contravertente passou a ser chamado de Santo Antônio-Guazú — a partir do século XIX, esses rios foram identificados nos mapas brasileiros com os nomes de Chapecó e Chopim, respectivamente (VIANA, 1949, p. 198). Abria-se, assim, uma contestação acerca das demarcações efetuadas em 1759, direcionando a pretensão espanhola para os rios recém-descobertos e para a alegação de que estes eram os limites indicados pelo Tratado de 1750.

Na primeira metade do século XIX, a demarcação das fronteiras entre Argentina e Brasil se mantiveram em segundo plano, sendo retomadas apenas em 1857. Naquela conjuntura, José Maria da Silva Paranhos, futuro Visconde do Rio Branco, foi enviado à cidade de Paraná, capital da Confederação Argentina, para tratar da questão fronteiriça entre os dois países. O representante brasileiro obteve sucesso, assinando, em 14 de dezembro daquele ano, um "Tratado de Limites que atendia plenamente os objetivos brasileiros. Segundo este acordo, a linha divisória a ser adotada seguiria as definições do Tratado de Madri e validaria os trabalhos da comissão demarcadora de 1759" (SAIANI, 2018, p. 152). Entretanto, a Confederação protelou a ratificação do Tratado, condicionando-o ao apoio brasileiro na contenda com a província de Buenos Aires.

Naquela conjuntura, a Argentina estava envolta em graves problemas internos. A cisão entre as províncias confederadas e Buenos Aires levou a uma delicada crise política e econômica na Argentina, culminando com confrontos armados entre as duas unidades administrativas, nas batalhas de Cépeda, em 1859, e Caseros, em 1861. O Brasil recusou-se, peremptoriamente, a intervir diretamente na política interna argentina, o que levou à não validação do Tratado negociado por Paranhos, tornando-o, em 14 de janeiro de 1859, definitivamente nulo. Assim, o litígio fronteiriço mantinha-se inalterado, gerando, de tempos em tempos, divergências entre a República Argentina e o governo imperial.

Após a unificação nacional, em 1861, o país se envolveria ainda na Guerra do Paraguai (1864-1870), que traria outros desdobramentos às relações diplomáticas com o Brasil. O Tratado da Tríplice Aliança, que reunira Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, estabelecia, em seu artigo 16º, que caberia à Argentina, em caso de vitória dos aliados, a posse sobre todo o Chaco Boreal, sobre as terras ao norte do rio Pilcomayo, até a

Baía Negra, na fronteira com o Mato Grosso, e sobre a margem esquerda do rio Paraná. Entretanto, os termos firmados foram duramente criticados pelos membros do Partido Conservador brasileiro, sob a alegação de que este ampliaria significativamente a área de fronteira entre Brasil e Argentina. A duração da guerra e, conseqüentemente, a alteração nos postos de comando nos dois países acrescentara dificuldades nas relações entre os aliados. Em 1868, Bartolomé Mitre deixou a presidência da Argentina, que passou a ser ocupada por Domingo Faustino Sarmiento. Este mantinha reservas quanto à aliança com o Brasil, desconfiando de eventuais planos do Império para tornar-se uma potência continental no pós-guerra à custa de seus vizinhos (DORATIOTO, 2014, p. 46). No Brasil, também em 1868, divergências quanto a condução do conflito ocasionaram a queda do chefe de Gabinete, o progressista Zacarias de Góes, que foi substituído pelo conservador Rodrigues Torres, Visconde de Itaboraí. Conjuntamente com a mudança na orientação política do Gabinete, aumentaram as prevenções do governo imperial em relação ao país vizinho, motivadas pela suspeita de que o novo presidente argentino almejava anexar o Paraguai.

Terminada a guerra, o Brasil assinou com o Paraguai os Tratados de Paz, de Limites, de Extradicação e de Amizade, Comércio e Navegação. Por meio destes, fixaram-se as fronteiras entre os dois países, nos termos almejados pelo Brasil, além da livre navegação dos rios internacionais. Os tratados determinaram, ainda, a presença das tropas brasileiras em território paraguaio por tempo indeterminado e o compromisso, por parte do Brasil, de garantir a independência, a soberania e a integridade do país pelo período de cinco anos. A realização do acordo bilateral causou indignação entre os argentinos, uma vez que a cláusula relacionada à integridade do território guarani impunha obstáculos às suas pretensões de assegurar a posse da região do Chaco, conforme disposto no artigo 16º do Tratado da Tríplice Aliança.

Em 1874, a Argentina retomou as negociações para o estabelecimento definitivo das fronteiras com o Paraguai. Para tanto, enviou o então ministro plenipotenciário Carlos Tejedor ao Rio de Janeiro. Tejedor chegou a um acordo, satisfatório às pretensões argentinas, com o enviado especial do governo paraguaio, Jaime Sosa Escalada. A determinação instituía que

[...] as Missões e a ilha de Atajo seriam territórios argentinos, enquanto o Chaco, ao norte do Pilcomayo, caberia ao Paraguai, exceto Vila Ocidental. Esta localidade e mais um pequeno território adjacente pertenceriam à Argentina, que, em troca, cancelaria a dívida de guerra pública paraguaia para consigo (DORATIOTO, 2014, p. 56).

O governo imperial se posicionou contrariamente à assinatura do Tratado e conseguiu que o Congresso paraguaio o rejeitasse. Além disso, segundo alguns parlamentares

brasileiros, seria uma desonra para o país se uma guerra que ele custeou resultasse na ampliação do território argentino, com perigo para a sua segurança e para o equilíbrio da balança de poder na América do Sul (CERVO, 1981, p. 124). Diante da oposição brasileira a tensão entre os países aumentou. Carlos Tejedor enviou uma dura nota oficial ao governo imperial, exigindo reparação e retornou à Argentina de maneira intempestiva, sem se despedir de D. Pedro II, atitude que foi tomada como uma ofensa pelas autoridades brasileiras. As negociações entre Argentina e Paraguai seriam concluídas apenas em 1876<sup>107</sup>.

No mesmo ano, as negociações fronteiriças entre a Argentina e o Brasil, acerca da região de *Misiones*, foram retomadas. O representante brasileiro, Barão Aguiar de Andrade, foi a Buenos com o objetivo de obter uma solução definitiva, com base nos termos do Tratado de 1857. A resposta argentina retomava o questionamento sobre a exata posição dos rios que balizariam as pretensões de cada nação, proveniente das demarcações efetuadas no ano de 1788 (**Mapa 1**). Sem atingirem um acordo, as tratativas foram novamente encerradas em 1877.

Entre 1881 e 1882, o governo imperial efetivou a instalação de Colônias Militares às margens do Chapecó e do Chopim, alarmando o governo argentino. Em resposta, a Argentina

[...] declarou formalmente que considerava litigioso o território a leste dos rios Peperi-Guaçu e Santo Antônio e que, com base nas demarcações de 1788, pretendia estender sua raia até os rios Chapecó e Chopim. Como resposta às instalações brasileiras, baixou um decreto, em 16 de março de 1882, criando o Governo das Missões (*Gobernación de Misiones*), limítrofe com a zona litigiosa (SAIANI, 2018, p. 153).

No ano seguinte, as negociações diplomáticas prosseguiram, embora sem novos avanços. Em fevereiro de 1883, Araujo Gondim, plenipotenciário brasileiro em Buenos Aires, relatou ao Ministro dos Negócios Estrangeiros do Brasil, Conselheiro Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, a recusa argentina em ceder às reivindicações do Império:

[...] cumpro desde já o desagradável dever de informar a V. Ex. que a tão demorada resposta do governo argentino não é satisfatória. Cortesmente rejeita a nossa proposta, insistindo em que a demarcação de 1759, na qual ela se funda, além de ter sido anulada, foi depois reconhecida como evidentemente errônea. Sustenta que o verdadeiro Pequeri ou Peperi não pode, pois, ser outro senão o que foi reconhecido nos anos de 1788 e 1789; e propõe que, partindo desse rio, uma comissão que se nomeio prossiga a demarcação interrompida pela oposição dos comissários portugueses, buscando a contravertente mais próxima do mesmo Pequeri<sup>108</sup>.

<sup>107</sup> Embora o início das negociações de paz entre Argentina e Paraguai tenha ocorrido à revelia do governo brasileiro, este aceitou enviar a Buenos Aires um representante na condição de observador. O Tratado assinado entre o argentino Bernardo de Irigoyen e paraguaio Facundo Machaín estabelecia o rio Paraguai como limite entre as duas Repúblicas, sendo que os territórios das Missões e do Chaco Central foram declarados argentinos. O resto do território chaquenho foi dividido em duas partes, com a Argentina renunciada a qualquer pretensão entre Bahía Negra e rio Verde (DORATIOTO, 2014, p. 57-58).

<sup>108</sup> Barão Araujo GONDIM para Conselheiro Lourenço Cavalcanti de ALBUQUERQUE, Ofício, Buenos Aires, 01 de fevereiro de 1883. Arquivo Histórico do Itamaraty, Legação em Buenos Aires, 277- 1-6

**Mapa 1**  
**Pretensão argentina**



Fonte: GÓES FILHO, 2015, p 398-399 (Adaptado)

A nomeação de Vicente Quesada como representante argentino no Rio de Janeiro, em 1883, tinha como objetivo estabelecer uma resolução satisfatória à questão de *Misiones*. Para tanto, as instruções oficiais, outorgadas pelo chanceler Victorino de la Plaza, recomendavam ao diplomata o cultivo de boas relações com as autoridades brasileiras, a fim de superar as desconfianças seculares entre os dois países e desfazer a má impressão deixada, anos antes, pelo então ministro plenipotenciário Carlos Tejedor. Além disso, previa a observação da política imperial em relação aos países vizinhos, atenção às movimentações referentes à questão de *Misiones*, a defesa dos direitos argentinos e a disposição brasileira em adotar uma solução negociada ou por meio de arbitramento (CAVALERI, 2004, p. 96).

Vicente Quesada acreditava que o interesse argentino na região em litígio era relativo, uma vez que obrigaria o país a manter um estado de paz armada, uma prática dispendiosa, que não condizia com um país em crescimento. Dessa maneira, considerava ser imprescindível um acordo rápido sobre a questão. O presidente argentino, Julio Roca, partilhava da mesma opinião e incumbiu Quesada de uma missão confidencial com o objetivo de alcançar tal entendimento durante sua estadia no Rio de Janeiro.

### 5.3 As relações políticas e culturais na Corte do Rio de Janeiro

De acordo com Sambucetti (2000, p. 328), a nomeação de Vicente Quesada era uma tentativa de fortalecer a representação diplomática argentina no Brasil. A escolha de um jornalista e literato para um governo cujo monarca era inclinado às artes e à literatura, demonstrava a preocupação em comprazer a diplomacia brasileira e fortalecer os laços de cordialidade entre os dois países. Entretanto, a notícia da nomeação de Quesada causou uma repercussão majoritariamente negativa na imprensa platina. Em suas memórias, o diplomata recordou, em tom pesaroso, as "intrigas internacionais" causadas pela campanha movida contra ele (QUESADA, V, 1908, p. 56).

A *Nueva Revista de Buenos Aires*, por sua vez, reproduziu dois artigos, publicados no Uruguai e no Brasil, contendo análises sobre a biografia e os posicionamentos do novo representante. O primeiro deles, assinado pelo uruguaio Carlos Maria Ramírez, se pautava, destacadamente, nos estudos de Quesada acerca das fronteiras argentinas. Após frisar a concepção, defendida pelo argentino, quanto aos direitos de seu país sobre territórios uruguaios, Ramírez declarou que

Ignoramos absolutamente los secretos de la cancillería argentina, pero nos basta el antecedente mencionado para insinuar, *prima facie*, que el nombramiento del doctor Quesada, o responde a la iniciación de una política emprendedora y decidida en las cuestiones pendientes con el Brasil, o es un desgraciadísimo nombramiento (MATÍNEZ, 1883, p. 570).

Vicente Quesada se defendeu das acusações e considerou injustificados os ataques da imprensa uruguaia. Afirmou que seus estudos se baseavam em fontes documentais e na verdade histórica, mas que não pretendiam desalojar os territórios "que por usurpación se retenía. Ni soñé en tal cosa, ni la hubiera defendido, pero sí podía pretenderse indemnización por la propiedad usurpada" (QUESADA, V., 1908, p. 78). O autor reiterou seu compromisso com a não-alteração da geografia regional, expresso em repetidas ocasiões na *Nueva Revista de Buenos Aires*, e rechaçou uma associação entre suas opiniões e as do publicista uruguaio Juan Carlos Gómez, que, em 1856, havia exposto na imprensa argentina, "la necesidad de reconstituir la unidad geográfica del antiguo virreinato del Rio de la Plata, por la anexión de las repúblicas de Bolívia, el Paraguay y el Uruguay" (QUESADA, V., 1908, p.60).

Como contraponto às declarações de Ramírez, a *Nueva Revista de Buenos Aires* replicou um artigo do brasileiro Franklin Távora, publicado, originalmente, na Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro. O texto, bastante elogioso, destacava, sobretudo, a trajetória intelectual de Quesada, elencando a produção de trabalhos históricos e literários, "que hace honor a la prensa de la América Latina" (TÁVORA, 1883c, p. 342).



Voy a tener el gusto de suministraros algunos antecedentes sobre el nuevo Ministro Argentino, señor doctor don Vicente G. Quesada.  
 Del diplomático, no diré mucho.  
 Tendrá ocasión de darse a conocer en el desempeño de la misión que ha determinado su venida al Brasil.  
 Si fuera mi propósito detenerme sobre este punto, encontraría sobre esos estudios sobrado elementos en sus obras, y muy especialmente en la NUEVA REVISTA que él fundó, hace ya cerca de tres años y de cuya dirección ha quedado encargado, durante su ausencia, su ausencia, su digno e ilustrado hijo, el doctor don Ernesto Quesada (TÁVORA, 1883c, p. 342).

Franklin Távora buscou amenizar as desconfianças provocadas pelos posicionamentos de Quesada sobre as questões de fronteira. O brasileiro argumentou que o vigor das opiniões do novo representante era atenuado pela sua inclinação à manutenção da paz e à consolidação da harmonia entre as nações americanas. Entretanto, "sucede a veces, que el patriotismo apasiona a los escritores más allá de la exacta medida de su derecho" (TÁVORA, 1883c, p. 342). Vicente Quesada e Franklin Távora mantinham uma estreita relação intelectual, evidenciada nos artigos publicados na *Nueva Revista de Buenos Aires* e nas correspondências do brasileiro. Este dado justificava o tom elogioso e apaziguador empregado no artigo, que foi apresentado pelo mensário como representativo da recepção brasileira quanto à nomeação do diplomata.

Em suas memórias, Vicente Quesada (1908, p. 116) se mostrou agradecido pelo artigo escrito por Távora, cujas palavras, segundo o argentino, teriam dado uma lição em seus opositores.

Paréceme que era providencial la lección que recibieron mis opositores argentinos y uruguayos. Nunca olvidaré el hidalgo proceder del ilustre publicista brasilero.  
 Recordaré agradecido que el importante diario argentino La Prensa publicó, traducida al castellano, la biografía escrita por el señor Távora, y precedió esa publicación con palabras que me honro en copiar "Interesa conocer el grado de aceptación que ha recibido en la corte de Río de Janeiro el doctor Quesada, cuya elección encomió este diario".

Além de ser traduzido pela *Nueva Revista de Buenos Aires*, o texto de Távora também foi veiculado pelo jornal *La Prensa*, ampliando seu alcance entre os leitores argentinos e difundindo os pareceres favoráveis a Quesada. Este episódio reforçava a crença do intelectual quanto à intrínseca relação entre a diplomacia e a cultura. Para Quesada (1908, p. 131), não bastavam as relações com as autoridades políticas, um representante diplomático deveria conhecer a fundo e participar das atividades sociais e culturais da sociedade na qual prestava seu serviço, uma vez que, por estes meios se "facilitan las negociaciones, se buscan ayudas, se eliminan obstáculos".

Instalado no Brasil, Vicente Quesada relatou uma série de impressões sobre a vida social da Corte, sobre o monarca e seus ministros. Ao presidente e amigo, Julio Roca, informou detalhadamente os seus primeiros contatos com o imperador D. Pedro II:

El imperador es alto, algo grueso, de barba larga y cana y de simpático aspecto. **Me dijo me conocía por mis libros, y dos veces me repitió, hemos de hablar sobre ello, pero [en] este momento no es a propósito.** Le devolví su cumplido, diciéndole que era é muy estimado en el Rio de la Plata. Estuvo comunicativo, y con habilidad refirió ciertas palabras del último libro del General Sarmiento, "Conflicto y armonías de las razas", en que habla de las escuadras y de los armamentos, y agregó que, el Brasil no se armaba sino en cuanto necesitaba de marina para sus extensas costas [...] La Emperatriz es una matrona venerable, la Princesa muy simpática y el Conde d'Eu habló largamente conmigo en español, sobre cosas diferentes. Ambos monarcas reciben de pié. El Emperador dos veces me dio la mano. (*Apud.* SAMBUCCETTI, 2000, p. 288. Grifo nosso).

O clima de cordialidade e as impressões positivas sobre o monarca brasileiro foram constantes nas primeiras correspondências de Quesada. Segundo o diplomata, a erudição e o conhecimento das obras escritas por ele, as conversas em espanhol sobre temas variados e os cuidados quanto à sua saúde<sup>109</sup> eram demonstrações de estima que ultrapassavam a esfera oficial.

[...] vino un camarero a decirme que volviese al salón del trono donde S. M. quería hablarme. Me dio afectuosamente la mano, y mantuvo una conversación durante muchísimo tiempo, habló en español, y sobre cosas muy diversas [...] Yo recibo en Petrópolis todos los lunes al cuerpo diplomático, pero entonces todo es ceremonioso, para que podamos conversar, y continuar lo que ahora hemos tenido, vaya a Palacio cuando desee, lo recibiré después de las once hasta la una. Espero que le veré con frecuencia en Petrópolis agregó, estoy cierto que V. E. estudiará el Brasil, me aconsejó viajar por las vías férreas, y [que] visitase establecimientos que me señaló. **Con leal franqueza, digo a S.E. que quedé satisfecho de la honrosa distinción y cortesía con que he sido acogido en mi carácter oficial, y me felicitaba por cuanto el honor recibido no va a una persona, porque era demostración al gobierno de V. E. y a la República Argentina** (*Apud.* SAMBUCCETTI, 2000, p. 288. Grifo nosso).

Após a apresentação das credenciais diplomáticas, os encontros com o Imperador mantiveram-se frequentes, em reuniões oficiais, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — ao qual Quesada se associou —, ou em eventuais encontros nas ruas, ocasião em que o monarca se detinha e conversava amistosamente com o argentino. Vicente Quesada também demonstrou satisfação com a atenção dispensada por D. Pedro II a seu filho, Ernesto, "por quien manifestó gran interés, porque sabe que va a escribir sobre Brasil y se preocupa de que obtenga informaciones de todo género" (SAMBUCCETTI, 2000, p. 293).

Empenhado em se inserir efetivamente nos círculos de sociabilidade políticos e culturais, Vicente Quesada instrumentalizou uma campanha de aproximação das elites do

<sup>109</sup> Vicente Quesada relatou a recomendação do imperador de que ele permanecesse na cidade de Petrópolis, devido ao clima, uma vez que o argentino não estava adaptado com o calor excessivo do Rio de Janeiro, e a propagação de doenças observada naquela cidade. Cf. SAMBUCCETTI, 2000, p. 293.

país, promovendo banquetes e visitas recíprocas: "No fui nunca partidario de vivir en el hotel, porque creí que, para desempeñar con eficacia una misión diplomática, es indispensable cultivar la vida social, frecuentándola y recibiendo visitas" (QUESADA, V., 1908, p. 155).

Nesse sentido, Vicente Quesada aprofundou os laços culturais com homens de letras e jornalistas, entre os quais se encontravam Franklin Távora, Alfredo d'Escragnonne Taunay, Franklin Dória<sup>110</sup>, João Manuel Pereira da Silva e Ladislao Neto<sup>111</sup>. O cultivo destas relações sociais foi justificado por Quesada como uma maneira de angariar a simpatias, desfazer restrições e criar circunstâncias favoráveis à realização de sua missão diplomática.

Cultivé con cuidado la amistad de literatos y periodistas, y en ello tuve sincero placer porque eran amables e ilustrados. Establecí la costumbre de sentar á mi mesa los domingos, á almorzar en el chalet de Larangeiras, algunos de esos literatos, y el trato franco fue lentamente formándome una atmosfera benévola y simpática [...] No me trataban ya como al extranjero que estuviese encargado de una misión diplomática, sino como a un amigo de país y de sus habitantes. Ese resultado, fruto de la prudencia, me hizo sumamente simpática la sociedad brasilera. Era cabalmente lo que buscaba: necesitaba tener abierta las puertas, no en mi exclusivo carácter oficial, sino como colega, como literato, como hombre de sociedad, como amigo personal: sólo así me sería posible encontrar, sin buscarlas expresamente, mil ocasiones para colocar, sin que de ello se diese cuenta nadie, sólidos jalones en mi tarea diplomática [...] (QUESADA, 1908, p. 161-162).

A realização da Festa Literária representou a culminância dos esforços de Quesada em apresentar-se à sociedade brasileira para além de suas funções diplomáticas, uma vez que, serviu para solidificar o conagraçamento com os homens de letras do Rio de Janeiro. A despeito de estar subordinado aos interesses políticos, as relações culturais e literárias, mantidas por Vicente Quesada no Brasil, contribuíram para a intensificação dos intercâmbios intelectuais entre Brasil e Argentina. O aumento da participação dos brasileiros entre os colaboradores da *Nueva Revista de Buenos Aires* e a circulação deste periódico na Corte brasileira foram indicadores dessa aproximação. Entretanto, convém destacar que o interesse nutrido pelo Brasil no mensário argentino preexistia desde o primeiro número, anos antes da nomeação de Quesada ao cargo de representante junto ao país vizinho.

#### 5.4 Missão secreta no Brasil

A missão de Vicente Quesada estava relacionada à questão fronteiriça entre a Argentina e o Brasil. Confidencialmente, o presidente Julio Roca lhe confiara a atribuição de propor ao governo brasileiro uma repartição equitativa do território em litígio. Confiante de que os problemas econômicos do Império favoreceriam a obtenção de um acordo, o

<sup>110</sup> Franklin Américo de Meneses Dória (1836-1906), político e poeta brasileiro, fundador da cadeira n. 25 da Academia Brasileira de Letras.

<sup>111</sup> Ladislau de Souza Mello Netto (1838-1894) era botânico e etnólogo. Naquela ocasião atuação como diretor do Museu Nacional.

representante argentino estabeleceu negociações secretas com algumas autoridades do país. Paralelamente continuou com a estratégia de aproximar-se das elites culturais, objetivando que as boas relações contribuíssem para a superação das desconfianças e, conseqüentemente, convergissem para um parecer favorável à sua recomendação.

Procedía con mi plan fijo; mientras debían creerme absorbido en atenciones sociales y literarias, buscaba y encontraba buenas voluntades que cooperasen inconscientes á la pacificación de los espíritus, enfermos por los celos de vecindad.

Tal era el medio ambiente en el que estaba llamado á actuar como diplomático, en misión de conciliación, sin pretensiones de obtener ruidosos triunfos, sino de llegar a establecer una paz sólida, garantizada por un deslinde territorial equitativo, prudente, cediendo a pesar de los títulos de dominio, porque no era de político serio crear conflictos para hacer prevalecer aquellos títulos (QUESADA, 1908, p. 174).

Sobre o tema, conversou, primeiramente, com o Conselheiro José Antônio Saraiva<sup>112</sup>. O argentino propôs o estabelecimento de uma linha divisória, traçada por uma comissão mista, que seria encarregada do estudo da topografia do território, além da possibilidade de indenização financeira e da compra do território em questão. De acordo com Quesada (*Apud* SAMBUCETTI, 2000, p. 301), o brasileiro concordou com seu ponto de vista:

Su indicación coincide con lo que yo he sostenido: yo propuse rectificar la frontera actual y pagar, si era preciso el precio de la tierra. La armonía de las dos naciones es una necesidad, yo he propuesto una red de ferrocarriles que nos estrecharan con la república, y, estando de acuerdo, lo demás no tiene valor real

Posteriormente, ainda de maneira sigilosa, a proposta foi discutida com Joaquim Tomás do Amaral, Visconde de Cabo Frio. Nomeado Diretor Geral da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros em 1865, Cabo Frio foi uma figura proeminente no Ministério das Relações Exteriores, exercendo influência direta em diferentes ocasiões. O Diretor Geral redigiu as bases de um acordo, ao qual, Vicente Quesada sugeriu pequenas alterações. O documento foi levado à apreciação do Conselho de Ministros, tendo recebido um parecer favorável.

Em 1885, Vicente Quesada foi chamado a Buenos Aires a fim de prestar contas de suas atividades. Na ocasião, recebeu, oficialmente, a tarefa de conduzir as negociações sobre o litígio fronteiriço com o Brasil. Contudo, em seu retorno ao Rio de Janeiro, após um curto período de onze dias na capital argentina, observou uma súbita mudança na predisposição brasileira em tratar das bases por ele propostas. O Imperador comunicou-lhe, pessoalmente, que o Brasil sustentaria a posição anteriormente comunicada à Argentina<sup>113</sup>, levando à

<sup>112</sup> José Antônio Saraiva empreendeu uma bem-sucedida carreira política. A partir de 1853 reelegeram-se sucessivamente para a Câmara dos Deputados. Em 1867, foi escolhido para integrar o Senado. Também foi presidente das províncias do Piauí, Alagoas, São Paulo e Pernambuco e ministro de diversas Secretarias do Império. Na década de 1880, ocupou, em duas ocasiões, o posto de Presidente do Conselho de Ministros.

<sup>113</sup> Com base no Tratado de 1857

imediate interrupção das tratativas de divisão do território em litígio. Sem maiores explicações, restou a Vicente Quesada a especulação acerca da alteração no curso de sua missão. Em correspondência dirigida a Julio Roca, o diplomata levantou algumas hipóteses:

¿Están resueltos a no ceder? No lo sé, pero parece que a eso va. Proponen un reconocimiento y estudio para robustecer las aseveraciones de los portugueses y así con arreglo a ellas imponerse.

Pero ¿reconocen como válidos los tratados entre España y Portugal? ¿Quiere que la cuestión se resuelva con relación al derecho estricto? Se ese es para buscar una resolución amistosa ¿por qué no lo dicen? ¿Por qué al hacerse el estudio las comisiones no propondrían una línea divisoria conveniente? (*Apud.* SAMBUCCETTI, 2000, p. 302-303).

Rapidamente, o governo argentino reagiu e também ordenou a suspensão definitiva das tentativas de negociação. Este episódio incidiu, vigorosamente, na visão de Quesada sobre o país vizinho, considerando desonrosa a conduta brasileira e solicitando, prontamente, sua transferência para outra legação. Para Quesada, sua permanência no Brasil demonstraria concordância com o procedimento das autoridades imperiais: "Después de lo sucedido mi permanencia aquí se hace violenta, me veo forzado a usar de una paciencia sin límites y a no decir lo que pienso" (*Apud.* SAMBUCCETTI, 2000, p. 303). Ao final de 1885, Quesada foi atendido, sendo transferido para a legação argentina nos Estados Unidos.

Em suas memórias, Vicente Quesada atribuiu o fracasso de sua missão no Brasil à imprudência do chanceler argentino Francisco Ortiz, "un comerciante provinciano devenido ministro, [que] había revelado entretelones de la negociación, ala par que Bernardo de Irigoyen, enemigo de Quesada, y el embajador brasileño, Barón Leonel de Alencar, intrigaban en Buenos Aires contra la misión" (CAVALERI, 2004, p. 97). A despeito das suspeitas de Quesada, a resolução do governo brasileiro se baseava em um preceito, adotado desde a independência, de não admitir qualquer forma de cessão territorial.

Os informes e declarações de Vicente Quesada assumiram um tom marcadamente pessimista após o revés das suas negociações. A insatisfação do diplomata pode ser observada tanto em sua correspondência, quanto em suas memórias, publicadas no começo do século XX, contrastando com a cordialidade expressada no início de 1883. Em carta ao presidente Roca, datada de 21 de abril de 1885, Quesada informou que:

Aquí este coloso industrial está enfermo de anemia. La crisis económica tiene una serie de causas complejas y graves, cuya desaparición no puede ser rápida. La cuestión del elemento servil es grave, y fatalmente se debe resolver si no quieren exponerse al posible levantamiento de los negros. La agricultura está en decadencia; el café y el azúcar han disminuido de valor, y la concurrencia en los mercados es cada día mayor. Los fazendeiros en gran parte están comprometidos con grandes deudas, que no pueden solventar, mientras que la vida normal del Tesoro son los presupuestos con déficits, que se cubren con empréstitos y recursos muy onerosos. Es innegable que el país es rico, pero el gobierno es difícil, no hay partidos suficientes fuertes para gobernar como la Constitución impone y S. M. indolente y

anémico, es el que impone una marcha oscilante a esta máquina, sin tener el trono, ni una aristocracia que lo apoye, ni el vigor de los partidos que le den aliento. Mirando de cerca estas cosas y estos hombres, bajan mucho en el nivel de la fama, y suben a alturas insondables si deslealtad y mala fe.

El clima postra físicamente y quiebra la energía del carácter (*Apud* SAMBUCCETTI, 2000, p. 296).

Duas décadas depois, as impressões de Vicente Quesada se mostraram ainda mais duras para com o Império brasileiro. Na obra *Mis memorias diplomáticas. Misión ante el gobierno del Brasil* resumiu o regime conduzido por D. Pedro II da seguinte maneira:

Era un sistema político eclético, un ensayo de república imperial, una aristocracia plebeya, y todo este edificio artificial estaba coronado por un emperador de noble estirpe, ciertamente, pero que padecía de una manía peligrosa: el excesivo amor o pasión de la economía, porque no tenía riqueza heredada y los emolumentos del cargo, o los economizaba o no fueron tales que diesen el brillo imprescindible al trono americano, al único levantado entonces en el nuevo continente (QUESADA, V., 1908, p. 281).

A frustração quanto ao fracasso de sua missão e as críticas à debilidade da diplomacia argentina que, invariavelmente, incorriam em perdas territoriais, deram o tom das memórias de Vicente Quesada.

A proposta de se estabelecer uma divisão do território em litígio voltou a ser discutida em outras duas ocasiões. Em 1889, o representante argentino no Brasil apresentou um projeto de tratado pelo qual o território contestado seria dividido, obedecendo uma média geométrica, entre a linha reclamada pelo governo do Brasil e a reivindicada pela Argentina. A proposição foi sumariamente rejeitada pelo Conselho de Estado e pelo Imperador, que na ocasião declarou: "Nesta questão não transijo, ou o território é nosso e não devemos alienar uma polegada dele, ou pertence a nossos vizinhos e então é justo não quereremos uma polegada do que não nos pertence" (*Apud* VIANA, 1959, p. 178).

A proclamação da República trouxe uma nova perspectiva para o litígio. Em nome de uma pretensa fraternidade americana, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil se mostrou receptivo à ideia de divisão do território. Assim, em 25 de janeiro de 1890, pouco mais de dois meses após a instalação da República, Quintino Bocaiúva e Estanisláo Zeballos, chanceleres do Brasil e da Argentina, respectivamente, assinaram o Tratado de Montevideú, que indicava como fronteira a média geométrica entre as linhas reclamadas pelos dois países. Entretanto, a opinião pública, a imprensa e o Congresso brasileiros receberam o acordo com grande indignação e impuseram severas críticas a Bocaiúva, acusando-o de uma "subserviência antipatriótica" (BUENO, 1995, p. 102). Desse modo, a Câmara dos Deputados, reunida em sessão secreta, rechaçou o convênio por 142 votos contrários e apenas 5

favoráveis. A resolução definitiva ocorreria apenas em 1895, por meio de um laudo arbitral do presidente norte-americano, Grover Cleveland, que deu ganho de causa ao Brasil.

O tema das fronteiras ocupou um espaço significativo na *Nueva Revista de Buenos Aires* e na concepção de nacionalismo de Vicente Quesada. A identidade argentina projetada pelo intelectual buscava na tradição espanhola as bases étnico-culturais e a herança territorial que conferiam a singularidade da nação. Saudoso da grandeza do Vice-Reino do Rio da Prata, considerado por ele, o primeiro molde da Argentina, Quesada construiu um discurso nacionalista que perdurou pelas décadas seguintes. Neste destacava-se um sentimento nostálgico em relação às fronteiras da antiga unidade administrativa colonial, que confluía para duras críticas à incapacidade da diplomacia argentina em mantê-las. O nacionalismo territorial de Quesada refletia-se também nas relações com os países vizinhos, que haviam, segundo o autor, frustrado os ideais de uma grande nação argentina, motivados por rivalidades políticas, demonstradas nas atuações do Brasil e do Chile, ou por localismos regionais, como era o caso do Uruguai, do Paraguai e da Bolívia.

Não obstante, Quesada tinha ciência da impossibilidade de uma reconstrução efetiva das fronteiras do Vice-Reino e apostava que a manutenção de boas relações diplomáticas e o estreitamento dos contatos culturais eram o melhor caminho para o estabelecimento de uma potencial liderança argentina em âmbito continental. Com este propósito conduziu as pautas da *Nueva Revista de Buenos Aires*. Contudo, o desfecho negativo de sua missão no Brasil, no mesmo ano em que o mensário deixou de circular, malograram o projeto do intelectual argentino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na segunda metade do século XIX, as revistas culturais na América Latina se configuraram em dispositivos para a conformação de determinadas visões da sociedade, colocando em evidência projetos identitários e discussões acerca da história e da literatura nacionais. A *Nueva Revista de Buenos Aires* foi um expoente desse tipo de publicação, atuando ativamente na conformação de um nacionalismo cultural na Argentina, mas também distinguindo-se por possuir um viés latino-americano, que seria característico de revistas publicadas nas décadas seguintes. Vicente Quesada e seu filho, Ernesto Quesada, idealizadores e diretores do periódico, buscaram por meio deste, parâmetros para responder uma questão central: havia uma tradição cultural argentina e latino-americana ou seria preciso forjá-la?

Para Vicente Quesada, a *Nueva Revista de Buenos Aires* foi a culminância de duas décadas dedicadas à elaboração de um projeto editorial que unisse o fomento à cultura e a construção de uma identidade nacional. Sua trajetória política e intelectual acompanhou o processo de consolidação do Estado nacional argentino. Portenho de nascimento, Quesada foi partidário da Confederação na cisão que opôs Buenos Aires ao restante das províncias do país, justificando seu posicionamento por um sentimento nacionalista que ia além da sua província de origem. Mesmo após a unificação, em 1861, a atenção dispensada à busca de documentos e à divulgação de trabalhos históricos e literários produzidos no interior do país foram constantes. O processo de modernização da Argentina, intensificado após 1880, acrescentou complexidade à sociedade, sobretudo, devido ao ingresso massivo de imigrantes. Naquela conjuntura, Vicente e Ernesto Quesada ponderaram sobre a necessidade de alicerçar as bases da nacionalidade, com o objetivo de afirmar as raízes culturais da nação e, conseqüentemente, evitar que estas fossem absorvidas pela multiplicidade de idiomas e costumes que passaram a caracterizar a República.

A publicação mensal da *Nueva Revista de Buenos Aires*, com frequentes prejuízos financeiros, foi justificada como parte de uma missão patriótica assumida por ambos. Por meio do periódico, os intelectuais aspiravam direcionar as atividades dos homens de letras para a construção de uma nação, dotada de uma tradição histórica e cultural secular, equitativa e pacificada, na qual o progresso se manifestava não apenas na acumulação de riquezas materiais, mas na elevação espiritual e artística. Assim, o alinhamento a uma perspectiva hispanista permeou as discussões sobre a história, a língua e cultura nacionais, nas quais se observou uma valorização da herança advinda da *Madre Patria*. Este posicionamento



contrastava com o afastamento adotado, majoritariamente, pelos intelectuais hispano-americanos no tocante à Espanha, praticado desde a independência. Para estes, os traços herdados da antiga metrópole eram responsáveis pelo atraso do país.

No início da década de 1880, ainda repercutiam as rivalidades derivadas das tensões entre Buenos Aires e as demais províncias. Com o objetivo de contribuir para uma unidade nacional que fosse além dos referenciais políticos, o periódico publicou diversos trabalhos dedicados às províncias do interior e produzidos naquelas localidades, de modo a valorizar seus aspectos históricos e culturais. Com base nesses textos e nas declarações da direção da revista, foi possível observar a projeção de um discurso que buscava superar a hegemonia de Buenos Aires do ponto de vista historiográfico e cultural, que passou, até mesmo, pela recuperação da memória e do papel dos caudilhos na história argentina.

A proposta de fomentar uma produção cultural, que se pretendia genuinamente nacional, era uma das principais preocupações da *Nueva Revista de Buenos Aires*. Não obstante, o modelo de cultura defendido pelo periódico tinha uma clara base erudita e europeia, uma vez que, para os Quesada, não era contraditório buscar inspiração em correntes literárias clássicas, desde que a resultante versasse sobre as características inerentes à nação e sua população. Desse modo, a revista guardou profundo silêncio quanto às novelas gauchescas e de matriz popular que, naquela conjuntura, já se constituíam em sucessos editoriais. Neste aspecto residia uma antinomia no posicionamento assumido pelo mensário, sobretudo nos artigos de Ernesto Quesada, e que perdurou ao longo de toda sua trajetória: de um lado, o cosmopolitismo intelectual e acadêmico, do outro, a defesa da necessidade de argentinizar a língua, o ensino e a cultura do país. A ênfase no "bom gosto" esteve associada a um parâmetro cultural europeu.

A identidade argentina projetada pela revista também possuía profunda implicação com a questão das fronteiras. Além do idioma e das características étnicas da população, a herança espanhola se manifestava na potencialidade da grandeza do país. Nesse nacionalismo territorial destacava-se um sentimento nostálgico em relação aos limites do Vice-Reino do Rio da Prata, considerado o primeiro molde da nação, que confluía para duras críticas à incapacidade da diplomacia argentina em mantê-los. Contudo, Vicente Quesada, principal impulsionador desse discurso, tinha ciência da impossibilidade de uma reconstrução efetiva das fronteiras da antiga unidade administrativa colonial e apostava que a manutenção de boas relações diplomáticas e o estreitamento dos contatos culturais eram o melhor caminho para o estabelecimento de uma potencial liderança argentina em âmbito latino-americano.

O desejo da *Nueva Revista de Buenos Aires* de consolidar uma nacionalidade comprometida com o desenvolvimento intelectual, também apresentava uma faceta externa. Assim, por meio de relações pessoais, os proprietários do mensário viabilizaram a publicação de artigos de inúmeros letrados latino-americanos, incluindo brasileiros, com vistas à ampliação dos contatos intelectuais e da circulação de ideias, textos e livros. Nesse sentido, ressaltamos o pioneirismo da *Nueva Revista de Buenos Aires* em capitanear um projeto bem-sucedido de estreitamento de laços e intercâmbio cultural no âmbito latino-americano, na medida em que viabilizou a publicação e a divulgação de artigos de autores estrangeiros na Argentina e nas localidades pelas quais o periódico circulou, ainda que de maneira incipiente.

Atuando como mediadores culturais, Vicente e Ernesto Quesada ressignificaram as discussões identitárias das nações hispano-americanas, destacando as similaridades e as relações de confraternidade que as uniam, tais como o passado colonial comum, as relações com a Espanha e a língua. Julgamos que o interesse além-fronteiras e os esforços dos proprietários em reunir colaboradores oriundos dos países vizinhos tinham por objetivo afirmar a Argentina como um polo cultural na América Latina. Além disso, almejava atribuir ao país uma liderança intelectual que respondia ao questionamento de Vicente Quesada na apresentação do primeiro número do mensário, acerca de qual seria o papel que, em benefício próprio e no da paz do continente, correspondia à República Argentina.

O discurso de uma fraternidade latino-americana foi constante ao longo dos anos de publicação do mensário. Este era reforçado nas notas da direção da *Nueva Revista de Buenos Aires* que, geralmente, acompanhavam os artigos de autores estrangeiros. Vicente e Ernesto Quesada se utilizavam desse espaço para orientar leituras e ressaltar os aspectos que aproximavam os países latino-americanos, sempre com calorosas manifestações de simpatias. Entretanto, a *Nueva Revista de Buenos Aires* não explorou expressivamente a oposição entre latinos e anglo-saxões. É interessante destacar que as breves menções feitas aos Estados Unidos demonstravam que os proprietários do periódico não eram alheios a tal dicotomia, principalmente no tocante a crítica ao materialismo e ao anti-intelectualismo que, supostamente, caracterizavam os estadunidenses. A predominante omissão pode ser entendida pela intencionalidade dos intelectuais argentinos em construir e consolidar uma identificação latino-americana, como um aspecto inerente aos países do subcontinente. Ao ignorar a potência norte-americana, todo o foco se concentrava nas nações irmãs e no papel da Argentina como norteadora cultural e expoente político.

A presença de brasileiros e as declarações da *Nueva Revista de Buenos Aires* sobre o Brasil foram singulares. O país, visto, majoritariamente, com desconfiança entre as repúblicas

hispano-americanas, sobretudo pela adoção e manutenção do regime monárquico, contou com sete colaboradores no periódico, os quais foram responsáveis pela publicação de um total de dezoito artigos. Além disso, o Brasil foi objeto de publicações referentes a relatos de viagens e discussões sobre temas variados, escritos, em sua maioria, por autores argentinos. As traduções realizadas, majoritariamente, por Ernesto Quesada eram sempre acompanhadas de notas com manifestações de cordialidade. Nestas inserções, os diretores frisavam o desejo de contribuir para o estreitamento de laços de confraternidade entre todas as nações americanas de procedência latina, não só as de origem espanhola. É importante destacar que a partir de 1883, quando da nomeação de Vicente Quesada como ministro plenipotenciário junto ao governo brasileiro, as relações culturais impulsionadas por ele estavam subordinadas aos seus interesses político-diplomáticos.

A análise *Nueva Revista de Buenos Aires* revelou a execução de um projeto identitário para além das fronteiras nacionais e que visava o fomento das relações culturais e o enaltecimento de uma originalidade dos países latino-americanos. Além disso, o exame das mediações culturais promovidas por Vicente e Ernesto Quesada, contribuiu para a compreensão da maneira como se davam os contatos mantidos entre os homens de letras do continente, a circulação de ideias e textos e o processo de resignificação dos bens culturais na década de 1880.

## FONTES

### Correspondências

Correspondências entre Ernesto Quesada e Vicente Quesada (1880 a 1885), disponibilizadas pelo Instituto Ibero-Americano — Ibero-Amerikanisches Institut — Berlim, Alemanha.

Correspondências de Franklin Távora. Disponíveis no Arquivo da Academia Brasileira de Letras (Pasta 27-1-18).

### Documentos oficiais

Carta de Chancelaria e de Gabinete. Argentina (1833-1889). Arquivo Histórico do Itamaraty (277-1-06)

### Artigos da *Nueva Revista de Buenos Aires*

Disponível em < <https://archive.org/> >

AGUEROS, Victoriano. El movimiento intelectual mexicano - Estudio literario. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VII, p. 62-104, 1883.

AGUILAR, Federico. Un viaje á Méjico en diciembre de 1883. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo X, p. 310-321, 1884.

ALTAMIRANO, Ignacio M. Las poesías de Manuel Flores. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, tomo VI, p. 547-568, 1883.

ALVA, Luis. La independencia de México. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VI, p. 201-210, 1882.

AMUNÁTEGUI, Miguel Luis. Literatura chilena - Los certamen literarios y científicos para solemnizar los aniversarios del 18 de setiembre de 1810. *Nueva Revista de Buenos Aires*,. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XI, p. 56-74, 1884.

ARONA, Juan de. Homenaje en la muerte de un amigo. Á la memoria de José Antonio Aguirre. *Nueva Revista de Buenos Aires*, Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VI, p. 616-619, 1883.

\_\_\_\_\_. El idioma español en América - Los peruanismos. *Nueva Revista de Buenos Aires*, Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VIII, p. 299-313, 1883b.

\_\_\_\_\_. El idioma español en América. Los peruanismos. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VIII, p. 580-596, 1883c.

\_\_\_\_\_. A Rebeca. Poemita. *Nueva Revista de Buenos Aires*, Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo XI, p. 381-385, 1884.

AVELLANEDA, Nicolás. Don Pablo Groussac - Ensayo histórico sobre el Tucuman. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Imprenta y Librería de Mayo, Tomo IV, p. 316-346, 1882.

BALMACEDA, Francisco Javier. Sobre la historia de Colombia. *Nueva Revista de Buenos Aires*, Buenos Aires: Imprenta propia, tomo XII, p. 318-320, 1885a.

\_\_\_\_\_. Bibliografía. Sobre la historia de Colombia. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XII, p. 477- 480, 1885b.

BERRA, Francisco Antonio. La reforma escolar en el Imperio del Brasil. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VIII, p. 169-237, 1883.

BERRIOS, José David. La literatura boliviana. *Don Manuel José Cortés* - Estudio sobre el carácter y mérito de sus poesías. *Nueva Revista de Buenos Aires*, Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VI, p. 182-200, 1883a.

\_\_\_\_\_. Literatura Boliviana. Don Manuel José Cortés - Estudio sobre el carácter y mérito de sus poesías. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VI, p. 450-467, 1883b.

\_\_\_\_\_. Literatura boliviana - Don Manuel José Cortés - Estudio sobre el carácter y mérito de sus poesías. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VII, p. 105-114, 1883c.

CAICEDO RÓJAS, José. Literatura americana. Poesía Épica. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo III, p. 350-377, 1882.

CAMACHO ROLDAN, Salvador. La poesía en Colombia. Gregorio Gutiérrez Gonzalez. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo IV p. 225-290, 1882.

CARRANZA, Adolfo P. Opiniones del señor Groussac sobre Tucumán. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VI, p. 651-661, 1883.

CASTELLANO, Nicéforo. Estudio sobre la quiebra. Según el derecho comercial argentino. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo II, p. 604-625, 1881.

CHACALTANA, Cesáreo. La calle de Cangallo - Reminiscencias. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VII, p. 635-645, 1883.

DEL PIÑO, Miguel. La cuestión económica del Brasil. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VIII, p. 238-245, 1883.

DÉLIA. El Brasil pintado por él y para él mismo. Costumbres del interior (Fotografía). *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XIII, p. 295-302, 1885a.

\_\_\_\_\_. Una tertulia en casa del señor Narciso (Escenas de costumbres). *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XIII, p. 445-453, 1885b.

DINARTE, Silvio. Cielos y tierras del Brasil. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo IX, p. 505-538, 1883.

DUPUY DE LOME, Enrique. El movimiento intelectual español. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo I, p. 248-253, 1881.

E. O. A. Revista Bibliográfica. Las Revistas en América - Revista Brasileira - Revista de Chile - (Los literatos en la República Argentina). *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo V, p. 454-461, 1882.

ESCUTI ORREGO, Santiago. Don Eusebio Lillo. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XIII, p. 587-600, 1885.

FIESTA LITERARIA. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, tomo VIII, p.448-492, 1883.

FREITAS, José Antonio. El lirismo brasileiro. Tradução de Benigno T. Martinez. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo X, p. 487-552, 1884.

GÁLVEZ, Victor. *Memorias de un viejo*. Escenas de costumbres de la República Argentina. Buenos Aires: Jacobo Peuser Editor, 1889.

GARRO, Juan M. Secularización de la Universidad de Córdoba. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo I, p. 505-532, 1881.

GÓMEZ CARRILLO, Agustín. Legislación y tribunales en Centro América. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XI, p. 228-239, 1884.

GÓMEZ FLORES, F. J. La poesía dramática en México. José Peón y Contreras. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo V, p. 188-220, 1882.

HURTADO, Manuel. Doña Paula Jára-Quemada. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XIII, p. 289-294, 1885.

JÚNIOR, Afonso Celso. Noite de Chuva. Fragmento. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo IV, p. 347-351, 1882.

LAMAS, Andrés. La Patria de Juan Diaz de Solís. Descubridor del Rio de la Plata. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo I, p. 329-351, 1881.

\_\_\_\_\_. El canal de los Andes. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VI, p. 353-373, 1883a.

\_\_\_\_\_. La legislación agraria de Rivadavia (Páginas de *Don Bernardino Rivadavia y su tiempo* - inéditas). *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VII, p. 193-220, 1883b.

\_\_\_\_\_. Estudios sobre la Legislación agraria de Rivadavia. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VIII, p. 28-120, 1883c.

\_\_\_\_\_. Los planos de la Municipalidad y el monumento de Mayo. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo X, p. 400-417, 1884a.

\_\_\_\_\_. Muerte de Juan Díaz de Solís. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XI, p. 321-329, 1884b.

LANZADAS, Ramón Pio. La guerra del Pacífico - Chile y el derecho internacional. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo III, p. 323-349, 1882a.

\_\_\_\_\_. La Historia de la Guerra del Pacífico - escrita por Diego Barros Arana. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo IV, p. 521-574, 1882b.

\_\_\_\_\_. Los sucesos del Pacífico - Un nuevo libro de historia - La obra de Markhan ante la crítica histórica. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VII, p. 221-236, 1883.

LAVALLE, José Antonio de. Un aventurero limeño. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VIII, p. 614-628, 1883.

LLERENA, Baldomero. Estudios críticos sobre el código civil argentino. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo V, p. 41-79, 1882.

MAIRDOLA, P. Historia diplomática de la guerra del Pacífico. El conflicto chileno-peruano-boliviano. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo IV, p. 169-192, 1882a.

\_\_\_\_\_. La política de Chile en el Perú. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo IV, p. 434-441, 1882b.

\_\_\_\_\_. La Guerra del Pacífico. El Perú se levanta. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo V, p. 437-441, 1882c.

MAYORGA RIVAS, Ramón. La literatura del Salvador. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VI, p. 18-35, 1882.

MATIENZO, José Nicolás. Una cuestión de procedimiento parlamentario. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo V, p. 113-126, 1882.

MIER, Adolfo. La iniciativa de Oruro en 1781. Sebastián Pagador. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XII, p. 595-613, 1884.

MITRE, Bartolomé. Comprobaciones históricas. A propósito de la "Historia de Belgrano". *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo II, p. 244-274, 1881a.

\_\_\_\_\_. El general Mitre y la "Nueva Revista" - Comprobaciones Históricas. A propósito de la "Historia de Belgrano". *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo II, p. 542-546, 1881b.

MOBELLAN, A. Hidalgo. Los poetas mexicanos. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XI, p. 301-306, 1884.

NERCASSEAU MORAN, Enrique. Bibliografía - La Gramática Castellana de Andrés Bello. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XI. p. 399-407, 1884.

OLIVEIRA, Eduardo. El correo en el Rio de la Plata. I. Bajo el gobierno español. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo II, p. 10-48, 1881.

OMISTE TINAJEROS, Modesto. El cerro de Potosí. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo II, p. 593-603, 1881.

OYUELA, Calisto. Poesias de Andrés Bello. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo V, p.548-566, 1882.

PÁEZ, Adriano. Los poetas colombianos contemporáneos. José David Guarín. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VI, p. 161- 181, 1883.

PAZ SOLDÁN, Mariano Felipe. El ciudadano armado es beligerante aunque carezca de insignias. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VIII, p. 121-145, 1883.

\_\_\_\_\_. Rápida ojeada sobre las relaciones entre el Perú, Bolivia y Chile. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XI, p. 75-125, 1884a.

\_\_\_\_\_. Nomenclatura y ortografía geográfica en la República Argentina. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XII, p. 43-55, 1884b.

\_\_\_\_\_. Geografía argentina. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XIII, p. 481-524, 1885.

PÉREZ Y SOTO, Juan B. El coronel Manuel Antonio López. Prócer de la Independencia. Su libro y sus cartas. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XIII, p. 608-635, 1885.

PEZA, Juan de Dios. La vida intelectual mexicana. Poetas y escritores moderno en la República Mexicana. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VIII, p. 550-579, 1883a.

\_\_\_\_\_. La vida intelectual mexicana - Poetas y escritores modernos en México. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo IX, p. 124-144, 1883b.

\_\_\_\_\_. La vida intelectual mexicana. Poetas y escritores modernos en México. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo IX, p. 598-618, 1884.



PINILLA, C. Oradores bolivianos. Mariano Baptista. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VIII, p. 369-381, 1883.

QUESADA, Ernesto. Ezequiel Uricoechea. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo I, p. 254- 259, 1881a.

\_\_\_\_\_. Las Universidades argentinas. Su constitucion orgánica. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo I, p. 605-641, 1881b.

\_\_\_\_\_. Revista Bibliográfica. El movimiento intelectual argentino. Revistas y periódicos. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo V, p. 462-475, 1882a.

\_\_\_\_\_. La literatura argentina. Breve revista de las últimas publicaciones. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo IV, p. 502-520, 1882b.

\_\_\_\_\_. Los juegos florales en Buenos Aires. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo V, p.533-548, 1882c.

\_\_\_\_\_. El Congreso literario latino americano y el americanismo. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo III, p. 589-612, 1882d.

\_\_\_\_\_. Ralph Waldo Emerson. Sus doutrinas filosóficas. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VI, p. 211-222, 1883a.

\_\_\_\_\_. Escuelas y teorías literarias - El clasicismo y el romanticismo (apropósito de la polémica Oyuela-Obligado). *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VII, p. 486-500, 1883b.

\_\_\_\_\_. Las cenizas del general San Martin. Su translación del Havre á Buenos Aires (Relación de un testigo ocular). *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VII, p. 613-634, 1883c.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro (Apuntes de viaje). *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VIII, p. 261-298, 1883d.

\_\_\_\_\_. El periodismo argentino - 1877-1883. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, tomo IX, p. 72-101, 1883d.

\_\_\_\_\_. Dos Palabras. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos: Imprenta propia, Tomo X, p. 3-10, 1884a.

\_\_\_\_\_. El periodismo argentino en la Capital de la República (1877-1883). *Nueva Revista de Buenos Aires*. Tomo IX, p. 425-447. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, 1884b.

\_\_\_\_\_. Recuerdos del Brasil. La Imprenta Nacional en Rio de Janeiro. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo IX, p. 619-637, 1884c.

QUESADA, Vicente. Prospecto. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo I, p. 3-8, 1881a.

\_\_\_\_\_. Los ex-presidentes. Mitre - Sarmiento - Avellaneda. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo I. p. 9-19, 1881b.

\_\_\_\_\_. España y Portugal - Tratados de límites (1750-1770). *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo I, p. 99-124, 1881c.

\_\_\_\_\_. Mis librerías y mis libretos. En la cuestión de límites con Chile. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo II, p. 273-418, 1881d.

\_\_\_\_\_. Las teorías del doctor Alberdi. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo I, p. 352-384, 1881e.

\_\_\_\_\_. La cuestión de límites con Chile. Bajo el punto de vista de la historia, del derecho internacional y de la política. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo II, p. 273-418, 1881f.

\_\_\_\_\_. Biblioteca Nacional de la Corte en Rio de Janeiro. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo III, p. 427-452, 1882.

\_\_\_\_\_. Estudios sobre historia argentina. Cual fué la jurisdicción territorial del cabildo de la ciudad y provincia de Buenos Aires. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VII, p. 127-145, 1883a.

\_\_\_\_\_. Legislación colonial española sobre la imprenta y el comercio de libros. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VIII, p. 329-368, 1883b.

\_\_\_\_\_. Historia colonial Argentina. Las capitulaciones para el descubrimiento del Rio de Plata y Chile (Cuestión de ubicación de las gobernaciones). *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XI, p. 240-275, 1884.

\_\_\_\_\_. *Mis Memorias Diplomáticas*. Misión ante el gobierno del Brasil. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1908.

RACOT, Adolf. Las etapas de la Revista de Ambos Mundos. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo X, p. 129-151, 1884.

RAMÍREZ, Carlos María. El nuevo plenipotenciario argentino en la corte del Brasil. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VI, p. 569-608, 1883.

RENÉ MORENO, Gabriel. Don Francisco de Rioja. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo III, p.201-215, 1882.

\_\_\_\_\_. D. Benjamín Vicuña Mackenna. Según su libro reciente. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo IV, p. 353-402, 1882b.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Tomo I, p. 479-489. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, 1881a.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Tomo II, p. 419-424. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, 1881b.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Tomo II, p. 700-752. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, 1881c.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VI, p. 507-530, 1883a.

REVISTA BIBLIOGRÁFICA. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VI, p. 662-679, 1883b.

ROMERO, Silvio. Literatura brasileira - Sus relaciones con el "neo-realismo". *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo III, p. 483-507, 1882.

SACO, José Antonio. La esclavitud de los indios en el Rio de Plata. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XI, p. 307-319, 1884.

SAMPER. José M. Carlos Guido y Spano (Fantasía descriptiva). *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XII, p. 32-42, 1884.

SMITH, Salvador. Costumbres chilenas. Una junta de doctores (Recuerdos de Antaño). *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XI, p. 472-480, 1884.

SAN MATIN, Juan Zorrilla de. La leyenda patria. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo IV, p. 157-168, 1882.

SANTA-ANNA NERY, Frederico José. De la traducción en el Brasil. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, p. 260-273, tomo I, 1881.

Suplemento a la entrega de marzo de 1882 de la "Nueva Revista". *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo III, 1882.

TAVERA, Francisco. Fisiología del sombrero. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo III, p.279-296, 1882.

TÁVORA, Franklin. La literatura brasileira. Escritores del Norte del Brasil. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo V, p. 221-239, 1882a.

\_\_\_\_\_. Escritores del Norte del Brasil. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VI, p. 03-17, 1882b.

\_\_\_\_\_. Escritores del norte del Brasil. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VI, p. 243-253, 1883a.

\_\_\_\_\_. Escritores del norte del Brasil. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VII, p. 17-28, 1883b.

\_\_\_\_\_. El ministro argentino en el Brasil. (Opinión de la prensa de Rio). *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VII, p. 341-352, 1883c.

\_\_\_\_\_. Estudios literarios sobre el Brasil - Escritores del Norte. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo VIII, p. 597-613, 1883d.

\_\_\_\_\_. La lingüística americana - Bautista Caetano (Su elogio solemne ante el Instituto Histórico y Geográfico del Brasil. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo X, p. 78-93, 1884a.

\_\_\_\_\_. Escritores del norte del Brasil - Juvenal Galeno. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo X, p. 301-309, 1884b.

\_\_\_\_\_. Escritores del Norte del Brasil. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XI, p. 27-31, 1884c.

\_\_\_\_\_. Escritores del norte del Brasil. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XI, p. 386-398, 1884d.

URZÚA, Pedro Nolasco. Luis Carrera ó la Conspiración de 1817. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XII. p. 112-139, 1884a.

\_\_\_\_\_. Luis Carrera ó la Conspiración de 1817. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XII. p. 471-476, 1884b.

\_\_\_\_\_. Luis Carrera ó la Conspiración de 1817. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XII. p. 614-621, 1884c.

UZCANGA, G. No llores desengaños (poesía). *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo X, p. 164-165, 1884.

VACA GUZMÁN, Santiago. La literatura boliviana. Escritores en verso. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo II, p. 224-243, 1881.

\_\_\_\_\_. La literatura boliviana - Escritores en prosa. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo III, p. 25-45, 1881b.

\_\_\_\_\_. La literatura boliviana - Medio de publicación. Periodismo. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo IV, p. 621-649, 1882.

\_\_\_\_\_. Fin de cuentas. Crónica del siglo XVI. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XII, p. 83-99, 1884a.

\_\_\_\_\_. Anita la tentadora. Historia que debe leerse después de haber almorzado. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XII, p. 298-313, 1884b.

\_\_\_\_\_. Literatura boliviana. Oratoria política. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XII, p. 414-439, 1885a.

\_\_\_\_\_. Literatura boliviana. Oratoria sagrada. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XII, p. 574-594, 1885b.

\_\_\_\_\_. Días amargos. Páginas del libro de Memorias de un pesimista. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XIII, p. 84-129, 1885c.

\_\_\_\_\_. Días amargos. Páginas del Libro de Memorias de un pesimista. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XIII, p. 236-288, 1885d.

\_\_\_\_\_. Días amargos. Páginas del libro de memorias de un pesimista. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo XIII, p. 396-444, 1885e.

Z. El movimiento intelectual brasileiro - en los últimos diez años. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta y Librería de Mayo, Tomo IX, p. 102-123, 1883.

ZAYAS ENRÍQUEZ, Rafael. Historias íntimas - Mary Webb. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, Tomo X, p. 219-234, 1884a.

\_\_\_\_\_. Bibliografía - Orígenes del lenguaje criollo. *Nueva Revista de Buenos Aires*. Buenos Aires: Imprenta propia, tomo XI, p. 597-618, 1884b.

## BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Cláudio. *Franklin Távora e o seu tempo*. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 1997.

ALONSO, Paula. “En la primavera de la historia”. El discurso político del roquismo de la década del ochenta a través de su prensa. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. Emilio Ravignani”*. Tercera serie, n. 15, p.35-70, 1997.

\_\_\_\_\_. (comp.) *Construcciones impresas. Panfletos, diários y revistas en la formación de los estados nacionales en América Latina (1820-1920)*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003a.

\_\_\_\_\_. ALONSO, Paula. La política y sus laberintos: el Partido Autonomista Nacional entre 1880 y 1886. In SABATO, Hilda; LETTIERI, Alberto (compiladores). *La vida política en la Argentina del siglo XIX. Armas, votos y voces*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003b. p. 277-292.

\_\_\_\_\_. El Partido Autonomista Nacional y las elites políticas en la Argentina de fin del siglo XIX. *Anuario IESH*. Tandil/Argentina, n. 24, p. 369-388, 2009.

ALTAMIRANO, Carlos. Introducción general. In ALTAMIRANO, Carlos (org.) *Historia de los intelectuales en América Latina*. Madrid: Katz, 2010.

AUZA, Néstor Tomás. *El periodismo de la Confederación*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1978.

BARBOSA, Fernanda Bastos. México e Estados Unidos na passagem do século XIX ao XX: uma perspectiva transnacional. In *Anais do XI Encontro Internacional da ANPHLAC*. Niterói: ANPHLAC, 2014. p. 1-9.

BATTICUORES, Graciela. Libros, bibliotecas y lectores en las encrucijadas del progreso. In LAERA, Alejandra. *El brote de los géneros*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2010. p. 413-440.

BEIRED, José Luis Bendicho. *Sob o signo da nova ordem. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. Latinismo e hispanismo no debate intelectual ibero-americano. In BEIRED, José Luis Bendicho. *América-Espanha-América: política, intelectuais e historiografia*. Assis, 2010, p. 159-187.

\_\_\_\_\_. A identidade argentina em transição: os intelectuais e a herança espanhola no alvorecer do século XX. In BEIRED, José Luis Bendicho. *América-Espanha-América: política, intelectuais e historiografia*. Assis, 2010, p. 209-228.

\_\_\_\_\_. Independência e hispanismo: olhares historiográficos e usos da memória. In BEIRED, José Luis Bendicho. *América-Espanha-América: política, intelectuais e historiografia*. Assis, 2010, p. 268-288.

BERTONI, Lilia Ana. *Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas*. La construcción de la nacionalidad argentina a fines del siglo XIX. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2001.

BOTANA, Natalio R. *El orden conservador. La política argentina entre 1880 y 1916*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1977.

\_\_\_\_\_. La federalización de Buenos Aires. In FERRARI, Gustavo; GALLO, Ezequiel (comp.) *La Argentina del ochenta al centenario*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1980. p. 107-122.

\_\_\_\_\_. El federalismo liberal en Argentina: 1852-1930. In CARMAGNANI, Marcelo (coord.). *Federalismos latinoamericanos: México/Brasil/Argentina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. p. 224-259.

BRANDALISE, Carla. A ideia e concepção de "latinidade" nas Américas: a disputa entre as nações. In ORO, Ari Pedro (org.). *A latinidade da América Latina: enfoques sócio-antropológicos*. São Paulo: Aderaldo&Rothschild, 2008.

BRUNO, Paula. Un balance acerca del uso de la expresión generación del 80 entre 1920 y 2000. *Secuencia. Revista de historia y ciencias sociales*. n. 68, mayo-agosto, p. 115-161, 2007.

\_\_\_\_\_. La vida letrada porteña entre 1860 y el fin-de-siglo. Coordinadas para un mapa de la elite intelectual. *Anuario IESH*. Tandil/Argentina, n. 24, p. 339-368, 2009.

\_\_\_\_\_. *Pioneros culturales de la argentina*. Biografías de una época. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

\_\_\_\_\_. (dir.) *Sociabilidades y vida cultural. Buenos Aires, 1860-1930*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2014.

BUCHBINDER, Pablo. *Los Quesada*. Letras, ciencias y política en la Argentina, 1850-1934. Buenos Aires: Edhasa, 2012.

BUENO, Clodoaldo. *A República e sua política Exterior (1889-1902)*. São Paulo: Editora da Unesp, 1995.

CAMARGO, Katia Aily Franco de. *A Revue des Deux Mondes. Intermediária entre dois mundos*. Natal, RN: EDUFRN — Editora da UFRN, 2007.

CANAVEZE, Rafael. *O Brasil e a Guerra do Pacífico: alianças estratégicas e relações diplomáticas (1879-1883)*. Dissertação de mestrado. Assis: Faculdade de Ciências e Letras — UNESP/Assis, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. (orgs) *Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

\_\_\_\_\_. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de Sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

- CAPELATO, Maria Helena. A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador. In VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Lígia Coelho (orgs.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas: CAPES, 2015. p. 114-136
- CAVALARO, Diana. *Revistas argentinas del siglo XIX*. Buenos Aires: Asociación Argentina de Editores de Revistas, 1996.
- CAVALERI, Paulo. *La restauración del Virreinato*. Orígenes del nacionalismo territorial argentino. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2004.
- CERVO, Amado. *O parlamento brasileiro e as relações exteriores (1826-1885)*. Brasília: Editora da UNB, 1981.
- CHIARAMONTE, José Carlos. El federalismo argentino en la primera mitad del siglo XIX. In CARMAGNANI, Marcelo (coord.). *Federalismos latinoamericanos: México/Brasil/Argentina*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. p. 81-132.
- CONWAY, Christopher. Tecnologías de la mirada: Ignacio Manuel Altamirano, la novela nacional y el realismo literario. *Decimonónica. Journal of Nineteenth Century Hispanic Cultural Production/ Revista de Producción Cultural Hispánica Decimonónica*. vol. 10, n.1, 2013. p. 32-44.
- CORREIA FILHO, Virgílio. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, n.2, abr. – jun., p. 261-302, 1945.
- COSTA, W. P. Apresentação. In CAMARGO, Katia Aily Franco de. *A Revue des Deux Mondes. Intermediária entre dois mundos*. Natal, RN: EDUFRN — Editora da UFRN, 2007.
- DE MARCO, Miguel Ángel. *Historia del periodismo argentino: desde los orígenes hasta el centenario de Mayo*. Buenos Aires: Educa, 2006.
- DEVOTO, Fernando. *Nacionalismo, fascismo y tradicionalismo en la Argentina moderna. Una historia*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno de Argentina Editores, 2002.
- DIEZ DE MEDINA, Fernando: *Literatura Boliviana*, Cuarta Edición, Editorial Los Amigos del Libro, La Paz, 1980.
- DEGIOVANNI, Fernando. La constitución del primer canon literario argentino: poesía, capital simbólico y sujeto nacional. In LAERA, Alejandra. *El brote de los géneros*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2010. p. 177-196
- DEVOTO, Fernando; PAGANO, Nora. *Historia de la historiografía argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2009.
- ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels Franco-Allemands*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- EUJANIAN, Alejandro. Por uma historia nacional desde las provincias: el frustrado proyecto de Vicente Quesada em la Revista del Paraná. In *Cuadernos del Sur*. BD, 39 (2010), p. 73-92.



FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. *Patria mestiza. Memória e História na invenção da nação mexicana entre os séculos XVIII e XIX*. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas — UNICAMP, 2009.

FERNÁNDEZ BRAVO, Álvaro. Redes culturales del 80: alianzas, coaliciones y políticas de la amistad. In LAERA, Alejandra. *El brote de los géneros*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2010. p. 385-412

FERRARI, Gustavo. La Argentina y sus vecinos. In FERRARI, Gustavo; GALLO, Ezequiel (comp.) *La Argentina del ochenta al centenario*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1980. p. 671-694

FERREIRA, Luiz Otávio. Uma interpretação higienista do Brasil. In ALDA HEIZER, Antonio Augusto Passos Videira (org.). *Ciência, civilização e Império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Acess Editora, 2001. p. 207-224.

FONTANA, Patricio. "Es de la boca de un viejo/ de ande salen las verdades". Memoria, vejez y usos del pasado. In LAERA, Alejandra. *El brote de los géneros*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2010. p. 61-93.

FRAGINALS, Manoel Moreno. *Cuba-Espanha-Cuba: uma história comum*. Bauru: EDUSC, 2005.

FRANCO, Jean. *La cultura moderna en América Latina*. Tabasco, México: Editorial Joaquín Mortiz, 1971.

FRANCO, Stella Maris Scatena Franco. *Luzes e sombras na construção da nação argentina: os manuais de história nacional (1868-1912)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

\_\_\_\_\_. Latinos versus Anglo-Saxões: projeções identitárias nos relatos de viagem de hispano-americanos pelos Estados Unidos no século XIX. *Almanack*, Garulhos, n. 16, p. 39-79, ago, 2017.

GASPARINI, Sandra. El Círculo Científico Literario (¿1878?-1879). *Primas Revista de História Intelectual*, n. 16, p. 175-178, 2012.

GOES FILHO, Synesio Sampaio. *Navegantes, bandeirantes, diplomatas: um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil*. Brasília: FUNAG, 2015.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos Apresentação. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. *Intelectuais mediadores. Práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p.7-37.

GRACIA PÉREZ, Felipe. *Hijos de la Madre Patria*. El hispanoamericanismo en la construcción de la identidad nacional colombiana durante la Regeneración (1878-1900). Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2011.

GREJO, Camila Bueno. *Carlos Octavio Bunge e José Ingenieros. Entre o científico e o político: pensamento raciale identidade nacional na Argentina (1880-1920)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e independencias. Ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. Madrid: Editorial MAPFRE, 1992.

GUMUCIO, Cristian Parker. Identidad latina e integración sudamericana. In ORO, Ari Pedro (org.). *A latinidade da América Latina: enfoques sócio-antropológicos*. São Paulo: Aderaldo&Rothschild, 2008.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

\_\_\_\_\_. Un nuevo clima de ideas. In FERRARI, Gustavo; GALLO, Ezequiel (comp.) *La Argentina del ochenta al centenario*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1980. p. 13-26.

HOBSBAWM, Eric J. *Nação e nacionalismo desde 1870*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II O Brasil Monárquico, vol. 5, Reações e Transações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 132.

JITRIK, Noé. *El 80 y su mundo. Presentación de una época*. Buenos Aires: Editorial Jorge Alvarez, 1968.

JOZEF, Bella. *História da literatura hispano-americana*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1971.

LAERA, Alejandra. Cronistas, novelistas: la prensa periódica como espacio de profesionalización en la Argentina (1880-1910). In ALTAMIRANO, Carlos (org.) *Historia de los intelectuales en América Latina*. Madrid: Katz, 2010. p. 495-522.

LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

MAEDER, Ernesto J. A. *Índice General de la Revista de Buenos Aires (1863-1871)*. Resistencia, Argentina: Universidad Nacional del Nordeste, 1961.

\_\_\_\_\_. *Índice General de la Revista del Paraná (1861)*. Resistencia - Argentina: Universidad Nacional del Nordeste, 1962.

\_\_\_\_\_. *Índice General de la Nueva Revista de Buenos Aires. Boletín de la Academia Nacional de la Historia* Buenos Aires, 1964.

MYERS, Jorge. Introducción al volume I. Los intelectuales latinoamericanos desde la colonia hasta el inicio del siglo XX. In ALTAMIRANO, Carlos (org.) *Historia de los intelectuales en América Latina*. Madrid: Katz, 2010. p. 29-50.

MOZEJKO, Danuta Teresa; COSTA, Ricardo Lionel. Disputa por el control de la verdad histórica: la polémica entre Vicente Fidel López y Bartolomé Mitre. *Iberoamericana*. VI, 22, p. 43-62, 2006.

NORTE, Armando. Homens de letras e homens de leis ao serviço da monarquia portuguesa (séculos XII-XIII). *História (São Paulo)*. Assis, vol 33, n. 1, jan./jun., p. 145-170, 2014.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. História, teoria e crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

OBLITAS FERNÁNDEZ, Edgar: Santiago Vaca Guzmán y su Época, Prólogo de la segunda edición de la obra de VACA GUZMÁN, Santiago: Su excelencia y su Ilustrísima, Ediciones Camarlinghi, La Paz, 1980.

PASTORMERLO, Sergio. 1880-1899. El surgimiento de un mercado editorial. In DE DIEGO, José Luis. *Editores y políticas editoriales en Argentina (1880-2010)*. 2° ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.

PELOSI, Hebe Carmen. A perspectiva americana nas Revistas Históricas Argentinas da segunda metade do século XIX. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. V. 16, nº 31 e 32, 1996.

PÉREZ AMUCHÁSTEGUI, A. J. El historiador Ernesto Quesada. In FERRARI, Gustavo; GALLO, Ezequiel (comp.) *La Argentina del ochenta al centenario*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1980. p. 841-849

PIAGGIO, Juan Alberto. *Bibliografía literaria*. Buenos Aires: Félix Lajouane, 1889.

PIZARRO, Ana. Introducción. In PIZARRO, Ana. (coord.). *La literatura latinoamericana como proceso*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985. p. 13-67.

\_\_\_\_\_. La emancipación del discurso. In PIZARRO, Ana (org.) *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. vol. 2. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. p. 21-32.

PRADO, Maria Ligia. Leituras políticas e circulação de ideias entre a França e as Américas: Francisco Bilbao e a *Revue des Deux Mondes*. In BEIRED, J. L. B; CAPELATO, M. H. R; PRADO, M. L. P. (Orgs.). *Intercâmbios políticos e mediações culturais nas Américas*. Assis : FCL-Assis-UNESP Publicações ; São Paulo: Laboratório de Estudos de História das Américas – FFLCH – USP, 2010.

PRIETO, Adolfo. *El discurso criollista en la formación de la Argentina moderna*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1988.

RAINHO, Maria do Carmo. A festa do progresso: o Brasil na Exposição Continental, Buenos Aires, 1882. Disponível em <<http://brasilianafotografica.bn.br/?p=11486>>, 2018. Acesso em 26/09/2018.

RAMÍREZ BRASCHI, Dardo. Vicente G. Quesada y sus vínculos con la provincia de Corrientes. *Anales de la Junta de Historia de la Provincia de Corrientes*. Corrientes: Moglia Ediciones, 2004.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Panorama da poesia brasileira*. Parnasianismo. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1959.

RIOUX, Jean-Pierre. Introdução - Um domínio e um olhar. In RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Rio de Janeiro: Editorial Estampa, 1998. p. 11-22

ROMAN, Claudia. La modernización de la prensa periódica, entre *La Patria Argentina* (1879) y *Caras y Caretas* (1898). In LAERA, Alejandra. El brote de los géneros. Buenos Aires: Emecé Editores, 2010. p. 15-37

ROMERO, Jose Luis. *El desarrollo de las ideas en la sociedad argentina del siglo XX*. Buenos Aires: Biblioteca Actual, 1987.

SABATO, Hilda. La vida pública en Buenos Aires. In: BONAUDO, Marta (org.). *Nueva historia argentina: liberalismo, estado y el orden burgues (1852-1880)*. Buenos Aires: Sudamericana, 1999.

\_\_\_\_\_. *Buenos Aires en armas. La revolución de 1880*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008.

\_\_\_\_\_. Nuevo espacios de formación y actuación intelectual: prensa, asociaciones, esfera pública (1850-1900). In ALTAMIRANO, Carlos (org.) *Historia de los intelectuales en América Latina*. Madrid: Katz, 2010. p.387-411.

SAIANI, Renato Cesar Santejo. *Liberdade Hipotecada*. O processo de independência cubana na imprensa brasileira (1895-1902). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

\_\_\_\_\_. *O Publicista Oculto: Barão do Rio Branco e a imprensa do Rio de Janeiro (1889-1912)*. Tese de doutorado. Assis: Faculdade de Ciências e Letras — UNESP, 2018.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. Silvio Romero: crítico e historiador da literatura brasileira. *Temas & Matizes*, Cascavel, p. 56-64, n. 06, jul-dez, 2004.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas*. Polêmicas, manifestos e textos críticos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 1995.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SHUMWAY, Nicolas. *A invenção da Argentina: História de uma ideia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília: Editora UnB, 2008.

SOARES, Gabriela Pellegrino. Diálogos culturais latino-americanos na primeira metade do século XX. *Projeto História*, São Paulo, (32), p. 241-256, jun. 2006.

\_\_\_\_\_. A Revue des Deux Mondes e a formação da nação argentina: projeções e apropriações culturais e políticas. *XII Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Departamento de Historia, Facultad de Humanidades y Centro Regional Universitario Bariloche. Universidad Nacional del Comahue, San Carlos de Bariloche, p. 01-14, 2009.

\_\_\_\_\_. História das ideias e mediações culturais: breves apontamentos. In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella Maris Scatena (orgs.) *Cadernos de Seminários de Pesquisa*. vol. 2. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo/Humanitas, 2011.

\_\_\_\_\_. Perspectivas de um correspondente sobre a Campanha do Deserto: a Revue des Deux Mondes e a missão cultural francesa na Argentina oitocentista. *Fontes*. São Paulo, n.3, (2), p. 81-88, 2015.

SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil. Una antropología de la circulación internacional de ideas*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2003.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In PRIORE, Mary del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 1997. p. 401-442.

TERÁN, Oscar. *Vida intelectual en el Buenos Aires fin-de-siglo (1880-1910)*. Derivas de la “cultura científica”. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2000.

\_\_\_\_\_. *Historia de las ideas en la Argentina*. Diez lecciones iniciales, 1810-1980. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009.

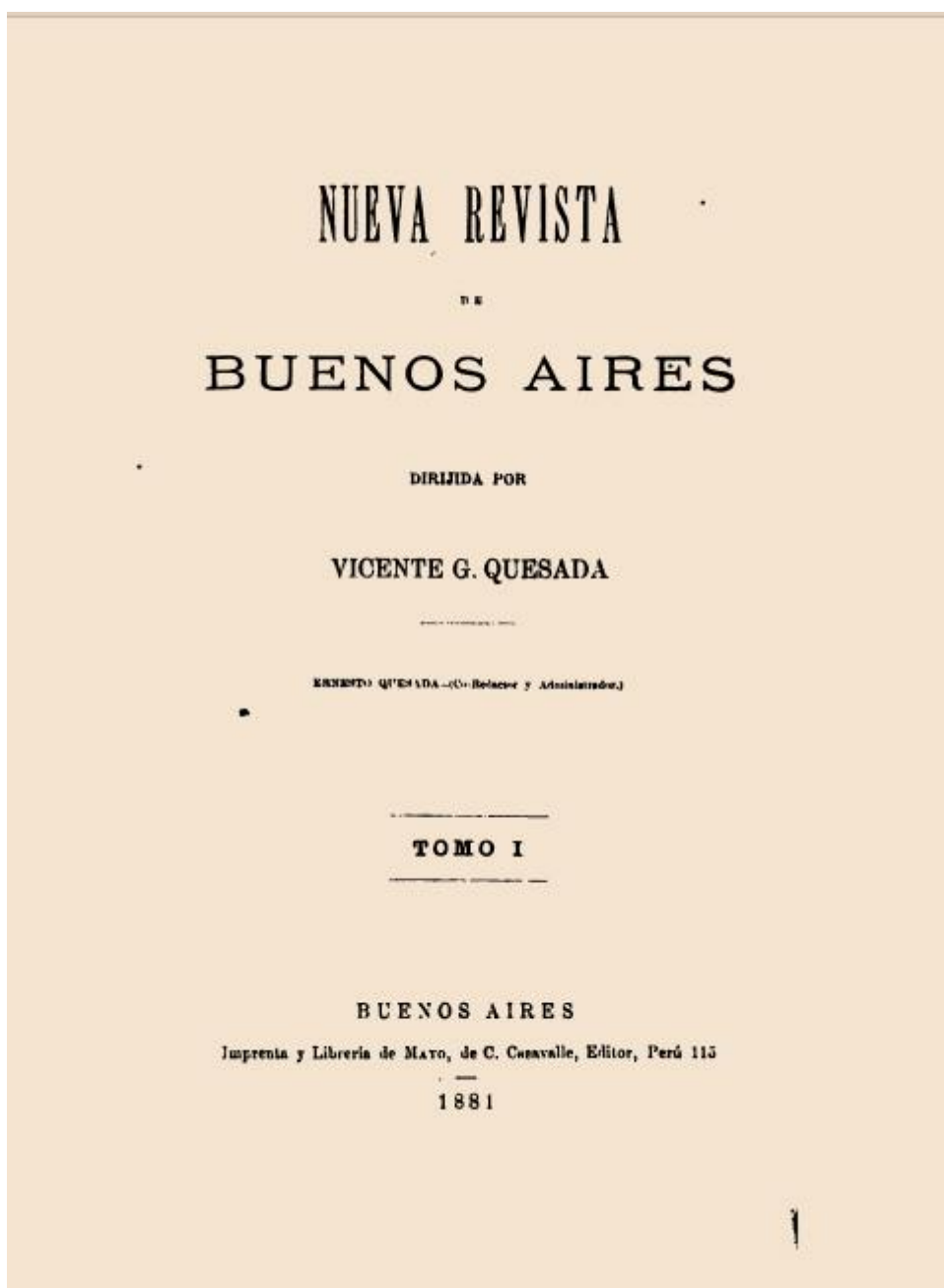
TONE, John Lawrence. *Guerra y genocidio en Cuba (1895-1898)*. Madrid: Turner Publicacions, 2006.

WAGNER, Claudio. Andrés Bello y la Gramática Castellana latinoamericana. *Revista Electrónica: Documentos Lingüísticos y Literarios UACH*, p. 29 2006.  
Disponível em: [www.humanidades.uach.cl/documentos\\_linguisticos/document.php?id=1217](http://www.humanidades.uach.cl/documentos_linguisticos/document.php?id=1217)

WASSERMAN, Claudia. A primeira fase da historiografia latino-americana e a construção da identidade das novas nações. *História da historiografia*. Ouro Preto, MG, n. 7, nov./dez., p. 94-115, 2011.

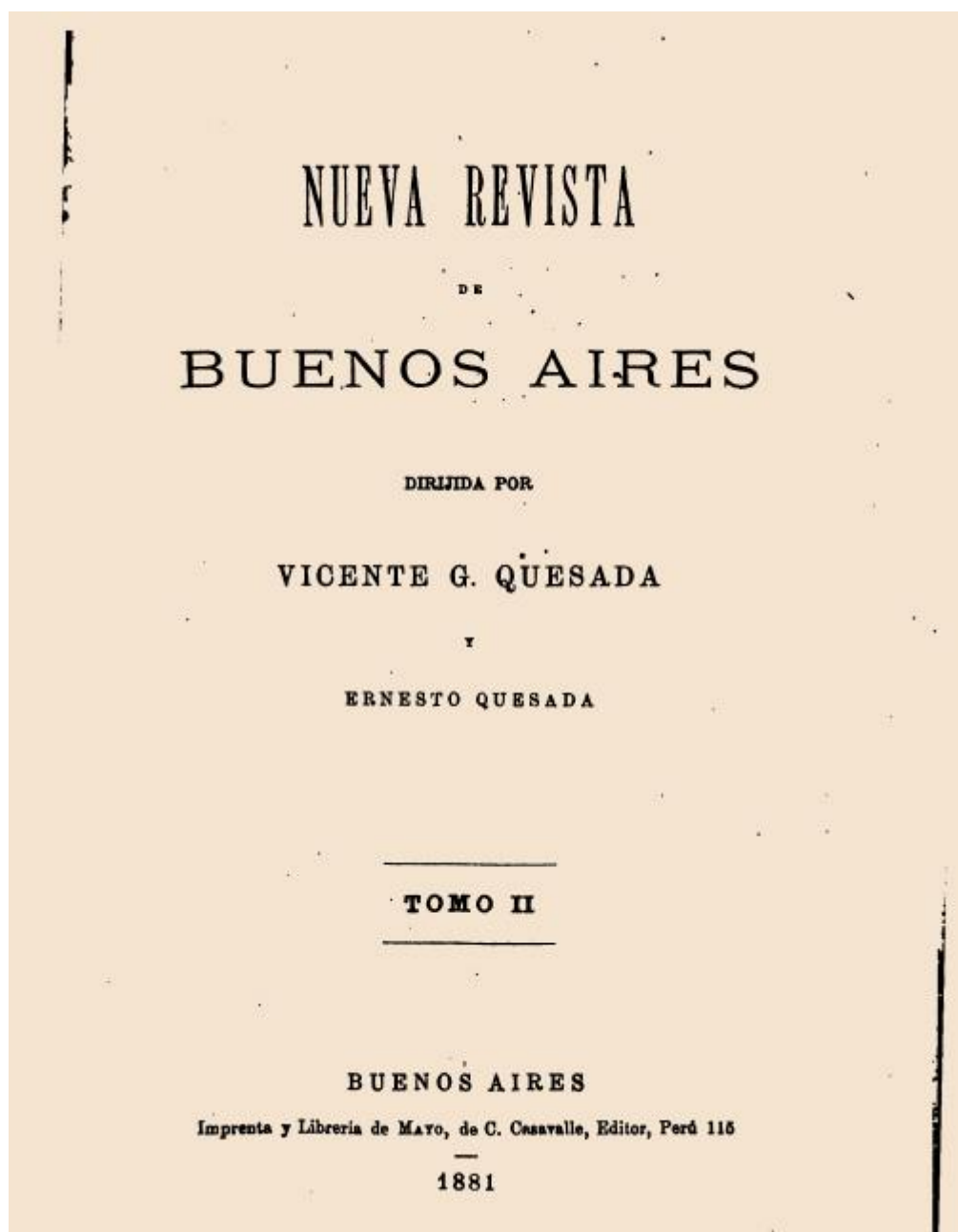
ZANETTI, Susana. Modernidad y religación: una perspectiva continental (1880-1916). In PIZARRO, Ana (org.) *América Latina: Palabra, Literatura e Cultura*. vol. 2. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1994. p. 489-534.

## ANEXO A

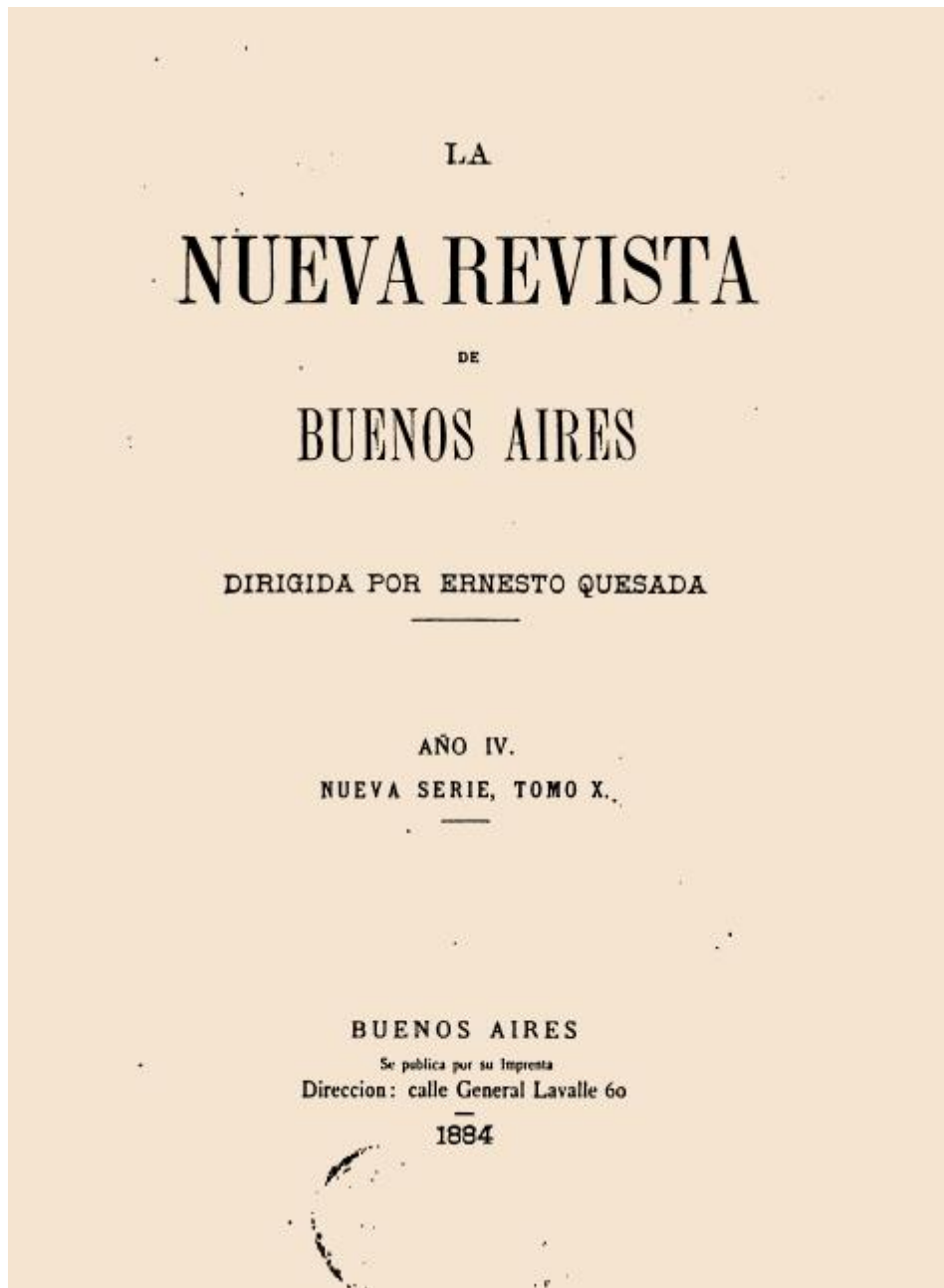


Capa do primeiro tomo da *Nueva Revista de Buenos Aires*.

## ANEXO B

Capa do segundo tomo da *Nueva Revista de Buenos Aires*

## ANEXO C

Capa do décimo tomo da *Nueva Revista de Buenos Aires*